

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Bruna Silva do Nascimento**

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS BOLSISTAS DE  
PRODUTIVIDADE DO CNPQ: trajetórias da elite consagrada  
no campo da Educação no Brasil**

**Curitiba  
2016**

**Bruna Silva do Nascimento**

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS BOLSISTAS DE  
PRODUTIVIDADE DO CNPQ: trajetórias da elite consagrada  
no campo da Educação no Brasil**

Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação, na linha de pesquisa Cultura, Escola e Ensino.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leilah Santiago  
Bufrem

**Curitiba  
2016**

Catálogo na publicação  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Nascimento, Bruna Silva do.

A produção científica dos bolsistas de produtividade do CNPQ: trajetórias da elite.  
– Curitiba, 2016.  
216 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem

Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

1. Bolsa de pesquisa – Produção científica. 2. Bibliometria. I. Título.

CDD 001.42



## PARECER

Defesa de Tese de Bruna Silva do Nascimento para obtenção do Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO. Os abaixo assinados, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Hey (on-line), Prof. Dr. Fabio Mascarenhas e Silva, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Rosangela de Oliveira Lucas, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Carta Cardoso de Medeiros, arguíram, nesta data, a candidata acima citada, a qual apresentou a seguinte Tese: "HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ELITE CONSAGRADA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL".

Procedida a arguição, segundo o Protocolo aprovado pelo Colegiado, a Banca é de Parecer que a candidata está Apta ao Título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO, tendo merecido as apreciações abaixo:

BANCA	ASSINATURA	APRECIÇÃO
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem		Aprovado
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia		Aprovada
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Ana Paula Hey (on-line)		Aprovada
Prof. Dr. Fabio Mascarenhas e Silva		APROVADO
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Elaine Rosangela de Oliveira Lucas		APROVADA.
Prof. <sup>a</sup> Dr. <sup>a</sup> Cristina Carta Cardoso de Medeiros		APROVADA

Curitiba, 23 de março de 2016.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monica Ribeiro da Silva  
Coordenadora do PPGE

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monica Ribeiro da Silva  
Coordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Educação  
Matricula: 125750





Ata (233) duzentos e trinta e três referente a sessão pública de Defesa de Tese de Doutorado em Educação. Aos vinte e três dias do mês de março do ano de dois mil e dezesseis, às treze horas, nas dependências do Programa de Pós-graduação em Educação, instalou-se a sessão pública da Defesa de Tese, intitulada **"HISTÓRIAS E TRAJETÓRIAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA ELITE CONSAGRADA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL"**, desenvolvida pela doutoranda **Bruna Silva do Nascimento**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-graduação em Educação, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem, que presidiu a Banca. A Banca Examinadora foi composta também pelos Professores Doutores Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia, Ana Paula Hey (on-line), Fabio Mascarenhas e Silva, Elaine Rosangela de Oliveira Lucas e Cristina Carta Cardoso de Medeiros. A Presidente da Banca Examinadora declarou aberta a sessão e passou a palavra à doutoranda, que desenvolveu uma exposição oral de seu trabalho de Tese. Após a exposição, teve lugar o procedimento de arguição de cada membro da Banca, bem como a defesa, pela doutoranda, das questões arguidas. Concluída a arguição, a Banca Examinadora reuniu-se sigilosamente e exarou Parecer Final de que a doutoranda está Apta a receber o título de DOUTORA em Educação. A Presidenta da Banca Examinadora declarou que a candidata foi Aprovada e cumpriu todos os requisitos para obtenção do título de DOUTORA em Educação, Área de Concentração Educação, devendo encaminhar à Coordenação, em até 60 dias a contar desta data, a versão final da Tese, versão esta devidamente aprovada pela professora orientadora. Encerrada a sessão, lavrou-se a presente ata que vai assinada pela Banca Examinadora e pela candidata. Curitiba, vinte e três de março de dois mil e dezesseis.

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Leilah Santiago Bufrem

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Paula Hey (on-line)

Prof. Dr. Fabio Mascarenhas e Silva

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Rosangela de Oliveira Lucas

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cristina Carta Cardoso de Medeiros

Bruna S. do Nascimento  
BRUNA SILVA DO NASCIMENTO

*Alteração do título, conforme sugestão da banca:  
A produção científica de bolsistas de produtividade  
do CNPq: trajetórias da elite consagrada no  
campo da Educação no Brasil*

Uma exposição sobre uma pesquisa é, com efeito, o contrário de um *show*, de uma exibição na qual se procura ser visto e mostrar o que se vale. É um discurso em que a *gente se expõe*, no qual se correm riscos [...]

Pierre Bourdieu

## AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Leilah Santiago Bufrem, pela paciência e compreensão em todos os momentos de mudança, que não foram poucos, durante esse período, mas, sobretudo, pelo amor de mãe, pelos conselhos de amiga e pelas discussões e debates de orientadora, sempre generosa.

À Profª Drª Tânia Braga Garcia, pelo carinho e entusiasmo com que me introduziu no mundo da Educação, desde o primeiro dia de aula. Como uma “estranha no ninho”, vinda de outro campo do conhecimento, ela contribuiu para que eu me sentisse “em casa”.

À Profª Drª Cristina C. Cardoso Medeiros que com sabedoria e didática apresentou-me aquele que seria o divisor de águas na minha carreira acadêmica: Pierre Bourdieu. Obrigada por dividir comigo o grande legado de quem hoje tem importância fundamental para a conclusão desse trabalho.

À Profª Drª Ana Paula Hey que de pronto aceitou o convite para participar minha banca contribuindo de modo generoso, efetivo e substancial para a melhoria da tese aqui apresentada.

À Profª Drª Elaine Rosângela de Oliveira Lucas agradeço pela disponibilidade e pelo entusiasmo com que recebeu o convite, mesmo sem ter participado da qualificação, para compor a banca final do trabalho.

À Profº Drº Fábio Mascarenhas pelos conselhos e orientações sempre bem-vindos neste processo de doutoramento que durou quatro anos.

Ao meu amigo e parceiro Natan Sobral por me desenredar em muitos momentos de aflição, por ter se feito perto mesmo na distância. Nada do que eu diga aqui será suficiente para te agradecer pela cumplicidade e dedicação.

A minha irmã de coração Andrea Mallet Bufrem que supriu minha carência de “filha única” com sua alegria, seus conflitos, suas perguntas e suas respostas. Obrigada, pelas dicas, questionamentos e correções feitas ao original.

À minha mãe, por ser meu exemplo de mulher, de mãe e de avó. Muito obrigada pela força, dedicação e amor incondicional devotados a mim e ao Theo. Te amo “furando o céu”.

Ao meu pai (*in memoriam*), meu eterno ídolo, por ter me acompanhado em todas as minhas conquistas e tenho certeza de que nesta também.

Ao meu namorado, Gilberto de Castro, pelas interlocuções, orientações teóricas e afetivas nos momentos difíceis e pelo simples fato de aceitar fazer parte da minha vida.



Ao Theo, meu filho lindo, que ao nascer já me conferiu o mais importante dos títulos: mãe. Obrigada por colorir meus dias, meus livros, minha vida, te amo “ao infinito e além”.

## RESUMO

O trabalho parte da seguinte pergunta: Como se constituíram, em relação à produção acadêmica, as trajetórias científicas dos bolsistas de produtividade de pesquisa (PQs) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nos estratos PQ-1, PQ2 e PQ-SR do campo acadêmico da Educação no Brasil? Tem como objetivo geral analisar as trajetórias acadêmicas dos bolsistas de produtividade em pesquisa do campo da Educação no Brasil. Inventaria diacronicamente a produção científica dos bolsistas. Identifica características como gênero, formação acadêmica, atividade profissional e vínculo institucional. Verifica os canais preferidos para a divulgação da produção científica. Analisa os indicadores de produção científica e de ligação dos bolsistas. Elabora o referencial teórico com suporte na Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu e nos postulados do Círculo de Bakhtin. Aplica técnica cientométrica e Análise de Redes Sociais (ARS) para alcançar as análises propostas. Utiliza o *software* ScriptLattes para a coleta dos dados quantitativos. Identifica os 382 agentes investidos com as bolsas de produtividade e verifica aspectos formativos e representativos dessa elite consagrada no que concerne a sua produção científica. Inventaria 44.226 itens (artigos, livros, capítulos de livros e trabalhos completos publicados em eventos) divulgados de acordo com o recorte temporal estabelecido, nessa primeira etapa (1990-2015). Constata maior incidência de publicação no formato de trabalho completo apresentado em congressos (43,56%), embora essa tendência apresente declínio, a partir de 2010, propiciado pela proposta de atribuição de Qualis aos Eventos. Salienta que a diferença entre capítulos de livro e/ou livro e artigos ainda é expressivamente representativa (17,08%) no período analisado. Entretanto, aponta para uma alteração desse cenário, principalmente, a partir de 2013, o que pode indicar que a importância conferida a esse tipo de publicação (livros e capítulos de livro), pelas agências de fomento, esteja contribuindo para uma maior equiparidade entre as modalidades. Identifica que dos 16.257 artigos publicados, entre 1990 e 2015, 60,58% deles são divulgados em periódicos com a melhor classificação no Qualis (A1, A2 e B1). Desse total, 61,28% foram publicados nos dois últimos quinquênios (2005-2009 e 2010-2015). Aponta que 64,14% dos bolsistas são do gênero feminino. Constata que, ao analisar o perfil da elite em Educação, a presença do gênero masculino com elevado capital científico, nos maiores estratos, pode ser reflexo das facilidades concedidas aos homens para ocupar espaços de poder e prestígio na ciência. Revela o predomínio absoluto da região Sudeste como polo de formação de pesquisadores e como aglutinadora do maior número de bolsistas. Utiliza o *software* Vantage Point para a confecção da matriz geral de contribuições e da colaboração científica entre os 382 PQs. Para a visualização dos grafos de redes sociais utiliza o *software* Ucinet e NetDraw. Destaca que não há um *habitus* comum entre os 21 membros mais produtivos extraídos dos 382 PQs por meio de amostra intencional. Verifica a adequação da proposta de mensuração dos capitais científicos (puro e temporal) envolvidos com base nos capitais mobilizados por esses 21 agentes e identifica um padrão nos investimentos por eles realizados.

**Palavras-chave:** Campo educacional. Produção científica. Análise sociológica. Capital científico. Cientometria. Bibliometria.

## ABSTRACT

The work starts from the following question: How is constituted, in relation to academic research, the scientific paths of research productivity grants (PQs) National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) in the FP-1 strata, PQ2 and PQ-SR Education academic field in Brazil? It has as general objective to analyze the academic trajectories of the scholarship holders of research productivity in the field of Education in Brazil. It would invent diachronically the scientific production of the scholars. It identifies characteristics such as gender, academic background, professional activity and institutional link. Checks the preferred channels for the dissemination of scientific production. It analyzes the indicators of scientific production and linkage of these scholars. It elaborates the theoretical framework that supports the Sociology Reflective of Pierre Bourdieu and postulates of the Bakhtin Circle. It applies Scientometric technique and Social Network Analysis (SNA) to analyze both the production, the scientific collaboration from and among scholars. It is used the Software ScriptLattes for the collection of quantitative data. Identifies 382 agents invested with productivity grants and checks formative and representative aspects of this elite group with regard to its scientific production. It shows 44 226 items (articles, books, book chapters and full papers published in events) divulgated in accordance to the time frame established in the first stage (1990-2015). It notes higher incidence of publication in full working format presented at conferences (43.56%), although this trend present declines from 2010 on, brought about by the proposed allocation of the Qualis Events. It points out that the difference between book chapters and / or book and articles is still significantly representative (17.08%) in this period. However, it points to a change in this scenario, especially from 2013 on, which may indicate that the importance given to this type of publication (book of books and chapters), by development agencies, is contributing to a greater equivalency between modalities. It identifies that from 16 257 articles published between 1990 and 2015, 60.58% of them are published in journals with the highest score in the Qualis (A1, A2 and B1). Of this total, 61.28% were published in the last two five-year periods (2005-2009 and 2010-2015). It indicates that 64.14% of the scholarship students are female. It notes that, analyzing the profile of elite education, the male presence with high scientific capital in higher strata, may be a reflection of the facilities granted to men to occupy positions of power and prestige in science. It reveals the absolute predominance of the Southeast as researchers training polo and as unifying of most scholars. It uses Vantage Point software for making the general matrix of contributions and scientific collaboration among 382 PQs. For the visualization of social networks graphs it is used Ucinet software. Finally, it highlights that there is not a common *habitus* among the 21 most productive members drawn from 382 PQs through intentional sample. It verifies the adequacy of the proposed measurement of scientific capital (pure and time) involved based on capital raised by these 21 agents and identifies a pattern of investments carried out by them.

**Keywords:** Educational field. Scientific production. sociological Analysis. Scientific capital. Scientometrics. Bibliometrics.

## RESUMEN

Este trabajo está basado en la siguiente interrogante: Respecto de su producción académica, ¿cómo se constituyeron los trayectos científicos de los becarios de productividad de investigación (PQs) del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq) en los estratos PQ-1, PQ2 y PQ-SR del campo académico de Educación en Brasil? Tiene como objetivo general analizar las trayectorias académicas de los becarios de la productividad investigadora en el campo de la Educación en Brasil. Inventaría diacrónicamente la producción científica de los eruditos. Identifica características como el género, nivel educativo, ocupación y afiliación institucional. Los cheques canales preferidos para la difusión de la producción científica. Analiza los indicadores de producción científica y la conexión de estos compañeros. Se elabora el referencial teórico basado en la Sociología Reflexiva de Pierre Bourdieu y en los postulados del Círculo de Bakhtin. Se aplica la técnica cientométrica y el Análisis de Redes Sociales (ARS) para analizar la producción así como la colaboración científica de los becarios y entre los mismos, al que se utiliza el software ScriptLattes para la recopilación de datos cuantitativos. Se identifican los 382 agentes invertidos con las becas de productividad y se verifican aspectos formativos y representativos de esta elite consagrada respecto de su producción científica. Un total de 44.226 ítems es inventariado (artículos, libros, capítulos de libros y trabajos completos publicados en eventos), los cuales son divulgados de acuerdo al record temporal establecido en esta primera etapa (1990-2015). Se verifica una mayor incidencia de publicaciones en el formato de trabajo completo presentado en congresos (43,56%), aunque esta tendencia se presente en baja a partir de 2010, debido a la propuesta de atribución Qualis a los eventos. Se destaca que la diferencia entre capítulos de libro y/o libro y artículos es todavía expresivamente representativa (17,08%) en el periodo analizado. Sin embargo, se apunta para un cambio de este escenario, principalmente a partir de 2013, lo que puede significar que la importancia atribuida a este tipo de publicación (libros y capítulos de libros) por las agencias de fomento esté contribuyendo para una mayor equiparad entre estas modalidades. Se identifica que de entre los 16.257 artículos publicados entre 1990 y 2015, 60,58% fueron divulgados en periódicos con la mejor clasificación en Qualis (A1, A2 y B1). De este total, 61.28% fueron publicados en los dos últimos quinquenios (2005-2009 y 2010-2015). Se apunta que 61,14% de los becarios son del género femenino y se verifica que, al analizar el perfil de la elite en Educación, la presencia del género masculino con alto capital científico, en los mayores estratos, podría ser un reflejo de las facilidades dadas a los hombres para ocupar posiciones de poder y prestigio científico. El estudio revela el predominio absoluto de la región Sudeste de Brasil como un polo de formación de investigadores y como concentración de mayor número de becarios. Se utiliza el software Vantage Point para elaborar una matriz general de contribuciones y de la colaboración científica entre los 382 PQs, y para la visualización de los gráficos de redes sociales se utiliza el software Ucinet. Finalmente, la investigación destaca que no existe un *habitus* común entre los 21 miembros más productivos extraídos de los 382 PQs por medio de una muestra intencional. Se comprueba la adecuación de la propuesta de mensuración de los capitales científicos (puro y temporal) implicados con base en los capitales movilizados por estos 21 agentes y se identifica un patrón en las inversiones realizadas por ellos.

**Palabras clave:** Campo educacional. Producción científica. Análisis sociológico. Capital científico. Cientometría. Bibliometría.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Móbile de Alexander Calder .....	49
Gráfico 1 – Distribuição por Gênero e Estrato dos Bolsistas PQs .....	91
Gráfico 2 - Distribuição dos PQs de Acordo com as Regiões do País .....	98
Gráfico 3 – Comparação entre a Distribuição das Bolsas de Produtividade em Pesquisa e o Número de Agentes Contemplados no País .....	100
Gráfico 4 – Distribuição dos PQs por Área de Doutorado por Campo do Conhecimento .....	109
Gráfico 5 - Número Total de Cursos nos Três Últimos Triênios por Região do País.....	111
Gráfico 6 – Distribuição Temporal dos Veículos Preferidos para a Comunicação Científica dos PQs da Educação no Brasil (1990-2015).....	117
Gráfico 7 – Publicação Proporcional dos Livros por Ano pelos PQs de Educação no Brasil (1990-2015).....	126
Gráfico 8 – Distribuição da Publicação de Artigos pelos PQs (1990-2015).....	128
Gráfico 9 - Distribuição do Estrato Qualis da Produção de Artigos dos PQs do Campo da Educação no Brasil (1990-2015) .....	129
Gráfico 10 – Supervisões concluídas pelos Bolsistas de Produtividade (1990-2015) .....	133
Gráfico 11 – Mobilização dos Capitais Científico Puro e Temporal Pessoal dos PQs (1990-2015).....	135
Gráfico 12 – Distribuição dos Capitais da Elite Produtiva dos PQs .....	139
Gráfico 13 – Distribuição do Capital Científico Puro dos Membros da Elite Produtiva.....	141
Gráfico 14 – Distribuição do Capital Científico Temporal dos Membros da Elite Produtiva.....	142
5.8 A Colaboração científica entre os PQs: articulação do capital social.....	146
Gráfico 15 – Grafo Geral das Redes de Colaboração Geradas entre os PQs ..	148
Gráfico 16 – <i>Degree</i> da Elite de Pesquisa .....	149
Gráfico 17 – <i>Closeness</i> da Elite de Pesquisa .....	151
Gráfico 18 – <i>Betweenness</i> da Elite de Pesquisa .....	152
Gráfico 19 – <i>Eigenvector</i> (Bonacich) da Elite de Pesquisa .....	154
Gráfico 20 – <i>Clusters</i> formados pela Elite de Pesquisa.....	155
Gráfico 21 – Colaboração Interinstitucional entre os PQs .....	156



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pesquisa Bibliográfica na BDTD .....	25
Quadro 2 – Categorias para a Análise de Conjuntura.....	80
Quadro 3 – Etapas da Pesquisa Empírica.....	83
Quadro 4 – Relação entre os Objetivos e os Procedimentos de Pesquisa .....	83
Quadro 5 – Proposição de Distribuição dos Polos x Capital Mobilizado .....	85
Quadro 6 – Tipologia dos Indicadores Científicos .....	86
Quadro 7 – PQs que Necessitaram de Ajuste Manual na Matriz Geral.....	88
Quadro 8 – Atributos dos 21 PQs mais Profícuos Inseridos na Matriz Geral (1990-2015).....	90
Quadro 9 – Exigências de Cada um dos Estratos de Bolsa de Produtividade no Campo da Educação no Brasil (2012-2014) .....	104
Quadro 10 – Critérios QUALIS/Periódicos .....	112
Quadro 11 – Classificação Qualis/Livros (Texto Integral) .....	121
Quadro 12 - Classificação Qualis/Livros (Coletânea) .....	123

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1 – Distribuição dos Gêneros entre os Estratos PQs no Campo da Educação no Brasil (2009-2016).....</b>	<b>93</b>
<b>Tabela 2 – Instituições Mais Representativas.....</b>	<b>96</b>
<b>Tabela 3 – Função Desempenhada pelos Bolsistas PQs.....</b>	<b>99</b>
<b>Tabela 4 – Instituição da Titulação .....</b>	<b>110</b>
<b>Tabela 5 – Pontuação de Publicação em Periódico Científico X Livros (Capítulo ou Verbete), Eventos e Produtos Técnicos.....</b>	<b>119</b>
<b>Tabela 6 – Veículo Preferido para Disseminação Científica pela Elite do Campo da Educação no Brasil (1990-2015) .....</b>	<b>120</b>
<b>Tabela 7 – Elite Produtiva do Campo da Educação no Brasil (1990-2015).....</b>	<b>137</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>ARS</b>	Análise de Redes Sociais
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
<b>BRAPCI</b>	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>CNPq</b>	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
<b>FGV</b>	Fundação Getúlio Vargas
<b>FIOCRUZ</b>	Fundação Oswaldo Cruz
<b>FURG</b>	Universidade Federal do Rio Grande
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>IBICT</b>	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
<b>IC</b>	Iniciação Científica
<b>IES</b>	Instituições de Ensino Superior
<b>ISSN</b>	International Standart Serial Number
<b>LNC</b>	Livro Não Classificado
<b>PPG</b>	Programa de Pós-graduação
<b>PQ1-A</b>	Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1-A
<b>PQ1-B</b>	Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1-B
<b>PQ1-C</b>	Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1-C
<b>PQ1-D</b>	Bolsista de Produtividade em Pesquisa 1-D
<b>PQ2</b>	Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2
<b>PQ-SR</b>	Bolsista de Produtividade em Pesquisa Sênior
<b>PQ</b>	Bolsista de Produtividade em Pesquisa
<b>PUCCAMP</b>	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
<b>PUC-MG</b>	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
<b>PUC-RJ</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
<b>PUC-RS</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
<b>PUC-SP</b>	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<b>UCB</b>	Universidade Católica de Brasília
<b>UDESC</b>	Universidade do Estado de Santa Catarina

<b>UEFS</b>	Universidade Estadual de Feira de Santana
<b>UEL</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>UERJ</b>	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
<b>UFAL</b>	Universidade Federal de Alagoas
<b>UFAM</b>	Universidade Federal do Amazonas
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFC</b>	Universidade Federal do Ceará
<b>UFCG</b>	Universidade Federal de Campina Grande
<b>UFES</b>	Universidade Federal do Espírito Santo
<b>UFF</b>	Universidade Federal Fluminense
<b>UFG</b>	Universidade Federal de Goiás
<b>UFMA</b>	Universidade Federal do Maranhão
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UFMT</b>	Universidade Federal de Mato Grosso
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UFPB</b>	Universidade Federal da Paraíba
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UFPEL</b>	Universidade Federal de Pelotas
<b>UFPI</b>	Universidade Federal do Piauí
<b>UFPR</b>	Universidade Federal do Paraná
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UFRN</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
<b>UFS</b>	Universidade Federal de Sergipe
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>UFSCAR</b>	Universidade Federal de São Carlos
<b>UFSM</b>	Universidade Federal de Santa Maria
<b>UFV</b>	Universidade Federal de Viçosa
<b>UMESP</b>	Universidade Metodista de São Paulo
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>UNESP</b>	Universidade Estadual Paulista
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas
<b>UNILASSALE</b>	Centro Universitário La Salle

<b>UNIRIO</b>	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
<b>UNISINOS</b>	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
<b>Unisul</b>	Universidade do Sul de Santa Catarina
<b>UNIVALI</b>	Universidade do Vale do Itajaí
<b>USCS</b>	Universidade Municipal de São Caetano do Sul
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>19</b>
1.1 JUSTIFICATIVA .....	23
1.2 OBJETIVOS .....	27
<b>1.2.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>27</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos .....</b>	<b>27</b>
<b>2 O FAZER CIENTÍFICO: SER E PERTENCER AO CAMPO CONSAGRADO.....</b>	<b>29</b>
2.1 O <i>HABITUS</i> , O CAMPO E O CAPITAL: INFERÊNCIAS SOBRE O SER E O FAZER CIENTÍFICO .....	29
2.2 QUESTÕES DE HIERARQUIA: O LEGITIMADO, O REPRODUZIDO E O ARBITRÁRIO .....	35
2.3 OS CAPITAIS E SUAS DIFERENTES FORMAS DE AQUISIÇÃO, CONVERSÃO E RECONVERSÃO .....	42
2.4 AS INSTÂNCIAS DE CONSAGRAÇÃO: CONCESSÃO, ACUMULAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE CAPITAL CIENTÍFICO PURO E TEMPORAL.....	50
<b>3 A CONSTRUÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO: TRÊS ARENAS COMPLEMENTARES.....</b>	<b>56</b>
3.1 O DISCURSO CIENTÍFICO: ANÁLISE DE UM GÊNERO SINGULAR .....	56
3.2 A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: PRODUZIR OU REPRODUZIR, EIS A QUESTÃO.....	64
3.3 A COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NA CONTRAMÃO DE CÉSAR: “AGREGAR PARA CONQUISTAR”. .....	68
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>77</b>
4.1 TIPO DE ESTUDO E TÉCNICAS.....	77
4.2 UNIVERSO DE ESTUDO.....	82
4.3 COLETA DOS DADOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO .....	85
<b>5 RESULTADOS.....</b>	<b>91</b>
5.1 QUEM SÃO OS MEMBROS DA ELITE NO CAMPO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO .....	91
5.2 ATUAÇÃO PROFISSIONAL: OS PQS NO CENÁRIO NACIONAL .....	96

5.3 QUEM FAZ PARTE E QUAL É A ESTRATIFICAÇÃO DA ELITE CONSAGRADA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL?.....	100
5.4 O CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL INSTITUCIONALIZADO: OS TÍTULOS E SUAS ESPECIFICIDADES .....	109
5.5 O CAPITAL CIENTÍFICO PURO DOS PQS: A DISTRIBUIÇÃO DAS PUBLICAÇÕES NO QUALIS/PERIÓDICOS E NO QUALIS/LIVROS .....	112
5.6 O CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL DOS PQS: UMA ANÁLISE DAS SUPERVISÕES, DOS CARGOS OCUPADOS E DOS PRÊMIOS E TÍTULOS DA ELITE CONSAGRADA.....	133
5.7 OS CAPITAIS ENVOLVIDOS E MOBILIZADOS PELA ELITE CONSAGRADA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	136
5.8 A COLABORAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE OS PQS: ARTICULAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL .....	146
 <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>158</b>
 <b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>164</b>
 <b>GLOSSÁRIO.....</b>	<b>172</b>
 <b>APÊNDICE A – LISTAGEM DOS BOLSISTAS DE PRODUTIVIDADE (PQ1, PQ2 E PQ-SR/CNPQ) NO BRASIL (2009-2016) .....</b>	<b>176</b>
 <b>APÊNDICE B – TABELA GERAL DA DISTRIBUIÇÃO DOS CAPITAIS ENTRE OS 21 MAIS PRODUTIVOS DA ELITE CONSAGRADA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL (1990-2015) .....</b>	<b>185</b>
 <b>APÊNDICE C – TABELA GERAL DA DISTRIBUIÇÃO DE CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL POLÍTICO ENTRE OS 21 MAIS PRODUTIVOS DA ELITE CONSAGRADA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL (1990-2015).....</b>	<b>187</b>
 <b>APÊNDICE D - PLANILHA GERAL DA COLETA DE DADOS SOBRE OS BOLSISTAS PQS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL (1990-2015).....</b>	<b>188</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para apreender o campo acadêmico, por ora verificado, e analisar as condições econômicas e sociais da sua reprodução, é na verdade obrigatório interrogar os duzentos padrões franceses mais importantes.  
Pierre Bourdieu

As Instituições de Ensino Superior (IES) apresentam não só os dois polos discursivos (interlocutores e antagonistas) de qualquer pesquisador iniciante, mas também proporcionam investimentos de tempo e de recursos para o desenvolvimento pleno de seu capital científico temporal individual (notoriedade). Cumpre ressaltar que ao apresentar o termo notoriedade científica como sinônimo de capital científico temporal individual leva-se em consideração o fato de que os aspectos que a constituem estão fortemente relacionados com as articulações que sustentam o campo do poder, ou melhor, as interações e as concessões que são a base de todo e qualquer campo social.

A construção dessa díade, formada pela união entre a IES e o pesquisador, embasa as relações de poder tecidas entre os agentes e garante a sustentação de ambos, pois é sabido que a dedicação de qualquer membro é proporcional à dependência vital da instituição à qual ele está vinculado, em outras palavras, quem faz a IES é o pesquisador, mas sem ela sua própria existência estaria comprometida.

No caso específico do campo acadêmico, a obtenção de prêmios, títulos e um grande número de supervisões, principalmente as relacionadas à pós-graduação, conferem ao agente um grau de distinção entre os demais e isso lhe garante um conhecimento, ou melhor, um reconhecimento ante a comunidade acadêmica. É esse mecanismo, calcado na conversão e reconversão de capitais, que autoriza (ou não) um agente a ocupar postos de destaque no campo.

Alguns conceitos-chave são descritos já nesta primeira seção, pois são fundamentais para o entendimento da construção da problemática que circunda o fenômeno observado. Dentre eles ressalta-se o termo reconhecimento, que, na presente tese, está diretamente relacionado ao conceito de visibilidade. Em meados dos anos 60, os irmãos Cole realizaram um estudo aplicado no campo da Física no qual trabalharam com duas variáveis constituintes do sistema de recompensas que baliza a vida acadêmica: a *visibility*, (notoriedade) e a *awareness* (popularidade).

Optou-se pela tradução não literal dos termos, pois o que se propõe é uma livre interpretação e transposição deles para o contexto brasileiro atual, mas sobretudo, para o argumento aqui defendido: ao verificar a *visibility* dos agentes empossados no campo da Educação no Brasil, representados pelos bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), será possível indicar o quanto esse campo está habilitado para “reconhecer o outro” (*awareness*). Essa exotopia, embasada nos pressupostos do Círculo de Bakhtin, pressupõe que os agentes não só interajam entre si promovendo o intercâmbio de informações, mas também criem mecanismos de avaliação isonômicos, fatores que juntos constituem a base da Ciência.

Em sendo assim, o que aqui se propõe é uma análise da produção científica em conjunção com um estudo sociológico das relações de poder estabelecidas entre os agentes no campo acadêmico. Nesse sentido, os estudos cientométricos surgem como fundamentos que permitem a exploração do objeto de trabalho partindo de aspectos quantitativos, além de possibilitarem a apreciação dos aspectos e variáveis que contribuem para o estudo dessas relações. Solla Price (1976) afirma que fazer ciência sobre a Ciência é um dos caminhos para um melhor entendimento acerca da sua institucionalização. Os estudos métricos têm como intento primeiro apontar como determinadas variáveis influenciam a produção científica de determinado país ou de qualquer outro recorte geográfico. As análises resultantes da aplicação dessa metodologia auxiliam a alocação de recursos, permitem identificar a necessidade de correção/alteração de rumo no campo científico, mas, sobretudo, indicam quem são os principais agentes constituintes, quais são as temáticas mais relevantes e/ou incipientes, enfim, a aplicabilidade dos estudos métricos é vasta.

A pesquisa por hora apresentada tem por intenção analisar a produção científica dos bolsistas de produtividade, suas características, suas ligações inter e intrainstitucionais, objetivando delinear o espaço acadêmico ocupado e representado pela elite do campo. O estado da arte a ser exposto possibilitará um melhor entendimento das relações sociais estabelecidas entre e pelos agentes da pesquisa, uma vez que analisa não só os produtos da atividade científica, mas também quem os produz e de que maneira e com quais critérios o fazem.

Pelo exposto, é importante verificar diacronicamente de que forma essa notoriedade e, por conseguinte, essa popularidade se distribuiu entre os agentes que compõem a elite consagrada do campo da Educação. Outro ponto importante a

esclarecer é a utilização, ou melhor, a aglutinação e a representação dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq sob a designação de elite consagrada.

Por consagrados entende-se os indivíduos que se destacam, não só pelo volume de suas publicações, mas pela sua influência e capacidade de arbitrar no e pelo campo. Trata-se objetivamente dos 382 bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq do campo da Educação no Brasil, distribuídos de acordo com a estratificação que segue: PQ1, PQ2 e PQ-SR. A escolha se deve ao fato de que com este universo será possível revelar, mediante a análise relacional, como o próprio campo se constituiu ao longo dos anos. É através do estudo da sua posição de destaque, das trajetórias construídas na edificação de suas carreiras, que um panorama será descrito auxiliando na análise crítica do próprio campo da Educação.

Ao empregar, como técnica metodológica de pesquisa, os estudos métricos da Ciência, acredita-se que os agentes empossados de maiores níveis de distinção e, por conseguinte, com maior notoriedade e popularidade no campo, juntos compõem essa elite consagrada. É sabido que o campo da Educação no Brasil é vasto sob diversos aspectos, seja ele do ponto de vista da articulação política e social que promove e discute nas mais diferentes esferas da sociedade, seja em função do volume da produção científica que dele emerge.

Como não foi possível proceder com um interrogatório de maneira direta e pessoal, não só em função do grande número de pesquisadores envolvidos, mas também pelo custo operacional para tanto, optou-se pelo estabelecimento de categorias de análise que se caracterizaram, nesse contexto de estudo, como mais abrangentes, democráticas e econômicas, mas não por isso menos capazes de revelador das trajetórias que foram constituídas pela elite acadêmica no campo da Educação no Brasil. Essas categorias tomam como base os indicadores cientométricos que são: indicadores de produção científica, indicadores de citação e indicadores de ligação. Por observar esse estado de coisas, estabeleceu-se como problema de pesquisa: **Como se constituíram, em relação à produção acadêmica, as trajetórias acadêmicas dos pesquisadores PQ1, PQ2 e PQ-SR/CNPq no campo acadêmico da Educação no Brasil?**

Para um melhor entendimento acerca desses produtores a Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, bem como os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, propõe a utilização de diferentes técnicas de coleta de dados, bem como a sobreposição de maneiras de observar o contexto. Sendo assim, a presente



investigação pretende contribuir para o campo da Educação, no que tange ao conhecimento sobre as trajetórias acadêmicas dos docentes que possuem bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq e constituem a elite consagrada do campo analisado.

Desvendar quem são esses agentes e como estruturam, direcionam e disseminam suas pesquisas, tendo em vista as consideráveis mudanças tecnológicas das últimas décadas, fornecerá não só um panorama da construção e da consolidação de trajetórias acadêmicas consideradas bem sucedidas, mas também possibilitará analisar e questionar os modos de produção científica, de reprodução de conteúdos e, por fim, das instâncias de consagração.

Na sequência, apresenta-se o referencial teórico proposto para embasar as análises realizadas. Contextualiza-se o fazer científico e como ele influencia na composição e legitimação do campo acadêmico. Em um segundo momento, apresentam-se conceitos fundamentais sobre *habitus*, campo e capital, para o entendimento e emprego da análise relacional proposta por Pierre Bourdieu à produção científica analisada. Também se procura esclarecer as questões de hierarquia que vigoram no campo legitimando e reproduzindo o arbitrário cultural vigente. Versa-se, ainda, sobre as instâncias de consagração que permitem, ensejam e estão calcadas na concessão, acumulação e transferência de capitais. Já a última seção do referencial teórico, que abrange a construção do campo científico, foi composto pela sugestão de três arenas complementares para a sua legitimação.

A seção de metodologia apresenta o detalhamento da pesquisa no que concerne às opções utilizadas e à trajetória que compôs a presente tese.

Em relação aos resultados, eles foram aglutinados, ou seja, optou-se pela união dos aspectos quantitativos (emprego dos estudos métricos da informação) e dos qualitativos (aplicação da análise relacional de Pierre Bourdieu) para analisar de modo mais amplo a produção científica dos bolsistas de produtividade do CNPq do campo da Educação no Brasil.

Por fim, faz-se uma síntese das discussões e proposições desenvolvidas ao longo do trabalho, bem como se retomam alguns resultados considerados não só de maior relevância, mas também mais significativos para responder ao problema de pesquisa e aos seus desdobramentos que nortearam a presente tese. Tomando-se como pressuposto o fato de que a Teoria Sociológica de Pierre Bourdieu é profícua e, por conseguinte, o que por hora se apresentou não tem a pretensão de ser a

única interpretação e utilização dela, indicam-se possíveis desdobramentos a partir dos dados aqui expostos e as potencialidades de aplicação teórica em outras pesquisas.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Ao propor o tema de análise da produção científica sob a ótica da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, intentou-se trabalhar com opções metodológicas distintas, mas complementares, a saber, a quantitativa e a qualitativa. Cumpre ressaltar que os estudos científicos com ênfase em dados quantitativos são, não raro, alvo de inúmeras críticas, seja pela superficialidade dos dados, seja pela dificuldade em relacioná-los com o contexto social. Em sendo assim, considera-se original a proposição de alinhar esses dois modelos de pesquisa e, para fugir do lugar comum, propõe-se estabelecer um diálogo entre os dados quantitativos e seus diferentes impactos no campo da Educação no país.

A experiência da pesquisadora corrobora a escolha do tema e do recorte realizado, pois desde a graduação em Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), passando pelo mestrado em Ciência da Informação, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), – um arcabouço de conhecimentos sobre os estudos métricos foi criado e posto em prática como pode ser visto em sua produção científica. Não obstante, foi no processo de doutoramento em Educação na Universidade Federal do Paraná que outro componente importante foi incorporado a essa trajetória.

Ao cursar a disciplina intitulada A teoria sociológica de Pierre Bourdieu, possibilidades de um instrumental teórico-metodológico para construção de conhecimento em educação, ministrada pela professora Dra. Cristina Carta Cardoso Medeiros, a pesquisadora foi apresentada à teoria Sociológica de Pierre Bourdieu e desenvolveu por ela uma profunda admiração. Talvez essa não seja a melhor palavra para descrever o que se deu durante o primeiro semestre de 2013, mas com certeza, é a mais representativa do sentimento que determinou a aproximação de dois mundos, dois campos da Ciência tão diferentes sobre certos aspectos, mas tão complementares que são a Ciência da Informação e a Educação.

A junção dos olhares, das teorias e dos enfoques trabalhados nas Ciências Sociais Aplicadas e nas Ciências Humanas trouxe para a pesquisadora uma

segurança a mais em relação à aplicação de metodologia para análise de comportamentos sociais. A contribuição do campo da Educação, em especial a Teoria Sociológica de Bourdieu, foi o que possibilitou um amadurecimento no que concerne à capacidade de avaliação dos resultados métricos obtidos. Compreendendo a Ciência como um campo inter-relacionado com a política, com a religião, com o social, mas acima de tudo, como produtora e como produto dos conflitos humanos, as análises baseadas somente no viés métrico, não mais explicam o fazer científico e, principalmente, não refletem a busca por maiores entendimentos acerca de como a Ciência se constrói, se institui e se institucionaliza.

Acredita-se que ao analisar os indicadores, as avaliações, as produções, e sobretudo, os agentes que constituem o campo acadêmico da Educação, seja possível estabelecer um retrato de como os capitais se articulam e se mimetizam, criando o espaço conhecido como campo acadêmico. Outra justificativa para a realização do presente estudo é a sua importância institucional. Por institucional compreende-se – com o auxílio da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu – não só a Universidade Federal do Paraná (UFPR) enquanto instituição de pesquisa, mas sim, todas as universidades brasileiras que são o *locus* principal da produção científica nacional, pois é a partir desse espaço singular que provém a maior parte do conhecimento científico. As técnicas de avaliação da ciência auxiliam na compreensão do campo e das forças a ela relacionadas e por ela empreendidas. Por conseguinte, as justificativas, os incentivos, os pleitos, enfim, a manutenção e a expansão do campo científico passam pela análise métrica, mas, sobretudo, por uma análise relacional.

O tema estudado também contribui para a linha de pesquisa Cultura, Escola e Ensino uma vez que se preocupa com uma das instâncias da escola: a universidade. Acredita-se que o ensino superior seja, ou deveria ser, o responsável pelas mudanças no que se entende por escola. Sim, pois é nas Instituições de Ensino Superior (IES) que se forma a massa crítica do campo. Nesse sentido e observando-se o presente caso, a expansão no número de Programas de Pós-graduação em Educação (PPG's) contribui sobremaneira para a qualificação desses futuros pesquisadores que têm, por meta ou por sonho, que seus estudos e análises cheguem ao que consideram seu público alvo: os professores sejam eles de ensino fundamental, básico ou superior, pois são eles que fomentam as mudanças ao trabalhar com a formação crítica dos indivíduos constroem futuros.

No entanto, não são comuns os trabalhos que busquem uma compreensão da institucionalização do campo acadêmico sob o ponto de vista da análise social. Para corroborar o exposto realizou-se uma pesquisa bibliográfica na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT), no dia 05 de março 2015, com os seguintes descritores: Pierre Bourdieu; Produção Científica; Campo Acadêmico e Educação. Para diminuir a incidência de ruído na revocação dos trabalhos, optou-se pela utilização de operadores booleanos (*and*, *or*, *not*), mais especificamente, o *or* visando otimizar a busca e ampliar os resultados. Após sua realização foram recuperados 60 trabalhos que apresentaram a relação entre os termos. Todavia, depois de uma leitura técnica dos resumos, somente cinco foram considerados pertinentes. (Ver Quadro 1).

**Quadro 1 – Pesquisa Bibliográfica na BDTD**

	<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Universidade</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Ano</b>
1	Anderson Luiz da Paixão Café	A produção científica do campo da sociologia brasileira face aos critérios de avaliação do CNPq e da Capes: 2007-2009	UFBA	Dissertação	2013
2	Ari Lazzaroti Filho	O <i>modus operandi</i> do campo acadêmico científico da Educação Física no Brasil	UFSC	Tese	2011
3	Carla Fabiana Graetz	O campo científico, os conflitos e as relações de poder no trabalho de professores de uma universidade pública	UFSCAR	Tese	2013
4	Glória Georges Feres	A pós-graduação em ensino de Ciências: uma leitura a partir teoria de Bourdieu	UNESP	Tese	2010
5	Rosemary Cristina da Silva	Produção científica em sociologia da educação: estudo bibliométrico do banco de teses da Capes	UFSCAR	Tese	2013

	Autor	Título	Universidade	Tipologia	Ano
7	Cristina Carta Cardoso Medeiros	A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos programas de pós-graduação em Educação no Brasil (1965-2004)	UFPR	Tese	2007
7	Elaine Rosângela de Oliveira Lucas	Capital social e capital científico na produção científica sobre linguagens documentárias e sistemas de organização do conhecimento no campo da <i>Knowledge Organization</i> (KO) nos idiomas espanhol, francês e português	USP	Tese	2014

Fonte: dados da pesquisa

Não foram utilizados filtros temporais, objetivando-se ampliar ao máximo o período de análise. Entretanto, o pequeno número de trabalhos demonstra a incipiência do tema e, sobretudo, a necessidade de trabalhá-lo no campo da Educação, uma vez que nenhum versa sobre ele. Ressalta-se que esse tipo de pesquisa bibliográfica apresenta limitações entre elas a diferença entre o que é produzido e o que é indexado, além da própria questão de indexação dos termos. Um bom exemplo disso é que os dois últimos trabalhos foram incluídos no final do quadro *a posteriori*, por se mostrarem de extrema importância para um melhor entendimento do que se pretende realizar.

Acredita-se que os trabalhos acrescentados acabaram por ficar fora do âmbito de busca em função das palavras-chave propostas e não necessariamente por alguma opção de truncagem dos termos. Embora, elas tenham sido escolhidas objetivando abranger o maior número de teses e dissertações que versaram sobre os temas, acredita-se que em se tratando de uma base na qual a indexação é pautada pela linguagem natural e somente replica as palavras-chave elencadas pelos próprios autores, não foi possível evitar que trabalhos conhecidos e importantes não fossem revocados.

A ideia de ampliar os termos de busca não se mostrou interessante, pois o intuito era agregar contribuições teóricas e empíricas ao arcabouço de obras originais de Pierre Bourdieu sociólogo que embasa a presente tese. Por

consequente, além da pesquisa bibliográfica na BDTD foi realizada uma ampla varredura nos artigos que pudessem auxiliar na composição do quadro teórico tanto na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), quanto na Scielo.

Na BRAPCI os critérios de busca necessitaram alguma alteração, pois a base, por ser de outro campo do conhecimento, não apresentou resultados quando todos os termos (Pierre Bourdieu; Produção Científica; Campo Acadêmico e Educação) foram dispostos ao mesmo tempo. Optou-se pela alternativa combinada de dois em dois termos o que resultou em um universo de 20 artigos recuperados. Desses trabalhos, após a leitura técnica, quatro mostraram-se úteis para complementar as análises aqui propostas.

Na Scielo, aplicaram-se duas estratégias de busca visando otimizar os resultados revocados. A primeira utilizou o operador booleano *and* com os seguintes termos: Bourdieu *and* Produção Científica e somente um artigo foi localizado. Já na segunda tentativa os termos foram relacionados da seguinte maneira: Bourdieu *and* Educação como resultado obteve-se 47 trabalhos e desses, após a leitura técnica dos resumos, cinco foram incorporados ao estudo.

## 1.2 OBJETIVOS

Os objetivos desdobram-se em um de caráter Geral e cinco Específicos, de acordo com a sequência abaixo.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as trajetórias acadêmicas, no que concerne à produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa (PQ1, PQ2 e PQ-SR/CNPq), do campo da Educação no Brasil.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são desdobramentos do objetivo geral conforme segue:

- a) inventariar diacronicamente a produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq da educação;
- b) identificar características dos pesquisadores quanto ao gênero, à formação acadêmica, ao tempo de magistério, à atividade profissional, ao vínculo institucional, à produtividade;
- c) verificar os canais preferidos para a divulgação da produção científica;
- d) analisar os indicadores de produção científica dos bolsistas do campo da educação no Brasil;
- e) analisar os indicadores de ligação entre os bolsistas do campo da educação no Brasil.

A pesquisa caracteriza-se como estudo de autoria, pois essa modalidade de investigação proporciona não só uma visão ampla da classe profissional que compõe o campo (suas características como gênero, titulação, vínculo institucional entre outras), mas também permite a identificação das práticas de pesquisa que subjazem à produção do conhecimento científico, bem como do papel das agências de fomento e da influência por elas exercida no contexto da produção do saber. Para tanto, o estudo analisará o currículo Lattes dos 382 bolsistas de produtividade (PQ1, PQ2 e PQ-SR/CNPq) no campo da Educação no Brasil. A prospecção dos trabalhos publicados será feita de modo a abranger a trajetória acadêmica desses professores entre 1990 e 2015, para que se possa estabelecer um contraponto entre o passado e o presente no modo de se fazer Educação no país.

## 2 O FAZER CIENTÍFICO: SER E PERTENCER AO CAMPO CONSAGRADO

Nesta seção os temas são expostos objetivando-se embasar as análises aqui realizadas. São eles: o *habitus* e o campo acadêmico, as questões de hierarquia, os diferentes capitais e, por fim, as instâncias de consagração.

### 2.1 O *HABITUS*, O CAMPO E O CAPITAL: INFERÊNCIAS SOBRE O SER E O FAZER CIENTÍFICO

Para empregar a Análise Relacional de Pierre Bourdieu, bem como para aplicar seus três conceitos indissociáveis (o *habitus*, o campo e o capital) no universo proposto, é imprescindível que se defina o que, para este estudo significa e representa a Análise Relacional, considerada por Medeiros (2007, p. 53) como marca distintiva da ciência moderna e que

[...] pode ser encontrada em vários empreendimentos científicos, como em Elias, Dumézil, Lévi-Strauss, entre outros. Esses empreendimentos, incluindo o de Bourdieu, vão afirmar que o que existe no mundo social são relações, não interações ou ligações intersubjetivas entre os agentes, mas relações objetivas que existem independentemente das consciências e das vontades individuais.

A teoria relacional de Pierre Bourdieu busca analisar de maneira ampla a composição do campo acadêmico “[...] universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas”. (BOURDIEU, 2004, p.20).

O autor acredita que o comportamento não estaria relacionado unicamente às estruturas dispostas, mas sim, condicionado por elas e por sua articulação com o contexto social. A prática dos agentes seria conformada pela assimilação dessas estruturas externas e, principalmente, por “esquemas práticos [...] esquemas informacionais [ou seja] princípios de classificação, de hierarquização, de divisão que são também princípios de visão, em suma, tudo que permite a cada um de nós distinguir coisas que os outros confundem [...]”. (BOURDIEU, 2011c, p.99).

Nesse sentido, a Análise Relacional de Bourdieu pode contribuir para um entendimento não só das relações estabelecidas entre os agentes no campo, mas



principalmente, entre as posições de poder e instâncias de consagração ocupadas e desfrutadas por eles. De acordo com Bourdieu (2011d, p. 87, grifo do autor), o conceito de *habitus* se refere a:

[...] sistema de *disposições* duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente, ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro.

Em relação ao conceito anteriormente exposto, o que se depreende é que o *habitus* é inculcado desde muito cedo e isso o transforma em algo durável, estrutural e definidor do comportamento dos indivíduos. Medeiros (2007, p. 25, grifo nosso) afirma que o *habitus* é

[...] **produto de uma posição e de uma trajetória social** dos indivíduos [...] produzido a partir das aquisições referentes a determinado **pertencimento social** e constituído de disposições compostas de forma primária e adquiridas no seio familiar ao longo da infância. Essas disposições mais precoces, duráveis e decisivas, servirão de **base e referência para disposições que forem posteriormente assimiladas**, pois condicionam a aquisição ulterior de novas disposições.

Na verdade, o *habitus*, principalmente o acadêmico, tem por prerrogativa a adequação espontânea a situações também variáveis forjadas no confronto instituído no campo. Esse confronto não se fundamenta, obviamente, em uma rivalidade pessoal, mas sim, na contradição de ideias e de ideais que são postos a prova a cada nova pesquisa publicada. Essa regulamentação vaga e não legislável é a linha tênue que delimita o campo acadêmico, pois somente os detentores desse *habitus* podem pleitear o reconhecimento de seus pares. “Por meio dele, a estrutura da qual é o produto governa a prática, não de acordo com as vias de um determinismo mecânico, mas por meio das pressões e dos limites originariamente atribuídos a suas invenções.” (BOURDIEU, 2009, p. 91).

Acredita-se que a aquisição e/ou a herança de diferentes capitais condicionam as posições a serem ocupadas pelos agentes no campo acadêmico,

pois elas são conquistadas mediante acumulação de capital social (quantidade de relações estabelecidas com outros agentes), cultural (incorporado, objetivado e institucionalizado) e científico (puro e temporal). (BOURDIEU, 2004, 2011b). A pergunta é sob quais aspectos isso pode ser observado na construção das trajetórias acadêmicas da elite do campo analisado.

Em primeiro lugar, se faz necessário contextualizar também os conceitos de elite e, posteriormente, o de elite acadêmica, empregados no presente estudo. A formação e/ou delimitação de uma elite não se dá de maneira aleatória. Se para o materialismo histórico a elite seria formada pelos detentores dos meios de produção, para a Sociologia Reflexiva, ela é constituída pelos agentes empossados de grande capital (científico, político, cultural e/ou simbólico). Aqui não se está colocando em oposição essas duas vertentes de pensamento, mas sim, apontando que o efeito da formação das elites tem inúmeras causas. É importante salientar que se acredita que, além do domínio da estrutura econômica, a posse de outros tipos de capital é igualmente importante e definidora de quem pertencerá à elite vigente.

Sob um ponto de vista mais amplo, as elites começam a formar-se, ou melhor, a serem formadas já durante a tenra infância dos indivíduos, pois é no convívio familiar que algumas lições são ministradas de modo a naturalizar comportamentos e discursos previamente à idade escolar. (BOURDIEU, 2013a; BOURDIEU; PASSERON, 2014a). Em contrapartida, para os indivíduos nascidos em famílias com baixo ou nenhum capital mobilizado, o que resta é o estranhamento ante as primeiras lições escolares. Para a Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, é já nas séries iniciais que as clivagens e diferenciações entre uns e outros se dá, pois é durante o primeiro contato com o mundo das letras que os indivíduos percebem que o conteúdo ministrado não é assimilado por todos da mesma forma.

Ainda de acordo com os postulados de Bourdieu, não se trata de dons, ou de diferenças intelectuais, mas sim, do resultado da naturalização anteriormente comentada. Em sendo assim, “os herdeiros” começam a despontar no ambiente escolar como os “melhores alunos”, pois para eles o acesso ao arbitrário cultural foi permitido e, mais do que isso, foi estimulado desde sempre. Não obstante, para os excluídos e menos favorecidos o sentimento de inclusão e pertencimento ao universo letrado é negado, principalmente, na ratificação das desigualdades presentes na escola que, por sua vez, protege-se sob o argumento de ser um local plural. (BOURDIEU, 2011g; BOURDIEU, 2013a; BOURDIEU; PASSERON, 2014a).

As elites acadêmicas assemelham-se e articulam-se de maneira aproximada as do contexto escolar, pois o campo acadêmico também se constitui pautado na lógica de exclusão/inclusão e da incorporação da *doxa*. Catani, Catani e Pereira (2000, p. 69) afirmam que o intuito de Bourdieu e Passeron, ao falarem de reprodução no campo escolar,

[...] era (e é) o de mostrar como se dá a forte adesão dóxica dos agentes sociais à ordem estabelecida e como o sistema de ensino, sobretudo a partir das formas de classificação escolarmente sancionadas e reproduzidas, está implicado nesta adesão, quer dizer, nessa cumplicidade impensada, pré-reflexiva, incorporada como uma ‘segunda natureza’.

Em relação ao campo acadêmico ele opera de forma similar ao escolar e pode ser definido como:

[...] uma rede, ou como uma configuração de relações objetivas entre posições, posições essas definidas em sua existência e nas determinações que impõem a seus ocupantes (agentes ou instituições) por sua situação atual e potencial na estrutura da distribuição de diferentes espécies de poder e capital. (MEDEIROS, 2007, p. 53).

Se no ambiente escolar as distinções são reforçadas pelas diferenças de capitais, no contexto acadêmico isso se processa de forma homóloga. A saber, mediante o uso de códigos linguísticos específicos, o aprofundamento de temáticas, a filiação teórica entre outros elementos que garantem que alguns indivíduos fiquem externos ao campo delimitado. Em contrapartida, inclui-se a outra parcela de agentes que – imbuídos do *habitus* e do *sentido de jogo* imprescindíveis para sua manutenção no campo – estabelecem (em uma analogia com preceitos biológicos) uma relação ora intraespecífica harmônica, ora intraespecífica desarmonica. Isso se justifica, pois, os recursos financeiros, humanos e estruturais não são ilimitados, exacerbando-se a competição como princípio de sobrevivência no campo social e como fenômeno que se reproduz no campo acadêmico.

O *habitus* científico é uma regra feita homem ou, melhor, um *modus operandi* científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter estas normas na sua origem: é esta espécie de **sentido do jogo** científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de

tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada. (BOURDIEU, 2011b, p. 21, grifo nosso).

A busca pelo equilíbrio desse ecossistema, análogo ao que aqui se delimita como campo, se faz na concessão de títulos, bolsas, prêmios, entre outros capitais institucionalizados e distribuídos calcados no mérito de cada indivíduo. Quem julga? Quem concede? Perguntas cujas respostas expressam uma contradição: são os próprios membros do campo empossados de cargos gerenciais e políticos, auxiliares nos processos de submissão/qualificação de originais submetidos ao sistema de comunicação científica e partícipes das demais instâncias de consagração do campo acadêmico.

Ortiz (2013), ao traduzir o texto *Le champ scientifique* publicado por Pierre Bourdieu em 1976, aponta que “a medida que a definição dos critérios de julgamento e dos princípios de hierarquização está em luta, ninguém é *bom* juiz porque ninguém deixa de ser ao mesmo tempo juiz e parte interessada.” (BOURDIEU<sup>1</sup>, 2013b, p. 119, grifo do autor). Essa capciosa objetividade destitui o agente das prerrogativas que cargos, títulos e capitais lhe conferem: a de constituir um sistema de normas que rejam a atividade científica no campo e que, invariavelmente, lhe garantam a permanência na elite. É dele, ou melhor, do grupo empossado de maior capital científico temporal a função e o direito de legislar e, por conseguinte, perpetuar um sistema de avaliação que lhes garanta a manutenção no poder já alcançado.

O autor ainda conclui que somente uma análise global do campo analisando posições políticas, sociais e intelectuais faria justiça a uma proposta de Sociologia da Ciência em consonância com a análise relacional proposta por Bourdieu. Concorda-se com a assertiva, principalmente por se considerar que o campo acadêmico é formado e conformado pelas relações estabelecidas entre esses diferentes polos de poder. São eles que, em articulação, determinam condutas, ditam tendências e estabelecem as hierarquias legitimadas que sustentam o campo.

Por ser um sistema pautado na hierarquia, o poder se distribui de maneira desigual entre os agentes, por meio da acumulação de capital, de modo mais específico o científico, que se caracteriza por ser “[...] uma espécie particular do capital simbólico [...] que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo

---

<sup>1</sup> A autoria foi atribuída a Pierre Bourdieu, considerado o autor dos textos escolhidos por Renato Ortiz publicados na obra: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**: textos de Pierre Bourdieu. São Paulo: Olho D'água, 2013.

conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico. [...]” (BOURDIEU, 2004, p.26). Esse reconhecimento se dá pela égide da consagração que confere ao agente um valor distintivo em função de suas produções e, por conseguinte, contribuições feitas ao campo.

Cumprе ressaltar que o capital científico é composto por dois tipos de capital, que seriam, segundo Bourdieu (2004), o puro, formado pelos louros atribuídos pela apropriação, domínio e contribuição específica para a sedimentação e legitimidade do campo (produção científica) e o temporal, constituído pela atribuição e pelo exercício de cargos políticos no campo. Ainda sobre isso, Hey (2008, p. 49) afirma que:

O novo discurso dominante é determinado, em suas propriedades mais específicas, por uma espécie de capital cultural particular, que é o acadêmico, e o capital social, fruto das relações entre os agentes em universos mais ou menos homogêneos de produção cultural e política, os quais constituem o traço distintivo de um novo modo de dominação.

As relações de poder instauradas e responsáveis pela *enjeux*<sup>2</sup> do campo baseiam-se no maior ou menor domínio desses capitais. Dessa forma, é possível avaliar as posições de poder do campo quando o universo de análise está circunscrito ao âmbito da produção científica e, por conseguinte, das instâncias de consagração por ela ensejadas. Essas estratificações não são observáveis somente na hierarquia do poder político e social, mas também na construção da agenda científica a ser aplicada no campo, pois os temas são, indiscutivelmente, trabalhados sob essa mesma perspectiva.

A hierarquização das temáticas, empregada de acordo com os interesses dos agentes detentores dos valores do campo, e – por conseguinte, porta-vozes autorizados dele, permite que determinados assuntos repercutam de maneira mais contundente nos veículos de comunicação científica. Essa repercussão indica quais são os temas que, ao serem escolhidos como norte de pesquisas, rendem maior capital simbólico aos seus produtores.

---

<sup>2</sup> Conceito que não foi completamente traduzido na obra de Bourdieu, mas que segundo seus principais comentadores (Afrânio Mendes Catani, Cristina Carta Cardoso de Medeiros, Loïc Wacquant, Maria Alice Nogueira, Paulo Sérgio Miceli entre outros) significaria uma espécie de “aposta”, ou seja, uma noção incorporada do que é necessário fazer para permanecer ou galgar poder dentro do campo.

## 2.2 QUESTÕES DE HIERARQUIA: O LEGITIMADO, O REPRODUZIDO E O ARBITRÁRIO

O campo científico se caracteriza pela polarização entre os membros da elite em busca de vantagens específicas, e movidos por interesses também específicos que mobilizam uma série de estratégias determinadas por elementos, ações e atitudes individuais ou coletivas, que vão além de uma simples intenção objetiva, sendo sim, reflexos de seu *habitus*.

Surgem, nesse contexto de luta no campo, os signos da reprodução, ou seja, do reforço aparentemente desnecessário, mas que valida as disputas de poder, como, por exemplo, a reprodução dos produtos da comunicação científica, da redundância dos elementos discursivos, das repetições e das reiterações dos valores canonizados no e pelo campo. Um exemplo disso está na valorização sazonal de determinados temas e objetos de pesquisa. Segundo Bourdieu (2011a), a hierarquia do campo científico mostra-se perversa quando o pior trabalho sobre o assunto da moda é considerado superior, produz mais citações e confere maior distinção aos autores do que o melhor trabalho sobre uma temática tida como menor.

No cerne da questão encontra-se o fato de que a eleição de assuntos reconhecidos pelo campo como científicos e merecedores de empreendimentos de pesquisa está vinculada à hierarquização dos objetos, muitas vezes determinada por fatores externos à Ciência, entendidos como razões políticas, econômicas e institucionais que mobilizam e, não raro, imobilizam o olhar de pesquisadores. Esses fatores externos compõem a prática social conformada também pelo relacionamento entre forças. Todavia, acredita-se que a escolha de objetos de pesquisa não deva ser definida, exclusivamente, por elas. Bourdieu (2011a) reforça a concepção acima descrita quando trabalha com o conceito de **arbitrário cultural** como um recorte da cultura legítima a ser transmitido na escola.

A seleção de significações que define objetivamente a cultura de um grupo ou de uma classe como sistema simbólico é arbitrária na medida em que a estrutura e as funções dessa cultura não podem ser deduzidas de nenhum princípio universal, físico, biológico ou espiritual, não estando unidas por nenhuma espécie de relação interna à natureza das coisas ou a uma natureza humana.” (BOURDIEU; PASSERON, 2014a, p. 29).

Os autores admitem que nenhum princípio de diferenciação, julgamento de valor e conceituação sobre o gosto, pode ser deduzido ou fundamentado em razões exclusivamente objetivas; fato que reforça o caráter arbitrário dos conteúdos transmitidos e hierarquizados como mais, ou menos relevantes para a confecção da agenda científica.

Acredita-se que essa máxima não está presente somente no universo escolar, pois no ensino superior as práticas de empoderamento, mediante os mecanismos de distinção, são recorrentes em todos os campos científicos. Além disso, é durante o processo de aprendizagem, seja ele no âmbito fundamental ou superior, que os indivíduos adquirem um “[...] corpo comum de categorias de pensamento que tornam possível a comunicação.” (BOURDIEU, 2011b, p. 205). Esse conjunto instrumental de códigos é imprescindível para a decifração da linguagem específica do campo científico. Ou seja, todo agente formado em determinada escola ou membro de certa comunidade científica foi programado para perceber, pensar e agir de acordo com os valores do grupo, partilhando o gosto, as preferências em prol da unidade que assegura os mecanismos de reprodução e distinção cultural, científica, econômica e social.

À guisa de esclarecimento, é preciso compreender o que pretende e a que se propõe uma comunidade científica. Composta, segundo Ziman (1979), por indivíduos com interesses comuns, municiados com preceitos também coletivos, mas acima de tudo, reunida em prol e com base na sedimentação do grupo no campo científico. Segundo Bourdieu (2013), são esses elementos que garantem a coesão social do grupo que envolve desde o estabelecimento de critérios de inclusão/exclusão de novos membros até a determinação do arcabouço teórico que norteará sua ação. Isso garantirá “[...] a homogeneidade durável do *habitus* [...] a unidade intelectual da *communis doctorum opinio* [...]” (BOURDIEU, 2013, p. 98), pois é através do compartilhamento de um mesmo *modus operandi* sustentado pelo *habitus* compartilhado pelo campo que é garantida a coesão da comunidade científica. Sem um compartilhamento, que pese a parte consciente dessa partilha, seria impossível investir na institucionalização do campo, seja ele qual for. A união de esforços se dá prioritariamente pela divisão de tarefas e funções dentre os agentes do campo de acordo com seus capitais científicos envolvidos (puro e temporal), mas o fato é que é no *habitus*, ou seja, na matriz primeira e principal na

formação do agente que se criam as condições propícias para o engajamento no campo.

Aqui cumpre ressaltar o conceito de *habitus* segundo a teoria relacional de Bourdieu (2011c, p. 98):

O *habitus*, como sistema de disposições para a prática, **é um fundamento objetivo de condutas regulares**, logo, da regularidade das condutas, e, se é possível prever – as práticas (nesse caso, a sanção associada a uma determinada transgressão), é porque o *habitus* faz com que os agentes que o incorporam comportem-se de uma determinada maneira, em determinadas circunstâncias. (BOURDIEU, 2011c, p. 98, grifo nosso).

É nesse sentido que se afirma que o arbitrário cultural inculcado, principalmente durante o período de formação acadêmica, mas também presente na escola de séries iniciais concede ao indivíduo um rol de categorias de pensamento que não só viabilizam a comunicação, como garantem a inserção do agente no campo preterido. (BOURDIEU, 2011f.) Ao indicar a importância do domínio da linguagem e de seus códigos específicos Bourdieu (2011f) corrobora o ponto de vista do Círculo de Bakhtin (2011) no que diz respeito a afirmativa de que os enunciados são foco de produção ideológica e, por conseguinte, imbricados em aspectos exteriores ao falante, mas que com ele se relacionam.

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Para a sociologia reflexiva, proposta por Bourdieu, a fala, a conduta e a tomada de posição dos agentes no campo refletem sua formação primeira condicionada pelo *habitus*. Essa postura é modelizada no período de formação acadêmica, no qual, o indivíduo aposta na absorção dos ensinamentos que lhe garantam a permanência e ascensão no campo. Isso fica patente no discurso de Bourdieu (2011f, p. 206):



[...] os indivíduos “programados”, quer dizer, dotados de um programa homogêneo de percepção, de pensamento e de ação, constituem o produto mais específico de um sistema de ensino. Os homens formados em uma dada disciplina ou em uma determinada escola, partilham um certo “espírito”, literário ou científico [...] tendo sido moldados segundo o mesmo “modelo” (*pattern*), os espíritos assim modelados (*patterned*) encontram-se predispostos a manter com seus pares uma relação de cumplicidade e comunicação imediatas.

Essa partilha pode ser vista nos colóquios, nas conferências, nos trabalhos escritos em colaboração, mas, sobretudo no discurso uníssono a respeito das regras que regem o campo. Os indivíduos, orientados pelo *habitus*, agem e interagem sem programar racionalmente seus próximos passos, uma vez que, as “disposições incorporadas” são mais fortes e mais definidoras de suas condutas pela sobrevivência no campo. Ainda seguindo esse raciocínio, é importante salientar que as questões de hierarquia que envolvem o legitimado, o reproduzido e o arbitrário, condicionam o fazer científico dos agentes ao delimitarem “[...] um repertório de lugares-comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns.” (BOURDIEU, 2011f, p. 207).

Sob o ponto de vista de Bourdieu e Passeron (2014a), a análise da reprodução parte da existência de uma força social simbólica, entendida como uma transmissão deliberada que se daria, invariavelmente, por meio da violência simbólica. Os autores entendem que a violência simbólica não está somente no abandono da cultura de origem e, por conseguinte, no processo de aculturação, mas também na prática perversa de reconhecimento do arbitrário cultural dominante como uma cultura superior, melhorada, legítima. “[...] basta evocar o universo de pressupostos, de censuras e de lacunas que toda educação bem-sucedida leva a aceitar e ignorar, traçando **o círculo mágico da presunção infundada**, em que as escolas de elite encerram seus eleitos.” (BOURDIEU, 2001a, p. 7, grifo nosso) para melhor compreender as funções desempenhadas no campo escolar e acadêmico para eleger (ou seria referendar) um certo número de indivíduos em detrimento de outros.

Nesse contexto, as relações entre dominantes e dominados – no campo acadêmico – se dão de maneira desigual. Na verdade, elas reproduzem uma espécie de falácia da concorrência perfeita, na qual tanto o grupo detentor da autoridade científica, quanto os novatos poderiam disputar espaços no campo.

(BOURDIEU, 2013b). Ainda de acordo com a teoria sociológica de Pierre Bourdieu, os agentes possuidores de maior capital científico puro e temporal conseguem empreender alguns estratagemas que garantem a conservação do *status quo*. Aliás, não somente de um estado de coisas, mas inclusive das próprias coisas. A saber, a elite consagrada busca a “[...] perpetuação da ordem científica estabelecida com a qual compactuam.” (BOURDIEU, 2013b, p. 126). Essa ordem comporta:

[...] não somente um conjunto de recursos científicos herdados e que existem em estado objetivado sob a forma de instrumentos, obras e instituições e em estado incorporado sob a forma de hábitos científicos [...] engloba ainda o conjunto das instituições encarregadas de assegurar a produção e a circulação dos bens científicos, e também a reprodução e circulação dos produtores (ou reprodutores) e consumidores desses bens. (BOURDIEU, 2013b, p. 126-127).

Em relação a essas instituições, responsáveis pela conservação das estratégias, das hierarquias e, por conseguinte, do campo, elas são – segundo Pierre Bourdieu – as próprias instâncias de consagração que compostas pelos sistemas de ensino, responsáveis pela inculcação do *habitus*, garantem a conservação das estratégias e hierarquias definidas pelo campo. Além disso, esse sistema de ensino em conjunto com outros veículos da Ciência autorizada, como por exemplo, os periódicos científicos, que são as “[...] revistas especializadas que (mediante sua seleção em função de critérios dominantes) consagram produções adequadas aos princípios da Ciência oficial [...]” (BOURDIEU, 2013b, p. 127), normatizam e referendam o que pode e/ou deve ser visto como Ciência. Sob a ótica da teoria relacional elas arbitram, como qualquer instância consagratória, também sobre o que deve ou não ser publicado. Essa postura termina por influenciar não só a construção da agenda do campo, mas também o nível de homogeneidade dele.

É importante salientar, que quanto mais homogêneo for o campo, menor a possibilidade de que as lutas nele travadas se deem de maneira equânime no que concerne às possibilidades de subversão da norma. Aliás, se aos novatos a subversão é a regra, para a elite a conservação é imprescindível para a manutenção dos postos de poder. De acordo com Bourdieu (2013b), é essa homogeneidade que debilita, ou melhor, que diminui a “[...] probabilidade das *grandes revoluções periódicas em proveito das inúmeras pequenas revoluções permanentes*.” (BOURDIEU, 2013b, p. 126, grifo do autor). O impacto dessa afirmação pode ser

observado ao longo da história da Ciência, pois ela mostra que as grandes revoluções têm um tempo mínimo necessário para alterar o paradigma vigente.

Não obstante, pergunta-se: seria essa a única explicação para o caso clássico dos estudos de Mendel mencionado por Thomas Kuhn em seu livro “As estruturas das revoluções científicas”? As estruturas do campo, bem como suas instâncias de consagração seriam articuladas somente pelo e em prol do amadurecimento natural das ideias? Com base na teoria *bourdiesiana*, aqui empregada, a resposta aos questionamentos é não.

A Ciência não se edifica, se constrói e se desconstrói somente pelo amadurecimento das teorias propostas pelas antigas mentes brilhantes, ou ainda, pela oxigenação conceitual e temática trazida pelos novatos ao campo. Ela se dá, também pelo exposto, mas, segundo os postulados de Pierre Bourdieu, é prudente observar outros fatores contributivos para a alteração da ordem científica vigente. Os aspectos sociais que permeiam a produção da Ciência é um desses fatores. Compreende-se por aspectos sociais não só o fato de que a Ciência é uma produção humana e, por conseguinte, social e cumulativa (ZIMAN, 1979), mas sim porque os embates que caracterizam a luta pelo monopólio do campo se dão, como já mencionado, entre indivíduos empossados de capitais desiguais.

Em um dos quatro Evangelhos canônicos, Mateus (25:29) escreve: “[...] a todo que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece ter.” Essa metáfora, conhecida também como efeito Mateus, ilustra a ampliação da brecha da desigualdade das benesses, hoje recrudescida pelo fenômeno chamado globalização. Usada por Robert K. Merton (1968) para explicar o reforço positivo aos que conseguiram reconhecimento científico e respeito, em detrimento dos menos afortunados, mostra ser mais fácil a quem já é valorizado adquirir respeito e prestígio dos próximos, pois parte de uma vantagem comparativa em relação aos mais carentes. Esse processo de reprodução, tanto do êxito social, quanto do isolamento, conjugado com o efeito de reforço, tem sido considerado um desvio indesejável do sistema de recompensas, pois a hierarquia social acaba sendo mantida e legitimada, desde que seu caráter arbitrário seja ignorado.

Segundo Bourdieu (2013b), a elite legitimada do campo relega aos novatos duas formas de capitalizarem seus recursos em busca de um lugar privilegiado. A primeira diz respeito às estratégias seguras de sucessão que garantem a carreira esperada sem grandes percalços. Por sucessão entende-se uma espécie de

condução do aspirante pelo já empossado. Outra possibilidade diz respeito às estratégias de subversão que se caracterizam pela exigência de investimentos custosos. Aqui se ressalta que o conceito de custo não está atrelado à questão monetária e econômica, que – não raro – só surtem efeito se houver uma reestruturação das normas e dos procedimentos legitimadores.

Como visto anteriormente, as grandes revoluções não se dão de maneira contínua como o amadurecimento da natureza, ao contrário, são as pequenas rupturas que efetivadas de modo contínuo podem resultar na alteração das normas impostas. Ainda de acordo com Bourdieu (2013b), os novatos que não se sujeitam ao princípio da sucessão só “[...] poderão vencer os dominantes em seu jogo caso empenhem um suplemento de investimentos propriamente científicos sem esperar lucros importantes, pelo menos em curto prazo, pois têm contra si toda a lógica do sistema.” (BOURDIEU, 2013b, p. 128).

Já no que concerne ao legitimado e à elite, o sistema instituído contribui para a manutenção de ambos, sem que grandes aportes de novos capitais científicos sejam realizados, pois a acumulação de capitais e de distinções, já alcançados pela elite do campo, reduz a necessidade da alta produtividade exigida para obtê-los. (BOURDIEU, 2013b). Sendo assim, a ciência *mainstream* tende a reproduzir desafios, ou melhor, a propor questionamentos cujas respostas já estão prontas. Sob esse aspecto, pode-se inferir que os pesquisadores iniciantes, ao se negarem a participar das trocas simbólicas entre membros da elite, pleiteiam sua legitimidade não só no campo científico, mas também no campo político. A ideia de que o subversivo o é em função das suas inclinações políticas, não está equivocada, e se aplica ao contexto da Ciência também, pois ao sair da zona de conforto dos “herdeiros”, os novatos subversivos fazem ressoar suas vozes na insatisfação com o sistema (e, não somente, com um dos campos. (BOURDIEU, 2013b).

Em relação aos capitais que constituem e fomentam as lutas dentro e fora do campo acadêmico, dois se apresentam como fundamentais para um melhor entendimento de como as trocas simbólicas realizadas através das duas modalidades supramencionadas (conservação/delegação/sucessão e alteração/imposição/subversão) são eles: o capital científico puro e o capital científico temporal.

## 2.3 OS CAPITAIS E SUAS DIFERENTES FORMAS DE AQUISIÇÃO, CONVERSÃO E RECONVERSÃO

[O político é um] banqueiro de homens em regime de monopólio.

Gramsci

Mensurar o capital científico temporal de qualquer indivíduo já seria uma tarefa árdua, mas parametrizar a influência e a força de mobilização que pesquisadores possuem se mostra ainda mais difícil. Isso porque não raro o capital científico temporal não é exposto, nem quantificável de maneira cartesiana. “O capital político é uma forma de capital simbólico, crédito firmado na **crença** e no **reconhecimento** [...]” (BOURDIEU, 2011b, p. 193, grifo do autor). Exatamente pela ênfase conferida a esses conceitos é que se compreende que o capital científico temporal, aqui empregado como sinônimo de capital político, foge do ideal das Ciências Exatas, fundamenta-se, sim na relação estabelecida entre àquele que recebe o reconhecimento daquele que possui a crença nessa distinção.

Ao analisar o capital pessoal de cada um dos bolsistas, para verificar a notoriedade desses indivíduos no campo, será possível visualizar os polos envolvidos na concessão desse tipo de capital.

**O capital pessoal de notoriedade e de popularidade** – firmado no fato de **ser conhecido e reconhecido na sua pessoa** (de ter um nome, uma reputação, etc.) **e também no fato de possuir um certo número de qualificações específicas** que são a condição da aquisição e da conservação de uma boa reputação – é frequentemente produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros domínios [...] (BOURDIEU, 2011b, p. 196, grifo nosso).

Aqui é importante apresentar as diferenças entre o capital científico temporal de notoriedade, que é construído de maneira lenta, gradual e contínua, e o capital científico temporal da popularidade (capital delegado da autoridade política), que é produto de um momento, da crise, e dos hiatos entre as instituições políticas e a sociedade. (BOURDIEU, 2011b). Os bolsistas de produtividade em pesquisa congregam esses dois tipos de capitais: o da notoriedade e o da autoridade política em uma mesma trajetória de vida. Se o primeiro pode representar o esforço individual e de edificação de arcabouço teórico metodológico próprio, o segundo indica algo que foi legado de alguém para outro alguém. Ou seja, a capacidade de

mobilização que o pesquisador possui e emprega no momento em que estabelece não só relações de colaboração científica, mas também de apoio político.

[...] a conversão do capital político em poder científico é (infelizmente!) mais fácil e rápida, sobretudo para os que ocupam posições médias nas duas distribuições (do prestígio e do poder) e que, mediante o poder que estão aptos a exercer sobre a produção e reprodução [...] estão em condições de assegurar a perpetuação da ortodoxia contra a inovação [...]. (BOURDIEU, 2004, p. 39)

Esse processo, segundo Bourdieu (1998, 2011b, 2011g), chama-se investidura. Ela apresenta uma lógica mágica ao consagrar oficialmente o candidato apto a determinado cargo na instituição, uma vez que “os ritos de instituição, actos de investidura simbólica [são] destinados a justificar o ser consagrado por ser aquilo que é, por existir como existe [...]”. Ou seja, as separações, clivagens entre agentes se dá mediante um ato de ordenação imprimindo uma marca, uma distinção no indivíduo que, a partir desse ritual não será mais confundido com o restante dos mortais. (BOURDIEU, 2011g).

No caso específico da presente pesquisa, as instituições são consideradas peças fundamentais para o entendimento da aquisição, conversão e reconversão de capital científico temporal, bem como, do rito de investidura que envolve a concessão das bolsas PQs. Sem as Instituições de Ensino Superior (IES) os pesquisadores não teriam o respaldo necessário para notabilizarem-se individualmente. A IES proporciona a arena adequada para competição acadêmica, ou melhor, nela o pesquisador encontra – mesmo que de maneira incipiente – seus primeiros interlocutores, mas, sobretudo, seus primeiros antagonistas.

Como o anteriormente exposto, a elite consagrada se constituiu pela junção do capital científico temporal (pessoal/delegado) com o capital científico puro (objetivado/institucionalizado). É o somatório desses capitais que distingue os membros e confere mais ou menos prestígio entre os eleitos. A pergunta que se impõem é: em qual medida se dá esse somatório, ou melhor, qual o percentual de cada uma das partes no todo? Para respondê-la é imprescindível que os dois tipos de capital envolvidos estejam devidamente esclarecidos, sob o ponto de vista aqui utilizado, para que se possa empregá-los de maneira a esclarecer os questionamentos propostos.

O capital científico, como uma das formas de capital simbólico, é pautado em atos de conhecimento e de reconhecimento. O conhecer se dá de inúmeras formas, mas a principal – na atualidade – é a publicação científica. Por meio dela os pesquisadores tornam públicas suas pesquisas e garantem a primazia da descoberta, mas talvez o mais importante se dê na pós-publicação. É nesse momento que o agente é reconhecido por seus pares concorrentes e garante sua legitimação e empoderamento, por meio das citações recebidas, dos convites para palestras e de tantos outros desdobramentos que um artigo científico pode promover. Por certo, que essa promoção não se dá somente pelas qualidades técnicas (capital científico puro) do pesquisador, ela ocorre também em função do capital social e político que ele é capaz de mobilizar.

Anteriormente, ao tratar sobre o capital científico temporal versou-se sobre questões de autoridade que também estão presentes nas articulações do capital científico puro. Na verdade, há uma interdependência entre eles e as autoridades que ensejam e constituem o campo acadêmico. Nesse sentido, afirma-se que aspectos diferenciais de autoridade permeiam os dois tipos de capital que compõem o campo complementando-se. No caso específico do capital científico puro, que representa a produção científica do agente, fala-se de autoridade científica representando a articulação entre o poder social e a capacitação técnica monopolizados pelos agentes e em autoridade da competência científica que, segundo Bourdieu (1976) pode ser observada na capacidade de agir e falar em nome do campo mediante a outorga do mesmo.

A perspectiva quase hagiográfica sobre o conceito de comunidade científica construída pela sociologia da ciência funcionalista de Merton aponta para os aspectos comungados e compartilhados pelos membros. Já sob a perspectiva *bourdiesiana* a comunidade científica é também um espaço de concorrência – nem sempre pautado no princípio da lealdade – entre adversários cúmplices e as representações sociais – vistos, não raro, sob a perspectiva do simulacro e da simulação interpessoal. (BOURDIEU, 2001a).

No que tange à concorrência travada entre os pares, sim, pois dentro do campo o maior oponente, pode ser também seu maior colaborador, aqui se utiliza a ideia de Bourdieu (2001a) sobre os adversários cúmplices. Ela se dá na busca pelo empoderamento que visa obtenção e acúmulo todas as formas de capital (científico, político e social). Já em relação ao simulacro e à simulação, observada no campo

acadêmico, eles se dão, por exemplo, pelo aparelhamento através do emprego de signos, ou seja, pelo uso de poder simbólico para a representação das relações de poder institucionalizadas. Segundo Bourdieu (2013b), as competências são, muitas vezes, confundidas pela simbologia, pela titulação e pela distinção conferida aos agentes.

Em sendo assim, para o referido autor, não é difícil misturar o que seria – de fato – competência técnica, com uma “ostentação tão autêntica” que é capaz, inclusive, de modificar percepções acerca do campo e de seus agentes. Assertiva que fica evidente no trecho “[...] **julgamentos** sobre a capacidade científica de um estudante ou de um pesquisador **estão sempre contaminados**, no transcurso de sua carreira, pelo conhecimento da posição que ele ocupa nas hierarquias constituídas.” (BOURDIEU, 2013b, p. 114, grifo nosso).

Em relação aos procedimentos de avaliação impostos ao e pelo campo acadêmico é importante salientar que, da mesma forma que não há ciência neutra (ZIMAN, 1979), também não há julgamentos isentos de certa subjetividade perniciosa. Para a Sociologia da Ciência são as instituições que garantem a organização e as estruturas que viabilizam as trocas científicas. Como bem afirmam Shinn e Ragouet (2008, p. 18)

Graças à atribuição de prêmios e à instauração de um sistema de retribuição, as academias contribuíram para o desenvolvimento de normas, para a ancoragem social dos modelos de excelência e para a instauração de uma hierarquia no interior das comunidades científicas.

É importante salientar, que para Merton (1968) o que circunscreve a Ciência, ou melhor, o que a delimita e a transforma em um campo autônomo é o seu *ethos*. Esse modo de agir comum e agregador de indivíduos em torno de um mesmo ideal trabalha com os conceitos de universalismo, de comunalismo, de desinteresse e, por fim, de ceticismo organizado. Para o funcionalismo, as comunidades científicas seriam regidas por esses quatro pilares.

Em seus estudos sobre a institucionalização da Ciência e o papel desempenhado pelas universidades, Ben-David (1977) aponta para a questão da estabilização do conhecimento. Segundo Schwartzman (1987), a maior contribuição de Joseph Ben-David para os estudos sociológicos da Ciência são



[...] seus estudos históricos sobre as universidades e o contexto cultural, político e institucional do surgimento e das transformações da ciência moderna. Para ele, a ciência moderna requer, para seu desenvolvimento e continuidade, a constituição de um "papel social" para os cientistas, através do qual sua atividade seja reconhecida, prestigiada e protegida. (SCHWARTZMAN, 1987, p. 68).

Ainda de acordo com Ben-David (1977), a sedimentação do campo científico só seria possível mediante a autonomia da comunidade científica, a garantia à competição entre instituições e entre pares, a descentralização institucional e as novas especialidades. Já a Sociologia Reflexiva indica, na reunião de agentes em prol da institucionalização de um campo, que nem sempre os indivíduos agem de acordo com essas regras. Aliás, se para Merton a visão de Ciência era uma espécie de obra monocromática acabada, para Pierre Bourdieu, Joseph Ben-David (Sociologia Diferenciacionista) e Shinn e Ragouet (Sociologia Transversalista) ela mais se assemelharia a uma obra em construção pintada em diversas nuances, pois seus principais agentes constituintes são humanos e, portando, sujeitos a assumir comportamentos ora em prol do bem comum, ora em prol da sua própria carreira. Essa conduta oscilante caracteriza o agente científico e demonstra, segundo Shinn e Ragouet(2008), um comportamento seletivo dos pesquisadores, ora em conformidade com as normas, ora em dissonância completa. Essa conduta volúvel é incompatível com a existência de um *ethos* comum, pois:

Os pesquisadores mostram-se como indivíduos mais motivados pelo apelo de ganho pessoal e a ambição que pelo desejo de participar do crescimento do conhecimento. Apresentam uma ausência total do espírito crítico com relação a seus próprios resultados enquanto são impiedosos com seus adversários. (SHINN; RAGOUET, 2008, p. 22)

Ao que parece, a teoria *mertoniana* acredita na isenção, ou melhor, na sujeição dos agentes ao campo e as suas necessidades de institucionalização. Todavia, suas quatro regras se mostraram mais ideais do que operacionais no que se refere à Sociologia da Ciência. (SHINN; RAGOUET, 2008). Ao desconsiderar que pesquisadores optam por temáticas que possam vir a render-lhes mais reconhecimento, pelo simples fato de sobrepor o individual ao coletivo, a ideia de comunalismo e de desinteresse se desfaz de maneira a abrir espaço para o conflito e para a concorrência entre pares e instituições. Em sendo assim, acredita-se que ambos tenham sua origem na constituição não de um *ethos*, mas sim de um *habitus*

semelhante, ou seja, um *modus operandi* bem observado por Pierre Bourdieu que condiciona o agente a assumir determinadas posturas ante a composição do campo. Aqui não se está afirmando a inexistência do *ethos* científico, até porque esse conceito, que nasce no funcionalismo *mertoniano* (Sociologia da Notoriedade Científica), também é trabalhado pela Sociologia Reflexiva, mas sim conferindo importância central ao *habitus* como princípio fundamental na construção do campo. As características que compõem o *habitus* são responsáveis pela reunião de um grupo de agentes entorno de um tema de pesquisa e ao reunirem-se eles legitimam a Ciência e delimitam um campo.

Aqueles que estão à frente das grandes burocracias científicas só poderão impor sua vitória como sendo a da ciência se forem capazes de consolidar uma definição da maneira correta de fazer ciência [...] eles definem como metodologia universal e eterna prática de sondagens com amplas amostragens, as operações de análise estatística dos dados [...] **e instauram, como medida de toda prática científica, o padrão mais favorável a suas capacidades intelectuais e institucionais.** (BOURDIEU, 2013b, p. 114, grifo nosso).

Se por um lado a Análise Relacional de Pierre Bourdieu extrapola o conceito de comunidade científica, delimitado por Merton e Ben-David em sua Teoria Funcionalista<sup>3</sup>, por outro há em seus discursos certas confluências interessantes. A primeira diz respeito à vantagem cumulativa que ambos os autores afirmam ser desfrutada somente pelos agentes empossados e autorizados do campo. Para Merton (2013) isso se dá, pela já mencionada analogia com o efeito Mateus, de forma direta – ou melhor, maior crédito será conferido aos que já possuem crédito. Leia-se crédito como sinônimo de domínio ou posse de maior capital científico puro (materializado) e capital científico temporal (político). Nesse contexto de posse é impensável mencionar questões de mérito até mesmo porque o campo não se constitui pela mensuração do mérito científico (capacidade científica), mas sim pela reprodução do arbitrário cultural e da manutenção dos postos de poder. Definitivamente, o mais importante é ser reconhecido pelo seu conjunto da obra, ou seja, pela quantidade de capital científico e político que cada um dos agentes possui.

---

<sup>3</sup> Os autores Shinn e Ragouet (2008) utilizam a terminologia diferenciacionista ao trabalharem com os dois sociólogos, suas aproximações e distinções teóricas.

Ao utilizar o verbo possuir para descrever as relações observadas no campo isso se faz de modo proposital, trata-se sim, de possuir algo no sentido clássico do verbo. O agente possui capital social e é capaz de mobilizá-lo ao seu favor, ele também possui e/ou faz parte de instituições que viabilizam estruturalmente suas pesquisas e, por fim, ele possui voz dentro do campo que o autoriza a publicar – nos mais qualizados periódicos – os resultados de sua produção científica. Cumpre ressaltar que a posse desses capitais não se dá de outra maneira que não a partir da acumulação que ocorre ao longo do tempo “[...] o investigador que é mais conhecido em um campo obtém o crédito do trabalho conjunto [...] e assim fica ainda mais conhecido por um processo autocatalítico” (MERTON, 2013, p. 203).

Para um melhor entendimento acerca do exposto, afirma-se que a acumulação de capitais pode ser realizada por meio de articulação de forças simbólicas. Um grande (e renomado) pesquisador pode, pelo poder da delegação, transmitir certo legado ao seu orientando. Isso se daria através da sua inserção orientada no campo na medida em que seu processo de formação ocorre. Ele é levado a congressos, apresentado a pessoas hierarquicamente importantes e escreve em colaboração com seu orientador. É por meio dele, da figura do pigmaleão intelectual, que os iniciados têm acesso ao campo e aos agentes consagrados permitindo que um novo membro seja incluído no campo já detentor do *habitus* e conhecedor do *ethos*.

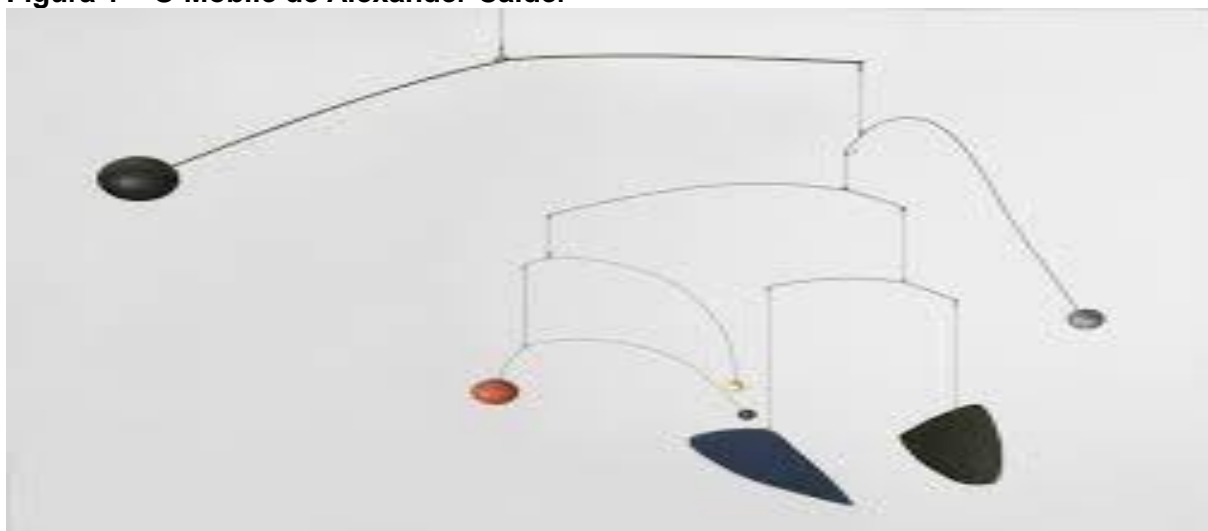
Infelizmente, a constituição política do campo acadêmico pauta-se – segundo Merton (2013, p. 206) – pela “[...] intensificação dos incrementos de reconhecimento pelos pares dos cientistas de grande reputação por suas contribuições particulares, em contraste com a minimização ou recusa desse conhecimento para cientistas que ainda não deixaram a sua marca.” A teoria relacional de Bourdieu corrobora os apontamentos de Merton, pois afirma que aos agentes detentores de maiores capitais são salvaguardadas melhores condições de expor suas ideias e, mais do que isso, de serem ouvidos em suas proposições e questionamentos.

Ainda propondo uma aproximação entre os dois sociólogos, fica patente que ambos acreditam que a institucionalização dessas diferenças entre os que muito possuem e aqueles que pouco têm é fator preponderante na geração das desigualdades observáveis, primeiramente no campo econômico, e por fim no campo acadêmico. Em sendo assim, ao compreender o campo científico como um

local que se articula e se estrutura nas relações de força estabelecidas por e entre os agentes em constantes lutas simbólicas, tanto Merton, quanto Bourdieu complementam-se no que diz respeito a essas forças e suas resultantes observáveis no campo.

De acordo com a visão funcionalista *mertoniana* é de interesse dos dominantes perpetuarem as condições objetivas que os garantem como pertencentes à elite que dispõe e impõe as regras do jogo. A comparação com o campo político, não é, de forma alguma, equivocada. É possível visualizar a articulação entre os campos de poder – metaforizados por Pierre Bourdieu através da imagem do móbile de Calder (ver Figura 1) - pois, os campos estabelecem trocas simbólicas entre si.

**Figura 1 – O Móbile de Alexander Calder**



Fonte: imagem disponível em:

<[https://www.google.com.br/search?q=moblie+de+calder+bourdieu&espv=2&biw=1093&bih=510&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi0moOrnJrSAhUKIZAKHQNJDIUQ\\_AUIBigB#tbm=isch&q=moblie+de+calder&imgsrc=CYXQ9rfsYhMNjM](https://www.google.com.br/search?q=moblie+de+calder+bourdieu&espv=2&biw=1093&bih=510&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi0moOrnJrSAhUKIZAKHQNJDIUQ_AUIBigB#tbm=isch&q=moblie+de+calder&imgsrc=CYXQ9rfsYhMNjM)>. Acesso em: 20 jan. 2016.

Em sendo assim, não há como dissociar o debate sobre o capital científico puro da composição social e política das distinções que ocorrem dentro do campo.

Uma análise que tentasse isolar uma dimensão puramente “política” nos conflitos pela dominação do campo científico seria tão falsa quanto o pressuposto inverso, mais frequente, de só considerar as determinações puras e puramente intelectuais dos conflitos científicos. (BOURDIEU, 2013b, p. 114).

Ao trabalhar com esses dois tipos de capitais isoladamente, incorrer-se-ia em um erro primário de avaliação, pois se os campos estão em contato constante é claro que os capitais que os envolvem e que são mobilizados por eles seguem essa mesma máxima da interação. De certo modo, os capitais – em suas mais variadas apresentações – compõem o campo, pois são a moeda de troca, conversão e reconversão dos agentes na economia dos bens simbólicos. É por meio da acumulação e da delegação de capital cultural, não raro, que os indivíduos logram posições mais vantajosas no campo e, por conseguinte, aumentam seu capital científico temporal ante seus pares-concorrentes. Em suma, se alguns conceitos-chave da Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu são indissociáveis, ao trabalhar com os capitais isso não é diferente. Mesmo com suas distinções é visível que estão em permanente contato, por meio de trocas simbólicas, para garantir a estrutura do campo.

#### 2.4 AS INSTÂNCIAS DE CONSAGRAÇÃO: CONCESSÃO, ACUMULAÇÃO E TRANSFERÊNCIA DE CAPITAL CIENTÍFICO PURO E TEMPORAL

Meadows (1999) aponta mais do que motivos teóricos para a prática da colaboração científica, sugerindo aspectos pessoais que aproximam ou afastam potenciais coautores. Bourdieu (2013a, p. 23), por sua vez, corrobora o anteriormente exposto ao afirmar que “[...] os efeitos da necessidade estrutural do campo só se realizam por meio da contingência aparente das ligações pessoais, fundadas nos acasos socialmente organizados dos encontros e dos convívios comuns e na afinidade do *habitus*, vivida como simpatia ou antipatia.” Sendo assim, quanto maior for o capital social do pesquisador, maiores são as possibilidades de mobilizar colaboradores. Isso tanto sob o ponto de vista do capital científico temporal, ao estabelecer alianças políticas, por exemplo, quanto do capital científico puro, ao criar laços colaborativos entre autores que, por conseguinte, aumentam o capital social do pesquisador.

No que concerne ao *modus operandi* da pós-graduação no país, ele se constitui como processo formativo e de iniciação do orientado no campo acadêmico e se dá – primeiramente – por meio da articulação e concessão do capital social e científico de seu orientador. Essa relação, em especial, busca não só a inclusão de um novo membro no campo (mediante a aprovação dos pares, seja na avaliação de

trabalhos ao longo da titulação, seja na outorga do diploma), mas também o prestígio científico dos cursos *stricto sensu*. Não se pode negar que a obtenção do título de mestre e de doutor, além de permitir a entrada (e locomoção) no campo, chancela e ratifica a erudição tanto do orientando, quanto do orientador, pois ambos constroem o percurso rumo à “[...] objetivação do não objetivado [...]” no referido caso à obtenção de prestígio científico. (BOURDIEU, 2013a, p.31).

Em especial, mediante o domínio que assegura sobre as instâncias e os instrumentos de consagração, academias, dicionários, prêmios ou distinções (nacionais, pelo menos), o poder científico institucional [...] chega a produzir o efeito de halo carismático, especialmente sobre os jovens pesquisadores, frequentemente levados (e não somente pelo servilismo interessado) a emprestar as qualidades científicas daqueles dos quais dependem para sua carreira e que podem assegurar-se assim de clientelas dóceis e de todo o cortejo de citações de complacência e de homenagens acadêmicas. (BOURDIEU, 2004, p.39).

Weber (1974) menciona que toda relação de dominação envolve em certa medida uma vontade de obedecer. Por mais determinista que essa afirmação possa parecer, ao analisar a estrutura do campo acadêmico observa-se que as relações dominante-dominado são interdependentes, mas de forma alguma igualitárias. Ou seja, para galgar maior capital temporal algumas condutas e comportamentos subservientes são determinados pela hierarquia do campo. Ainda de acordo com o autor, “[...] a forma pela qual as honras sociais são distribuídas numa comunidade, entre grupos típicos que participam nessa distribuição, pode ser chamada de ordem social.” (WEBER, 1974, p. 212).

Não raro, as trocas simbólicas, no campo, ocorrem de acordo e regimentadas pela posição hierárquica que cada agente ocupa. Ou seja, quanto mais capital um agente possui menor é a probabilidade que realize concessões para obtenção de qualquer vantagem na cadeia de produção científica, o contrário já não se mostra verdadeiro, pois como afirmou Bourdieu (2004) anteriormente, aos recém incorporados no campo cabe o papel de clientela dócil ante as relações propostas.

Nesse sentido, Bourdieu (2004, p. 62) ao analisar o campo acadêmico assume o risco de se “[...] intrometer no que uma instituição científica tem de mais íntimo e mais sagrado, isto é, o conjunto de mecanismos e procedimentos pelos quais ela assegura sua reprodução [...]” Assim, pensar os processos de avaliação, progressão e inclusão de membros no campo prevê observar criticamente o reforço

aos antigos laços, aos objetos de pesquisa hierarquicamente superiores e, por conseguinte, um *perpetuum mobile*, ou seja, a manutenção das estratégias vigentes que permitem e ratificam a reprodução no campo. Em contrapartida,

[...] parece inteiramente desejável reforçar a **capacidade coletiva de resistência que os pesquisadores** devem ter, apesar das concorrências e dos conflitos que os opõem, para estar em condições de resistir às intervenções mais ou menos tirânicas dos administradores científicos e de seus aliados no mundo dos pesquisadores [...].” (BOURDIEU, 2004, p.61, grifo nosso).

Se o coletivo pode interpor resistência, o membro do campo de forma individual não possui capital suficiente (social e científico) para engendrar modificações. Assim, o poder de articulação e de reflexão fica a cargo dos grandes grupos (reunião de membros com relevante capital social e científico) como a única possibilidade de articulação contra os já naturalizados mecanismos de reprodução do campo. Entretanto, em que medida isso se daria? Sabendo dos limites impostos pelo campo, como forma de delimitá-lo e garantir sua legitimidade, não se pode imaginar grandes rupturas na estrutura do campo, pois caso isso ocorresse o próprio campo ficaria vulnerável. Em sendo assim, de acordo com os postulados de Bourdieu (2004, 2013), essas alterações aconteceriam de modo sutil e gradual afiançando a permanência do campo no cenário científico mundial.

As instâncias de consagração e as formas de relações de poder estabelecidas distinguem aquele que pode ter voz, aquele a quem é dado o direito de manifestação do espírito do corpo (porta-voz autorizado), dos pressupostos que regem e comandam o campo, como resultado da assimilação *des enjeux* e do próprio *ethos* do campo. Bourdieu (2011b, 149, grifo do autor) afirma que é através do monopólio da nomeação legítima o qual é atribuído ao agente autorizado uma espécie de “imposição simbólica que tem a seu favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum [...] porque ela é operada [pelo] detentor do **monopólio da violência simbólica legítima.**”

É importante salientar que o porta-voz autorizado pode ser tanto um agente individual, como institucional. Esse último exerce seu poder simbólico por meio da delegação de títulos, exatamente, como ocorre – por exemplo – com os Programas de Pós-graduação (PPG). De acordo com Hey (2008), é a voz dos agentes que auxilia e que reforça sua posição dominante no campo, pois a construção da agenda

científica se dá pela imposição e manifestação de ideias, mas essas concepções só podem ser ditas e expostas ao coletivo, caso ao agente seja concedido o direito de falar em nome do campo.

Os títulos (de mestre e de doutor), no caso dos programas brasileiros, são aceitos em todos os mercados (sociais, culturais e políticos) e conferem distinções ainda maiores aos seus detentores de acordo com o conceito a eles atribuídos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As avaliações trienais colocam os PPG's em situação de alerta, pois classificam, analisam, avaliam e organizam informações não só acerca da estrutura da IES, mas também a respeito e sobre a qualidade do corpo docente. Aqui se emprega o conceito pragmático positivista pelo qual a quantificação da produção científica garante maiores pontuações classificatórias, não raro, em detrimento da qualidade formadora e inovadora dessa produção.

Para um melhor entendimento acerca das exigências recorreu-se ao Documento de Área da Educação (2013) que informa sobre os requisitos mínimos para implantação novos de cursos de mestrado e doutorado que assim se estruturam: Infraestrutura para Desenvolvimento do Programa e Corpo Docente. No que tange à infraestrutura o documento aponta para a existência de:

- a) infraestrutura adequada e satisfatória, incluindo: salas para coordenação e secretaria; salas de aula, salas de pesquisa para docentes e estudantes; salas para atendimento e orientação;
- b) biblioteca, com amplo e pertinente acervo bibliográfico incluindo textos clássicos da área, bibliografia atualizada em relação às linhas de pesquisa e periódicos reconhecidos pela área;
- c) recursos computacionais e conexão com a internet, disponíveis para docentes e discentes, em espaços adequados e quantidades suficientes. (CAPES, 2013a, p. 8).

Já no que concerne à avaliação docente (produção intelectual e técnica):

- a) a avaliação individual e conjunta do corpo docente tomará por base os últimos 3 (três) anos e levará em consideração a produtividade em atividades de pesquisa, sobretudo publicações, tais como: artigos de periódicos, livros e capítulos de livros e trabalhos completos em anais;
- b) todos os docentes do corpo permanente deverão apresentar, nos últimos 3 (três), pelo menos o total de 3 (três) [no



- mestrado e o dobro para o doutorado] publicações qualificadas [...];
- c) todos os docentes deverão apresentar, pelo menos, 2 (duas) [no mestrado e uma a mais para o doutorado] publicações nos últimos três anos, classificada pela área, no mínimo, com B2 (periódico) ou L2 (livro ou capítulo de livro). (CAPES, 2013a, p. 10-11).

Em relação às avaliações entende-se que ao quantificar (por meio da atribuição de conceitos), principalmente, a questão da estrutura isso emprega um critério único que coloca universidades com capitais sociais, culturais e políticos díspares em competição indireta. Isso reflete – principalmente – no tempo de existência da IES e na região geográfica.

Nesse mesmo Documento (CAPES, 2013a) fica claro, ao observar os gráficos disponibilizados, que o crescimento no número de PPG's não se dá de maneira uniforme entre as regiões do país. Essa constatação reforça as clivagens entre os “herdeiros” da região Sul e Sudeste e os “relegados” do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil. Embora um crescimento considerável da região NE tenha sido relatado a partir de 2007, isso ainda não foi suficiente para – no cômputo geral – alterar a supremacia da região SE como detentora do maior número de PPG's em Educação.

Bourdieu (2011b) aponta que o título conferido é uma espécie de marca distintiva (emblema ou estigma) e que ao agente detentor dessa marca cabe recorrer a estratégias simbólicas para otimizar os ganhos simbólicos. Ainda de acordo com o autor: “O título profissional ou escolar é uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito.” (BOURDIEU, 2011b, p. 152). Como capital cultural institucionalizado, o título, opera no agente o mesmo que a herança de um “bom nome de família”. Ele tem valor em si próprio, distingue, consagra e eleva o seu detentor a outros patamares sociais. A busca pela maximização dos títulos se dá de maneira histórica e gradual, na medida em que um maior número de pessoas galga determinado título, menor é o seu valor como marca distintiva.

A avaliação da CAPES aos PPG's se dá com base em uma coleta, realizada pelas secretarias dos programas institucionalizados e, não raro, pelos docentes do próprio PPG. Tomando-se como pressuposto a análise relacional de Pierre Bourdieu não se pode analisar as classificações, sem antes, estudar a luta que se estabelece

entre elas, mas principalmente, sem avaliar as posições desiguais ocupadas pelos pleiteantes. Se ao avaliar a agência busca conferir legitimidade e distinção aos PPG's e isso, de fato, acontece, no outro extremo da análise está o simples fato de que a avaliação não prioriza ou cria indicadores diferenciados que contemplem, mas que acima de tudo, respeitem as diferentes posições políticas, sociais e produtivas desempenhadas pelos PPG's.

[...] a delimitação objetiva de classes construídas, quer dizer, de regiões do espaço construído das posições, permite compreender o princípio e a eficácia das estratégias classificatórias pelas quais os agentes têm em vista conservar ou modificar este espaço [...] (BOURDIEU, 2011b, p. 154).

É sabido que a CAPES e o CNPq contam com a participação de agentes (porta-vozes) autorizados pelo campo e os representam, ou nas palavras de Bourdieu (2011b, p. 162) ela é: “[...] o grupo feito homem [...] personificação de uma pessoa fictícia”. Eles são representantes das mais diferentes IES distribuídas pelas cinco regiões do país. Todavia, não se pode desconsiderar que as concentrações de poder – principalmente no eixo Sul/Sudeste – propiciam maior voz aos empossados do campo. As relações de poder são, indelevelmente, marcadas e condicionadas pelo acúmulo de capital científico temporal desses agentes. Sendo assim, eles procuram a sedimentação e, por conseguinte, uma maior distinção de seus PPG's como forma, inclusive, de aumentarem seu capital social e político, ou, em outras palavras, expandirem sua representatividade individual no meio acadêmico.

### 3 A CONSTRUÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO: TRÊS ARENAS COMPLEMENTARES

Nesta seção os temas são expostos objetivando embasar as análises aqui realizadas. Acredita-se que as relações estabelecidas pelos agentes no campo são articuladas pelo discurso científico, evidenciadas na comunicação científica e, por fim, comprovadas pela colaboração científica.

#### 3.1 O DISCURSO CIENTÍFICO: ANÁLISE DE UM GÊNERO SINGULAR

O Círculo de Bakhtin é conhecido e reconhecido pelo grande volume de obras artísticas e literárias publicadas a partir do início do século XX na Rússia. Ele foi composto por figuras como: V. N. Voloshinov, P. Medvedev, I. Kanaev, M. Kagan, L. Pumpianskii, M. Yudina, K. Vaguinov, I. Sollertinski e B. Zubakin, que contribuíram, sobremaneira, para a ampliação das discussões acerca das análises do discurso, da composição do sujeito (aqui tomado como agente), mas principalmente, das questões da linguagem de modo geral. Segundo Brait (2009) para

Compreender o que se denomina pensamento bakhtiniano significa percorrer um caminho que envolve não apenas o indivíduo Bakhtin, mas um conjunto de intelectuais, cientistas e artistas que, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, dialogaram em diferentes espaços políticos, sociais e culturais (2009, p. 15).

Como intuito primeiro da presente tese não é teorizar sobre o Círculo de Bakhtin, mas apresentá-lo como ferramenta auxiliar de análise, principalmente, no que tange aos enunciados (Linguística da Interação) presentes nos critérios de avaliação divulgados para a concessão das bolsas PQs, do Qualis-Periódico e do Qualis-Livro, optou-se por somente contextualizá-lo no que se refere ao tempo, ao espaço, mas, sobretudo, aos textos e personagens principais que o compuseram.

O pensamento do Círculo está alicerçado em quatro obras fundamentais, quais sejam, **O freudismo**: um esboço crítico (1927) e **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (1929) ambos assinados por Voloshinov, **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica (1928), de autoria de Medvedev e Problemas da obra de Dostoiévski (1929) de Bakhtin. (BRAIT, 2009).

O traço de união entre textos e autores do Círculo fica por conta da importância atribuída à “[...] concepção dialógica (ética e estética) da natureza humana [...]” (BRAIT, 2009, p. 22) essa ressonância reverberou e, continua a propagar-se, de modo mais intenso no mundo da linguagem, mas também nos mais diferentes campos do saber, como afirma Castro (2014, p. 30, grifo do autor) “[...] ao focalizar a linguagem humana pelas lentes da **interação**, os autores russos fatalmente mexem com os fios da criação do sujeito, das ideologias, das instituições, da sociedade e da cultura.”

Com um pensamento profícuo e amplo o Círculo pode auxiliar a compreensão dos fenômenos que envolvam palavras e enunciados e esses conceitos estão presentes em qualquer campo seja ele acadêmico, político, cultural ou social. No presente estudo a relevância da apropriação teórica do Círculo se dá na medida em que todos os critérios de avaliação e julgamento são calcados nessas duas unidades da língua e, em sendo assim, sua aproximação com a Análise Relacional de Pierre Bourdieu mostrou-se não só bastante possível, mas necessária.

Voloshinov, em seu texto *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2010b<sup>4</sup>), aponta que, para um completo entendimento do “problema da consciência individual”, é necessário uma abordagem que extrapole a linguística estruturante e autocentrada na forma em detrimento do indivíduo, visão essa defendida por autores, como por exemplo, Saussure e Humboldt que acabam por priorizar a estrutura, a forma, o modelo, mas não a interação social, as trocas, enfim, não os aspectos que são, para o Círculo de Bakhtin, fundamentais ao entendimento de como a linguagem se edifica, se conforma e se institui.

Para tanto, somente por meio de uma análise sociológica da palavra como signo social que “[...] reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior” seria possível compreender o fenômeno linguístico. (VOLOSHINOV, 2010, p. 31). Nesse sentido, ao analisar as palavras e os enunciados que compõem o discurso científico, esteja ele relacionado à construção teórica, à empiria, ou ainda, aos dispositivos

---

<sup>4</sup> Sobre discussão que paira acerca da autoria do livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, ressalta-se que aqui se utilizou a atribuição, na citação, à Voloshinov, de acordo com os debatedores do Círculo de Bakhtin no Brasil. FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e o círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. CASTRO, Gilberto de. Bakhtin e a análise do discurso. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). **Da análise do discurso no Brasil à análise de discurso no Brasil: três épocas histórico-analíticas**. Uberlândia: EDUFU, 2010. CASTRO, Gilberto de. O marxismo e a ideologia em Bakhtin. In: DE PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

avaliativos e consagratórios do campo, o Círculo de Bakhtin historiciza e contextualiza a construção do sentido, pois se acredita que ele seja elaborado por meio das citações, das interseções entre falas individuais, mas, sobretudo, de vozes refletidas, refratadas e representadas pelo discurso citado, ou ainda, a “[...] arte de nos reportarmos à palavra alheia [...]” (CASTRO, 2014, p. 32).

É importante frisar que o discurso citado, aqui envolvido e observado nos critérios de avaliação, é definidor de práticas. Toma-se como base teórica acerca desse conceito o que afirma Castro (2014, p. 39, grifo do autor): “[...] **discurso citado** não significa tratar de mera justaposição de vozes, ideias, pensamentos, mas antes pensar numa abordagem ampla **do** encontro vocal sem que deixemos de lado a sua dimensão ideológica e valorativa.” Assim, o Círculo apresenta-se como teoria desveladora dessas práticas e utilizações da língua, mediante a análise dos enunciados, pois é fato que o discurso, seja no âmbito pessoal, familiar, público ou institucional, está condicionado e relacionado, indelevelmente, às estruturas impostas pela e na comunicação humana.

O intuito dessa subseção é desvelar, ou melhor, indicar que todo discurso, seja uma contribuição científica ou seja um dispositivo avaliativo está permeado pela ideologia, pois é ela que transforma o produto/instrumento em signo ideológico sujeito aos “[...] critérios de avaliação ideológica (isto é, verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.)” (VOLOSHINOV, 2010, p. 32). De acordo com Miceli (2001) esses critérios são estabelecidos, não raro, através de uma importação de sistemas de pensamento que garante a presença do agente no campo. Essa importação arbitrária, que pode inclusive ir de encontro com o *habitus* do indivíduo, é uma forma de legitimar sua posição no campo, principalmente, quando sua posição é frágil. (MICELI, 2001).

Buscando um melhor entendimento acerca do discurso científico utilizado e proferido no campo da Educação no Brasil, optou-se pela aproximação dos postulados do Círculo de Bakhtin acerca da construção da linguagem com a teoria sociológica de Pierre Bourdieu. Acredita-se que com essa proposta as discussões sobre o produto científico anteriormente citado sejam analisadas de maneira mais ampla, pois tanto o Círculo como Pierre Bourdieu fundamentam suas análises a partir da crítica ao subjetivismo romântico e ao objetivismo pragmático defendendo que a linguagem deve ser estudada e compreendida como fenômeno social, ou seja, como produto da consciência humana. “Sem cair na visão do sujeito como

consciência livre, auto-reflexiva e criadora, própria do subjetivismo, os dois teóricos se contrapõem a uma concepção da língua e da sociedade, como sistema sem sujeito” (GRILLO, 2005, p. 152). Esse sistema centrado no indivíduo reforça os possíveis laços de articulação entre as concepções do Círculo de Bakhtin e de Pierre Bourdieu, uma vez que, ambos compreendem o indivíduo e a sociedade como uma díade inseparável na construção da língua e, por conseguinte, do signo

No que concerne ao ser humano, a consciência ocupa lugar de destaque, uma vez que ela só se constitui mediante a aquisição de conteúdo ideológico e, portanto, semiótico. Para isso, é imprescindível o estabelecimento de relações sociais, pois “[...] a consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social.” (VOLOSHINOV, 2010, p. 34).

Para o Círculo de Bakhtin essa consciência, formada pela reunião de signos constituídos e atrelados a questões ideológicas e sociais, é a responsável pela construção da linguagem. “Os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre uma consciência individual e uma outra.” (VOLOSHINOV, 2010, p. 34). Nesse sentido, a linguagem e seus processos constitutivos resultam da manifestação ativa dos agentes no intento afirmativo de que não há criação linguística (signo/enunciado) sem interação social. Em sendo assim, tanto para o Círculo, quanto para a Sociologia Reflexiva de Bourdieu, o indivíduo é o agente principal do processo construtivo, pois edifica, significa, mas principalmente, articula a língua na prática comunicativa diária como melhor lhe aprouver.

Para Bourdieu (2011) o meio linguístico de origem exerce forte influência sobre a maneira com a qual o indivíduo estabelece conexões entre seu *habitus primário* e o manejo com a língua desenvolvida na escola. Ainda segundo o autor “[...] a língua não é um simples instrumento, mais ou menos eficaz, mais ou menos adequado, do pensamento, mas fornece [...] uma sintaxe, isto é, um sistema de categorias mais ou menos complexas [...]” (BOURDIEU, 2011, p. 46). Ou seja, a capacidade de decifrar ou compartilhar a linguagem desenvolvida e utilizada na escola é resultado direto da apropriação e da transmissão dessa mesma língua formal no seio familiar. A construção de um vocabulário adequado ao ambiente escolar, a apreensão dos enunciados utilizados na instituição de ensino e a familiaridade com que o aluno lida com essa língua escolar é resultado direto de um convívio maior, menor, ou inexistente com essa mesma linguagem formalizada.

De maneira clara, sabe-se que conviver com enunciados tidos como legítimos, desde tenra idade, facilita sobremaneira o convívio em determinado grupo social que compartilhe desses mesmos signos, e, por conseguinte da mesma ideologia neles contida e refletida, pois como afirma Voloshinov (2010, p. 35):

[...] não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se.

Ou ainda,

A oração, como unidade da língua, à semelhança da palavra, não tem autor. Ela **é de ninguém** [...] e só funcionando como um enunciado pleno ela se torna expressão da posição do falante individual em uma situação concreta de comunicação discursiva. [...] todo enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. (BAKHTIN, 2011, p. 289, grifo do autor).

De acordo com Voloshinov (2010, p. 36), à consciência foi delegado o famigerado papel de asilo de “problemas não resolvidos” ao enxergá-la dessa forma isolacionista toda a sua importante contribuição à linguagem e à interação social ficaria invisível aos olhos dos indivíduos e, por conseguinte, minorizada. Essa interpretação vai ao encontro da função atribuída à consciência pelo Círculo, , pois acredita que a ela caiba o papel de espelho do indivíduo, ou melhor, é ela que “[...] adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de relações sociais.” (VOLOSHINOV, 2010, p. 36).

Ao aplicar esse conceito no caso da produção científica da elite consagrada no campo da Educação intenta-se apresentar de que maneira a consciência individual dos agentes empossados pode ser vista, de modo homogêneo e indivisível, em uma consciência de grupo social representada, por exemplo, nos critérios de avaliação.

A linguagem toma como elemento fundamental a palavra que se constitui como um “[...] fenômeno ideológico por excelência” e se apresenta como “[...] o modo mais puro e sensível de relação social.” (VOLOSHINOV, 2010, p. 36). Esse insumo flexível é o que confere corporeidade à consciência dos indivíduos. Cumpre ressaltar que aspectos políticos e ideológicos também são peças fundamentais

nesse processo ininterrupto e cumulativo de criação e recriação linguística. Esse arcabouço discursivo povoa a consciência humana de modo a transformá-la em uma caixa acústica, na qual ressoam referências outras, mas extremamente incorporadas na prática linguística, aqui se lê a redação científica e elaboração de critérios de distinção, dos agentes.

Para Bourdieu (2011) essa visão interacionista revela-se na linguagem como meio de dominação, visto que toda e qualquer comunicação entre indivíduos se dá mediante o fato de que ambos compartilham um mesmo conjunto de signos; algo que os dimensiona em um mesmo terreno linguístico possibilitando a compreensão mútua. Ainda de acordo com os postulados do autor, essa cumplicidade de valores e signos só é verificada entre indivíduos oriundos de uma mesma classe social. Não obstante, cumpre ressaltar que a linguagem e o discurso extrapolam a noção de classe, pois não são pautados, exclusivamente, por estruturas, mas sim, pelas interações voláteis entre pessoas que, nem sempre, pertencem a um determinado estrato social.

No texto “Gêneros do Discurso”, Bakhtin (2010a, p. 282) afirma que “a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua.” Outro ponto em comum entre o Círculo e Bourdieu está no fato de que ambos acreditam que a língua seja fruto da necessidade do homem em contatar não só sua própria consciência individual, mas também e, principalmente, de expressar para o outro seus sentimentos e impressões de mundo. Aqui se entende por espírito de corpo o conceito *bourdieiano* que afirma ser isso uma espécie de encantamento afetivo, ou seja, um espelhamento, um enxergar o eu no outro. Nesse sentido, o Círculo aponta que “a compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa [...], que toda compreensão é prenda de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor.” (BAKHTIN, 2011, p. 271).

É esse o ponto de convergência, aqui proposto, entre os teóricos: a ideia de que o diálogo é o momento em que o enunciado se torna representante de uma realidade social e histórica e, portanto, ideológica. Isso permite que se infira sobre o processo de aquisição e de chancela de língua, pois a língua formalizada presume reunir o maior número de falantes de modo a dirimir qualquer oscilação de sentido no processo comunicativo, entretanto, o que se vê é que para que essa situação de



fato aconteça é necessário que tanto locutores como ouvintes, em sua relação cíclica de troca de papéis, permutem os mesmos sentidos acerca dos enunciados, numa espécie de compartilhamento dos signos que compõem a consciência coletiva da língua.

Sob esse aspecto, a visão sociológica de Bourdieu afirma que partilhar da cultura formal desde tenra idade é algo possível somente aos membros da elite. Essa experiência prévia possibilita que o indivíduo apreenda certos signos linguísticos de maneira diferente dos demais. Sua vivência na classe dominante lhe permite trocar enunciados repletos de significados que só fazem sentido real para o ouvinte que priva desse mesmo entendimento. Do contrário, a língua agirá como fator de exclusão e sedimentação da clivagem social instituída, não propiciando “[...] a alternância entre os sujeitos falantes [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 275) isso seja no âmbito relacional ou no que concerne ao discurso científico formalizado. Ainda de acordo com o autor, o domínio da língua e, por conseguinte, da construção de enunciados concretos ratifica o ciclo da comunicação científica da seguinte forma:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) [...] ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois de seu término, os enunciados responsivos de outros [...] (BAKHTIN, 2011, p. 275).

Envolta e resultante da atividade científica, o ato de comunicar-se é também o alicerce da Ciência, pois reúne agentes, congrega capitais e, por fim, estabelece fronteiras de pensamentos que delimitam ou indicam o que de fato deve ser debatido no campo. É nesse momento que os indivíduos são postos à prova, ou melhor, tem seus capitais mensurados e avaliados como compatíveis com a lógica instituída, ou não.

Ainda sob esse ponto de vista, é importante salientar que se o capital científico temporal e o capital científico puro não podem ser separados, o mesmo ocorre com a questão do capital cultural e a formação de um *habitus* primário compatível com o institucionalizado no campo científico. Definitivamente, as elites de qualquer campo do conhecimento não são compostas por um grande número de “miraculados”, ou seja, de indivíduos provenientes de classes menos abastadas. Na verdade, a elite dos campos é constituída pelos detentores desse *habitus*, que se traduz e se justifica pela ultra exposição a esses capitais (cultural, social e político)

e, por conseguinte, a uma naturalização desses códigos, sejam eles linguísticos e/ou relacionados à conduta.

Nessa perspectiva, os autores acreditam que o domínio do código autorizado imputa ao agente maiores possibilidades de inserção no campo e, por que não, maiores chances de pertencimento à elite. O campo científico se caracteriza, utilizando palavras de Bourdieu (2013b), como um local adequado para o desenvolvimento de uma espécie de dogmatismo político (ideologia) ao qual estaria vinculada uma permanência nas pequenas revoluções. Essa continuidade garantiria não só a sedimentação da elite, como também os imprescindíveis mecanismos de censura aos recém-chegados ao campo. Isso se daria de maneira ainda mais visível nas ciências humanas e sociais em função da fragilidade de seus métodos e de suas práticas deixando maior importância ao *habitus*. (BOURDIEU, 2013b).

Para o Círculo de Bakhtin e Bourdieu é fato que o ato comunicacional não se estabelece mediante somente a troca de palavras, mas sim de enunciados revestidos e embasados por saberes comuns entre os falantes da língua. Esses indivíduos não necessariamente são representantes de um povo ou de uma nação, mas sim, sob a ótica de Bourdieu, de uma elite social que se aglutina de modo a delimitar fronteiras linguísticas que naturalizam os enunciados somente para essa parcela da população. Aos demais cabe o estranhamento e o sentimento de inadequação linguística, mesmo que a língua falada seja a materna.

A língua materna – sua composição vocabular e sua estrutura gramatical – não chega ao nosso conhecimento a partir de dicionários e gramáticas mas de enunciações concretas que nós mesmos ouvimos e nós mesmos reproduzimos na comunicação discursiva viva com as pessoas que nos rodeiam. Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e a nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas. (BAKHTIN, 2011, p. 282-283).

Se para Bourdieu diversos indivíduos ficam à margem da língua formalizada por não usufruírem, por exemplo, dos diálogos escolares com a mesma desenvoltura, para o Círculo, a aquisição da língua, mas a não apropriação dos gêneros resulta nesse mesmo sentimento de desamparo. Para Bakhtin (2011, p. 285), isso ocorre não por “[...] uma pobreza vocabular nem de estilo tomado de

maneira abstrata; tudo se resume a uma inabilidade para dominar o repertório dos gêneros da conversa mundana [social] [...].”

O acima exposto pode ser observado, especificamente, no campo científico de maneira bastante clara: os critérios de inclusão de novos membros tanto no campo, como na elite a ele circunscrita, são bastante específicos e – não raro – apontam para uma manutenção do *status quo* tal qual se observa (não por acaso, mas pela impossibilidade de segregação entre eles) no campo político. O domínio da língua e dos códigos linguísticos chancelados no campo científico compõe parte do conjunto de instrumentos de dominação e de combate utilizados pelos agentes para lograr reconhecimento.

Os adversários cúmplices (pares concorrentes), mesmo partilhando de um *habitus* comum, em um mercado cada vez mais repleto de capitais acumulados, precisam estabelecer critérios calcados na racionalidade, mas que também possam ser utilizados para desacreditar seu oponente direto. (BOURDIEU, 2013b). “O antagonismo – princípio da estrutura e transformação de todo campo social – tende a tornar-se cada vez mais radical e fecundo porque o acordo forçado em que se engendra a razão deixa cada vez menos lugar ao impensado e à *doxa*.” (BOURDIEU, 2013b, p. 133).

Em sendo assim, ao trabalhar com o discurso científico em duas frentes de forma concomitante: o implícito nos critérios de concessão de bolsas e o explícito nas produções científicas (atividades científicas e técnicas) revocadas, objetiva-se analisar o conjunto de instrumentos por ele empregados para distinguir e reproduzir as estruturas vigentes.

### 3.2 A COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA: PRODUZIR OU REPRODUZIR, EIS A QUESTÃO

Meadows (1999) aponta que, com a utilização dos tipos móveis de Gutemberg, a partir do século XVII o sistema de informação científica toma grandes proporções ampliando seu alcance geográfico e atingindo um número maior de leitores. Nesse mesmo período a sedimentação científica pós Idade Média oportuniza a ampliação dos canais de comunicação, à medida que o volume de conhecimentos e o aumento no número de agentes inviabilizam que sejam utilizados somente os canais informais de comunicação, a saber, cartas, reuniões, seminários

e conversas pessoais. Essas possibilidades deixam de figurar como modo preferido para a troca de informações entre cientistas e passam a compor um rol de canais (formais e informais) de informação científica. (BURKE, 2003).

As atividades científicas e técnicas são o manancial de onde surgem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas. Mas, de modo inverso, essas atividades só existem, só se concretizam, mediante essas informações. **A informação é o sangue da ciência.** Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não existiria o conhecimento. **Fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula e, sobretudo, se circula livremente.** (LE COADIC, 2004, p. 27, grifo nosso).

Um conceito possível para comunicação científica é o da livre circulação das informações, pois é através desse mecanismo que o intercâmbio de informações, entre os membros da comunidade científica, se constitui. De acordo com Meadows (1999), a comunicação científica encontra-se no coração da ciência e é através dela que o campo se edifica. Para o autor não se pode imaginar um campo científico sedimentado sem um sistema eficaz de comunicação científica. Esse sistema tem por característica principal a busca pela imparcialidade na avaliação dos originais, pela colaboração inter e intrainstitucional entre agentes, pela maior visibilidade de seus produtos, mas, sobretudo, pela construção de uma rede composta por periódicos, temáticas e agentes (pesquisadores e instituições) que ao se manterem articulados propiciam ao campo maior institucionalização no cenário da ciência.

Nesse sentido, a principal função da literatura científica é tornar visíveis/públicos os resultados das pesquisas realizadas. Para Targino (1999), o processo de comunicação científica compreende desde o momento da escolha temática e dos possíveis colaboradores, da divulgação dos resultados e, por fim, da incorporação desse novo saber ao arcabouço científico.

É sabido que o ato de publicar destina-se a tornar oficial um produto ou texto, garantir a primazia e/ou propriedade da descoberta e, além disso, sob a ótica da teoria sociológica de Pierre Bourdieu, ao acúmulo de capital científico puro que, conforme dito, anteriormente, pode transformar-se em capital científico temporal assegurando cargos relevantes na administração do campo. No contexto científico brasileiro,

**[...] a edição de um artigo científico, além de confirmar competência, pode, agora, assegurar empregos, e quiçá, prêmios e recompensas variadas.** Ademais, a política vigente das agências de fomento também concorre para a crescente autoria múltipla, priorizando os projetos integrados de pesquisa em vez de trabalhos individuais. (TARGINO, 2005, p. 8-9, grifo nosso).

Em sendo assim, o sistema de comunicação científica chancela e confere distinção aos autores que dele fazem parte, atribuindo-lhes maior capital científico puro, que poderá ser transformado em temporal conforme os postulados de Pierre Bourdieu. Essa distinção, feita não só com base em temáticas e teorias, mas também nas regras instituídas e compartilhadas, define aqueles que compõem o campo, mas principalmente, aqueles que se destacam no campo (elite científica). “Se fosse preciso dar uma definição transcultural da excelência, eu diria que ela é o fato de se saber jogar com a regra do jogo até o limite, e mesmo até a transgressão, mantendo-se sempre dentro da regra.” (BOURDIEU, 2011c, p.99).

A afirmação anteriormente exposta é inquietante visto que, para o senso comum, transgredir pressupõe ultrapassar as regras, transpor as leis. Nesse sentido, são os próprios agentes os responsáveis pela manutenção dos limites do campo e pela definição das práticas legítimas, seja pela atribuição de capital econômico, cultural ou simbólico, seja pela função de “guardião dos limites do grupo: pelo fato de que a definição de critérios de entrada no grupo está em jogo a cada nova inclusão [...]” (BOURDIEU, 2011a, p.68).

O maior problema da atualidade no Brasil, no que concerne à avaliação da produção acadêmica, diz respeito não só aos critérios que garantiriam a qualidade do que se produz e se publica, mas também à forma como esses critérios são empregados nos diferentes níveis exigidos pela comunicação científica. A saber, ineditismo da abordagem proposta, contribuição para o campo, colaborações intra e interinstitucionais realizadas, entre tantas outras regras, facilmente identificáveis na seção de orientações ao autor de qualquer periódico qualizado.

De modo surpreendente, os pesquisadores brasileiros que na maior parte dos casos também são professores de ensino superior, acabaram por conformar-se ao sistema “*publish or perish*” (WILSON, 1942<sup>5</sup> *apud* GARFIELD, 1996, p.11), ensejado no pós-guerra pelos Estados Unidos como forma de garantir maiores conhecimentos

---

<sup>5</sup> WILSON, Logan. **The academic man: a study in the sociology of a profession**. New York: Oxford University Press.

de em determinados campos do saber – em especial aos de importância militar, incorporando-o em seu fazer científico de maneira naturalizada. É inegável que, principalmente para as agências de fomento brasileiras, os critérios quantitativos de publicação ainda – mesmo depois de mais de sete décadas – são utilizados como sinônimos de qualidade e, até mesmo, de profundidade na análise da produção científica, seja no nível individual, seja no âmbito institucional.

Essa concepção, aceita e ratificada pela *práxis* da produção acadêmica, gera – ao mesmo tempo – certo desconforto, ou no mínimo, inquietações à comunidade acadêmica, entre elas a de como conciliar excelência na execução dos três pilares (ensino, pesquisa e extensão) que sustentam a universidade brasileira.

É a vigência de um sistema de avaliação de desempenho calcado na produção científica de pesquisadores e professores, à semelhança da Gratificação de Estímulo à Docência (GED)<sup>6</sup>, adotada nas universidades federais brasileiras: **ganha mais quem publica mais**. Esta medida que, grosso modo, desconsidera as distinções entre áreas, temas e objetos de estudo, **termina por incentivar uma produção calcada na quantificação, relegando-se a qualidade**. (TARGINO, 2005, p.10, grifo nosso).

É essa a realidade das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras onde, de modo incisivo, observa-se a incorporação da ideia americanizada (*publish or perish*) de se fazer ciência, pela qual o volume de produções, mesmo a despeito do real impacto que elas produzem no campo, é sinônimo de maior empenho, qualidade e distinção. Nesse contexto, empregando uma análise *bourdiesiana*, é impensado que a algum autor/pesquisador do campo seja permitida a não conformação às regras vigentes e impostas sob pena de sua exclusão do próprio campo. Aqui se entende autor por “[...] alguém que possui uma capacidade especial – a de publicar o implícito, o tácito – alguém que realiza um verdadeiro trabalho de criação.” (BOURDIEU, 2011a, p.102). Essa criação não se restringe à redação de produtos científicos, mas estende-se à compreensão do campo, à ratificação da crença que o sustenta e ao entendimento dos jogos linguísticos engendrados pelos agentes que compõem o campo. (BOURDIEU, 2011b). Sendo assim, acredita-se que a busca pela legitimidade individual do agente, mas, sobretudo pela legitimidade

<sup>6</sup> Dispositivo aprovado no Brasil em 1988 e revisado na LEI No 11.087, DE 4 DE JANEIRO DE 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/Lei/L11087.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Lei/L11087.htm)>. Acesso em: 08 out. 2015.

coletiva do grupo dominante, esbarra na antinomia inerente aos processos de avaliação vigentes.

### 3.3 A COLABORAÇÃO CIENTÍFICA NA CONTRAMÃO DE CÉSAR: “AGREGAR PARA CONQUISTAR”.

Meadows (1999) afirma que a colaboração científica pode se dar de inúmeras formas, seja pela proximidade temática, geográfica ou até mesmo pessoal. Já a escrita solitária e individual pode ser reflexo de questões que envolvam desde falta de parceiros intrainstitucionais que trabalhem com o mesmo tema até as questões de inimizade ou disputa por reconhecimento e reputação. Para o autor o número de trabalhos escritos em colaboração tem crescido sobremaneira nas últimas décadas. Nesse sentido, Solla Price (1976) corrobora a afirmativa ao dizer não mais acreditar na metáfora utilizada na Idade Média para ilustrar a vida do pesquisador: um gênio incompreendido, cabeludo e preso no alto de uma torre a reclamar sua solidão e a chama interna que o consome.

Para o referido autor, a pesquisa científica, na atualidade, tem outra forma de apresentar-se: os laboratórios, os colóquios, a colaboração, enfim, a busca pela racionalização de recursos humanos e financeiros que presume a reunião de esforços e, por conseguinte, a colaboração científica. Segundo Beaver e Rosen (1978), Maltrás Barba (2003) e Glänzel (2003) a colaboração científica não é um fenômeno novo, pois vem sendo observado desde o início do século XVII. De maneira clara, as colaborações verificadas tomaram contornos diferentes no último século, ou melhor, a prática da colaboração científica além de se intensificar mostrou também que somente a reunião de autores (colaboradores) não é a única medida de colaboração. Sendo assim, ela não pode ser resumida à prática da coautoria, pois sua observância só indica a existência de interação entre agentes, mas não mensura sua intensidade.

Para Maltrás Barba (2003), os indicadores de colaboração são resultantes das interações (relações) entre os autores (pesquisadores), os coautores, e sua produção científica (artigo, capítulo de livro e etc.) ao que pese a importância de verificar de que maneira essa relação se estabeleceu. Os indicadores bibliométricos e cientométricos de colaboração científica são apenas uma das possibilidades de análise do fenômeno intitulado: colaboração. Para o autor, a Ciência evoluiu

calcando-se nas colaborações, pois foi através delas que a aproximação com grupos de pesquisa especializados, com agências de fomento, com outras instituições de pesquisa e/ou de estudo se tornaram realidade.

A busca pelo conhecimento e pela primazia da descoberta impele pesquisadores a procurar parcerias, sejam elas pessoais, e/ou institucionais visando melhorar seus resultados. Em sendo assim, a prática da escrita em colaboração, aqui utilizada como sinônimo de coautoria tem aumentado – de modo geral nos mais diferentes campos do saber – principalmente nas últimas décadas. É importante salientar que qualquer estudo que contemple analisar a colaboração científica somente o faz com a parcela que “[...] obteve êxito, quer dizer, a que produziu resultados publicados.” (MALTRÁS BARBA, 2003, p. 246, tradução nossa).

É importante salientar que o êxito na colaboração científica, ou seja, trabalho publicado em coautoria é somente uma das faces da colaboração. Não é possível verificar o grau de interação e de contribuição dos indivíduos, pois além de variáveis eles também se configuram como dados de difícil acesso, principalmente, quando se pensa mapear grandes campos ou envolver grandes grupos de pesquisadores. Em sendo assim, autores como Beaver e Rosen (1979) afirmam que os indicadores métricos conseguem depreender e indicar somente alguns aspectos desse trabalho colaborativo, mas nem por isso, os dados apresentados são incompletos, pois no que concerne a verificação da existência de prática de coautoria e de escrita interinstitucional os dados falam por si em qualquer campo do conhecimento. A crítica que é feita a essa modalidade de pesquisa diz respeito a sua dependência de aglutinação de metodologias que possam contribuir para uma análise mais profunda das variáveis encontradas.

Em busca de um melhor entendimento sobre as variáveis que compõem as medidas de colaboração optou-se pela descrição pormenorizada dos dois tipos de análise da colaboração, a saber: o simples e o relacional. (MALTRÁS BARBA, 2003). O primeiro diz respeito a medição do número de trabalhos escritos e publicados com dois ou mais autores e/ou exibe a produção científica de determinado grupo. Já o segundo, permite a construção e visualização das redes construídas pelos agentes envolvidos nessa produção. (MALTRÁS BARBA, 2003). Certamente, que ao conhecer os agentes (individuais e institucionais) que publicam em colaboração pode-se constituir um indicador parcial de colaboração, pois apontam para a padronização de certos comportamentos dos campos científicos.



(KATZ; MARTIN, 1997).

Como primeiro passo nessa direção, a presente tese verifica alguns indicadores simples (características da autoria, distribuição da produção por estratos temporais, entre outras variáveis), para – posteriormente – analisar as relações de autoria estabelecidas entre os bolsistas de produtividade em pesquisa do campo acadêmico da Educação e outros agentes através do emprego da técnica de análise de redes sociais (ARS). É importante salientar que, segundo Marteleto (2001), não há uma ‘teoria de redes sociais’, pois o seu emprego serve

[...] para estudar como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, a unidade de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros. (MARTELETO, 2001, p. 72).

Ao analisar essas relações de modo a complementar a realidade observada intenta-se revelar não só o conjunto de instrumentos que compõem o campo, como também as estruturas que o constituem, pois é através das relações estabelecidas entre os agentes que o discurso explícito (produção científica) e o implícito (critérios de avaliação/inclusão/exclusão) são visualizados.

É importante salientar que para Glänzel (2003) a mudança nos padrões de comunicação (open access, mídias sociais e *blogs*) e de formação (intercâmbio entre instituições e países mediante o aumento de bolsas no país e no exterior) contribuíram para o aumento da colaboração científica. Aqui se entende o conceito de colaboração científica como um ‘guarda-chuva’ que abriga a prática da coautoria. Essa modalidade não é vista de maneira uniforme no campo científico, pois cada campo do saber apresenta variações – ensejadas pela sua constituição histórica – em número de coautores e na intensidade dessas parcerias. Independentemente dessa constatação, no caso do campo acadêmico da Educação, a prática da coautoria está acompanhando a tendência das ciências humanas e sociais no que diz respeito ao aumento da incidência observada na comunicação científica.

Um dos maiores benefícios da colaboração científica é, de acordo com Meadows (1999), a maior possibilidade de os trabalhos escritos em colaboração serem mais citados. Isso, ainda segundo o autor, pode ter relação com o fato de que mais de um autor a pensar sobre o fenômeno analisado tende a incrementar

qualitativamente a produção, ou seja, o trabalho científico em colaboração teria maior qualidade como resultado da união de pesquisadores de renome no campo em prol da pesquisa e da comunicação dos resultados alcançados. Aliás, para Pierre Bourdieu essa reunião termina por reforçar os laços de poder entre os já empoderados e, principalmente, por assegurar maior reconhecimento ao produto disseminado pelos canais formais de comunicação científica.

Outro ponto importante a ser esclarecido acerca da prática da colaboração científica diz respeito ao fato de que se por um lado o aumento na produção de artigos em coautoria pode ser um forte indicativo do amadurecimento do campo (ZIMAN, 1979; MEADOWS, 1999), por outro isso também pode refletir a flexibilização da ética na pesquisa, ou seja, a inclusão sem mérito de coautores.

A despeito de qualquer justificativa para tal comportamento, seja para agradar superiores, seja para reverenciar incentivadores ou ainda, para delegar prestígio a *outrem*, a inclusão de coautores de maneira antiética deve servir como um alerta no momento da investigação sobre padrões de colaboração, mesmo que de modo difuso e obscuro, verificar as possíveis relações e trocas de capitais entre os coautores é uma das possibilidades para retratar de maneira mais fidedigna uma prática cada vez mais recorrente no campo científico, mas também cada vez menos representativa do conceito ético de colaboração.

Esse conceito, para Katz e Martin (1997), envolve uma questão subjetiva de análise: para ser autor e/ou coautor o agente deve estar diretamente envolvido com a pesquisa como um todo. Para os referidos autores, auxiliar na coleta de dados ou correção do texto final não é contribuição suficiente para a existência da colaboração. Todavia, o que se vê a miúdo no cenário científico mundial é o aumento exponencial da escrita em colaboração, principalmente, em campos como a física, a matemática e a medicina. (MEADOWS, 1999).

Certamente, o campo das ciências humanas e sociais, no qual a Educação está inscrito, também demonstra a mesma tendência ao aumento gradativo da colaboração científica. Isso pode ter uma justificativa, como a anteriormente exposta, que seria a racionalização de esforços. Entretanto, não se pode desconsiderar outro fator – menos louvável, mas não menos importante – a pressão exercida aos pesquisadores pela *política do “publish or perish”*.

De maneira categórica, não há pesquisador, em especial aqueles envolvidos com a Pós-graduação, que não esboce grande preocupação com a quantidade de

artigos que publica por ano e, depois da incorporação do QUALIS/Periódico, com o estrato da revista ao qual seu artigo foi submetido e será publicado. Isso se deve ao simples fato de que publicar, no contexto universitário brasileiro, é medida de distinções e de ascensões e/ou permanência na elite do campo. O ato da publicação além de uma obrigatoriedade, no sentido da imposição, feita pelo campo e pelas agências de fomento (que utiliza a quantificação da produção científica para a concessão de recursos financeiros e para a avaliação de programas) significa galgar uma série de benefícios imprescindíveis (aumento de capitais) para a sedimentação do agente no campo. (BOURDIEU, 2004).

Não raro, em busca dessa legitimidade no campo, o agente processa a colaboração científica de maneira distorcida, para ele o importe é – além do número de artigos publicados, o aumento de seu capital social com a expansão de seus laços de potenciais coautores. A esse respeito Monteiro *et al.* (2004) elencaram algumas categorias de inclusão de coautores de maneira antiética. São elas:

- a) *guest authors* (autor/coautor convidado) utilizado para agradar superiores, utilizar-se do prestígio desse autor para facilitar a publicação do trabalho, ou ainda troca de favores (acordo de reciprocidade);
- b) *ghost writer* (autor/coautor fantasma) inclusão de pessoas que não participaram da pesquisa, ou que preferem não ter seu nome publicado por diferentes razões (por exemplo, o pesquisador mantém vínculo formal com a empresa que patrocina o estudo).

É importante salientar que a escrita em coautoria nem sempre está alicerçada pela prática antiética da atribuição/retribuição entre colaboradores. Ela também se dá com o intuito de otimizar recursos e de aumentar a qualidade do conteúdo publicado por meio da união de pensamentos entre os cientistas e pela mobilização de diferentes capitais.

Outro ponto importante é a ordenação dos coautores no texto, pois como é de conhecimento geral, um trabalho com mais de três autores deve ser citado com a menção do primeiro e os outros ficam representados pela sigla *et alli* (*et al.*). Contudo, qual o impacto disso para o agente? A resposta está na sedimentação de sua importância teórica para o campo acadêmico, ou seja, ao primeiro autor – muitas vezes considerado o mais importante cientificamente, ou ainda o mais

influyente politicamente – é salvaguardado o direito a visibilidade direta. Em outras palavras, para os importantes índices de citação somente o primeiro autor pontuará, aos outros, restará o reconhecimento individualizado, ou melhor, a espera por esse reconhecimento se dará em função dos possíveis leitores e das relações que esses indivíduos farão se ao se interessarem pelo texto, procurarem outras publicações de todos os autores envolvidos, pois invariavelmente, “A lógica da distinção funciona plenamente no caso das assinaturas múltiplas que reduzem o valor *distintivo* atribuído a cada um dos signatários. (BOURDIEU, 2013b, p. 122, grifo do autor).

Então, a pergunta que se relaciona com essa lógica da distinção é: qual a ordem a ser seguida para o estabelecimento da ordem das coautorias, visto que isso implica em maior ou menor reconhecimento, dentre outras benesses garantidas – e porque não perseguidas – no campo acadêmico? Para campos como a Medicina e a Física, por exemplo, foram criados alguns *rankings* que atribuem pontuações objetivas para cada um dos partícipes visando à ordenação adequada e à distinção concedida para cada um dos coautores. Entretanto, campos mais incipientes na prática da colaboração científica, como é o caso do campo da Educação, ainda não apresentam mecanismos objetivos que balizem essa distribuição tão importante. Isso para Bourdieu (2013b), não é somente um problema de ordenação, mas sim, uma representação da estrutura social condicionada pelo acúmulo de capital por cada um dos coautores. O autor ainda afirma que “A tendência a conceder o primeiro lugar aos colaboradores cresce à medida que aumenta o capital possuído e, portanto, o lucro simbólico automaticamente assegurado, independentemente do grau em que os autores são nomeados.” (BOURDIEU, 2013b, p. 122). Essa assertiva apresenta-se como resultado da luta no campo pelo acúmulo de capitais. Ou seja, se um agente possui considerável capital simbólico (cultural e social) a possibilidade de ser reconhecido pelo conjunto de sua obra (cocitações) é infinitamente maior. Esse é mais um exemplo aplicado do efeito Mateus que confere mais e maiores possibilidade de concessão e reconversão de capitais aos já detentores de considerável capital simbólico.

As publicações, sobretudo as qualizadas, concedem aos autores (aos nomeados explicitamente) um lucro simbólico importante, pois quanto mais forem citados, maiores são as chances de serem convidados para palestras, bancas e outros trabalhos que também resultam em acúmulo de capital científico puro e asseguram a reconversão em qualquer outro tipo de capital (BOURDIEU, 2004).

Em sua análise relacional, Pierre Bourdieu trabalha com o conceito de visibilidade da produção científica ao expandir sua aplicação, pois para o autor, ser/ficar visível é apenas uma das faces de uma mesma moeda já que em seu oposto figuram as gratificações/consagrações provenientes dessa visibilidade que determinam, por fim, o valor diferencial agregado ao capital individual e/ou coletivo dos agentes. Infelizmente, com a incorporação do modo americanizado de se fazer ciência pautada no preceito do “*publish or perish*” os agentes têm, cada vez mais e maiores preocupações com o volume de suas publicações, em contrapartida, a qualidade de suas contribuições nem sempre está no topo da lista.

Para Meadows (1999) e Targino (2005), esse *modus operandi* do fazer e do publicar científicos resulta não só na atribuição antiética de coautores, como na reificação de teorias já publicizadas. Para Bourdieu (2011c) isso também reflete na hierarquia social dos objetos. Um artigo mediano sobre um tema da moda repercute e confere maior capital simbólico ao(s) agente(s) envolvidos, do que um trabalho brilhante sobre um tema considerado de menor relevância para o campo.

Além dessa distorção, salienta-se que as “novas roupagens”, ou utilizando uma analogia carnavalesca de que “lavou está novo” dos trabalhos publicados corrói o princípio básico científico que é o ineditismo. (TARGINO, 2005). Alguns assuntos transversais a esse tema se impõem como a questão do autoplágio. No ano de 2014, foi veiculado pela grande mídia um caso envolvendo um pesquisador PQ1-A do CNPq do campo da Bioquímica no Brasil. O referido agente foi pego, juntamente com seu orientando, incorrendo em autoplágio de uma imagem já utilizada em outro trabalho dito inédito. Ao observar o currículo Lattes do pesquisador chegou-se a uma constatação, no mínimo curiosa: ao longo de seus 32 anos como docente de uma IES ele teria publicado 532 artigos de periódicos. Com uma conta básica esse número representaria a publicação mensal de 1,38 artigos.

De maneira categórica afirma-se que isso não é resultado unicamente de esforço e colaboração, mas sim, da prática distorcida da reificação e da atribuição antiética de coautores, pois é impensado que alguém consiga publicar tanto e ainda dedicar-se à orientação, às aulas na graduação e pós-graduação e às atividades de extensão e gestão universitárias.

Só se pode realmente dirigir uma pesquisa – pois é disso que se trata – com a condição de a fazer verdadeiramente com aquele que

tem a responsabilidade direta dela: o que implica que se trabalhe na preparação do questionário, na leitura dos quadros estatísticos ou na interpretação dos documentos, que se surgiram hipóteses quando for o caso disso, etc. – **é claro que não se pode, nestas condições, dirigir verdadeiramente senão um pequeno número de trabalhos, e aqueles que declaram dirigir um grande número deles não fazem verdadeiramente o que dizem.** (BOURDIEU, 2011b, p. 20, grifo nosso).

Ainda no contexto da comunicação científica, acumular capital significa “[...] fazer um ‘nome’ próprio, conhecido e reconhecido [...]” (BOURDIEU, 2013b, p. 121). Dentro das estratégias em busca da distinção acadêmica pode-se mencionar a necessidade de estabelecer relações entre pares (muitas vezes concorrentes) para aumentar a visibilidade nacional/internacional do agente no campo. O incremento de seu capital social, visualizado, por exemplo, no número de partícipes de seu grupo de pesquisa (potenciais coautores) garante não só maiores trocas simbólicas, como também a perpetuação dos valores compartilhados no campo. Nesse sentido “[...] essas estratégias de segunda ordem, pelas quais nos *colocamos dentro das regras*, permitem acrescentar às satisfações do interesse bem-compreendido os lucros mais ou menos universalmente prometidos às ações cuja determinação aparente é a do respeito puro e desinteressado da regra.” (BOURDIEU, 2013b, p. 123, grifo do autor).

À medida que o capital social aumenta, ou seja, um maior e mais representativo grupo de agentes apresenta-se de maneira conectada, as possibilidades de interferência no campo são otimizadas. Cumpre ressaltar que as pequenas rupturas com o arcabouço teórico vigente são operadas nesse contexto de sedimentação de grupos e métodos e não somente pelo acúmulo dessas mesmas partes. Em contraposição, sob certos aspectos, à ciência positivista apresentada nas obras de Thomas Kuhn e de John Ziman, a Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu propõe uma ampliação no que se entende por acúmulo de conhecimentos. Para o sociólogo, não há dúvidas de que a ciência se institui por meio da acumulação de saberes, no entanto, são outros fatores como o aumento das relações acadêmicas entre os agentes e a desvinculação do campo científico com o campo político que promovem as rupturas científicas.

A diferença entre causa e efeito é esclarecedora do anteriormente exposto. Não raro, modificações no cenário político e social causam impacto sobre o fazer científico, mas não devem ser catalizadores de efeitos sobre o campo científico. Em

suma, os problemas da ciência devem estar inscritos nos mecanismos autorregulatórios do campo, pois dessa forma, as instâncias de consagração (universidades, prêmios, periódicos científicos) irão operacionalizar as condições para uma ruptura significativa no campo.

Essa trajetória resulta no princípio básico para a legitimação do campo, que ele encontre “[...] na ruptura contínua o verdadeiro princípio de sua continuidade.” (BOURDIEU, 2013b, p. 132). Nesse sentido, a interrelação entre os diferentes campos de poder (político, científico, social, entre outros) não deixa de acontecer, até mesmo porque isso descaracterizaria a teoria relacional proposta e aqui empregada, mas as forças condicionantes se impõem como **causa** na espera que o **efeito** reverbere e se solidifique no campo específico.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O ato de produzir é também um ato político.

Betinho

Essa seção versa sobre as etapas metodológicas empregadas para desenvolver a pesquisa sobre quem são os bolsistas de produtividade em pesquisa do campo da Educação no Brasil, como interação e, por fim, como teceram suas trajetórias acadêmicas.

### 4.1 TIPO DE ESTUDO E TÉCNICAS

No que concerne ao polo técnico da pesquisa, a tese caracteriza-se pela exploração do contexto da produção científica brasileira, proveniente dos bolsistas de produtividade do CNPq, no campo da Educação. Nesse sentido, os estudos de autoria se propõem a identificar informações acerca do agente principal que constitui o campo acadêmico: o pesquisador. Assim, os traços significantes intrínsecos à informação são utilizados como formas de apreensão da realidade observada. (BRUYNE; HERMAN; SHOUTHEETE, 1977). Eles proporcionam não só uma visão ampla dessa classe profissional (suas características como gênero, titulação, vínculo institucional entre outras), mas também permitem a identificação das práticas de produção científica, bem como facilitam um melhor entendimento do papel e da influência exercidos pelas agências de fomento no que concerne à distinção dos pesquisadores por meio da concessão de bolsas de produtividade no contexto de produção do saber.

Deixando de lado os julgamentos de valor, parece clara a importância de se dispor de uma distribuição que nos informe sobre o número de autores, trabalhos, países ou revistas que existem em cada categoria de produtividade, utilidade ou o que mais desejamos medir. (SOLLA PRICE, 1976, p. 39).

Para tanto, o estudo analisa a produção científica disponível no currículo Lattes dos 382 bolsistas de produtividade (ver Apêndice A) distribuídos nos seguintes estratos: PQ-1 (A, B, C e D), PQ2 e PQ-SR/CNPq do campo da Educação no Brasil no período de 1990 a 2015. A importância desse tipo de pesquisa está no



fato de que “[...] a identificação dos agentes, dos lugares e da produção de textos fornece as chaves para o entendimento da forma de realização dessa ideologia dominante.” (HEY, 2008, p. 48). O conceito de ideologia dominante, utilizado pela referida autora, reflete sua afiliação com os preceitos *bourdieusianos*, pois aproxima o campo político de outros campos como o científico e social. A dominação não se dá somente por via de mão única, o *móbile* de Calder – como exposto anteriormente – permite a representação visual dessa mútua influência entre os campos. Ao propor uma análise relacional do campo acadêmico da Educação no Brasil acredita-se que verificar não só a produção científica dos agentes, como também os elos sociais por eles estabelecidos possibilitará uma ampla compreensão do contexto da pesquisa em Educação no Brasil. Para tanto, optou-se pela utilização da análise de conjuntura para não só facilitar a compreensão dos dados quantitativos, mas também – e principalmente – contextualizar as informações qualitativas inscritas no contexto do fenômeno.

É sabido que, com o volume de informações veiculadas diariamente, é “[...] necessário identificar os ingredientes, os atores [agentes], os interesses em jogo [*enjeux*]. Fazer isso é fazer análise de conjuntura.” (SOUZA, 2004, p. 7). Ainda de acordo com Souza (2004), a técnica de análise de conjuntura promove a interação entre a descoberta e o conhecimento prévio sobre determinado fato. Nesse sentido, entende-se que ao escolher trabalhar com a elite do campo da Educação no país alguns conhecimentos e interpretações antecederam as descobertas por ora expostas. De maneira nenhuma, pode-se considerar esse saber pregresso como sinônimo de qualquer tipo de contaminação da pesquisadora com o universo trabalhado, pelo contrário, o conhecimento prévio permitiu um mergulho mais profundo nos questionamentos propostos e nas hipóteses levantadas.

A análise de conjuntura é sempre empregada em prol de alguma necessidade ou interesse, sendo assim, não é neutra ou desinteressada. (SOUZA, 2004). Antes de algum julgamento de valor, cumpre ressaltar que Ziman (1979) corrobora essa interpretação, pois o autor acredita que não há ciência neutra. Como preconizar a neutralidade se ela é fruto da interação humana? Algo feito por e para o ser humano poderia ser neutro? O que de fato move o interesse dos homens pela Ciência? Para Ziman (1979) isso se dá de maneira natural e evolutiva, ou melhor, o teórico compreende a Ciência como algo social, ininterrupto e cumulativo. Amparam-se as análises realizadas na certeza de que antes da pretensão de uma suposta

neutralidade, busca-se a aproximação com a verdade representada pelos dados quantitativos e pelas informações que deles se pode depreender.

O cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de por em jogo coisas teóricas muito importantes a respeito de objetos ditos empíricos [...] Tem-se demasiada tendência para crer [...] que a importância social ou política do objeto é por si mesmo suficiente para dar fundamento à importância do discurso que lhe é consagrado – é isto sem dúvida que explica que os sociólogos [...] se mostrem muitas vezes os menos atentos aos procedimentos metodológicos. (BOURDIEU, 2011b, p. 18).

Em relação ao anteriormente citado, coloca-se como fundamental – para a proposição de uma tese – que a metodologia seja detalhada tendo suas etapas descritas de modo a clarificar as tessituras que serão realizadas para analisar o fenômeno proposto. Ainda sobre isso, Souza (2004) afirma que na contramão do desinteresse deve estar a objetividade do pesquisador para analisar o fenômeno que o inquieta. Como ser social e, portanto, político tanto o pesquisador, quanto o agente observado estabelecem uma relação objetiva com a realidade política, social e histórica. Desse modo, empregar a análise de conjuntura não é uma tarefa fácil:

[...] exige não somente um **conhecimento detalhado de todos os elementos julgados importantes** e disponíveis de uma situação determinada, como exige também um tipo de capacidade de perceber, compreender, descobrir sentidos, relações, tendências a partir dos dados e das informações. (SOUZA, 2004, p. 8, grifo nosso).

Para operacionalizar esse conhecimento detalhado acerca do universo escolhido foi necessário buscar informações a respeito da construção das trajetórias acadêmicas desses agentes, objetivando-se construir um cenário concreto para o emprego da análise de conjuntura.

Sendo assim, estabelecer as categorias (Ver Quadro 2) e suas correlações, na presente pesquisa, facilitou a visualização desse contexto.

**Quadro 2 – Categorias para a Análise de Conjuntura**

<b>Categorias</b>				
<b>Acontecimentos:</b> indicam certos sentidos e percepções	<b>Cenários:</b> ações da trama social e política	<b>Atores [Agentes]:</b> representa um papel dentro de um enredo	<b>Relação de Forças:</b> confronto, coexistência, cooperação revelam relações de domínio, igualdade ou subordinação	<b>Articulação (relação) entre a Estrutura e a Conjuntura:</b> o fenômeno estabelece relação com a história, com o passado, com as relações sociais, econômicas e políticas
				
<b>Correlações com o Contexto da Pesquisa</b>				
Surgimento das Agências de Fomento Institucionalização dos PPG's	Produção da Ciência Brasileira	Pesquisadores (bolsistas de produtividade) = Elite consagrada do campo da Educação	Agências de fomento e Instituições de Ensino Superior (IES)	Análise das trajetórias acadêmicas dos pesquisadores

Fonte: adaptado de Souza (2004).

Segundo Ziman (1979) e Souza (2004), a grande dificuldade em analisar a produção científica encontra-se nas idiossincrasias de quem a produz: o próprio homem concreto. Sendo assim, ela não é constituída de modo neutro, como o anteriormente exposto, e – por conseguinte – isenta da complexidade inerente às relações humanas e sociais. Não há interações causais, ou descomprometidas com

uma miríade de processos políticos que determinam a intensidade dessas relações e, portanto, são peças fundamentais no entendimento e na análise de conjuntura do fenômeno observado.

De modo geral, as análises de conjuntura são conservadoras: sua finalidade é reordenar os elementos da realidade, da situação dominante, para manter o funcionamento do sistema, do regime. Uma **análise feita tendo como pressuposto uma correção de rota, mas não de direção fundamental**. (SOUZA, 2004, p. 16, grifo nosso).

No entanto, ressalta-se que a Análise de Conjuntura não se enquadra sob a perspectiva conservadora quando o olhar lançado ao objeto é proveniente das classes dominadas. Aqui essa visão analítica é representada e garantida pelo não pertencimento ao universo observado, mas, sobretudo, pelo emprego da Análise Relacional de Pierre Bourdieu que garante um estudo isonômico sob o ponto de vista da indicação de possíveis alterações de rumo às práticas já instauradas no campo.

Ainda segundo Souza (2004), junte-se a isso a imprevisibilidade da ação política, ou seja, muitas vezes a lógica que se pretende encontrar estaria presente no mundo ideal, e não no mundo real. Em resumo, identificar as estratégias utilizadas pelos agentes para galgar seus objetivos é a instância mais próxima da verdade que se pode intentar atingir em qualquer pesquisa social.

Sobre as técnicas utilizadas para a análise dos dados “[...] o dado faz-nos pois abandonar o solo doxológico e nos introduz na região epistêmica.” (BRUYNE; HERMAN; SHOUTHEETE, 1997, p. 203). Sendo assim, procurou-se aplicar técnicas cientométricas que possibilitassem melhores visualizações desses dados, seja graficamente, seja no cotejamento de variáveis. É sabido que inúmeras críticas são feitas à aplicação de estudos métricos para a explicação de fenômenos sociais. Em contrapartida, autores como Richardson (1999) e Meadows (1999) acreditam que o problema não está nas técnicas quantitativas em si, mas sim no uso que se faz delas.

Ainda nesse sentido, Bourdieu (2004) aponta que o emprego das técnicas métricas, em desalinho a uma análise social, funcionaria como ratificador das posições de poder, uma vez que os critérios de avaliação são propostos pela cúpula dominante. Ora, cabe aqui a ressalva de que essa elite é formada por membros do

próprio campo aos quais são impostos os mesmos critérios, embora seu capital científico temporal proporcione, não raro, a conversão facilitada em capital científico puro.

Acredita-se que ao trabalhar com os diferentes polos constituintes do campo acadêmico, ou seja, não só com a produção científica (indicadores de produção e de ligação), mas também analisá-los sob a luz da Sociologia Reflexiva será possível uma melhor compreensão acerca de como se institucionalizou o próprio campo da Educação no país. Para Bourdieu (2011b), analisar relacionalmente e, portanto, de maneira completa, um fenômeno significa romper com o “[...] monoteísmo metodológico [...]” (2011b, p. 24) que encerra o pesquisador à utilização de apenas um viés (técnica) para a compreensão dos dados. Bourdieu (2011b) afirma que o mais importante na Sociologia Reflexiva é por em prática (ação) os instrumentos teóricos (*habitus*, campo, capital entre outros) e, não somente, trabalhá-los em si mesmos.

Entende-se, portanto, que com a utilização das técnicas cientométricas aliada à reflexão sociológica será possível analisar satisfatoriamente o fenômeno proposto, pois parte-se da convicção de que o conjunto das relações entre os agentes e o contexto resulta e/ou representa a própria construção e institucionalização científica. Favorecendo, desse modo, a reflexão, não somente sobre conteúdos, como também sobre expressões discursivas passíveis de categorização e estudos, graças às possibilidades concretas de análise de seu conteúdo, tanto sob uma visão diacrônica, por ora priorizada, quanto sincrônica da produção científica em pauta.

## 4.2 UNIVERSO DE ESTUDO

O relatório contendo os 382 bolsistas (ver Apêndice A) que compuseram o universo analisado foi extraído do site do CNPq<sup>7</sup>, utilizando-se a seguinte estratégia de busca e refino:

---

<sup>7</sup> Disponível em:

<[http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO\\_PQ\\_102003.prc\\_comp\\_cmt\\_links?V\\_COD\\_DEMANDA=200310&V\\_TPO\\_RESULT=CURSO&V\\_COD\\_AREA\\_CONHEC=70800006&V\\_COD\\_CMT\\_ASSESSOR=ED](http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.prc_comp_cmt_links?V_COD_DEMANDA=200310&V_TPO_RESULT=CURSO&V_COD_AREA_CONHEC=70800006&V_COD_CMT_ASSESSOR=ED)>. Acesso em: 08 abr. 2015.

Bolsas ativas ➡ Área de Ciências Humanas e Sociais ➡ Educação

A escolha pelo universo de análise possível, dentro do critério estabelecido *a priori* de que o pesquisador deveria ser bolsista de produtividade ativo, em detrimento de um possível recorte, se deu em função do intuito de traçar um retrato do campo acadêmico da Educação no que concerne à produção e às ligações por eles estruturadas e (re)estruturadas de acordo com as disposições das agências de fomento ao longo de suas histórias e trajetórias. Esses percursos são reflexos de escolhas e condutas individuais, mas notadamente marcadas pelos dispositivos políticos das agências de fomento.

Para a conclusão da presente tese, seguiram-se as orientações de Bruyne, Herman e Shoutheete (1997, p. 207) que apontam o seguinte esquema para as pesquisas empíricas, como a aqui apresentada.

**Quadro 3 – Etapas da Pesquisa Empírica**

	<b>1ª Etapa</b>	<b>2ª Etapa</b>	<b>3ª Etapa</b>
Transformações Técnicas	Observação	Seleção	Redução
	Informações	Dados	Fatos
	Quantificação	Indicadores, Índices	Variáveis, Fatores
	Codificação	Traços	Signos
	Descrição	Fenômenos	Essências, Tipos

Fonte: Adaptação de Bruyne, Herman e Shoutheete (1997, p. 207).

A seguir o Quadro 4 apresenta os objetivos específicos e os procedimentos que os operacionalizaram.

**Quadro 4 – Relação entre os Objetivos e os Procedimentos de Pesquisa**

<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Procedimentos de Pesquisa</b>
a) Inventariar diacronicamente a produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq da Educação:	<ul style="list-style-type: none"> <li>- consulta individual ao currículo Lattes dos pesquisadores;</li> <li>- coleta dos dados sobre a produção científica de cada um dos pesquisadores utilizando o <i>software</i> ScriptLattes.</li> </ul>

<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Procedimentos de Pesquisa</b>
b) Identificar características dos pesquisadores quanto: ao gênero, à formação acadêmica, à atividade profissional, ao vínculo institucional, à produtividade:	- extração manual das informações pertinentes à pesquisa e disponíveis nos currículos Lattes;
c) Verificar os canais preferidos para a divulgação da produção científica:	- análise métrica das produções científicas dos bolsistas por meio do ScriptLattes;
d) Analisar os indicadores de produção científica dos bolsistas do campo da Educação no Brasil:	- enquadramento, da elite mais profícua dentre os PQs, e produção de parâmetros de produção conforme o modelo proposto; (Ver Quadro 5);
e) Analisar os indicadores de ligação dos bolsistas do campo da Educação no Brasil:	- identificação dos pesquisadores mais profícuos; - identificação das redes de colaboração tecidas; - identificação dos pesquisadores centrais.

Fonte: elaborado pela autora

Ao se observar o documento de área<sup>8</sup> e de posse das informações nele contidas e cotejadas foi possível não só identificar esse universo (382 pesquisadores), mas também estabelecer relações codificadas entre os diferentes tipos de capital científico (puro e temporal) mobilizados pelos agentes e representados nas e pelas suas produções científicas (dados quantificáveis) conforme distribuição proposta a seguir.

<sup>8</sup> Informação disponível em:

<<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyfhRyaWVuYWwtMjAxM3xneDo0MmM5NjRjOTAzNmYwOTlm>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

**Quadro 5 – Proposição de Distribuição dos Polos x Capital Mobilizado**

<b>Polo</b>	<b>Produção</b>	<b>Formação</b>	<b>Representação</b>	
	<b>Capital Científico Puro</b>		<b>Capital Científico Temporal</b>	
	<b>Objetivado</b>	<b>Institucionalizado</b>	<b>Pessoal (notoriedade)</b>	<b>Delegado (popularidade)</b>
	Artigos Publicados	Titulação	Supervisões	Cargos Ocupados
	Livros Publicados	Pós-Doutorado	Organização de Eventos	Prêmios e Títulos
	Capítulos de Livro Publicados		Participação em Eventos	Membro de Corpo Editorial
	Trabalhos Completos Apresentados em Eventos			

Fonte: adaptação de Hey (2008, p. 86-87).

São esses dados quantificáveis que servirão de base para a formulação dos indicadores de produção científica e de ligação. (CALLON; COURTIAL; PENAN, 1995).

#### 4.3 COLETA DOS DADOS E TRATAMENTO ESTATÍSTICO

A busca se deu em duas etapas distintas: a primeira visou criar um banco de dados com informações gerais a respeito dos pesquisadores, compreendendo características como: gênero, titulação, área da titulação, país da titulação, função desempenhada, vínculo institucional, situação institucional e categoria administrativa da instituição.

Já a segunda etapa cuidou da prospecção dos dados relativos aos trabalhos publicados, relacionados na aba “produção bibliográfica”, bem como das informações relacionadas às ligações estabelecidas entre eles por meio da colaboração científica. A coleta se deu entre os dias 10 de abril e 10 de maio de 2015 e utilizou o *software* Excel para a criação da planilha geral (ver Apêndice B) a fim de facilitar a visualização e a confecção de gráficos e tabelas.



Para o segundo momento, foi necessário recorrer à ferramenta de extração de dados ScriptLattes<sup>9</sup> que, dentre outras operacionalidades, gera relatórios sobre: a produção bibliográfica compreendendo artigos completos publicados em periódicos; livros e capítulos de livros e, por fim, trabalhos completos apresentados em eventos, eliminando duplicidades automaticamente. Além disso, o programa possibilita a análise dos indicadores de ligação entre os pesquisadores por meio das redes sociais por eles tecida ao longo de suas carreiras acadêmicas – desde o princípio de sua atuação (1990 foi escolhido como marco inicial, pois as produções mais antigas datam desse ano), até 2015.

A escolha por esse recorte temporal diacrônico tomou como base o fato de que, se o objetivo geral é analisar as histórias e as trajetórias acadêmicas dos bolsistas de produtividade em pesquisa do campo da Educação no país, a determinação de um período menor e/ou que não compreendesse a completude das carreiras desses 382 agentes poderia comprometer não só a determinação dos indicadores científicos de produção, de citação e de ligação (Ver Quadro 6).

**Quadro 6 – Tipologia dos Indicadores Científicos**

<b>Produção Científica</b>	<b>Citação</b>	<b>Ligação</b>
São resultado da <b>contagem das publicações</b> (literatura científica) podem ser empregados tanto para agentes, quanto para instituições, países, áreas de conhecimento etc. Sua principal função é delinear um panorama da produção em determinado espaço/tempo.	São resultado da <b>contagem das citações</b> recebidas de cada artigo publicado. Sua principal função é atribuir crédito ao agente. Também pode ser empregado no nível coletivo quando a análise é feita tomando como base não os agentes, mas os veículos de disseminação científica (periódicos).	São resultado da <b>análise dos dados sobre autoria e afiliação institucional</b> . Podem ser representados graficamente pelo emprego de <i>softwares</i> específicos para a geração de redes de colaboração para melhor visualização das estruturas de colaboração científica vigentes.

Fonte: adaptado de Maltrás Barba, 2003.

Embora a literatura científica apresente três tipos de indicadores, a pesquisa irá tratar de: produção científica e ligação. Considera-se suficiente, para analisar diacronicamente a conjuntura política e social que circunscreveu a construção das

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://scriptlattes.sourceforge.net>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

trajetórias acadêmicas dos pesquisadores, a verificação desses dois indicadores. Por certo, o indicador de citação propiciaria um melhor entendimento acerca de como o campo constituiu seus referenciais teóricos, mas isso não se configura como prioritário para a defesa da tese por ora proposta.

Por fim, utilizou-se o *software* Vantage Point para a confecção da matriz geral de representação das relações de coautoria estabelecidas pelos e entre os bolsistas durante o período de 1990 a 2015. Esse programa realiza o *data mining* (mineração de dados), etapa importante da pesquisa, pois é por ela que as relações de colaboração científica são evidenciadas. O programa permite que inúmeras informações sejam avaliadas e correlacionadas. De acordo com o site que comercializa o Vantage Point<sup>10</sup> ele é muito útil quando você precisa trabalhar com milhares de registros, ou seja, adequado para ser empregado na presente tese. Isso porque, além do número representativo de indivíduos analisados, o extenso período envolvido contribuiu para a revocação de mais de 50.000 trabalhos (artigos, capítulos de livro, livros, entre outros). O software ainda opera uma limpeza (*cleaner*) que transforma os dados brutos em um conjunto coerente, combinando as variáveis que se deseja analisar, e/ou fusionando dados e normalizando-os.

Todavia, ao realizar o *cleaner* nos dados da tese a similaridade dos sobrenomes dos autores contribuiu para uma deformação, ou melhor, para uma mistura, não só nas relações de colaboração científica, mas também no número absoluto da produção de 10% dos PQs como pode ser observado no quadro que segue.

---

<sup>10</sup> Informação disponível em: <<https://www.thevantagepoint.com>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

**Quadro 7 – PQs que Necessitaram de Ajuste Manual na Matriz Geral**

<b>Ref.</b>	<b>Leg.</b>	<b>Revocado pós cleaner Vantage</b>	<b>Dif.</b>	<b>Prod. Oficial</b>	<b>Relação de coautoria acrescentada</b>	<b>Relação de coautoria retirada</b>	<b>Sit.</b>
cunha, mv	A94	123	68	55			ISOLADO
oliveira, r	A266	107	65	42	A291	A123	
bittar, marisa	A45	88	38	50	A2	A325, A263, A291, A330	
moschen, sz	A241	8	38	46			ISOLADO
lopes, arc	A196	30	35	65	A15, A262, A12	A159	
oliveira, rj	A268	9	35	44			
adam, jm	A3	2	34	36	A310		
cunha, mi	A95	42	32	74		A147, A203, A29	
souza, rf	A348	8	31	39	A40		
carvalho, icm	A68	24	30	54		A282	
souza, rj	A347	80	30	50			ISOLADO
guimaraes, ser	A308	1	29	30	A53	A61	
faria filho, lm	A118	49	28	77			
oliveira, mpp	A265	10	28	38	A314, A326	A146	
carvalho, jm	A69	33	27	60			
guimaraes, s	A168	91	27	64		A53, A270	
bittar, marilena	A44	1	26	27		A174	
cunha, mts	A96	10	26	36			
castro, mls	A76	30	23	53		A344, A150	
carvalho, mp	A72	13	22	35		A318	
freitas, mta	A145	5	22	27			
oliveira, mat	A264	15	22	37			
carvalho, mep	A71	13	21	34			
araujo, rml	A20	17	20	37		A82	
castro, ca	A75	11	20	31			
fonseca, mcfr	A138	28	20	48	A337, A159	A281	
freitas, mc	A144	44	20	24		A169	
gatti jr, d	A154	53	20	73			
aragao, amf	A18	1	19	20			
oliveira, ib	A262	20	18	38			

Ref.	Leg.	Revocado pós <i>cleaner</i> Vantage	Dif.	Prod. Oficial	Relação de coautoria acrescentada	Relação de coautoria retirada	Sit.
almeida, mjpm	A10	46	16	62		A36, A24	
alves, ng	A12	17	16	33			
frigotto, g	A147	74	16	58		A325, A192, A32, A109, 1305	
kuhlmann jr, m	A186	9	16	25			ISOLADO
oliveira, rlp	A270	23	14	37			ISOLADO
almeida, mebtm	A9	18	13	31			
backes, jl	A29	46	11	35		A319, A297	
carvalho, ch	A67	80	11	91			

Fonte: dados da pesquisa (2016)

Legenda: Ref. (Referência) Leg. (Legenda) Dif. (Diferença) Prod. Oficial (Produção Oficial) Sit. (Situação)

Com o intuito de dirimir essas discrepâncias realizou-se uma varredura manual em cada um dos 38 currículos Lattes dos pesquisadores para verificar a produção total de artigos para garantir que os indicadores de produção fossem o mais fidedigno possível com a realidade. Além dessa correção, também foi necessário cotejar as relações de coautorias visualizadas através do ScipLattes com as indicadas na matriz geral do Vantage Point. Esse processo foi bastante demorado, pois a matriz quadrada (382x382) apresentou 145.924 relações.

Acredita-se que em se tratando de um número ainda maior de agentes envolvidos esse tratamento se configure inviável sob o ponto de vista de custo (tempo) e benefício (verossimilhança). É sabido que os estudos métricos apresentam algum tipo de distorção, mas sempre dentro da margem considerada aceitável estatisticamente. No presente estudo, julgou-se válida a tentativa de dirimir, ao máximo, essas diferenças objetivando aperfeiçoar os resultados.

Por fim, aos dados da matriz geral foram agregadas as legendas representativas dos atributos como se pode ver no recorte do Quadro 8, mas que foi realizado para cada um dos 382 pesquisadores, viabilizando que os grafos contemplassem interrelações, como por exemplo, Estrato x Produção Lattes.

**Quadro 8 – Atributos dos 21 PQs mais Profícuos Inseridos na Matriz Geral (1990-2015)**

<b>Legenda</b>	<b>Estrato</b>	<b>Gênero</b>	<b>Área da Titulação</b>	<b>Instituição da Titulação</b>	<b>Vínculo Institucional</b>	<b>Produção Lattes</b>
A287	6	1	14	1	48	225
A106	5	1	8	10	27	168
A366	5	1	8	27	39	152
A77	2	1	4	3	1	141
A113	3	1	1	1	15	137
A317	3	2	1	7	27	129
A377	2	2	1	3	13	126
A187	4	1	3	6	58	120
A97	2	1	1	1	27	120
A244	2	1	1	27	45	116
A66	1	2	1	9	1	115
A311	1	2	1	3	4	106
A296	5	2	1	3	16	106
A374	1	1	10	4	1	103
A146	6	2	1	5	40	102
A239	2	2	1	1	11	101
A84	2	2	1	1	16	97
A335	6	1	14	14	6	97
A325	3	1	1	23	17	97
A104	6	1	4	2	16	92
A271	5	2	3	2	44	92

Fonte: dados da pesquisa

A matriz geral e a de atributos foram transpostas para o *software* Ucinet<sup>11</sup> que permitiu que grafos de rede fossem gerados. Esse programa fornece uma versão *trial* para seus usuários com duração de 60 dias isso viabilizou as análises das redes sociais formadas pelos PQs de maneira bastante satisfatória.

<sup>11</sup> BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G.; FREEMAN, L. C. **Ucinet for Windows**: software for social network analysis. Harward, MA: Analytic Technology, 2002.

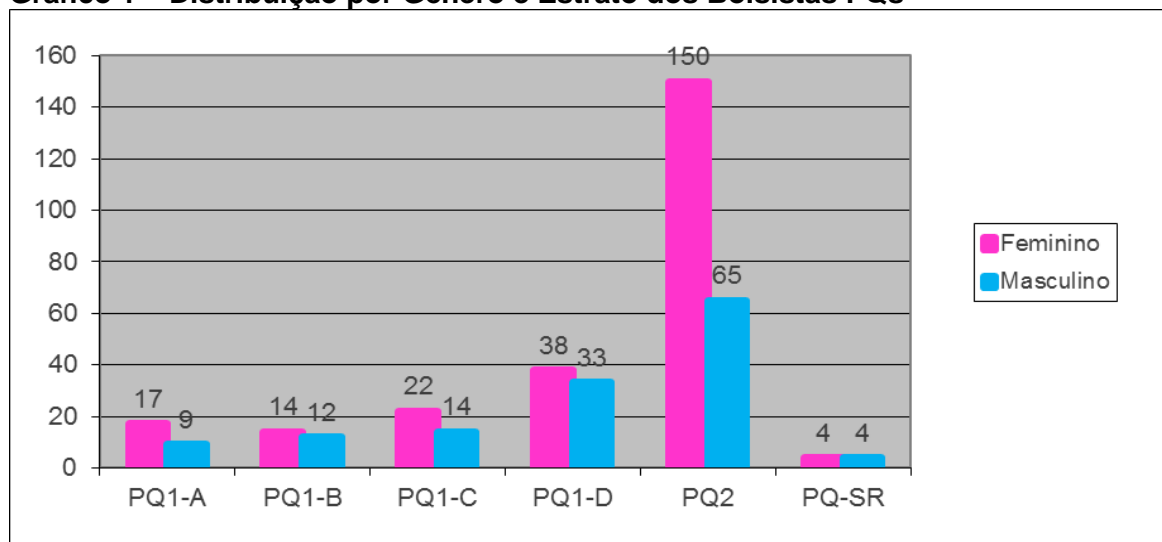
## 5 RESULTADOS

Nesta seção são pormenorizados os resultados que compuseram o panorama apresentado na presente tese.

### 5.1 QUEM SÃO OS MEMBROS DA ELITE NO CAMPO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO<sup>12</sup>

O universo analisado é composto por 382 pesquisadores e bolsistas de produtividade CNPq na área de Educação, no país. Esse número foi extraído do relatório disponibilizado pela agência no ano de 2013<sup>13</sup>. De posse dessas informações foi possível verificar que, em se tratando de um campo componente das Ciências Humanas, a maioria dos bolsistas é do gênero feminino (64,14%). O Gráfico 1 demonstra que, salvo o estrato dos PQs2, as diferenças absolutas entre os gêneros foram observadas de modo discreto.

**Gráfico 1 – Distribuição por Gênero e Estrato dos Bolsistas PQs**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

<sup>12</sup> Embora as questões de gênero não se restrinjam à delimitação dicotômica (masculino/homem x feminino/mulher) o Lattes só permite o uso do nome social e não a assunção de gênero. Por esse motivo a classificação ficou restrita à observância da imagem disponibilizada nos currículos e ao nome descrito por se considerar, imprescindível e inquestionável, o direito à identidade de gênero em detrimento da imposição social e jurídica;

<sup>13</sup> Fonte: dados constantes no Documento de Área (Avaliação Trienal 2009-2012). Disponível em: < [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_doc\\_area\\_e\\_comiss%C3%A3o\\_21out.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Educa%C3%A7%C3%A3o_doc_area_e_comiss%C3%A3o_21out.pdf) >. Acesso em: 06 maio 2015.

É importante salientar que aqui se está analisando o perfil da elite em Educação e, por mais que o campo tenha sido construído historicamente por mulheres – pelos mais variados motivos, entre eles o fato de que a hierarquia dos objetos de pesquisa também se estabelece de acordo com as predisposições incorporadas no campo (BOURDIEU, 2011c) –, a presença do gênero masculino com elevado capital científico pode ser reflexo das facilidades que o homem encontra para ocupar espaços de poder e prestígio na Ciência. “A incorporação de mulheres no sistema de ciência e tecnologia também pode ser verificada a partir da distribuição de bolsas concedidas por agências de governo que financiam o setor, como é o caso do CNPq.” (LETA, 2003, p.276).

Ainda de acordo com a autora, o aumento no número de alunas matriculadas em universidades pode ser um fator importante, a médio e longo prazo, pois com isso há uma projeção de um cenário mais igualitário no que concerne às representações de gênero no campo acadêmico. Entretanto, somente o aumento de representatividade não contribui para a equiparação de oportunidades, pois a dívida histórica que a sociedade tem para com as mulheres não diz respeito somente ao acesso a determinados campos, mas sim, à possibilidade de ascensão e de permanência nesses campos dominados há séculos por homens. “Observa-se que a produção de bolsistas mulheres cresce nas diferentes modalidades, mas diminui na medida em que cresce o nível hierárquico da bolsa.” (LETA, 2003, p.276).

Nesse tocante, as bolsas de produtividade são consideradas as de maior valor hierárquico e as que têm sido atribuídas com maior frequência aos pesquisadores do gênero masculino em áreas como Biologia, Física, Medicina, excetuando-se o caso da Educação. Uma explicação desse comportamento pode estar, como mencionado anteriormente, na própria constituição do campo, fundado predominantemente por mulheres, como também é o caso da Ciência da Informação.

Buscando analisar o que, de fato, ocorre no campo acadêmico da Educação em relação às questões de gênero, mas respeitando as limitações inerentes à realidade complexa e instável por hora verificada, realizou-se uma análise relacional, cruzando o gênero com o a modalidade de bolsa. O resultado foi a constatação, do também observado por autores que estudam a questão do gênero nos mais variados campos do saber, de que há uma distinção entre os gêneros, principalmente no que concerne às possibilidades de ascensão. (LOURO, 1994, VELHO; LEÓN, 1998,

LETA, 2003, OLINTO; OLIVEIRA, 2004, THELWALL; BARJAK; KRETSCHMER, 2006, BUFREM; NASCIMENTO, 2012). Dos 137 (35,86%) pesquisadores do gênero masculino, 52,56% estão distribuídos entre os estratos considerados mais elevados (PQ1-A, PQ1-B, PQ1-C, PQ1-D + PQ-SR). O mesmo não foi observado ao se analisar proporcionalmente a concessão das bolsas ao gênero feminino, pois esse percentual foi de 38,77%. (Ver Tabela 1).

**Tabela 1 – Distribuição dos Gêneros entre os Estratos PQs no Campo da Educação no Brasil (2009-2016)**

Nível da Bolsa de Pesquisa	Freq. Abs.		Freq. Rel. (%)		Freq. Acum.	
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.
PQ-SR	4	4	2,92%	1,63%	52,56%	38,77%
PQ1-A	9	17	6,57%	6,94%	6,57%	6,94%
PQ1-B	12	14	8,76%	5,71%	15,33%	12,65%
PQ1-C	14	22	10,22%	8,98%	25,55%	21,63%
PQ1-D	33	38	24,09%	15,51%	49,64%	37,14%
PQ2	65	150	47,44%	61,23%	47,44%	61,23%
<b>TOTAL</b>	<b>137</b>	<b>245</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: dados da pesquisa (2016)

Esses resultados permitem que se avalie a maneira perversa como o campo acadêmico ainda administra a entrada das mulheres, mas principalmente, as conquistas das mais altas hierarquias de poder. (VELHO; LEÓN, 1998; LETA, 2003; OLINTO; OLIVEIRA, 2004; THELWALL; BARJAK; KRETSCHMER, 2006) O campo da Educação não é diferente dos outros campos que compõem o campo científico, pois sua estrutura se constitui sob os mesmos moldes da reprodução. Eles conferem distinção e consagração aos já possuidores dessas benesses. (MERTON, 2013).

De acordo com Bourdieu

O crescimento muito rápido evidenciado pela escolarização das meninas participou da desvalorização dos títulos escolares. [...] pelo fato de que toda segregação (segundo sexo ou etnia) contribui para frear a desvalorização por um efeito de *numerus clausus*, toda dessegregação tende a restituir sua plena eficácia aos mecanismos de desvalorização [...] (2011c, p. 150).

O que se depreende do trecho anterior é que, para as mulheres, além das dificuldades inerentes e as impostas para a sua ascensão ao mercado de trabalho, qualquer tentativa de remodelar esse sistema vigente, calcado na diferenciação por



gênero, incidirá nelas de modo bem mais severo do que para os homens. Merton (2013) e Bourdieu (2011c) conversam e concordam com essa afirmativa, pois mesmo em um processo de equiparação (dessegregação) são os agentes com menor poder no campo, com menos capitais em jogo, que perdem ainda mais espaço. As mudanças acontecem de maneira lenta e gradual, mas seus resultados são sentidos de forma diversa, principalmente, de acordo com os títulos e os capitais que cada agente possui.

Ao observar a predominância absoluta do gênero feminino no campo educacional, mas – em contrapartida – sua inferioridade em relação às mais altas instâncias de consagração, é com certo desconforto que se constata a distinção entre os gêneros, pois como o aqui constatado “ainda existem desequilíbrios na maioria das áreas da ciência, em particular para o topo da estrutura da carreira.” (THELWALL; BARJAK; KRETSCHMER, 2006, p. 373, tradução nossa). Ao utilizar o termo distinção, oferece-se a possibilidade de duplo entendimento: pela análise *bourdiesiana* que o emprega como sinônimo da conquista de elementos únicos e representativos na luta hierárquica do campo, e pelo senso comum que o considera como termo correlato à diferenciação, seja ela de qual ordem for – não necessariamente um poder institucionalizado e passível de negociação.

Essa diferença não pode ser vista como mero acaso, sem, ao menos, relativizar o papel da mulher na ciência. Historicamente, à mulher foi imputada a responsabilidade de manter o núcleo familiar, a comunicação entre esses membros e a educação dos recém-nascidos. Bourdieu (2011e), em seu livro “A dominação masculina” aponta que a reificada “ordem sexual” é responsável pela manutenção das clivagens entre as “coisas do homem” e as “coisas da mulher”. Para o autor, se há, indiscutivelmente, uma hierarquia social dos objetos, há também, uma relação entre a escolha das profissões abalizadas na diferença de gênero. (BOURDIEU, 2014b). Às mulheres competiria importar-se com a agenda relacionada e constituída com e pelas suas históricas atribuições natas, anteriormente citadas. Em sendo assim, o campo social e humano estaria mais “de acordo” e abrigaria o maior número de mulheres em profissões como: pedagoga, bibliotecária, professora, entre outras. “[...] as moças estão bem menos representadas nos departamentos mais cotados, mantendo-se sua representação inferior nos Departamentos de Ciências, ao passo que cresce nos Departamentos de Letras.” (BOURDIEU, 2011e, p. 109).

Meadows (1999) corrobora o discurso de Pierre Bourdieu quando infere que, em campos como as engenharias, a presença do gênero masculino ainda é bem maior. Isso teria a mesma explicação histórica: aos homens compete o pensar, o engendrar, o quantificar físico e matematicamente, para promover os avanços da ciência. Bourdieu (2011e) propõe uma contra revolução para (des)historicizar esses mecanismos de clivagem e segregação de gênero, uma “mobilização marcadamente política, que abriria às mulheres a possibilidade de uma ação coletiva de resistência [...]” (BOURDIEU, 2011e, p. 6). A luta pela igualdade de oportunidades e contraposição à eternização do arbitrário sexista, em uma sociedade androcêntrica, segundo o autor, não pode se caracterizar pelas rupturas “heróicas”, mas sim, pela inserção na pauta política das discussões sociais cotidianas.

Nesse sentido, alguns estudos sobre gênero, nos mais variados campos, indicam que a inserção da mulher não se deu, e ainda não se dá de maneira equânime quando comparada ao ingresso dos homens na ciência. (LOURO, LETA, 2003; OLINTO; OLIVEIRA, 2004; THELWALL; BARJAK; KRETSCHMER, 2006). Isso reflete que, como o campo político e o religioso, o campo científico também se estrutura de modo heteronormatizado, no qual ou ao gênero masculino são conferidas algumas benesses, ou ao gênero feminino são impostas algumas barreiras extras. Essas dificuldades são inculcadas desde tenra idade, ou seja, no próprio seio familiar.

De acordo com Bourdieu (2011e), a instância religiosa, como instituição ratificadora das desigualdades, passando pela escola e sua importante contribuição para o reforço das diferenças observadas entre os gêneros e, por fim, ao estado que age invisibilizando a dominação masculina nas mais variadas instâncias e mascarando a reprodução histórica das práticas sexistas, são nesses campos (religioso, escolar e político) que reiteração das diferenciações sexistas é mais evidente, pois eles relegam às mulheres papéis secundários ou funções de menor impacto econômico.

Essas diferentes formas de **mutação social** parecem substituíveis do ponto de vista dos efeitos que provocam sobre a trajetória social na medida em que todas elas **tendem a bloquear o acesso às carreiras que orientam o preenchimento das posições dominantes** no âmbito das frações dirigentes [...] (MICELE, 2001, p. 22, grifo nosso).

O autor supracitado estava referindo-se às motivações (ou seriam imposições) que condicionam as escolhas profissionais dos indivíduos. Todavia, essas formas de mutilação social (*handicaps*) agem com ainda mais perversidade quando a questão do gênero se impõe. Por certo que a ruptura com a *doxa* vigente intensifica-se na inserção das mulheres no campo acadêmico o que “[...] levou a uma modificação realmente importante da posição das mulheres na divisão do trabalho [...]” (BOURDIEU, 2011e, p. 108).

No entanto, o que se vê é uma reprodução na ocupação dos postos de trabalho que ainda estão atrelados às disposições ancestrais calcadas em preceitos biológicos do que seria de fato e de direito, competente à mulher e ao homem. Geneticamente falando, os gêneros têm as mesmas prerrogativas no que concerne ao uso de suas inteligências. Todavia, o que vimos no campo da Educação é somente mais uma prova de que, para as mulheres, a ascensão se dá de modo mais dificultoso por assim dizer. “[...] as diplomadas encontram sua principal oferta de trabalho nas profissões intermediárias de nível médio [...] mas continuam vendo-se praticamente excluídas dos cargos de autoridade e de responsabilidade, sobretudo na economia, nas finanças e na política.” (BOURDIEU, 2011e, p. 108).

## 5.2 ATUAÇÃO PROFISSIONAL: OS PQS NO CENÁRIO NACIONAL

Já em relação à categoria administrativa das instituições dos bolsistas o que se constatou foi que a grande maioria (82,08%) é pública. Esse fato corrobora a afirmativa de que não só a produção científica emana, prioritariamente, de IES públicas, mas também, é o local de trabalho da elite. (MEADOWS, 1999). De acordo com o documento de área (CAPES, 2013a), a expansão dos cursos de Pós-graduação, principalmente, nos últimos triênios se deu no âmbito público, tanto no nível federal, quanto no estadual. (Ver Tabela 2).

**Tabela 2 – Instituições Mais Representativas**

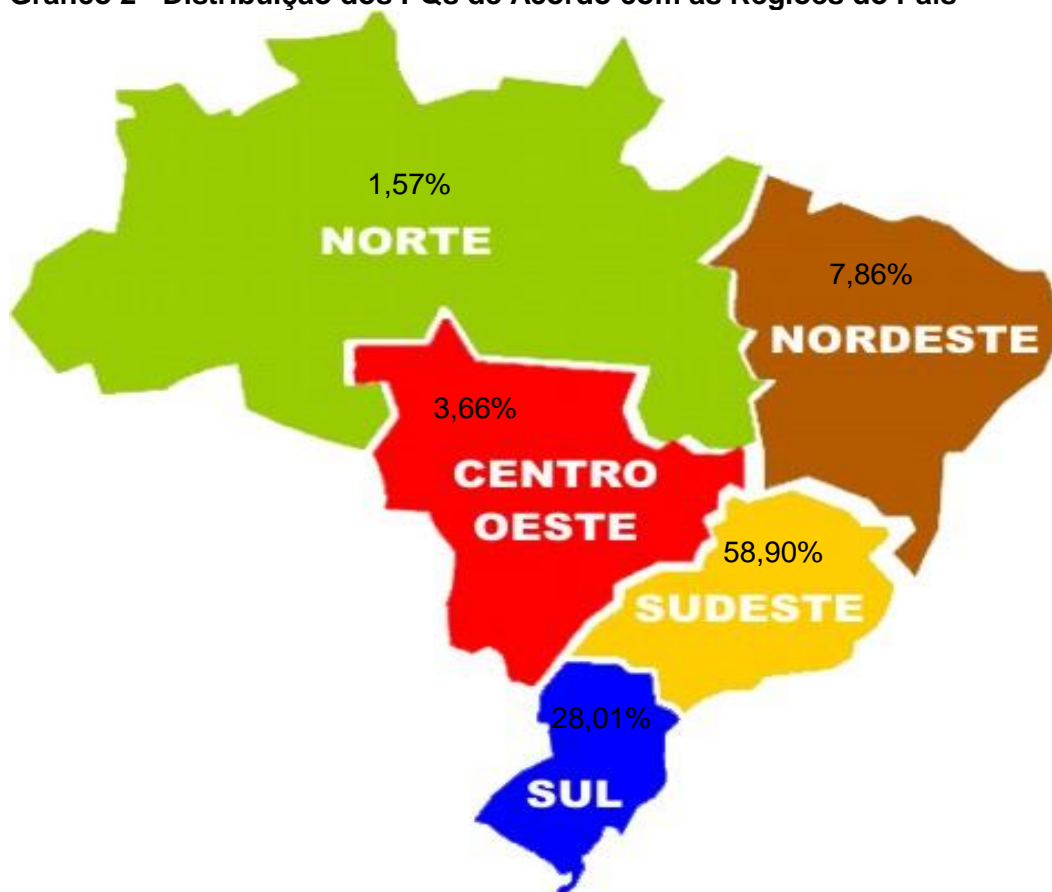
<b>Instituições mais Representativas</b>	<b>Freq. Abs.</b>	<b>Freq. Rel. (%)</b>
USP	37	9,69%
Outras	32	8,38%
UFMG	27	7,07%
UNESP	25	6,54%
UNICAMP	19	4,97%
UFRGS	17	4,45%

Instituições mais Representativas	Freq. Abs.	Freq. Rel. (%)
UERJ	16	4,19%
UFRJ	15	3,93%
UFSCAR	14	3,66%
UFF	11	2,88%
UFSC	11	2,88%
PUC-Rio	9	2,36%
UNISINOS	9	2,36%
PUC-RS	8	2,09%
UEL	8	2,09%
UFPR	8	2,09%
UFPEL	7	1,83%
UFSM	7	1,83%
PUC-SP	6	1,57%
UFPA	6	1,57%
UNIFESP	6	1,57%
UFPE	5	1,31%
UFRN	5	1,31%
UFU	5	1,31%
UEPG	4	1,05%
UFBA	4	1,05%
UFC	4	1,05%
UFES	4	1,05%
UFMS	4	1,05%
CEFET-RJ	3	0,79%
PUC Campinas	3	0,79%
UCDB	3	0,79%
UCP	3	0,79%
UCP	3	0,79%
UCS	3	0,79%
UCS	3	0,79%
UDESC	3	0,79%
UEM	3	0,79%
UFG	3	0,79%
UFPB	3	0,79%
FURG	2	0,52%
PUC/PR	2	0,52%
UECE	2	0,52%
UNB	2	0,52%
UNILASALLE	2	0,52%
UPF	2	0,52%
USF	2	0,52%
UTFPR	2	0,52%
<b>TOTAL</b>	<b>382</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: dados da pesquisa (2016)

Já no que concerne à dupla hegemonia da região sudeste, tanto na formação, quanto na representação dos bolsistas, cumpre salientar que, dentre as dez universidades mais bem colocadas, oito estão situadas na supracitada região. Além disso, a concentração de PQs (50,26%) nessas 10 primeiras colocadas reforça a aplicação do efeito Mateus no campo acadêmico. (Ver Gráfico 2).

**Gráfico 2 - Distribuição dos PQs de acordo com as Regiões do País**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

Encontrou-se aqui um reforço, ou melhor, um exemplo de reconversão de capitais, ao verificar que 86,91% dos bolsistas mantêm vínculo com alguma IES localizada no eixo Sul-Sudeste. É dessa zona geográfica do país, que emergem a maior parte dos títulos e a grande maioria dos bolsistas corroborando as estratégias para a manutenção de poder no campo. Uma possível explicação para esse fato é que o êxodo, ou melhor, o deslocamento de agentes no campo científico acontece com bastante intensidade, mas somente, na parte “baixa” da pirâmide das distinções. “Por serem obrigados a importar sistemas de pensamento capazes de

legitimar sua posição interna, encontram-se por essa razão numa situação de dupla dependência.” (MICELEI, 2001, p. 59).

Em resumo, jovens doutores titulam-se no eixo Sul-Sudeste e aceitam o desafio de prestar concurso em universidades de outras regiões do país. Entretanto, a eles, muito em função do pouco tempo, como membros do campo, não são conferidas as mesmas chances de galgarem postos de destaque como os oriundos e pertencentes a qualquer IES localizada no Sul, ou no Sudeste, como ficou patente no presente estudo sobre os bolsistas PQs.

Em relação à função desempenhada pelos bolsistas, o que se observa é que 72,78% deles já estão ou como docentes associados ou como titulares. Isso indica que nas mais altas instâncias funcionais também estão os pesquisadores mais consagrados no campo acadêmico. (Ver Tabela 3).

**Tabela 3 – Função Desempenhada pelos Bolsistas PQs**

<b>Função Desempenhada</b>	<b>Freq. Abs.</b>	<b>Freq. Rel. (%)</b>
Docente Associado	157	41,10%
Docente Titular	121	31,68%
Docente Adjunto	95	24,87%
Outras	9	2,36%
<b>TOTAL</b>	<b>382</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: dados da pesquisa (2016)

É importante salientar que essa distribuição foi realizada de acordo com as informações contidas em cada um dos 382 currículos Lattes dos agentes. Com o intuito de aprofundar as análises acerca dessa relação, buscou-se verificar também a situação institucional dos bolsistas de produtividade do CNPq e constatou-se que 90,05% deles ainda estão na ativa. Esse dado bruto pode e deve ser relativizado, de acordo com as instâncias consagratórias ocupadas, pois como a grande maioria dos agentes é PQ2 (245), ou seja, recém foram incorporados na elite do campo, não é contraditório que 90,05% estejam na ativa, ou melhor, não aposentados.

Já a realidade individualizada dos 26 bolsistas PQ-1A/CNPq em Educação no país evidenciou que a maioria (65,38%) é constituída por professores titulares em suas universidades, ou seja, empossados no mais alto cargo acadêmico/institucional. Também é importante ressaltar que outros três pesquisadores são titulares, mas já aposentados (11,54%). Somando-se esses

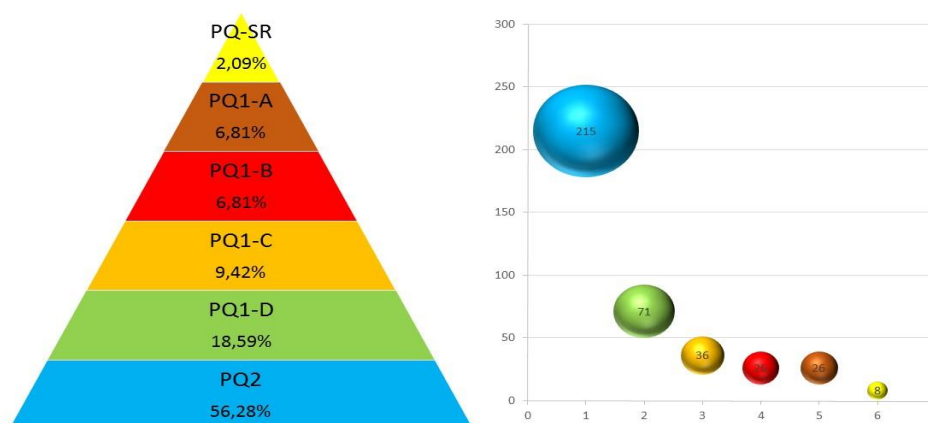
percentuais, o total de pesquisadores PQ-1A no campo da Educação que atingiu o ápice da carreira docente perfaz 76,92%.

Ao pensar as instâncias de consagração como postos ocupados por agentes com elevado capital científico (temporal e puro) e capital social, admite-se que todos passam por avaliações e julgamentos de suas condutas, de sua produção e de sua participação na administração e manutenção do campo. Esses critérios de distinção promovem a hierarquização do campo, reproduzindo o que conhecemos por efeito Mateus. Nesse sentido, Meadows (1999) corrobora o exposto ao constatar inclusive, sob o ponto de vista da comunicação informal, que o sistema estabelecido é o hierárquico, no qual as posições de destaque são ocupadas por agentes com elevado poder e experiência dentro do campo.

### 5.3 QUEM FAZ PARTE E QUAL É A ESTRATIFICAÇÃO DA ELITE CONSAGRADA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL?

A produção científica de um agente é uma das moedas de troca que, como o anteriormente exposto, lhe garante a conversão e reconversão de capitais distintos (capital científico puro e capital científico temporal), pois são esses capitais que o colocam e/ou permitem a ocupação de cargos de destaque no campo. As bolsas de produtividade em pesquisa são distribuídas da maneira que pode ser observada no Gráfico 3.

**Gráfico 3 – Comparação entre a Distribuição das Bolsas de Produtividade em Pesquisa e o Número de Agentes Contemplados no País**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

O campo da Educação estabelece como máximo de bolsistas PQ-1A 10,00% do universo de pesquisadores agraciados com bolsa. No Gráfico 3 observa-se que somente 6,81% dos pesquisadores estão classificados nesse nível. “Essa estratificação, comum a todo grupo regido de maneira hierárquica, é incentivada e perseguida pelos agentes do campo, acabando por designar a uns poucos o controle das decisões de todo o campo.” (ODDONE *et al.*, 2012, p.13).

É fato que as exigências produtivistas das agências de fomento intensificaram-se nas últimas décadas e estão presentes em inúmeras discussões nos mais diferentes campos do saber. Em 1988, um artigo intitulado “Pesquisa da USP mostra que ¼ dos docentes nada produz” foi publicado na Folha de São Paulo e causou muito desconforto (indignação talvez seja a palavra mais adequada) entre os professores universitários, em que pese o fato de as declarações não terem impactado somente nesse universo, mas sim, comovido a classe docente em âmbito nacional.

Aqui vale contextualizar essa discussão, pois foi emblemática para o que se discute nessa subseção. Ao mencionar que 25% dos docentes nada produziram, entre 1985-1986, a Folha de São Paulo os rotulou como “os **improdutivos** da USP” (FOLHA, 1988, p. 2, grifo nosso) esse enunciado surgia, no Brasil, pela primeira vez em um veículo de comunicação de significativa expressão. Ao descreverem, em tom de denúncia, a “improdutividade” dos professores, os articulistas afirmaram que é papel da universidade difundir o conhecimento, ou seja, publicá-lo seria imprescindível para o devido cumprimento dessa função. Em sendo assim, como esse percentual representativo de professores não o fez em dois anos?

Em resposta a esse questionamento, e a tantos outros que dele derivam, muitos estudos acerca da produtividade acadêmica foram desenvolvidos ao longo dos anos no país. Entretanto, o mais importante, ao propor essa subseção é constatar e ratificar que a máxima do “*publish or perish*” está em pauta, no Brasil, há quase três décadas, mas as discussões sobre o “produtivismo” não se esgotam. Seja no campo acadêmico, seja no campo político, saber mais e melhor sobre quem, quanto, como e onde publica é, ainda, a maneira mais utilizada para atribuir níveis de distinção diferenciados aos pesquisadores às instituições de ensino.

Os documentos confirmam que os critérios de avaliação, concessão e eleição variam de acordo com o campo científico, mas, de modo geral, há uma priorização da atividade de pesquisa (produção científica) em detrimento das demais, por



maiores que sejam as tentativas de equalizar os pesos atribuídos a cada uma delas. No caso específico da Educação, os critérios para a concessão de bolsas de produtividade levam em consideração os seguintes requisitos gerais:

- a) **mérito** do projeto;
- b) **produção científica**;
- c) formação de pesquisadores em nível de pós-graduação;
- d) contribuição científica, tecnológica e para inovação;
- e) coordenação ou participação em projetos de pesquisa;
- f) participação em atividades editoriais e de gestão científica, de administração
- g) participação em instituições de ensino e pesquisa e coordenação de núcleos de excelência científica e tecnológica. (CNPq, [2013], grifo nosso).

É por esse motivo que muitas das críticas aos métodos quantitativos de análise sejam alardeadas, como fica patente no diálogo reproduzido de uma reunião da Associação dos Docentes da Universidade Federal de São Paulo (ADUSP): “A cientometria pode ter consequências desastrosas. Medidas em geral afetam a grandeza que a gente está medindo [...] a citação virou moeda de troca: eu lhe cito, você me cita. Escambo autoral.” (BURIAN JR.<sup>14</sup>, 2011, p. 3). Ora, os estudos métricos não estão ou pelo menos não deveriam estar restritos à descrição do cenário (medidas generalistas) encontrado no campo, mas sim, alinhando indicadores quantitativos com teorias que se proponham a contextualizar e historicizar os resultados encontrados.

Acredita-se que o *habitus*, como condicionante das práticas no campo e como produto da história, determine não só a conduta a ser seguida pelos agentes, mas contribua para com o reforço da *doxa*. (BOURDIEU, 1998). Ao impor, aos recém-chegados, a incorporação desse último conceito, em uma espécie de aceitação contingencial para adentrar o campo, os demais membros ratificam a necessidade de que o novato apresente um *habitus* compatível com o vigente, ou seja, um modo de pensar alinhado com o já institucionalizado (*eidos*). Nesse sentido, a história se faz presente na constituição do campo pelo fato de que como afirma Bourdieu (2011d, p. 90, grifo nosso),

<sup>14</sup> Informação oral. Disponível em: < <http://www.adusp.org.br/index.php/universidade2/180-condicoes-de-trabalho/produtivismo/953-choque-de-visoes-antagonicas-marca-debate-sobre-produtivismo-academico>>. Acesso em: 02 fev. 2016.

Produto da história, o *habitus* produz as práticas, individuais e coletivas, portanto, da história, conforme aos esquemas engendrados pela história; ele garante a presença ativa das experiências que, depositadas em cada organismo sob a forma de esquemas de percepção, de pensamento e de ação, tendem, de forma mais segura que todas as regras formais e que todas as normas explícitas, a garantir a conformidade das práticas e sua constância ao longo do tempo. **Passado que sobrevive no atual e que tende a se perpetuar no porvir [...]** lei interior por meio da qual se exerce continuamente a lei de necessidades externas irredutíveis às pressões imediatas da conjuntura [...]

No caso específico dos bolsistas de produtividade em pesquisa do campo da Educação, o que se observa (Ver Quadro 9) é o reforço da prática ratificada nos critérios de concessão. Ora, se as agências de fomento são formadas pelos agentes do próprio campo, mediante a indicação para os comitês, como a ótica produtivista se reitera a cada nova gestão? A explicação já foi posta anteriormente por Bourdieu (2011d): o *habitus* vigente age de maneira mais imperativa do que qualquer regra explícita. Em sendo assim, pergunta-se como romper com algo que é ao mesmo tempo criticado por grande parte dos membros do campo e, em contrapartida, ratificado por um pequeno grupo de porta-vozes autorizados?

Um passo importante para responder tal questionamento é analisar os enunciados presentes nos critérios de concessão de bolsa PQ, pois é por meio deles que o próprio campo confere distinção aos agentes e, por conseguinte, às instituições.

**Quadro 9 – Exigências de Cada um dos Estratos de bolsa de Produtividade no Campo da Educação no Brasil (2012-2014)**

<b>Critérios</b>	<b>PQ1-A</b>	<b>PQ1-B</b>	<b>PQ1-C</b>	<b>PQ1-D</b>	<b>PQ2</b>
<b>Período de avaliação Perfil</b>	Últimos 10 anos O nível 1A é reservado a candidatos que tenham <b>evidenciado <u>excelência continuada na produção científica e na formação de pesquisadores.</u></b> O perfil destes pesquisadores deve, na maior parte dos casos, <b>extrapolar os <u>aspectos unicamente de produtividade</u></b> para incluir outros aspectos que <b>demonstrem uma <u>significativa liderança</u></b> em sua área de pesquisa.	Últimos 10 anos Entende-se que a categoria dos Pesquisadores 1 é destinada àqueles que demonstrem <b>regularidade nas atividades de pesquisa, publicação e orientação.</b> Espera-se que estes pesquisadores sejam orientadores de mestrado e/ou doutorado, membros de comitês editoriais de revistas nacionais e internacionais e de órgãos de financiamento à pesquisa. Espera-se, ainda, que <b>tenham efetivamente exercido atividades de gestão científica.</b>	Últimos 10 anos Entende-se que a categoria dos Pesquisadores 1 é destinada àqueles que demonstrem <b>regularidade nas atividades de pesquisa, publicação e orientação.</b> Espera-se que estes pesquisadores sejam orientadores de mestrado e/ou doutorado, membros de comitês editoriais de revistas nacionais e internacionais e de órgãos de financiamento à pesquisa. Espera-se, ainda, que <b>tenham efetivamente exercido atividades de gestão científica.</b>	Últimos 10 anos Entende-se que a categoria dos Pesquisadores 1 é destinada àqueles que demonstrem <b>regularidade nas atividades de pesquisa, publicação e orientação.</b> Espera-se que estes pesquisadores sejam orientadores de mestrado e/ou doutorado, membros de comitês editoriais de revistas nacionais e internacionais e de órgãos de financiamento à pesquisa. Espera-se, ainda, que <b>tenham efetivamente exercido atividades de gestão científica.</b>	Últimos 5 anos Espera-se que este pesquisador tenha <b>regularidade nas atividades de pesquisa e de publicação</b> e, se vinculado a instituição que tenha programa de pós-graduação, que oriente alunos de mestrado e doutorado vinculados a linhas de pesquisa em educação. Espera-se, ainda, que <b>tenha inserção na área, aferida por sua participação em sociedades científicas e em eventos nacionais e internacionais.</b>
<b>Coordenação ou participação em projetos de pesquisa</b>	<b>Coordenação</b> de grupo de pesquisa inscrito no Diretório de Pesquisa do CNPq. <b><u>Apresentação de projeto inovador</u></b> para a produção científica da área.	<b>Coordenação</b> de grupo de pesquisa inscrito no Diretório de Pesquisa do CNPq. <b><u>Apresentação de projeto inovador</u></b> para a produção científica da área.	<b>Coordenação</b> de grupo de pesquisa inscrito no Diretório de Pesquisa do CNPq. <b><u>Apresentação de projeto inovador</u></b> para a produção científica da área.	<b>Estar vinculado</b> a grupo de pesquisa registrado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq.	<b>Estar vinculado</b> a grupo de pesquisa registrado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq.

<b>Crítérios</b>	<b>PQ1-A</b>	<b>PQ1-B</b>	<b>PQ1-C</b>	<b>PQ1-D</b>	<b>PQ2</b>
<b>Produção científica</b>	Produção científica regular e inovadora, tendo publicado pelo menos <b>06 artigos em periódicos Qualis A1, A2 e B1 e livros.</b>	Produção científica regular e inovadora, tendo publicado pelo menos <b>06 artigos em periódicos Qualis A1, A2 e B1 e livros.</b>	Produção científica regular e inovadora, tendo publicado pelo menos <b>06 artigos em periódicos Qualis A1, A2 e B1 e livros.</b>	No mínimo <b>04 artigos em periódicos Qualis A1, A2 ou B1 e livros.</b>	No mínimo <b>05 artigos em periódicos Qualis A1, A2, B1, B2 ou B3 e livros.</b>
<b>Formação de pesquisadores em nível de pós-graduação</b>	<b>Orientações</b> de dissertações e, sobretudo, teses de doutorado <u>relevantes para a Área;</u>	<b>Orientações</b> de dissertações e, sobretudo, teses de doutorado <u>relevantes para a Área;</u>	<b>Orientações</b> de dissertações e, sobretudo, teses de doutorado <u>relevantes para a Área;</u>	Orientação de <b>pelo menos 01 aluno de doutorado ou 04 orientações de mestrado</b> se o Programa não tiver doutorado (ou se tiver sido criado há menos de 06 anos).	<b>Orientação de 2 alunos de Mestrado</b> , se vinculado a PPG.
<b>Participação em atividades editoriais e de gestão científica, de administração</b>	<b>Participação na gestão acadêmico-científica</b> em órgãos vinculados à pós-graduação e à pesquisa e em entidades científicas; <b>Editoração de periódicos científicos;</b> <b>Participação em conselhos editoriais.</b>	<b>Participação na gestão acadêmico-científica</b> em órgãos vinculados à pós-graduação e à pesquisa e em entidades científicas; <b>Editoração de periódicos científicos;</b> <b>Participação em conselhos editoriais.</b>	<b>Participação na gestão acadêmico-científica</b> em órgãos vinculados à pós-graduação e à pesquisa e em entidades científicas; <b>Editoração de periódicos científicos;</b> <b>Participação em conselhos editoriais.</b>	<b>Participação na gestão acadêmico-científica</b> em órgãos internos e/ou externos à instituição à qual está vinculado.	X
<b>Participação em instituições de ensino e pesquisa e coordenação de núcleos de excelência científica e tecnológica</b>	–Participar de órgãos de fomento à pesquisa; – <u>Manter intercâmbio contínuo e produtivo com a comunidade científica internacional;</u> –Docência em instituições estrangeiras, dentre outros.	–Participar de órgãos de fomento à pesquisa; – <u>Manter intercâmbio contínuo e produtivo com a comunidade científica internacional;</u> –Docência em instituições estrangeiras, dentre outros.	X	X	X

Fonte: adaptação do documento de área (CAPESa, 2013a). Disponível em: <[http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/50453?p\\_p\\_state=pop\\_up&56\\_INSTANCE\\_0oED\\_viewMode=print](http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/50453?p_p_state=pop_up&56_INSTANCE_0oED_viewMode=print)>. Acesso em: 10 mar. 2015.

Os enunciados acima grifados deveriam representar a isonomia, a clareza, mas, sobretudo, deveriam estar fundamentados de modo a dirimir, ao máximo, o hiato entre a objetividade e a subjetividade, conceitos esses que permeiam o discurso científico como um caixa de ressonância (VOLOSHINOV, 2010). Ao analisar esses enunciados com base no Círculo de Bakhtin e na Teoria da Prática de Bourdieu, entende-se que se o *habitus* é histórico e constituidor das práticas, os enunciados são a representação do outro em mim. Isso se dá mediante o discurso citado, seja ele direto ou indireto – esse último é o caso observado nos critérios de concessão das bolsas, no Qualis/Periódico e no Qualis/Livro – pois, neles é possível visualizar enunciados vazios de sentido objetivo, mas repleto de subjetividade relativizada.

Fica evidente, ao se observar o Quadro 9, que alguns dos critérios carregam em si uma forte carga subjetiva de avaliação. Pode-se citar: “excelência continuada”, “extrapolar critérios de produtividade”, “orientações relevantes para a área” dentre outros. Cumpre salientar que, ao apresentar critérios de avaliação, o campo da Educação (ou qualquer outro campo do saber) expõe sua visão de como as distinções devam ser conferidas aos agentes e às instituições. Sendo assim, a interferência de aspectos subjetivos deve ser minimizada quase à extinção. Aos procedimentos avaliativos, por envolverem mais de um indivíduo, seguindo o modelo *double blind-review*, não é concedido o direito à subjetividade que poderia ser mais comumente observada em um sistema de avaliação individual.

No caso específico dos PQ-1A, ao pesquisador agraciado com o mais alto nível (PQ-1A) compete apresentar:

[...] excelência continuada na produção científica e na formação de pesquisadores, e que liderem grupos de pesquisa consolidados [...] **extrapolar os aspectos unicamente de produtividade para incluir outros aspectos que demonstrem uma significativa liderança em sua área de pesquisa**, no Brasil, e capacidade de explorar novas fronteiras científicas em projetos coletivos e inovadores. (CNPq, [2013]<sup>15</sup>, grifo nosso).

Os preceitos acima mencionados não apresentam quantificações objetivas, pois quais atividades e produções científicas representariam a “extrapolação” citada? Aqui se observa a contradição entre o discurso superador e a prática

<sup>15</sup> Documento eletrônico não paginado. Disponível em: <[http://cnpq.br/web/guest/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/50453](http://cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/50453)>. Acesso em: 24 jul. 2015.

prescritiva. Na área de Ciência da Informação (CI) esses critérios são além de descritos, quantificados de modo a esclarecer possíveis questionamentos. (ODDONE *et al.*, 2003). Nos relatórios dos comitês de assessoramento de ambas as áreas, fica patente o peso conferido à produção científica, mas somente a CI apresenta percentuais de avaliação. (CNPq, 2013).

A compreensão do *habitus* que repousa sobre a égide do imutável, do eterno, mas que de acordo com a teoria de Bourdieu, seria algo estável e estruturado que conduz o agente a tomar, ou não, determinadas atitudes ante a qualquer situação seja ela pessoal, seja profissional. (BOURDIEU, 1998). Para o autor, o *habitus* determinada o modo pelo qual o indivíduo responde ao mundo e, por estar inculcado, essa resposta é dada de modo instantâneo, praticamente não sentido, ou melhor, movida pelo *habitus* ela é condicionada por suas estruturas. Não há maneira de romper com o *habitus*, pois é ele que define o agente, o que se vê são tentativas de adequação dessas disposições a determinadas situações.

Somente a capacidade de adequar o *habitus* a estruturas diferentes das que, originariamente, vigoravam durante sua composição é que garante ao agente sua manutenção em um campo em constante modificação. A alteração, ou melhor, o amoldamento do *habitus* nem sempre acontece tão logo essas condições são alteradas e a isso Pierre Bourdieu chama de *hysteresis do habitus*. Para o autor o ajustamento pode não ser imediato, ou seja, mesmo acumulando diferentes capitais o indivíduo pode apresentar um comportamento em dissonância com as novas estruturas.

Longe de propor uma tese salvacionista, aqui se pretende defender um olhar mais cuidadoso sobre as regras que, por hora, regem o campo, mas que não são – definitivamente – aceitas e/ou compreendidas como imprescindíveis pelos agentes.

O que também se pode depreender dos enunciados presentes no Quadro 9 é que a palavra produção (e suas derivações) é a tônica dos critérios. Não obstante, desde a década de 1980, pesquisadores indicam, de maneira declarada e em muitos fóruns de discussão, que a produtividade é benéfica ao campo e a Ciência, mas que ela não pode ser tomada como sinônimo de produtivismo. Agora, definir o que separaria esses dois *modus operandi* não é uma tarefa fácil, pois é preciso aceitar que as distinções concedidas no campo estão, hoje, ou seria desde o princípio das universidades, calcadas no conceito americano de “*publish or perish*”. Em sendo assim, o que temos no cenário nacional, independentemente do campo, é a

importação do produtivismo dos colonizadores e isso pode ser comprovado quando nossos critérios de avaliação são pautados na realidade e nos indicadores estrangeiros.

Mais do que reagir de forma “inovadora”, mas descompromissada com o debate, o que se pretende aqui é apontar para a necessidade de mostrar o campo como um espaço de lutas “[...] como sistema de relações objetivas no qual as posições e as tomadas de posição se definem **relacionalmente** e que domina ainda as lutas que visam a transformá-lo.” (BOURDIEU, 2011c, p. 175, grifo do autor). Ao avaliar o campo da Educação, mais especificamente, a elite consagrada, é necessário indicar claramente os aspectos deletérios desses mecanismos de avaliação que descolam a luta da realidade observada ao promoverem, mesmo que de forma indireta, o produtivismo acadêmico. As palavras podem parecer pesadas de mais para o contexto, mas não são, pois de forma definitiva, docentes/pesquisadores têm apresentado doenças relacionadas com as exigências produtivistas impostas (lesão por esforço repetitivo, estresse, depressão, entre outras) e isso já foi oficialmente reportado à comunidade, desde 1988, no artigo da Folha de São Paulo.

A busca por uma tomada de consciência acerca da realidade brasileira de produção científica pode ser mais bem entendida quando se assume que “A consciência individual é um fato socioideológico. Enquanto esse fato e todas as suas consequências não forem devidamente reconhecidos, não será possível construir nem uma psicologia objetiva nem um estudo objetivo das ideologias.” (VOLOSHINOV, 2010, p. 35).

É fato que os critérios são redigidos por um grupo de porta-vozes autorizados, ou seja, por indivíduos dotados de uma crença comum, mas nem por isso, não ideológicos. De acordo com o Círculo de Bakhtin, os signos só são criados em um espaço social interrelacionado, ou seja, nascem na consciência individual e ela como um elo na cadeia liga-se a outros signos formando o pensamento coletivo. Como dito anteriormente, os signos e, por conseguinte, as palavras, não existem apenas para representar a realidade, mas sim, para refletir e refratar uma outra. (VOLOSHINOV, 2010).

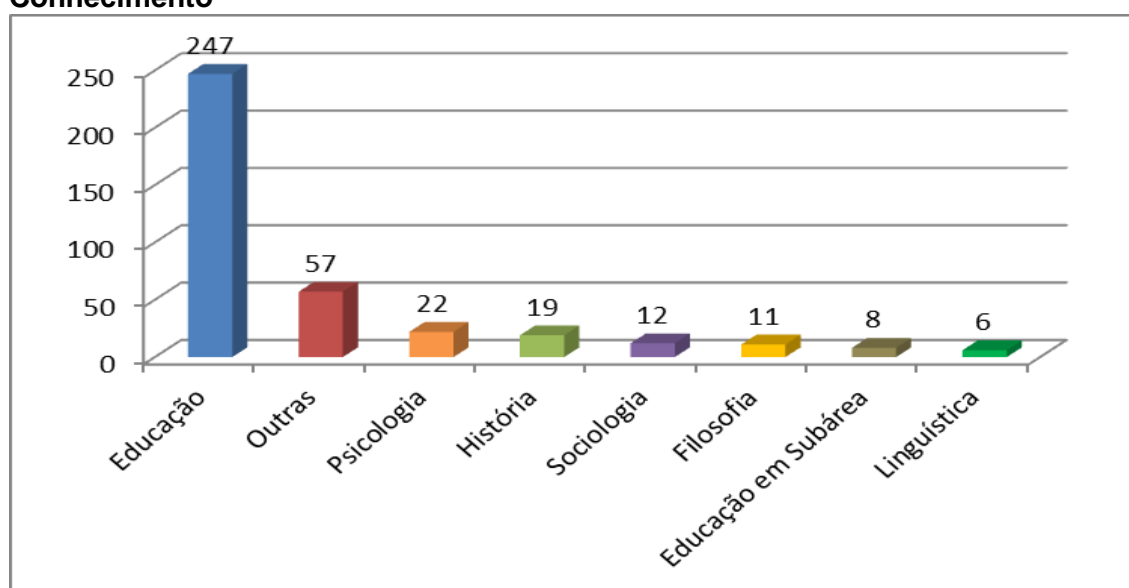
Dito isso, o que se propôs, nesta subseção, foi refletir sobre as palavras, os signos e os enunciados que compõem os critérios de concessão das bolsas de produtividade em pesquisa e mostrar que elas estão carregadas da ideologia

dominante e eivadas de subjetividades interpretativas que não refletem objetivamente o que, de fato, define e distingue – por exemplo – um bolsista PQ1-A de outro PQ2. Essas reflexões também serão úteis para a subseção seguinte, pois ela também trata de critérios de avaliação.

#### 5.4 O CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL INSTITUCIONALIZADO: OS TÍTULOS E SUAS ESPECIFICIDADES

No que diz respeito à formação acadêmica dos bolsistas PQs do campo da Educação, o que se encontrou ao analisar os 382 currículos Lattes foi que a maioria (64,66%) dos agentes obteve, no próprio campo, sua titulação mais elevada (doutoramento). (Ver Gráfico 4).

**Gráfico 4 – Distribuição dos PQs por Área de Doutorado por Campo do Conhecimento**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

É importante salientar que 86,13% dos campos, que compuseram a titulação dos agentes, estão situados na grande área de Ciências Humanas. De forma clara, a Educação é a maior representante como se pode ver no gráfico acima, já a segunda colocada foi a Psicologia com 5,76%. Com o baixo percentual de formação observado em outros campos do conhecimento pode-se inferir que mesmo sendo um campo caracterizado pela interdisciplinaridade o que se vê não representa essa conformação histórica, pelo menos no tocante à formação dos membros da elite.



Acredita-se que as transversalidades temáticas que compõem o campo da Educação estejam mais presentes nas relações sociais dos agentes envolvidos. Dentre as ênfases desses cursos salienta-se à Psicologia da Educação e/ou Psicologia Escolar com metade desse percentual.

No que se refere aos países que sediaram a formação acadêmica dos agentes, encontrou-se um predomínio absoluto (83,77%) de Instituições de Ensino Superior (IES) sediadas no Brasil. Esse dado, em um primeiro momento, pode não parecer revelador, mas se considerarmos que a análise foi diacrônica e sobre a elite do campo, que invariavelmente já tem muitos anos de formação, tem-se um cenário interessante, pois ele pode demonstrar que a Pós-graduação, no país, está sedimentada, ou seja, há diversos cursos muito bem avaliados que são referência no campo. (Ver Tabela 4).

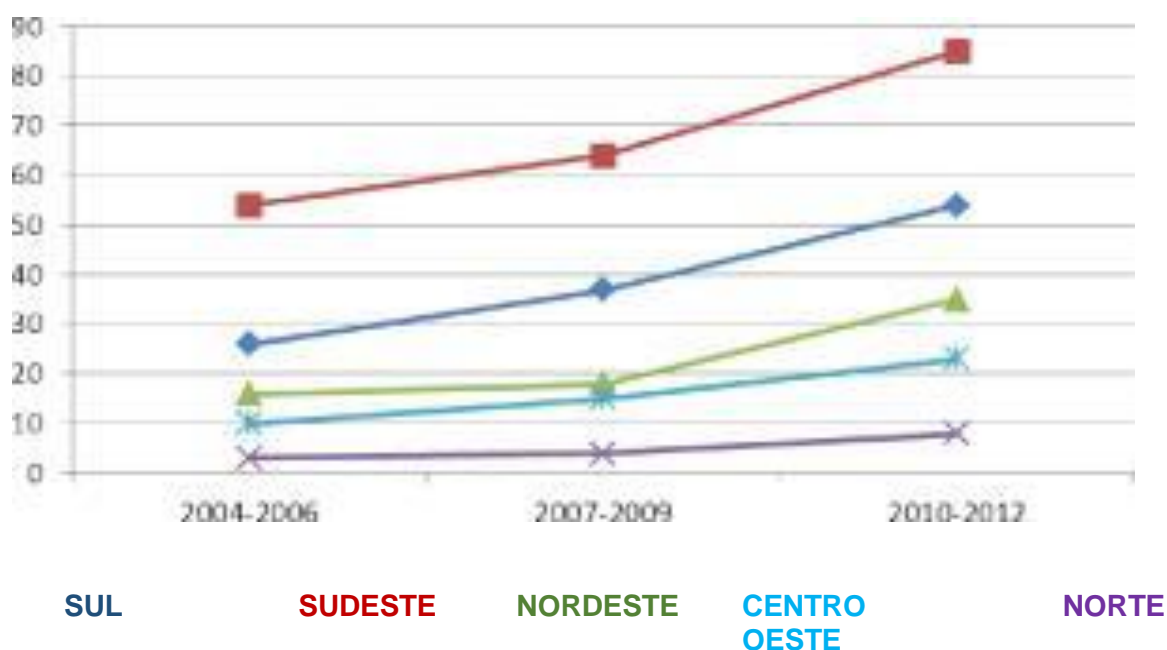
**Tabela 4 – Instituição da Titulação**

<b>Instituição da Titulação</b>	<b>Freq. Abs.</b>	<b>Freq. Rel. (%)</b>
USP	91	23,82%
UNICAMP	55	14,40%
PUC-SP	41	10,73%
UFRGS	31	8,12%
PUC-Rio	21	5,50%
UFRJ	17	4,45%
UNESP	15	3,93%
UFMG	10	2,62%
University of London	8	2,09%
UFSC	6	1,57%
PUC-RS	5	1,31%
UFRN	4	1,05%
UNISINOS	4	1,05%
Université Paris V	4	1,05%
UFBA	3	0,79%
UFF	3	0,79%
UFSCAR	3	0,79%
Universidade Autônoma de Barcelona	3	0,79%
Boston University	2	0,52%
Cornell University	2	0,52%
FGV	2	0,52%
UFPR	2	0,52%
Universidad Complutense de Madrid	2	0,52%
Universidade de Salamanca	2	0,52%
Universidade de Santiago de Compostela	2	0,52%
Université Laval	2	0,52%
Outras	42	10,99%
<b>TOTAL</b>	<b>382</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: dados da pesquisa (2016)

Em relação às instituições responsáveis por essa titulação, também não foi surpresa constatar a supremacia da Universidade de São Paulo (USP), ocupando a primeira posição com 23,82% dos títulos conferidos aos bolsistas. Segundo Hey (2008), as discussões que envolvem o tema universidade possibilitam uma espécie de visão do mundo social que a circunda. Assim, propõe-se analisar os dados dispostos na tabela 4 visando verificar de que maneira contribuíram para a qualificação dos membros da elite consagrada. O que salta aos olhos é a importante influência do estado de São Paulo como polo formativo no nível do doutorado, pois 53,67% dessas titulações foram obtidas em IES paulistas (USP, UNICAMP, PUC-SP, UNESP e UFSCAR). É fato que a região Sudeste do país foi precursora dos cursos de Pós-graduação, muito em função disso, atualmente, também congrega o maior número de IES que oferecem cursos de formação completos (Mestrado e Doutorado). (CAPES, 2013).

**Gráfico 5 - Número Total de Cursos nos Três Últimos Triênios por Região do País**



Fonte: CAPES, 2013b, p. 2.

Um olhar desavisado pode analisar esse gráfico com certa esperança na distribuição mais igualitária dos PPG's entre as regiões brasileiras, mas infelizmente, o que está claro é a manutenção, representada pelo aumento linear, da região Sudeste. Aliás, as distâncias entre os pontos (triênios) mantiveram-se, praticamente,

as mesmas entre todas as cinco regiões, mas em especial entre o eixo Sul-Sudeste que sempre se caracterizou por ser de extrema importância para a Pós-graduação.

O mesmo princípio pode ser aplicado em relação ao fortalecimento de determinados estados que, durante sua constituição histórica, foram e/ou representaram polos econômicos no país. Esse é o caso dos estados do Sudeste, principalmente, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, que converteram suas oligarquias do café com leite em uma espécie de oligarquia científica, passível de ser comprovada, não só pelo número de IES, mas pelo número de agentes por elas formados, bem como pela observação do volume de publicações delas provenientes.

## 5.5 O CAPITAL CIENTÍFICO PURO DOS PQS: A DISTRIBUIÇÃO DAS PUBLICAÇÕES NO QUALIS/PERIÓDICOS E NO QUALIS/LIVROS

Como exemplo concreto de busca pela isenção nas avaliações efetuadas no e pelo campo, se pode mencionar os critérios estipulados no Qualis/Periódico da área de Educação que fixam, além de questões práticas como periodicidade e disponibilização do conteúdo publicado *online*, questões de ordem qualitativa, mas não descoladas de signos objetivos, a saber, o percentual de autores filiados a instituições estrangeiras, a indexação em base de dados internacionais, a não endogenia e outros indicadores que atribuem conceitos e distinção entre os estratos A1 a B5. (CNPq, 2013). (Ver Quadro 10).

**Quadro 10 – Critérios QUALIS/Periódicos**

<b>Estrato</b>	<b>Definição</b>
A1	Publicação amplamente reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter ampla circulação por meio de assinaturas/permutas para a versão impressa, quando for o caso, e <i>online</i> . Periodicidade mínima de 3 números anuais e regularidade, com publicação de todos os números previstos no prazo. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições e <u>altamente qualificados</u> .

Estrato	Definição
A1	<p>Publicar, no mínimo, 18 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 75% de artigos devem estar vinculados a no mínimo 5 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Garantir <b><u>presença significativa</u></b> de artigos de pesquisadores filiados a instituições estrangeiras <b><u>reconhecidas</u></b> (acima de dois artigos por ano). Estar indexado em, pelo menos, 6 bases de dados, sendo, pelo menos 3 internacionais. Constar de bases de indexação, dentre elas o Scielo/Scielo Educa (se brasileiras).</p>
A2	<p>Publicação amplamente reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter ampla circulação por meio de assinaturas/permutas, no caso de revistas apenas impressas, e estar, preferencialmente, disponível on-line. Periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições e <b><u>altamente qualificados</u></b>. Publicar, no mínimo, 18 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 75% de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 5 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Publicar pelo menos dois artigos por ano de autores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas. Estar indexado em 5 bases de dados, sendo, pelo menos, 2 internacionais. Constar de bases de indexação, dentre elas o Scielo/Scielo Educa (se brasileiras).</p>
B1	<p>Publicação reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter circulação nacional por meio de assinaturas/permutas, no caso de revistas apenas impressas, sendo recomendado que esteja disponível on-line. Periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições e <b><u>qualificados</u></b>.</p>

Estrato	Definição
B1	Publicar, no mínimo, 14 artigos por ano, garantindo ampla diversidade institucional dos autores: pelo menos 60 % de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 4 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Publicar pelo menos um artigo ao ano de autores filiados a instituições estrangeiras reconhecidas. Estar indexado em, pelo menos, 4 bases de dados nacionais ou internacionais.
B2	Publicação reconhecida pela área, seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter circulação nacional por meio de assinaturas/permutas, no caso de revistas apenas impressas, sendo recomendado que esteja disponível on-line. Periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais de diferentes instituições e <b><u>qualificados</u></b> . Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo diversidade institucional dos autores: pelo menos 50 % de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 3 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Estar indexado em, pelo menos, 3 bases de dados nacionais ou internacionais.
B3	Publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, atendendo a normas editoriais da ABNT ou equivalente (no exterior). Ter circulação nacional por meio de assinaturas/permutas, no caso de revistas apenas impressas, sendo recomendado que esteja disponível on-line. Periodicidade mínima de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir conselho editorial e corpo de pareceristas formado por pesquisadores nacionais de diferentes instituições e <b><u>qualificados</u></b> . Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo diversidade institucional dos autores: pelo menos 40 % de artigos devem estar vinculados a, no mínimo, 3 instituições diferentes daquela que edita o periódico. Estar indexado em, pelo menos, 2 base de dados nacional ou internacional.

Estrato	Definição
B4	Publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente à comunidade acadêmico-científica, na qual devem constar ISSN, editor responsável, conselho editorial, linha editorial, normas para submissão de artigos, afiliação institucional dos autores, resumo(s) e descritores. Ter circulação, no mínimo, regional, periodicidade de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir corpo de pareceristas formado por pesquisadores de diferentes instituições. Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano, garantindo que pelo menos 50% deles seja de autores diferentes da instituição que publica o periódico. Estar indexado em, pelo menos, 1 base de dados nacional ou internacional.
B5	Publicação seriada, arbitrada e dirigida prioritariamente a uma comunidade acadêmico-científica, na qual devem constar ISSN, editor responsável, conselho editorial, linha editorial, normas para submissão de artigos, afiliação institucional dos autores, resumo(s) e descritores. Ter periodicidade de 2 números anuais e regularidade na edição dos números. Possuir corpo de pareceristas formado por pesquisadores de mais de uma instituição. Publicar, no mínimo, 12 artigos por ano.

Fonte: (CAPES, 2013a, p. 18-20, grifo nosso). Disponível em:

<<https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=Y2FwZXMuZ292LmJyfHRyaWVuYWwtMjAxM3xneDo0MmM5NjRiOTAzNmYwOTlm>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

Como pode ser visto, no Quadro 10, alguns enunciados caracterizam-se pela mesma subjetividade encontrada nos critérios de concessão de bolsa PQ. De forma clara, critérios quantitativos tendem a ser mais objetivos quanto à atribuição de valor, de distinção, e – no presente caso – de bolsas de produtividade em pesquisa. Entretanto, fica evidente nos enunciados grifados e sublinhados a presença, tal qual no documento contendo os critérios para a concessão das bolsas (Quadro 9).

Como por exemplo: “[...] formado por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições e **altamente qualificados**. [...] Garantir **presença significativa** de artigos de pesquisadores filiados a instituições estrangeiras **reconhecidas**”. (CAPES, 2013a, p. 18). O que são pesquisadores altamente qualificados? O que isso representa? Quem define a intensidade e a qualidade de um agente empossado no campo? De maneira mais ampla, o que são instituições reconhecidas? Aliás, reconhecidas por quem? Partindo da premissa de que os indicadores métricos, como já mencionado anteriormente, carregam em si duras críticas por serem generalizantes (excluindo, não raro, o contexto de análise)

o que dizer desses enunciados? Acredita-se que a melhor composição de critérios deva ser redigida e, claro, debatida, objetivando dirimir e esclarecer o que cada palavra representa, pois ela “[...] funciona como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica, seja ela qual for. A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico.” (VOLOSHINOV, 2010, p. 38).

A isenção completa, perseguida pelos agentes do campo e pela própria Ciência como um todo, é, segundo Ziman (1979), uma falácia, pois para o autor a neutralidade não se torna exequível, uma vez que, a avaliação e a edificação do campo científico são realizadas por indivíduos, ou melhor, agentes sociais. É essa sociabilidade que permeia a institucionalização da pesquisa e, por conseguinte, confere à Ciência seu caráter parcial.

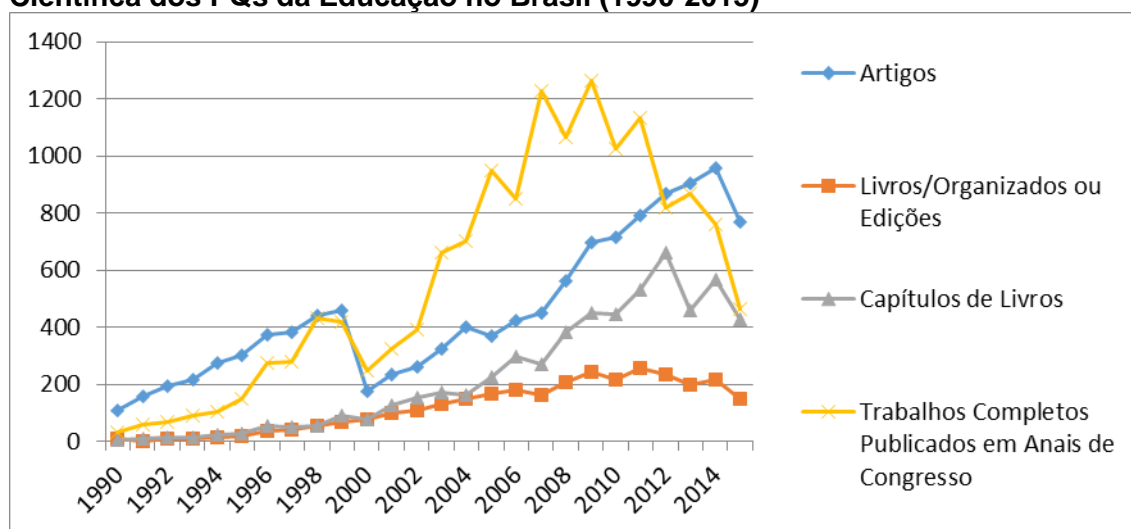
De acordo com os pressupostos do Círculo de Bakhtin, um enunciado carrega em si somente alguns significados. Eles podem, ou não, ser apreendidos pelo leitor em função de suas habilidades linguísticas. Se por um lado há a apreensão de significados, por outro há a depreensão de outras vozes. Esse conceito sobre outras vozes se refere ao que não está formalmente declarado, mas que, nem por isso, deixa de estar presente no discurso citado. Ou seja, quando alguns enunciados são alçados a critérios de avaliação deve-se buscar a objetivação, excluindo os interditos visando dirimir a parcialidade ao limite possível. Caso contrário, incorrer-se-á em uma exposição fragilizada e questionável sob o ponto de vista de quem é, por ela, avaliado.

Não foi surpresa verificar que as produções analisadas entre os três anos anteriores à concessão/renovação das bolsas de cada pesquisador e sua última publicação disponibilizada no Lattes ultrapassaram – na maior parte dos casos – os 20% de sua produção total. Esse padrão de produção reforça o aspecto reprodutivista da academia e que é ainda mais evidenciado nas altas instâncias de consagração. É impossível imaginar que alguém, que precisa distribuir seu tempo entre pesquisa, ensino e extensão, consiga escrever e publicar mais de 40 itens (entre artigos, livros e capítulos de livro) em 72 meses sem abrir mão de atividades gerenciais, administrativas e, principalmente, de ensino.

Segundo Meadows (1999), e aqui é importante observar que o texto por ele publicado tem mais de 15 anos, áreas como as Ciências Humanas e Sociais tendem a preferir publicar seus resultados de pesquisa no formato de livro ou de capítulo (coletâneas). Essa escolha se deve, principalmente, ao fato de que nessas áreas o

processo de construção científica demoraria mais, em relação aos padrões de publicação das Ciências Exatas e da Terra, por exemplo. Entretanto, ao analisar as frequências absolutas e distribuí-las ao longo do período analisado (1990-2015), o que se viu foi a manutenção do volume de publicações em livro e um aumento, praticamente, linear, mas bastante significativo, de artigos divulgados em periódicos. (Ver Gráfico 6).

**Gráfico 6 – Distribuição Temporal dos Veículos Preferidos para a Comunicação Científica dos PQs da Educação no Brasil (1990-2015)**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

A queda vertiginosa no número de artigos publicados em 2015 pode ser justificada pela falta de atualização dos currículos Lattes, pois a maior parte deles foi retificada até a primeira metade do ano. Então, o que se indica é que esse valor ainda sofrerá alterações no decorrer de 2016, mas ao excluir o ano de 2015 fica patente que dentre esses quatro tipos de veículos de comunicação científica o único que apresenta uma progressão linear são os Artigos. (Ver Gráfico 3)

Já as comunicações completas feitas em congressos sofreram uma queda considerável, principalmente, a partir de 2012. Uma possível explicação para isso foi à atribuição de Qualis, ou melhor, à tentativa, aos eventos o que ocasionou muitas críticas e debates em busca de critérios que pudessem, de fato, atribuir distinções aos eventos do campo.

O grande problema de “qualizar” eventos é definir quais são mais representativos para o campo, lembrando que periodicamente congressos, seminários e colóquios são criados, mas que, tal qual a “síndrome dos 3 fascículos”



(MUELLER, 1999) que acomete as revistas científicas recém criadas, para esses eventos o mais comum é não conseguirem se inserir na agenda científica do campo.

Todavia, isso não tira a importância que eles têm no cenário de produção e de discussão do campo. Assim, como estratificá-los, sem criar uma hierarquia fechada e repleta de distorções ocasionadas por questões que envolvem o capital político e financeiro das instituições promotoras? Acredita-se que a desistência em atribuir Qualis aos eventos do campo da Educação possa ter nesse questionamento sua principal explicação.

“A produção acadêmica, na forma de livros, de capítulos de livros, de artigos de periódicos científicos [...] bem como as reuniões das associações científicas, irão assumir a lógica de uma produção condicionada por uma conjuntura que está acima da acadêmica.” (HEY, 2008, p. 50). A autora acredita que o campo acadêmico seja conformado por meio de regras estabelecidas pela elite empossada, mas frisa que essas normas são mais políticas do que acadêmicas. Nesse sentido, entende-se que a arbitrariedade do campo seja feita e mantida por interesses, muitas vezes externos ao próprio campo.

O conceito americanizado de se fazer ciência “*publish or perish*”, incorporado na prática científica brasileira, corrobora a concepção de Hey (2008), mas o mais perverso resultado dessa prática é o silenciamento dos dominados que pode ser ouvido nas mais diferentes instâncias, seja no discurso interdito – por exemplo, acesso somente dos interlocutores legítimos aos melhores periódicos – seja na impossibilidade de ascensão política. “Isso caracteriza a transposição da ação, projetada por um grupo social, marcadamente política, como uma ação acadêmica, ou seja, um mecanismo sutil que permite o estabelecimento do discurso dominante como válido [...]” (HEY, 2008. P. 51).

A construção do campo acadêmico que “[...] está organizado segundo dois princípios de hierarquização antagonistas: a hierarquia social, segundo o capital herdado e o capital econômico e político, e a hierarquia específica, propriamente cultural, segundo o capital de autoridade científica ou de notoriedade intelectual.” (MEDEIROS, 2007, p. 69) se dá de forma retroalimentativa: maior produção, maior visibilidade, maior citação, maior influência, maior poder político. O que não se sabe, ao certo, é em qual medida essa cadeia opera.

Nesse sentido, analisar a produção científica é uma das possibilidades para um melhor entendimento acerca desse mecanismo, já que para os agentes os

investimentos a serem realizados na carreira acadêmica devem ser orientados em busca do reconhecimento, pois é através dele que será possível galgar postos de comando e posições de destaque. Isso, entre outras coisas, representa maior poder, mais regalias, melhores condições de trabalho (no que diz respeito à concessão de financiamento de pesquisa), enfim, toda essa trajetória repercute e reverbera no rito da investidura. Para Bourdieu (1998, p. 218, grifo do autor) é

[...] a sua fé na função e no grupo que a atribui e que só lhe confere tão formidável *garantia* na condição de obter em contrapartida uma garantia também plena. [...] deve manter-se por meio de um trabalho individual e colectivo de representação destinado a fazer existir o grupo enquanto grupo, a produzi-lo fazendo-o conhecer e reconhecer. [...] mas também para garantir ao grupo a sua própria existência como **grupo consagrado e capaz de consagrar** [...] (BOURDIEU, 1998, p. 218, grifo nosso).

É sabido que a investidura contribui para a ratificação das regras do campo, mas, sobretudo, para sua institucionalização, pois o agente se empossa do poder de delegação de autoridade e de distinção e, por conseguinte, alimenta a engrenagem que o compõe e alicerça. Assim, definir estratégias que garantam retornos mais rentáveis é vital para que o agente possa mover-se hierarquicamente no campo. Isso pode ser visto na escolha dos canais de comunicação científica utilizados para a publicação, a saber, periódicos, livros, capítulos de livro, anais de congresso, entre outros. Cada um desses canais tem um valor simbólico específico, mas com o advento do Qualis o conjunto foi quantificado da maneira que segue. (Ver Tabela 5).

**Tabela 5 – Pontuação de Publicação em Periódico Científico X Livros (Capítulo ou Verbetes), Eventos e Produtos Técnicos**

Estrato	Artigo em Periódico	Estrato	Capítulo	Verbetes	Livro
A1	100	L4	80	80	250
A2	85	L3	60	40	180
B1	70	L2	35	15	130
B2	55	L1	10	5	30
B3	40	LNC <sup>16</sup>	Sem valor	Sem valor	Sem valor
B4	25				
B5	10				

<sup>16</sup> Livro Não Classificado (LNC)

C

Sem valor<sup>17</sup>

Fonte: Adaptação do Documento de Área (Avaliação Trienal 2009-2012). Disponível em: < [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_doc\\_area\\_e\\_comiss%C3%A3o\\_21out.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Educa%C3%A7%C3%A3o_doc_area_e_comiss%C3%A3o_21out.pdf) >. Acesso em: 06 maio 2015.

Para um pesquisador, membro de uma elite consagrada, direcionar suas publicações é peça-chave para a manutenção do posto e/ou ascensão na hierarquia proposta, como se afirmou anteriormente. Em suma, com a criação do Qualis/Livros/Eventos e Produtos Técnicos, alguns eventos foram “qualizados” em detrimento de outros tantos que não. Isso contribui para que se observasse uma queda na publicação de trabalhos completos publicados em eventos, a partir de 2010, o que, portanto, não foi uma surpresa. A otimização da produção dos bolsistas em busca da pontuação mínima exigida pelas agências de fomento em seus triênios passa pela questão da escolha dos melhores e mais bem pontuados do Qualis.

Dos 44.226 itens avaliados (artigos, capítulos de livro, livros e trabalhos completos apresentados em congresso) observou-se a predileção pela publicação de Trabalhos Completos Publicados em Anais de Eventos, em detrimento de artigo científico (Ver Tabela 6).

**Tabela 6 – Veículo Preferido para Disseminação Científica pela Elite do Campo da Educação no Brasil (1990-2015)**

<b>Canal de Comunicação Científica Utilizado</b>	<b>Freq. Abs.</b>	<b>Freq. Rel. (%)</b>
Trabalhos Completos Publicados em Anais de Eventos	19264	43,56%
Artigos	16257	36,76%
Livros e Capítulos de Livro	8705	19,68%
<b>TOTAL</b>	<b>44226</b>	<b>100,00%</b>

Fonte: dados da pesquisa (2016)

Não obstante, a diferença (17,08%) observada entre o percentual de artigos completos e de livro e/ou capítulo de livro é um fato importante. O que se vê é uma possível alteração de curso, principalmente, a partir de 2013 na escolha do veículo utilizado para a comunicação científica do campo. Cumpre ressaltar que os diálogos sobre o Qualis/Livros se intensificaram nesse período relegando um status/valor menor aos capítulos que compõem coletâneas, quando comparados à pontuação auferida para os artigos completos. (CAPES, 2013a). (Ver Quadro 11 e 12).

<sup>17</sup> O Documento de Avaliação Trienal (2009-2012) apresenta inúmeras inconsistências, aqui se pode constatar uma delas, pois a distribuição do Qualis/Periódico (ver Apêndice B) sequer menciona o estrato C.

A avaliação levará em consideração, especialmente para o estrato mais elevado, quesitos de **relevância da temática, caráter inovador da contribuição e potencial de impacto**, tais como definidos pelo CTC. Além desses aspectos, serão considerados aspectos formais — autoria, editoria, financiamento, reedição, prêmios — que valorizam a obra, embora não sejam obrigatórios. Para fins de classificação, as obras serão subdivididas de acordo com sua natureza em: (a) obra integral; e (b) coletânea e dicionários. (CAPES, 2013a, p. 21, grifo nosso).

**Quadro 11 – Classificação Qualis/Livros (Texto Integral)**

Estrato	Definição
L4	<p>Obra acadêmico-científica cuja natureza é relato e/ou discussão de pesquisa focalizando questões teóricas e metodológicas, empíricas ou de aplicação; estudos e ensaios teóricos e debates conceituais; estudos e propostas de metodologia de pesquisa; estado da arte referente a determinada temática ou subárea de saber; ou estudos, derivados de pesquisa, sobre metodologia de ensino para educação básica ou superior. As obras devem apresentar necessariamente: <b><u>esforço autoral e alcance teórico; organicidade</u></b>, introdução/capítulo introdutório ou apresentação que demonstre a organicidade da obra; distribuição/circulação; qualidade da edição; e editora com conselho editorial.</p> <p><b><u>Obra acadêmico-didática ou de revisão de literatura com organicidade, recorte autoral e abordagem aprofundada, alicerçada em trajetória de pesquisa nas áreas de conhecimento</u></b>. São atributos que valorizam a obra: financiamento da pesquisa, obra com até 3 autores, coautoria com pesquisadores estrangeiros, pertencimento a coleções, avaliação por pares, apoio de agência para publicação (editais), prefácio e/ou apresentação de outro pesquisador, informação sobre o(s) autore(s) e prêmios.</p>

Estrato	Definição
L3	<p>Obra acadêmico-científica cuja natureza é relato e/ou discussão de pesquisa focalizando questões teóricas e metodológicas, empíricas ou de aplicação; estudos e ensaios teóricos e debates conceituais; estudos e propostas de metodologia de pesquisa; estado da arte referente a determinada temática ou subárea de saber; ou estudos, derivados de pesquisa, sobre metodologia de ensino para educação básica ou superior. <b>As obras devem apresentar: <u>organicidade</u>, distribuição/circulação e <u>qualidade da edição</u>.</b> São atributos que valorizam a obra: institucionalização da pesquisa no Programa, introdução/capítulo introdutório ou apresentação que demonstre a organicidade da obra, obra com até 3 autores, editora com conselho editorial e coleções, avaliação por pares, apoio de agência para publicação (editais).</p>
L2	<p>Obra acadêmico-científica cuja natureza é relato e/ou discussão de pesquisa focalizando questões teóricas e metodológicas, empíricas ou de aplicação; estudos e ensaios teóricos e debates conceituais; estudos e propostas de metodologia de pesquisa; estado da arte referente a determinada temática ou subárea de saber; ou estudos, derivados de pesquisa, sobre metodologia de ensino para educação básica ou superior. <b><u>As obras devem apresentar organicidade.</u></b> Obra acadêmico-didática ou de revisão de literatura, tomando como referência pesquisas e estudos na área educacional, que apresente <b><u>organicidade</u></b>. São atributos que valorizam a obra: ter até 3 autores, distribuição/circulação, qualidade da edição, editora com conselho editorial e coleções, apoio de agência para publicação (editais) e prêmios.</p>
L1	<p><b><u>Obra com abordagem menos orgânica e pouca argumentação conceitual.</u></b> Não há exigência de ampla distribuição nacional.</p>

Fonte: (CAPES, 2013a, p. 20-22, grifo nosso). Disponível em: <

[http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_doc\\_area\\_e\\_comiss%C3%A3o\\_21out.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Educa%C3%A7%C3%A3o_doc_area_e_comiss%C3%A3o_21out.pdf) >. Acesso em: 10 jun. 2015.

**Quadro 12 - Classificação Qualis/Livros (Coletânea)**

Estrato	Definição
L4	Coletânea com <b><u>textos muito bem articulados</u></b> cuja natureza é relato e/ou discussão de pesquisa focalizando questões teóricas e metodológicas, empíricas ou de aplicação; estudos e ensaios teóricos e debates conceituais; estudos e propostas de metodologia de pesquisa; estado da arte referente à determinada temática ou subárea de saber; ou estudos, derivados de pesquisa, sobre metodologia de ensino para educação básica ou superior. Necessariamente, produto de convênios, de redes nacionais ou internacionais ou de pesquisa financiada. São atributos que valorizam a obra: participação discente, presença de autores e organizadores estrangeiros, ampla distribuição/circulação, qualidade da edição, apoio de agência para publicação (editais) e prêmios.
L3	Coletânea com <b><u>textos articulados</u></b> cuja natureza é relato e/ou discussão de <b>pesquisa</b> focalizando questões teóricas e metodológicas, empíricas ou de aplicação; estudos e ensaios teóricos e debates conceituais; estudos e propostas de metodologia de pesquisa; estado da arte referente a determinada temática ou subárea de saber; ou estudos, derivados de pesquisa, sobre metodologia de ensino para educação básica ou superior. Resulta de pesquisa institucional de grupos de pesquisa de um ou mais Programas ou da consolidação de trajetórias de pesquisas dos autores. Coletânea com <b><u>textos muito bem articulados</u></b> cuja natureza é <b>revisão ou discussão de literatura, obra didática com revisão crítica da literatura sobre um tema, e biografia comentada ou apresentação da obra de um autor, com seleção de textos e discussão crítica</b> . São atributos que valorizam a obra: participação discente, autores e organizadores estrangeiros, distribuição/circulação, qualidade da edição, apoio de agência para publicação (editais) e prêmios.

Estrato	Definição
L2	Coletânea com <b>textos com menor articulação</b> cuja natureza é relato e/ou discussão de pesquisa focalizando questões teóricas e metodológicas, empíricas ou de aplicação; estudos e ensaios teóricos e debates conceituais; estudos e propostas de metodologia de pesquisa; estado da arte referente a determinada temática ou subárea de saber; ou estudos, derivados de pesquisa, sobre metodologia de ensino para educação básica ou superior. Coletânea com <b>textos articulados</b> cuja natureza é revisão ou discussão de literatura, obra didática com revisão crítica da literatura sobre um tema, e biografia comentada ou apresentação da obra de um autor, com seleção de textos e discussão crítica. São atributos que valorizam a obra: participação discente, autores e organizadores estrangeiros, distribuição/circulação, qualidade da edição.
L1	Coletânea com <b>textos pouco articulados</b> , mas que demonstrem vinculação à pesquisa desenvolvida na instituição.

Fonte: (CAPES, 2013a, p. 22-23 grifo nosso). Disponível em: < [http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs\\_de\\_area/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_doc\\_area\\_e\\_comiss%C3%A3o\\_21out.pdf](http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacaotrienal/Docs_de_area/Educa%C3%A7%C3%A3o_doc_area_e_comiss%C3%A3o_21out.pdf) >. Acesso em: 10 jun. 2015.

A incipiência dessa tabela de classificação (Qualis/Livros/Coletâneas e Eventos) pode estar contribuindo para uma alteração no cenário da produção acadêmica em Educação, pois o próprio campo ainda não a incorporou em suas estruturas de modo naturalizado. O estranhamento, ou melhor, os questionamentos são inevitáveis, até mesmo porque, todo e qualquer critério de avaliação é criado por alguns membros da elite empossada no campo que, por delegação ou sucessão, age como porta-voz autorizado. (BOURDIEU, 1998, 2004, 2011d). Em sendo assim, o estranhamento e o confronto se fazem e podem, sim, estar ensejando uma modificação no perfil de publicação do campo.

Ainda no tocante aos enunciados sublinhados nos Quadros 11 e 12, o que se pode afirmar é que tal qual o verificado nos critérios de concessão da bolsa PQ e do Qualis/Periódicos a estratificação proposta, para ranquear livros e coletâneas, padece de intensa subjetividade como pode ser comprovado em alguns exemplos a seguir: “textos **pouco articulados**”, “textos **com menor articulação**”, “textos **muito bem articulados**”, “Obra com **abordagem menos orgânica** e pouca argumentação

conceitual”, “que apresente **organicidade**”. Para a Teoria da Prática de Bourdieu, o mais importante é além de constatar a presença de palavras comuns (linguagem corrente) nos enunciados que se propõem a qualificar algo ou alguém, é observar que isso induz a um erro de avaliação primário. Esse equívoco está relacionado à naturalização de alguns termos e sua equivocada ascensão a palavra livre de ideologia, ou seja, isenta e adequada a julgar, conceder e legitimar. Vale ressaltar, no entanto, que ela contém “[...] em seu vocabulário e sintaxe, toda uma **filosofia petrificada do social** sempre pronta a ressurgir das palavras comuns ou das expressões complexas construídas com palavras comuns [...]” (BOURDIEU, 2015, p. 32, grifo nosso).

Assim, cabe questionar se conceitos antagônicos, e pouco mensuráveis, como **pouco, muito, menor, maior**, sejam considerados adequados para comporem critérios claros desses enunciados avaliativos. “A preocupação com a definição rigorosa continua sendo inútil e, até mesmo, enganadora enquanto o princípio unificador dos objetos submetidos à definição não tiver sido submetido à crítica.” (BOURDIEU, 2015, p. 32). Ainda de acordo com o autor as definições e as classificações que derivam e/ou são expressas por meio do vocabulário comum são “[...] inconscientes e incontroladas que ameaçam insinuar-se no discurso sociológico [...]” (p. 33). Ao fazer a crítica lógica desses enunciados o que se intenta é propor uma tomada de consciência metódica na redação dos critérios que envolvem avaliações. Isso evitaria não só um distanciamento de possíveis “afinidades” geradoras de “esquemas comuns”, mas também e, principalmente, a transposição da prática ingênua. (BOURDIEU, 2015).

Aqui se entende por prática ingênua o não questionamento dos enunciados propostos, mesmo que eles se caracterizem como vagos e imprecisos, ou seja, carentes de definições e quantificações outras que minimizem os efeitos da apropriação da linguagem comum na redação científica. É sabido, que o discurso científico se vale de conceitos e palavras que compõem o vocabulário ordinário, aliás, todo e qualquer discurso se pauta, predominantemente, nesse arcabouço vocabular. O que de fato diferencia o discurso não científico do científico é a composição das palavras “naturais” (cotidianas) com as “técnicas”, ou melhor, com as específicas de cada campo do conhecimento e que, portanto, definem a audiência capacitada para interagir e compreender esses enunciados.

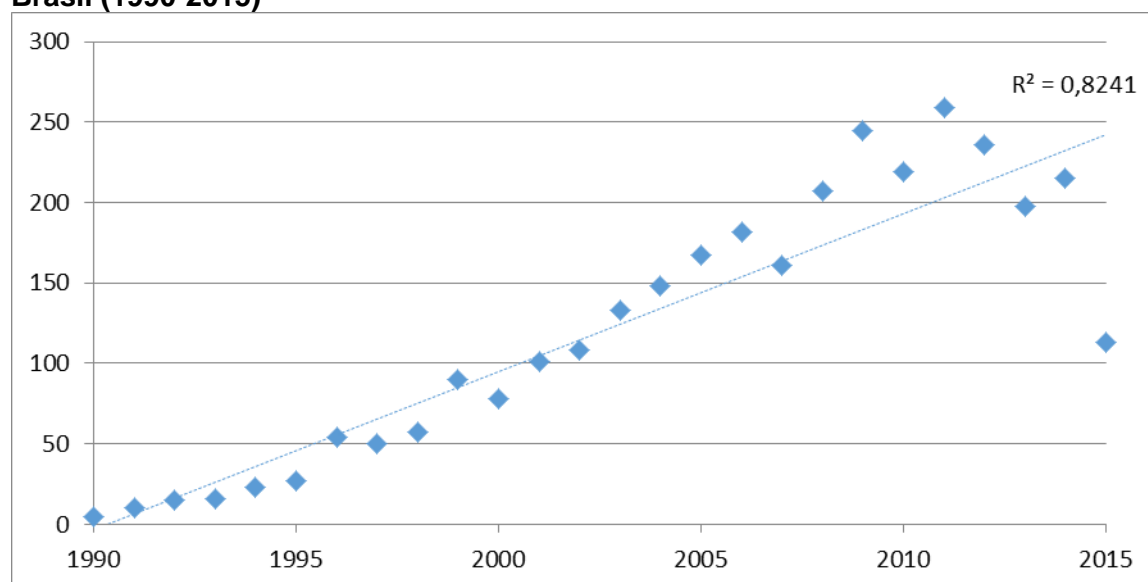


A linguagem sociológica que, até mesmo em suas utilizações mais controladas recorre sempre a palavras do léxico comum tomado em uma acepção rigorosa e sistemática e que, por esse fato, se torna equívoca desde que deixa de se dirigir unicamente aos especialistas, presta-se, mais do que qualquer outra a utilizações fraudulentas: os **jogos de polissemia, permitidos pela afinidade invisível entre os conceitos mais depurados e os esquemas comuns, favorecem o duplo sentido e os mal-entendidos [...]** (BOURDIEU, 2015, p. 37, grifo nosso).

A que se pensar também que o investimento em uma carreira profícua passa pela escolha de como, onde e com quem publicar um trabalho. Com a chegada dessa nova tabela, mais um fator foi inserido nesta equação: o que será mais bem avaliado? O mesmo resultado de pesquisa publicado como artigo, como capítulo ou como trabalho apresentado em evento reverberará de maneira diferente no campo; tendo diferentes públicos atingidos e, por fim, diferentes pesos em uma futura avaliação individual e, por conseguinte, institucional.

Todavia, mesmo com enunciados que corroboram, ou melhor, refletem a supervalorização do artigo no meio acadêmico, a publicação de livros – pelo menos no campo das Ciências Humanas – continua em ascensão linear como pode ser observado no Gráfico 7.

**Gráfico 7 – Publicação Proporcional dos Livros por Ano pelos PQs de Educação no Brasil (1990-2015)**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

Cumprе ressaltar que quanto maior o  $R^2$ , mais explicativo é o modelo e que aqui essa análise é absoluta, ou seja, não há uma relação proporcional entre a

produção e o número de bolsistas por período. Esse fato não diminui a importância de verificar, em termos quantitativos, a progressão na produção de livros. Aqui o  $R^2$  apresentou um valor de 0,8241, isto significa com 82,41% de certeza a variável dependente (Eixo Y – Número de Livros Publicados) consegue ser explicada pelos regressores presente nesse modelo (Eixo X - Período). Assim, o coeficiente de determinação ( $R^2$ ) ajusta-se ao universo observado e indica que, mesmo a despeito da incipiência da tabela de avaliação, o campo da Educação ainda tem no livro um canal de comunicação científica viável sob o ponto de vista do incremento de capital científico puro.

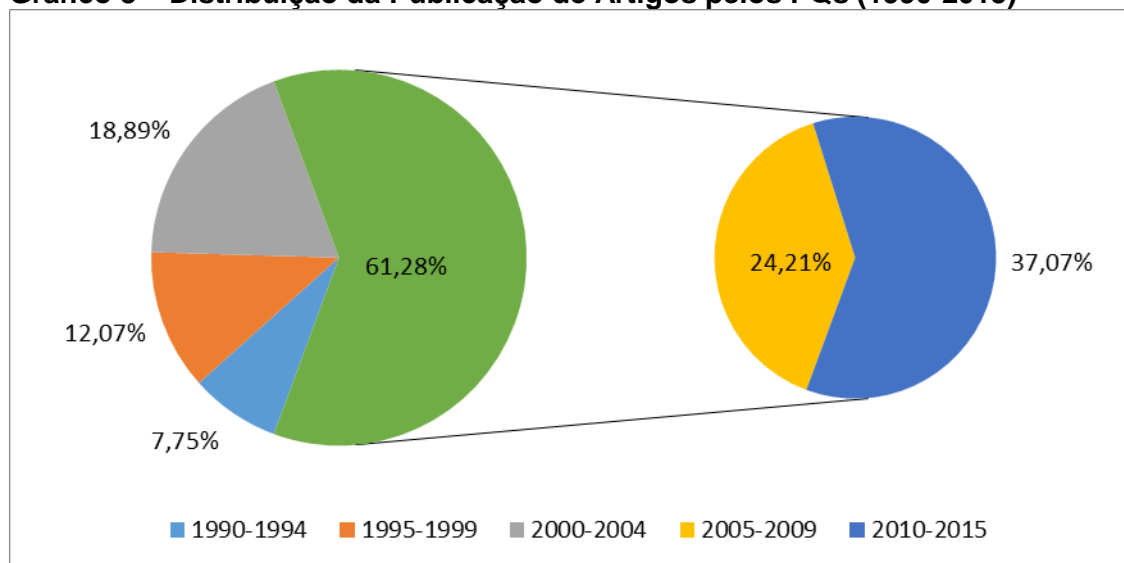
As produções científicas (capital científico puro objetivado) são resultantes de investimentos e opções de cada agente em busca de ascensão no campo, mas o que de fato ocorre para que um tipo específico de produção seja tomado como mais valioso? O caso do artigo de periódico é esclarecedor sob o ponto de vista das diferenças encontradas (históricas) nos campos. Se as Ciências Exatas têm, por hábito, a predileção pela publicação em revistas científicas, as Ciências Humanas – ao longo de sua institucionalização – conferiram ao livro maior importância informativa e formativa.

De acordo com Meadows (1999), o artigo se caracteriza por ser uma publicação mais rápida e abrangente, em função de seus trâmites. Em contrapartida, o livro necessita de um tempo maior para chegar ao destinatário final, seja pelo custo, seja pela dificuldade em encontrar uma parceria editorial, pois há, sem dúvidas, mais periódicos (advento do acesso eletrônico) do que editoras interessadas (mesmo as universitárias) em investir na publicação de livros especializados. Isso reduz o número de intenções individuais e coletivas para a publicação de livros e coletâneas de forma geral, independentemente, da grande área. A alteração observada no volume total de livros publicados indica que os entraves inerentes à publicação podem estar influenciando os agentes no momento de escolherem seu veículo de comunicação científica preferido.

O que fica patente é que a escolha do tipo de capital cultural objetivado diz muito sobre um campo. “[...] uma análise relacional e uma retórica eficaz são habilidades que distinguem um bom trabalho, [sendo que] **a produtividade é medida pela produção discursiva em gêneros conhecidos.**” (HANKS, 2008. p. 45, grifo nosso). Aqui se ressalta que a escolha por um gênero ou outro pode conferir maior ou menor reconhecimento ao agente e isso, definitivamente, não está

de maneira direta, relacionado à qualidade de seu conteúdo. Ao afirmar isso, compromete-se com a máxima de que determinadas publicações (principalmente as cinzentas) não têm um alcance muito grande o que determina que ela tenha, fatalmente, um menor número de leitores potenciais e, por conseguinte, um ainda mais reduzido número de citações. É importante observar que, ao longo das duas últimas décadas, o campo da Educação tem seguido a tendência da Ciência em geral: a publicação dos resultados de pesquisa em periódicos. (Ver Gráfico 8).

**Gráfico 8 – Distribuição da Publicação de Artigos pelos PQs (1990-2015)**



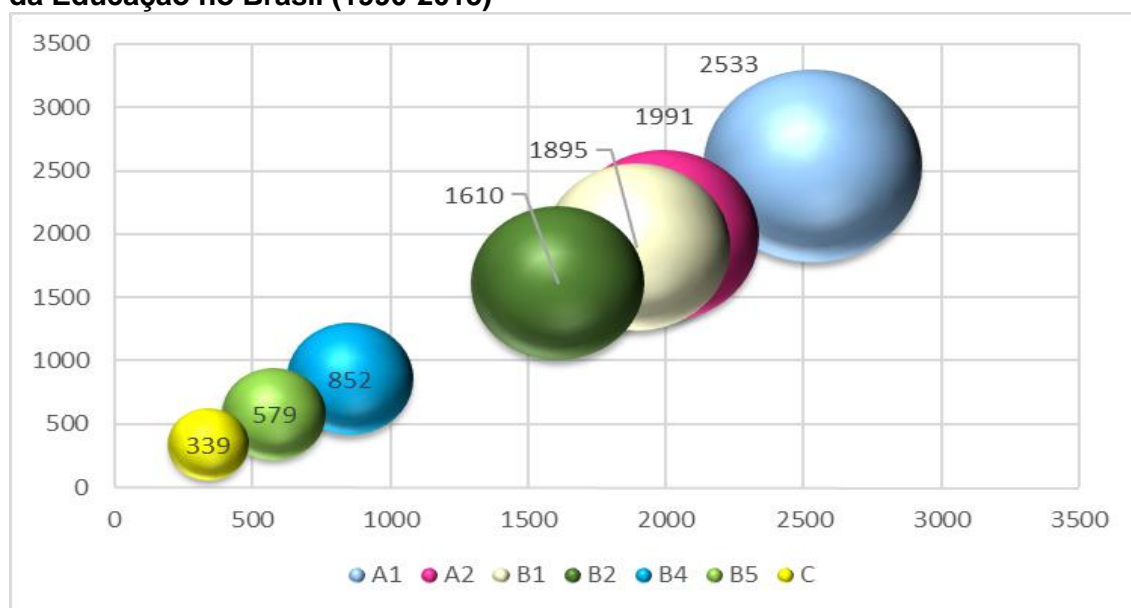
Fonte: dados da pesquisa (2016)

De um total de 16.257 artigos analisados, entre 1990 e 2015, o que se viu foi uma explosão no número trabalhos nos dois últimos períodos da análise (2005-2015) com 61,28% do total. Esse alto percentual pode ser explicado por inúmeros fatores dentre eles: o aumento no número total de revistas científicas (principalmente no formato eletrônico) a incorporação de bolsistas, principalmente, no estrato PQ2 e, claro, a priorização do artigo como sendo o veículo autorizado da Ciência. Isso reverbera em outro ponto que é o sistema retroalimentativo das publicações periódicas. Elas são, hoje, o principal canal de comunicação científica e, portanto, também são as mais citadas reforçando o Efeito Mateus não só para o agente (autor), mas também para o veículo (revistas científicas). Como afirmam Mueller e Passos (2000, p. 19) “[...] o periódico científico é a fonte por excelência a ser consultada e citada nos trabalhos científicos. Percebe-se assim a importância do

papel que os periódicos bem-conceituados desempenham na fabricação da ciência e na carreira dos cientistas.”

No que concerne à distribuição dos artigos publicados, ao longo da carreira dos 382 bolsistas, o que se pode afirmar é que há uma relação direta entre a elite acadêmica do campo da Educação e os periódicos mais bem qualizados. No Gráfico a seguir é possível visualizar que a maior parte das pesquisas foi publicada nos estratos A1, A2 e B1.

**Gráfico 9 - Distribuição do Estrato Qualis da Produção de Artigos dos PQs do Campo da Educação no Brasil (1990-2015)**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

De um universo de 16.257 artigos publicados, entre 1990 e 2015, 60,58% foram veiculados em periódicos dos estratos A1, A2 e B1 do Qualis/Periódicos. O primeiro questionamento que surge é: a elite consagrada (PQs) publicou mais nas melhores revistas científicas porque é elite, ou é elite porque publicou, prioritariamente, nos estratos mais elevados? A resposta tangencia a questão do rito da investidura (BOURDIEU, 2015), pois o acesso da elite empossada é, sim, mais facilitado.

O que se vê é um rol de critérios para submissão de originais que são redigidos por uma elite e para uma elite, pois como afirma Bourdieu (1998, p. 217) “Ser conhecido e reconhecido é também deter o poder de reconhecer, de consagrar, de dizer, com sucesso, aquilo que merece ser conhecido e reconhecido [...]” Os

percentuais de autores doutores, de estrangeiros, e de tantas outras premissas barram a entrada de agentes ainda considerados “recém-chegados” ao campo. O direito à voz só é conferido quando da investidura e da delegação de tal poder.

Ao estabelecer critérios que visam potencializar a qualidade dos trabalhos publicados, a elite cria um halo em torno das melhores revistas científicas, dos melhores eventos e, agora, dos melhores livros. Toda essa mecânica contribui para a manutenção dos mesmos nas posições de destaque. Importante salientar que quando se diz “mesmos”, está-se referindo ao mesmo perfil e não, necessariamente, ao mesmo agente.

Assim, para ascender à posição de elite alguns investimentos e aquiescências são imprescindíveis, principalmente, no que concerne às regras (*habitus*) e à língua. “A padronização e a legitimação sancionam determinadas maneiras de falar, recompensando umas, porém silenciando outras. Seu efeito é intimidar e censurar o discurso sem o uso de quaisquer atos visíveis de intimidação ou censura.” (HANKS, 2008, p. 52). É importante frisar que a aquisição da língua e o, posterior, domínio da linguagem autorizada no campo se constitui como premissa para o acesso aos cargos, aos periódicos e aos eventos, pois é através desses postos oficiais que a legitimidade se impõe.

De certa maneira, mais o importante ao analisar os enunciados desses critérios de classificação, é indicar que eles podem e devem ser mais elucidativos, seja, pela substituição de palavras, seja pela composição com indicadores objetivos e quantitativos. Aqui não estão sendo julgadas intenções dicotômicas (boas ou más), mas sim, apontando para a premência de esclarecimentos que possam responder a uma questão que, certamente, povoa a consciência dos agentes do campo: o que isso (enunciado) significa objetivamente? Priorizar, à exaustão, a transparência e a objetividade, não representa um retorno ao uso somente de indicadores quantitativos, pois, como o já foi exposto, eles também não são suficientemente confiáveis e impassíveis de sofrerem algum tipo de desconfiguração na tentativa de exprimir a realidade.

Aqui se prega a junção de técnicas de avaliação, mas, sobretudo, que quando forem utilizadas seja considerado o contexto histórico, as nuances geográficas, as heranças institucionais, visando dirimir discrepâncias que só funcionam como ratificadoras de uma prática excludente e elitista. Como comparar, por exemplo, PPG's localizados em regiões brasileiras distintas com os mesmos critérios? O

termo excludente e elitista funciona bem nesse sentido, pois exclui (apagamento) as diferenças e ratifica a posição de domínio da elite empossada em uma espécie de “Classificação, desclassificação e reclassificação”. Nesse artigo Bourdieu (2011c) aponta para as estratégias empreendidas (reprodução) pela elite para garantir a reconversão de seus capitais. E para esse processo, segundo o autor, conta com “[...] a desvalorização mais bem camuflada que resulta do fato de que as posições (e os diplomas que conduzem às mesmas) podem ter perdido o seu valor distintivo [...]” (BOURDIEU, 2011c, p. 150).

Então, pensar os critérios de classificação e de concessão como um dos mecanismos possíveis, e aqui não se está afirmando que todos (na sua completude) o são, que operacionalizam essa desvalorização de determinados agentes e instituições perante outros. Nesse sentido, a Capes, representada na figura de 34 agentes membros do comitê, sendo que a metade deles é bolsista PQ do campo da Educação, indica a possibilidade de estudar a

[...] adoção de **redução de parâmetros ou indicadores quantitativos** de avaliação de processos, **ampliando os indicadores de resultado**, sem prejuízo para a qualidade da própria avaliação. [...] **Introduzir indicadores de avaliação** que induzam a interdisciplinaridade e atuação em redes e em associações. Neste caso **devendo-se atentar para não se criar cenários artificiais**, buscando um constante balanço entre o estímulo à interdisciplinaridade e a **definição de indicadores que não estimulem avaliações subjetivas ou dúbias**. (CAPES, 2013a, p. 9-10).

É claro que qualquer critério estabelecido como regulador, para mensurar diferenças e conferir distinções, é por si só, um critério de avaliação, ou melhor, um indicador de desempenho. Esse tipo de indicador, muito utilizado no campo da Administração, tem como principal característica propor uma avaliação global, incluindo aspectos quanti e qualitativos. A seguir uma proposição, centrada no campo acadêmico, de três subtipos de indicadores que podem auxiliar na avaliação, não só de PPG's, como das Instituições de Ensino Superior (IES), ou ainda, dos membros do campo:

- a) **indicadores de produtividade**: que podem ser explicitados através dos estudos métricos da Ciência contemplando, a saber, estudos de autoria, de citação, de correlação;

- b) **indicadores de qualidade:** critérios objetivos de avaliação, sem dubiedades e voltados para a análise dos conteúdos veiculados pela instituição e por seus agentes;
- c) **indicadores de capacidade:** aqui está o julgamento a ser feito aos agentes que compõem a IES no que concerne, por exemplo, à sua formação acadêmica.

Esses critérios podem indicar o verdadeiro desempenho de agentes e instituições ante as exigências postas pela Ciência atual. Não há porque temer, ou melhor, demonizar os indicadores quantitativos, pois eles podem sim indicar investimentos e estratégias equivocadas, ou ainda, demonstrar de modo objetivo o volume da produção científica em qualquer nível (intrainstitucional, nacional, internacional). O que se deve é lançar um olhar mais atento e criterioso a esses indicadores, qualificá-los e interpretá-los mediante a composição com outras análises (teóricas ou técnicas).

Por fim, o que se pode depreender dos enunciados presentes nos critérios de classificação é o esvaziamento do signo, ou seja, ele por si só já não representa a completude de sentido necessária para que não haja brechas para interpretações subjetivas de seus conteúdos e, por conseguinte uma facilidade maior na conversão e a reconversão de capitais. Os julgamentos efetuados com base nesses critérios são postos em prática pela elite, que julga não só a si própria, mas à totalidade dos agentes do campo.

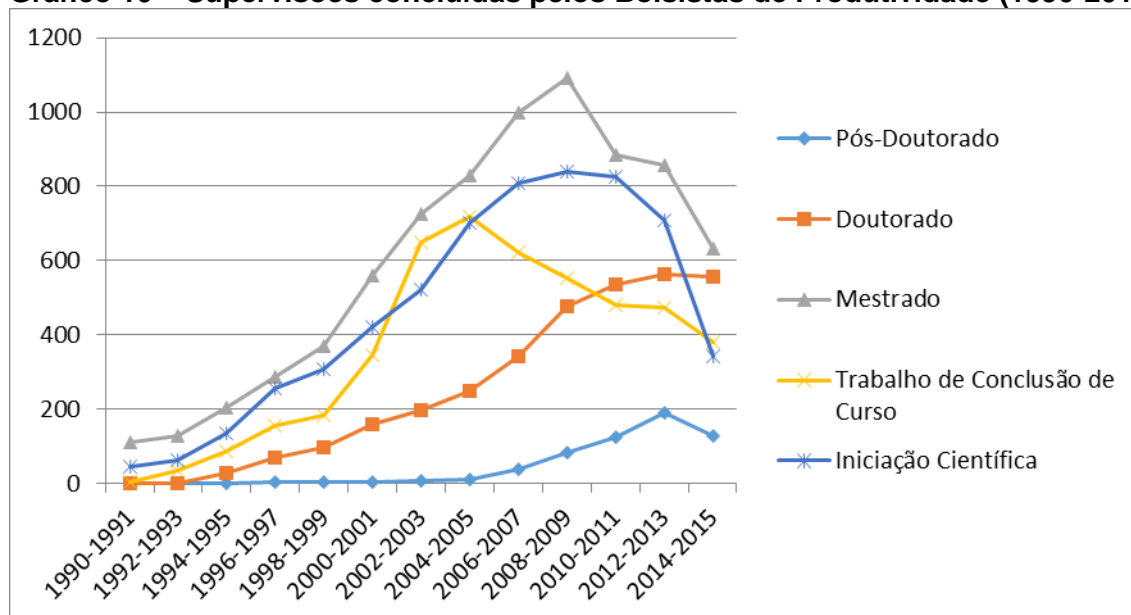
Aqui cabe a repetição de uma citação feita anteriormente, “a medida que a definição dos critérios de julgamento e dos princípios de hierarquização está em luta, ninguém é *bom* juiz porque ninguém deixa de ser ao mesmo tempo juiz e parte interessada.” (BOURDIEU, 2013b, p. 119, grifo do autor). Com isso o autor ratifica o exposto: com enunciados alicerçados de forma a se esvaziarem de sentido objetivo, os critérios elaborados pela elite tendem a reforçar seus feitos ante aos demais. Isso garante a permanência desses agentes nos postos de comando mediante o domínio e a delegação de dois tipos de capital cultural, a saber, o objetivado e o institucionalizado.

## 5.6 O CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL DOS PQS: UMA ANÁLISE DAS SUPERVISÕES, DOS CARGOS OCUPADOS E DOS PRÊMIOS E TÍTULOS DA ELITE CONSAGRADA

Em relação à construção da trajetória acadêmica dos PQs é importante distinguir as produções, orientações, prêmios e títulos que compõem o capital científico puro e o temporal, bem como o capital científico temporal pessoal e o delegado. Tendo explicitado os diferentes tipos de produção tanto no que concerne ao volume publicado, aos canais utilizados, quanto no que diz respeito aos critérios que hierarquizam esses trabalhos. Agora serão analisadas as supervisões, de 1990 a 2015, dos 382 bolsistas diferenciadas entre:

- Orientações de Pós-Doutorado;
- Orientações de Doutorado;
- Orientações de Mestrado;
- Orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso;
- Orientações de Iniciação Científica.

**Gráfico 10 – Supervisões concluídas pelos Bolsistas de Produtividade (1990-2015)**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

O pico de orientações de Mestrado foi o ano de 2007, mas a partir de 2008 esse volume de orientações deixou de ser crescente para iniciar um franco declínio.



Esse resultado pode encontrar explicação no fato de que com a sedimentação dos Programas de Pós-graduação (PPG's) no Brasil e, por conseguinte, com o aumento no número de PPG's "completos" que oferecem curso de Mestrado e Doutorado ampliado, a partir do ano 2007, o volume de alunos ingressantes no Doutorado aumentou substancialmente. (CAPES, 2013b). A agência ainda menciona melhoria nas avaliações, de docentes e, por fim, da produção científica dos PPG's provenientes da implantação dos novos cursos de Doutorado.

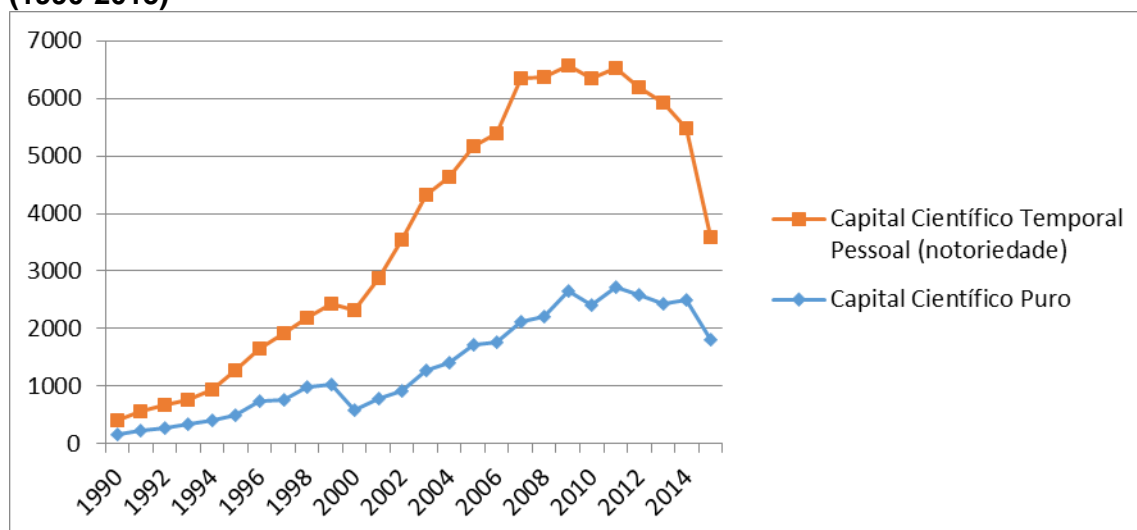
Cumprе ressaltar que, no que concerne às orientações no âmbito da graduação, o que se observou foi o inverso. O declínio iminente das atividades de Iniciação Científica (IC) e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pode indicar uma condição e/ou predileção da elite em trabalhar/focar mais nas atividades da Pós-graduação. É fato que o conhecimento que flui entre os agentes da elite no campo é bastante grande, pois são os maiores detentores de deferentes tipos de capital. O mais importante dele é o capital científico puro, pois com anos de trajetória acadêmica esses membros contribuem sobremaneira para a disseminação do conhecimento aos novatos do campo. Por recém-chegados compreendem-se, principalmente, os estudantes de Pós-graduação.

Em sendo assim, não é estranho constatar que o número de orientações de doutorado e de pós-doutorado esteja em ascensão e as atividades de Iniciação Científica (IC) e Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) estejam em declínio, pois à elite cabe a orientação dos mais altos níveis da academia, por já serem doutores e pós-doutores. Os outros tipos de orientação ficam ao cargo dos professores com menores capitais e recém-incorporados aos PPG's. Para afirmar tais disposições a análise diacrônica foi de fundamental importância para constatar que – com as exigências das agências de fomento e com o *modus operandi* da academia – o tripé que sustenta a universidade, a saber, Ensino, Pesquisa e Extensão, não tem uma divisão equânime entre os agentes empossados, uma vez que eles delegam as orientações menos importantes aos seus possíveis sucessores.

Em função do grande número de bolsistas foi inviável realizar uma análise individualizada de cada currículo Lattes em busca dos capitais mobilizados pela elite consagrada do campo da Educação. Todavia, com o auxílio do *software* ScriptLattes, gerou-se um gráfico no qual é possível ver a progressão temporal do capital científico puro desses agentes, composto por artigos, livros, capítulos de livros e trabalhos completos publicados em eventos, em comparação com o seu

capital científico temporal pessoal (prêmios e títulos, supervisões e participação em eventos). (Ver Gráfico 11).

**Gráfico 11 – Mobilização dos Capitais Científico Puro e Temporal Pessoal dos PQs (1990-2015)**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

O investimento realizado pela elite consagrada foi ascendente em ambos os tipos de capital, mas com intensidades bem distintas. A queda, em 2015, é previsível, pois inúmeros currículos ainda não foram totalmente atualizados com os dados desse último ano. Então, o foco volta-se para o decréscimo abrupto no capital científico temporal pessoal, principalmente, entre 2011-2014, a variável que mais contribuiu para isso foi o número reduzido de participações em eventos. Em contrapartida, também é nesse quadriênio que se observou uma estabilidade no ponto máximo do capital científico puro. Meadows (1999) afirma que os eventos científicos têm por função primeira promover o encontro pessoal, e porque não teórico, entre os pares. Para o autor, é no conagraçamento que novas redes sociais colaborativas se formam e que as já existentes experimentam o fortalecimento de seus laços na defesa pública do trabalho apresentado.

Essa queda vertiginosa encontrou explicação plausível no fato de que, em comparação com o quadriênio anterior (2007-2010) as seguintes variáveis: artigos, livros e capítulos de livro, que compõem o capital científico puro, aumentaram em média 33,55%. A exceção desse cenário foi a queda de 21,88% no número de trabalhos completos publicados em eventos. Retoma-se aqui a discussão acerca da proposição de atribuição de Qualis aos eventos do campo que terminou, como se

pode ver, impactando nas estratégias de acumulação de capital da elite. Pode-se dizer que, felizmente, essa tentativa se viu frustrada – pelo menos no modelo proposto – pois, concorda-se com Ziman (1979) e Meadows (1999) acerca da importância dos eventos na estruturação e sedimentação do campo ante a comunidade científica. Aqui não se está fazendo juízo de valor sobre a qualidade dos congressos, ou ainda, sobre a comparação entre um evento e outro, mas sim, salientando que o fórum adequado para discussão de futuras pesquisas ainda são, sim, as reuniões de grupos de trabalho.

A próxima subseção se caracteriza pelo recorte realizado no universo da pesquisa, qual seja, dos 382 agentes que o compuseram, retirou-se – com o intuito de aprofundar as análises – 21 deles. Para Bourdieu (2013a) os membros da elite são definidos por “[...] um conjunto finito de propriedades explicitamente definidas que diferencia, por um sistema de diferenças atribuíveis, os conjuntos de propriedades, construídos segundo os mesmos critérios explícitos, que caracterizam outros indivíduos [...]” (p. 45).

## 5.7 OS CAPITAIS ENVOLVIDOS E MOBILIZADOS PELA ELITE CONSAGRADA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Na presente tese, o critério para definição dos mais produtivos dentro da elite consagrada foi a aplicação da Lei do Elitismo de Price (1976). Ela postula que se  $n$  representa o número total de autores em um campo,  $\sqrt{n}$  representaria a elite desse campo e esse mesmo grupo seria responsável pela publicação de metade de todas as contribuições. No caso do campo da Educação:

$$\sqrt{382} \approx 19,54$$

Por se tratar de indivíduos, não é possível analisá-los de forma decimal. Inclusive, o próprio Solla Price (1976) trabalhou com a ideia de arredondamento/adequação desse resultado. No contexto aqui analisado foi feita não só o arredondamento, mas também a adequação, pois a produção observada tanto no 20º agente, quanto no 21º foi a mesma. Dessa forma, a elite de pesquisa foi composta por 21 membros listados na tabela que segue.

**Tabela 7 – Elite Produtiva do Campo da Educação no Brasil (1990-2015)**

<b>PQs</b>	<b>Nº de Artigos Publicados</b>
A287	229
A106	174
A366	153
A113	138
A377	123
A77	122
A187	120
A97	119
A244	114
A317	113
A296	109
A66	104
A146	102
A335	100
A271	95
A325	94
A104	91
A239	89
A311	81
A84	78
A374	73
<b>TOTAL</b>	<b>2421</b>

Fonte: dados da pesquisa (2016)

Em relação à elite produtiva ela se constitui não somente pela e na acumulação de capital científico (puro e temporal), mas também por outros tipos de capital como afirma Miceli (2001, p. 53), “A possibilidade de ocuparem essas novas posições dependeu não dos títulos e diplomas que por acaso tivessem, mas muito mais do capital de relações sociais que lograram mobilizar.” Falar-se-á sobre o capital social, de maneira mais pormenorizada, na próxima subseção.

Ao analisar esses 21 agentes mais produtivos buscou-se aplicar o modelo de distribuição dos capitais, exposto anteriormente (ver Quadro 5), de modo objetivo verificando quais seriam os agentes detentores de maior capital científico puro e científico temporal, pois como afirma Bourdieu (2013c) é a escolha da produção legítima, ou melhor, a indicação do que é legítimo que reforça a posição de dominante do agente. “Os dominantes legitimam aqueles do seu universo de pertencimento, aqueles em que há uma base comum de interconhecimento dada pela ocupação de posições semelhantes.” (HEY, 2008, p. 66)

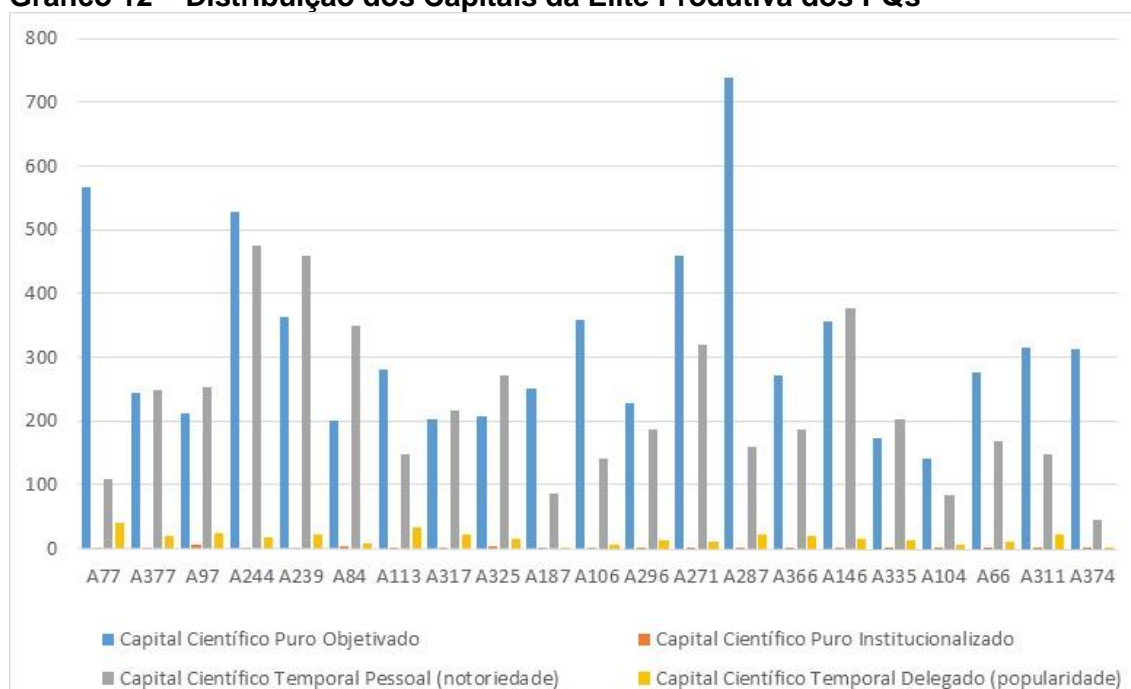
Ao definirem e atribuírem valor à produção científica no formato de artigos, livros e capítulos de livro, como sinônimos de reconhecimento e distinção, a elite impõe um *modus operandi* sedimentado no produtivismo acadêmico, onde mais tende a ser também melhor. De acordo com Catani, Catani e Pereira (2000, p 72, grifo nosso).

O que ainda se poderia acrescentar a essas observações diz respeito às peculiaridades do campo educacional brasileiro, no qual **a produção científica esteve fortemente orientada para a resolução de problemas, que se acompanhou por um afã prescritivo** e, em muitas circunstâncias, fez passar a um segundo plano a possibilidade de se estar compreendendo as especificidades do funcionamento do espaço no qual a educação se concretiza e no qual se disputa **o direito de impor o discurso legítimo acerca da mesma**.

Em nenhum dos critérios expostos, anteriormente, a questão da qualidade pode ser observada, pois se não foram explícitos e quantificáveis, terminaram por serem vagos e subjetivos.

Essa base de relações estabelece os agentes que compõem o espaço, a legitimação dos pares e do produto acadêmico produzido por eles. Isto é, **este sistema de classificação exerce a função de legitimação sobre a realização do nome do pesquisador e do produto acadêmico**. (HEY, 2008, p. 65-66, grifo nosso).

Em função disso, considerou-se necessário identificar quantitativamente o volume de capitais mobilizados pelos 21 agentes mais produtivos entre os PQs buscando melhor entendimento acerca dos produtos acadêmicos por eles legitimados. (Ver Gráfico 12).

**Gráfico 12 – Distribuição dos Capitais da Elite Produtiva dos PQs**

Fonte: dados da pesquisa (2016)

No gráfico anterior fica clara a predominância do capital científico puro objetivado entre a elite produtiva. Esse dado contrasta com o observado nos currículos dos 382 bolsistas, pois foram aplicadas as mesmas planilhas (ver Apêndice B e C), à exceção dos dados referentes aos cargos ocupados (que representou somente 0,66% dos 11.690 itens do cenário analisado na amostra intencional dos 21 pesquisadores) – pois 63,61% do total de capital desses 382 PQs são do tipo científico temporal pessoal.

No trabalho intitulado: “Aspectos reputacionais dos sistemas de avaliação da produção científica no campo da Ciência da Informação”, Oddone *et al.*(2012) apresentam a realidade observada na CI e afirmam que a análise do campo acadêmico pode ser melhor entendida e, por que não, explicada mediante a ideia de que o acúmulo e a articulação do capital científico (temporal e puro) permite a “[...] concessão de reputação simbólica aos agentes científicos [...]” (ODDONE *et al.*, 2012, p. 15). Ainda de acordo com os autores, isso se dá mediante os dispositivos implementados pelas agências de fomento como a CAPES e CNPq.

Ao priorizarem e conferirem maiores pontuações a determinados tipos de produção científica, mediante a aplicação do Qualis, as agências de fomento reforçam os postos de poder ocupados por cada membro da elite acadêmica. Esse

mecanismo de empoderamento e de retroalimentação, de acordo com Bourdieu (2004, 2011d, 2013a, 2013c), viabiliza a acumulação de um tipo específico de capital, mas não impede a conversão e reconversão dele em outros capitais, pois a final, a elite legisla em causa própria quando elabora critérios de inclusão/exclusão ou ainda quando faz das suas medidas a régua para dimensionar o outro.

Se a cientificidade socialmente reconhecida é uma aposta tão importante é porque, embora não haja uma força intrínseca da verdade, há uma força da crença na verdade, da crença que produz a aparência da verdade: na luta das representações, a representação socialmente reconhecida como científica, isto é, como verdadeira, contém uma força social própria e, quando se trata do mundo social, **a ciência dá ao que a detém, ou que aparenta detê-la, o monopólio do ponto de vista legítimo, da previsão autoverificadora.** (BOURDIEU, 2013a, p. 53).

É essa crença na verdade científica que pode cegar os avaliadores, pois eles acreditam que se lá estão é porque foram indicados, mas mais do que isso, creem que são a representação do ponto de vista ideal, ou melhor, do critério mais isento de avaliação. Entretanto, segundo Bourdieu (2013a), e aqui se utiliza uma figura de linguagem para exemplificação: ninguém é bom juiz quando além dessa função desempenha outra: a de réu.

Ao analisar a elite produtiva da elite consagrada buscou-se verificar como os capitais estão representados e em qual proporção. Para tanto, valeu-se do Quadro 5, uma proposição de distribuição dos capitais verificados no campo acadêmico. Aqui não se fez substituição de definições *bourdiebianas*, mas sugeriu-se uma adequação à realidade, às produções e às relações que conformam esse campo. Assim, a elite formada pelos 21 membros mais produtivos, apresentou a seguinte distribuição de seu capital científico puro. (Ver Gráfico 13)

**Gráfico 13 – Distribuição do Capital Científico Puro dos Membros da Elite Produtiva**

Fonte: dados da pesquisa (2016)

Nesse gráfico é o tamanho de cada agente que representa maior ou menor capital científico puro. Para a elaboração dele, utilizaram-se os dados totais da produção científica incluindo artigos, livros, capítulos de livro e trabalhos completos publicados em congressos que juntos representam o capital científico puro objetivado (materializado) e também, os números que compuseram o capital científico puro institucionalizado. Como se está trabalhando com a elite acadêmica do campo da Educação, todos os membros possuem título de doutorado, por esse motivo todos tiveram um (1) ponto atribuído, já os pós-doutorados foram incluídos na planilha geral de acordo com as informações obtidas nos currículos Lattes de cada um desses 21 agentes. (Ver Apêndice B).

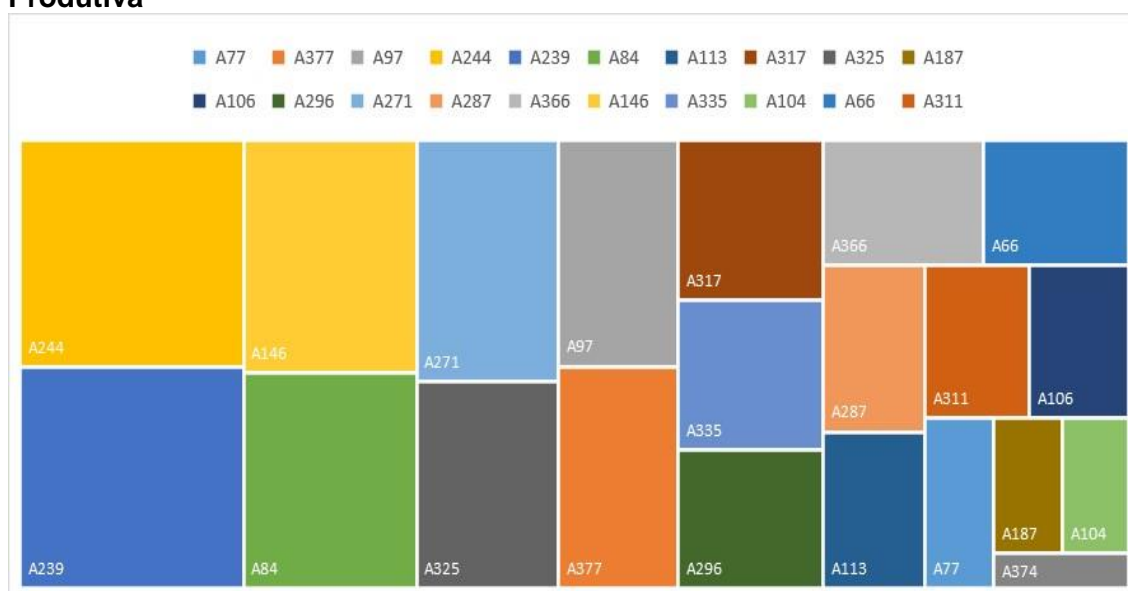
Pode-se observar que os dois maiores detentores de capital científico puro, são Luiz Alberto Pilatti (A287) e Afrânio Mendes Catani (A77). Esse dado é interessante, pois eles apresentam uma trajetória acadêmica bastante distinta sob o ponto de vista do tempo de atuação, do espaço geográfico onde desempenham suas funções, da área de titulação, dentre outras diferenças de formação e de atuação. Enquanto um é recém-chegado ao campo, pois seu primeiro vínculo institucional data de 1991, o outro já é considerado um agente fundante, seja pelo número de publicações – ressalta-se o volume de livros e capítulos de livros que juntos somam 322 trabalhos, seja pelos cargos ocupados ao longo de seus 35 anos de serviço público.



O capital acadêmico adquire um papel central nessa batalha, servindo de caução e de legitimidade para as ações políticas práticas, bem como o capital social acumulado durante a trajetória de formação acadêmica e profissional dos agentes e pela circulação destes no mercado internacional. (HEY, 2008, p. 43).

Em relação à circulação internacional desses agentes, ela faz parte do que aqui se considerou capital científico temporal delegado, isso porque a ida de qualquer docente no exterior se faz mediante convite. Assim, considerou-se necessário aplicar o mesmo tipo de gráfico aos mesmos agentes agora utilizando o volume de produções que juntas compuseram o que aqui se intitulou: capital científico temporal. (Ver Gráfico 14).

**Gráfico 14 – Distribuição do Capital Científico Temporal dos Membros da Elite Produtiva**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

Dentre as variáveis que compuseram esse capital destaca-se: os cargos ocupados e a organização de eventos, o primeiro é delegado, já o segundo é pessoal. Os pesquisadores que mais obtiveram destaque no gráfico acima foram: o A244 (Roberto Nardi) e o A239 (Marília Costa Morosini). Ele pertenceu ao longo de sua carreira a duas IES a Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) e a Universidade Estadual de Londrina (UEL) esse fato pode ter contribuído para o estabelecimento de relações políticas e sociais com grupos diferentes o que pode justificar sua grande participação em eventos do campo (340). Aqui cumpre ressaltar uma limitação da pesquisa que se restringiu a análise dos currículos Lattes dos

pesquisadores, sendo que é fato que essa importante ferramenta institucional e científica ainda apresenta muitas discrepâncias com a realidade, por um único motivo, ela é uma espécie de repositório individual, ou seja, é o próprio pesquisador que a preenche. Isso significa que enquanto uns inserem a totalidade de suas produções, supervisões, e etc., outros não o fazem.

Já a A239 é figura conhecida e reconhecida no campo acadêmico da Educação, sendo citada em outros estudos, assim, como o A77. (HEY, 2008). Ela tem 43 anos de carreira acadêmica tendo passado a maior parte dele na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) da qual se aposentou em 1994. De 1995 a 2004 foi professora da Universidade Luterana (ULBRA) e de 2004 aos dias de hoje é professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Como docente ocupou diversos cargos políticos ao longo da sua carreira, por exemplo, foi coordenado da Pós-graduação, Diretora de Unidade e Pró-Reitora tendo recebido três prêmios Mérito Científico. Além disso, ao transitar por três IES diferentes, tal qual o A239 isso lhe permitiu aumentar seu capital social e é ele que “[...] dá aquilo que há de mais raro, reconhecimento, consideração, quer dizer, muito simplesmente, razão de ser. [Ele] é capaz de dar sentido à vida [...]” (BOURDIEU, 1999, p. 216).

Os menos empossados de capital científico temporal foram o A374 (Alberto Vilani), o A187 (Carlos Eduardo Laburú) e o A104 (Nicholas Davies). O primeiro é um bom exemplo das limitações impostas pelo Lattes, pois nenhuma das variáveis consideradas para o preenchimento dos Cargos Ocupados (ver Apêndice C) foi preenchida pelo pesquisador. É claro que há a possibilidade, mesmo que remota, de que o docente não tenha ocupado cargo nenhum, mas isso é bastante difícil, pois ele tem mais de 43 anos como professor da Universidade de São Paulo (USP) sendo pesquisador sênior. Durante todo esse período não ser, por exemplo, chefe de departamento ou coordenador da Pós-Graduação é, no mínimo, motivo para desconfiar dos dados disponibilizados, ou melhor, indisponibilizados no Lattes.

Já os dois últimos pesquisadores A187 e A104 apresentaram similaridades do ponto de vista do capital científico temporal pessoal, mas no que concerne aos cargos ocupados e prêmios de mérito científico o A104 teve uma maior representatividade. É essa consagração delegada, por intermédio de cargos e prêmios que consagram os agentes. “[...] o efeito de consagração, [é] capaz de arrancar o sentimento da insignificância e da contingência de uma existência sem

necessidade, conferindo uma função social conhecida e reconhecida [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 215).

Faz-se aqui uma ressalva ao A97 (Carlos Roberto Jamil Cury) que foi, juntamente com a A239 e A317 e o A335, os agentes com o maior número de postos de comando de âmbito nacional. Inclusive, o A97 foi presidente da CAPES em 2003, cargo mais representativo do quadro proposto para as análises de capitais, e também já pertenceu ao Conselho Nacional de Educação (CNE). Em relação ao seu capital científico puro institucionalizado, o A97 apresentou o maior número de pós-doutorados (quatro) e o segundo lugar em volume de participações em eventos (210). “[...] quanto mais os agentes sociais são dotados de uma identidade social consagrada [...] mais ao abrigo ficam de pôr em questão o sentido da sua existência [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 216).

A intenção, ao analisar cada um dos 21 membros da elite produtiva, foi a buscar um possível *habitus* comum entre eles que justificasse suas posições de destaque no campo. Não obstante, o que se constatou foi uma disparidade, do ponto de vista, dos investimentos realizados. Enquanto, a maior parte desses agentes desempenhou alguma função nas agências de fomento como CAPES e/ou CNPq, poucos tiveram cargo dentro do MEC, da CNE ou da SEE de seus respectivos estados. A busca por um *habitus* comum sessa mediante a constatação de que as escolhas e os investimentos na carreira universitária se processaram de maneira distinta.

Todavia, mas quando se toma o *habitus* como “[...] princípio de encadeamento de ‘golpes’ que são objetivamente organizados como estratégias sem serem de maneira alguma produto de uma verdadeira intenção estratégica (o que suporia, por exemplo, que fossem apreendidos como uma estratégia entre outras possíveis) (BOURDIEU, 2002, p. 164) pode-se sim crer que em um universo tão distinto e consagrado o *habitus* de seus agentes opera segundo os postulados da Teoria Reflexiva de Bourdieu. Aliás, é importante deixar claro que a busca por uma conduta regular entre os bolsistas, por si só, já é uma redundância. O *habitus* comum está nas estratégias, nem sempre declaradas, em busca de acumulação de toda espécie de capital visando melhorar suas condições no campo.

Do fato de a identidade das condições de existência tender a produzir sistemas de disposições semelhantes (pelo menos parcialmente), a homogeneidade (relativa) dos *habitus* daí resultante está no princípio de uma harmonização objetiva das práticas e das obras [...] imediatamente inteligíveis e previsíveis, por todos os agentes dotados do domínio prático do sistema dos esquemas de ação e de interpretação objetivamente implicados na sua efetuação e por eles apenas (isto é, por todos os membros do mesmo grupo [...]) produtos de condicionantes idênticas que estão voltados a exercer simultaneamente um **efeito de universalização e de particularização** na medida em que não homogeneizam os membros de um grupo a não ser distinguindo-os de todos os outros. (BOURDIEU, 2002, p. 169, grifo do autor).

Aqui, essas estratégias não são explícitas, mas sim, demarcadas por uma tendência na escolha dos investimentos empreendidos, pois para esses agentes se trata da operacionalização, não consciente, mas intencional, das probabilidades objetivas com as aspirações subjetivas de cada um deles em busca de maior poder no campo. (BOURDIEU, 2002). Assim, verificou-se que todos são membros de Corpo Editorial de periódicos científicos e 61,90% deles desempenharam algum tipo de cargo de gestão acadêmica (Coordenação de curso de Pós-graduação, Direção da Unidade, Chefia de Departamento ou Pró-Reitoria). Já em relação à Pós-graduação, esse foi o cargo mais presente na carreira da maior parte da elite, pois 47,62% dela foi, ao menos, uma vez coordenador(a). Já as consultorias no exterior, resultado e resultante da internacionalização do nome desses pesquisadores foi observada em 33,33% dos currículos.

O que se pode depreender dessas análises é que, independentemente, de como os agentes constroem suas carreiras no campo, os maiores investimentos – seja sob o ponto de vista da própria produção, seja pela preocupação em registrá-los no Lattes – se dá no capital científico puro, pois é através dele e de sua classificação, ou por meio da aplicação dos critérios do Qualis, ou pela avaliação por pares (*peer review*), que o confronto pela legitimidade se institui. O campo, como espaço de lutas propicia que os dominantes (elite consagrada) efetivem sua concepção de Ciência ante aos demais agentes e essa ideia de conformação do campo é legitimada mediante a criação de critérios de avaliação. “Os pesquisadores envolvidos no campo político dominante e, portanto, ao lado do poder por ele gerado e legitimado, direcionam sua prática para efetivar a concepção de mundo do grupo político ao qual pertencem.” (HEY, 2008, p. 164).

## 5.8 A COLABORAÇÃO CIENTÍFICA ENTRE OS PQS: ARTICULAÇÃO DO CAPITAL SOCIAL

Os estudos sobre coautoria, visando identificar a existência de colaboração científica, são realizados desde a década de 1950 por autores como Smith (1958), Solla Price e Beaver (1966) entre outros. Os autores afirmam que a maior parte dessas coautorias tem início nos colégios invisíveis formados no campo. Essas relações informais entre pesquisadores datam do início do século XV, época na qual, estudiosos de diferentes áreas do conhecimento intitulavam-se como “[...] cidadãos da ‘República das Letras’, afirmação que expressava a sensação de pertencerem a uma comunidade que transcendia as fronteiras nacionais.” (BURKE, 2003, p. 26).

Ainda de acordo com Solla Price e Beaver (1966) a escrita em colaboração, não raro, tem início na formação do pesquisador, ou seja, no exercício da coautoria entre orientador e orientando. Meadows (1999) afirma que as produções em colaboração têm maiores possibilidades de serem mais citadas e, além disso, apresentarem uma qualidade maior, pois são – não raro – fruto da reunião de pesquisadores de renome o que estimularia um *brainstorming* mais prolífico.

Com o aumento no número de trabalhos em coautoria nos mais diversos campos do conhecimento, os estudos cientométricos e a Análise de Redes Sociais (ARS) surgem não só como uma possibilidade de interpretação desse fenômeno, mas também como ferramentas auxiliares para um melhor entendimento acerca da figura do autor e de suas relações. Essas relações são provenientes da reunião de indivíduos que compartilham idéias, recursos e interesses em prol de objetivos comuns.

Para um melhor entendimento sobre a técnica de ARS é importante que os conceitos aqui utilizados sejam definidos antes das demonstrações gráficas:

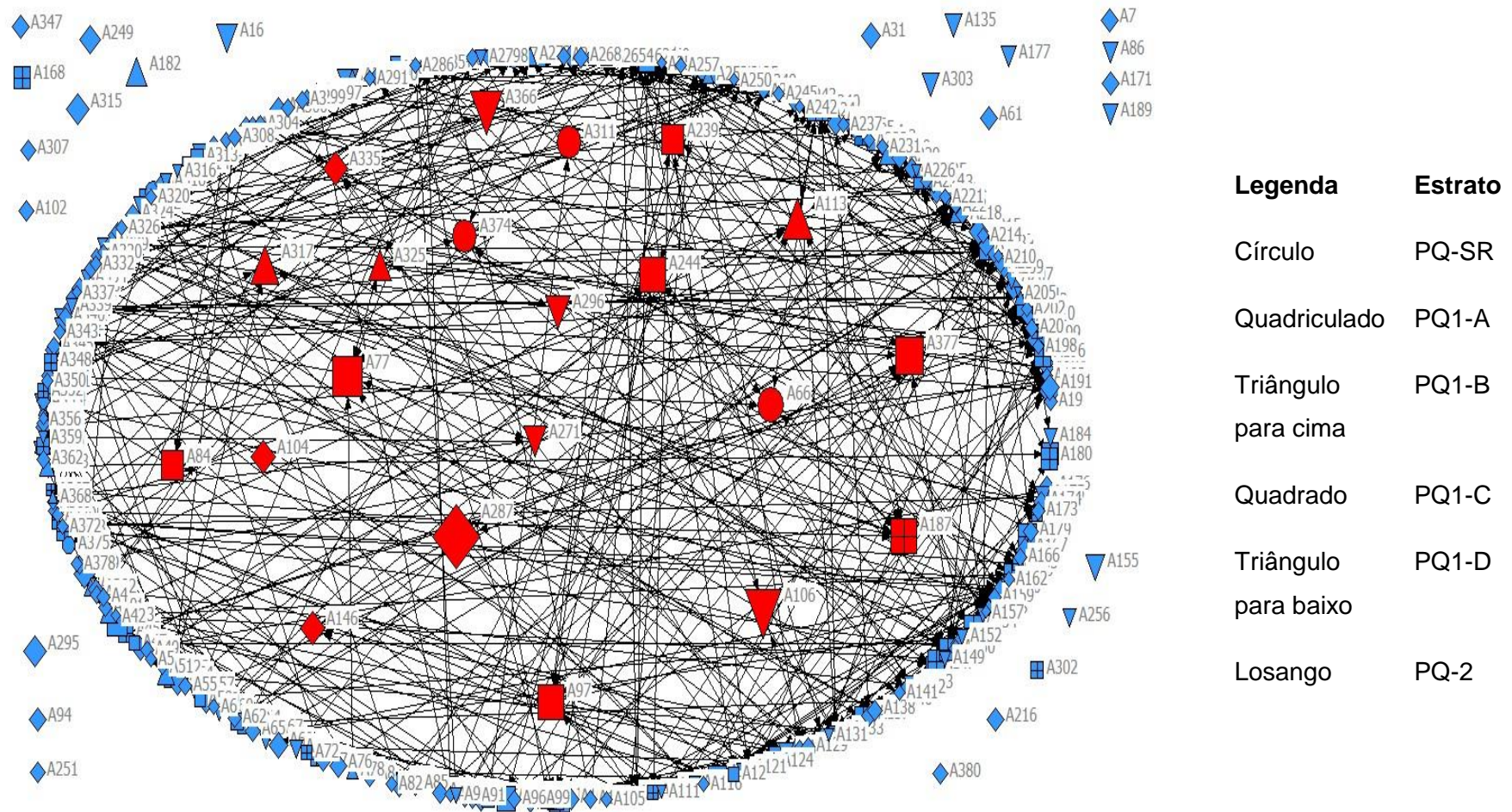
- a) rede social ou grafo (*social network*): “[...] um conjunto(s) finito de atores e de todas as relações definidas entre eles.” (WASSERMAN; FAUST, 2007, p. 20, tradução nossa);
- b) atores ou nós (*actors*): “Unidade discreta que pode representar diferentes entidades, como um indivíduo, uma corporação, ou uma unidade social coletiva. (WASSERMAN; FAUST, 2007, p. 17, tradução nossa). Representado por:  $N = \{n_1, n_2, \dots, n_g\}$  sendo  $g$  o número total de atores;

- c) grau (*nodal degree*): “[...] é o número de linhas [laços] incidentes em um nó, ou ainda de forma equivalente o número de nós adjacentes a ele.” (WASSERMAN; FAUST, 2007, p. 100, tradução nossa);
  - grau de centralidade (*centrality degree*): mede o quanto um ator é central na rede. (NEWMAN, 2001);
  - centralidade de proximidade (*closeness centrality*): estima o quanto um ator está próximo de todos os demais. De acordo com Newman (2001) essa medida estima o nível de acesso a informações que um ator detém entre os outros;
  - centralidade de intermediação (*betweenness centrality*): afere o quanto um ator está no caminho geodésico entre outros atores do grafo. “[...] aquele que controla o fluxo da informação entre muitos outros.” (NEWMAN, 2001, p. 3, tradução nossa);
  - eigenvector (bonacich): indica o poder de influência de determinado agente sobre a rede; representa o maior, ou menor, prestígio global dos indivíduos, pois leva em consideração não só o “[...] número de ligações diretas que o ator possui, mas também a centralidade dos atores vizinhos [...]” (LUCAS, 2014, p. 59);
- d) atributos (*attributes*): “[...] características dos atores como idade, gênero, classe socioeconômica, local de residência, grau de escolaridade entre outros.” (WASSERMAN; FAUST, 2007, p. 38, tradução nossa);
- e) laço relacional (*relational tie*): “Atores estão ligados entre si por laços sociais.” (WASSERMAN; FAUST, 2007, p. 18, tradução nossa).

Para a visualização dos grafos, utilizou-se o *software* NetDraw que faz parte do pacote do Ucinet. No presente estudo, as relações de coautoria firmadas entre os PQs podem revelar inclusive a articulação de capital social entre os membros da elite consagrada do campo da Educação.

O grafo abaixo exposto representa as colaborações entre a elite consagrada do campo da Educação entre 1990 e 2015. Esses agentes, em vermelho e centralizados, são os 21 membros da elite produtiva (PRICE, 1976). (Ver Gráfico 15).

**Gráfico 15 – Grafo Geral das Redes de Colaboração Geradas entre os PQs**



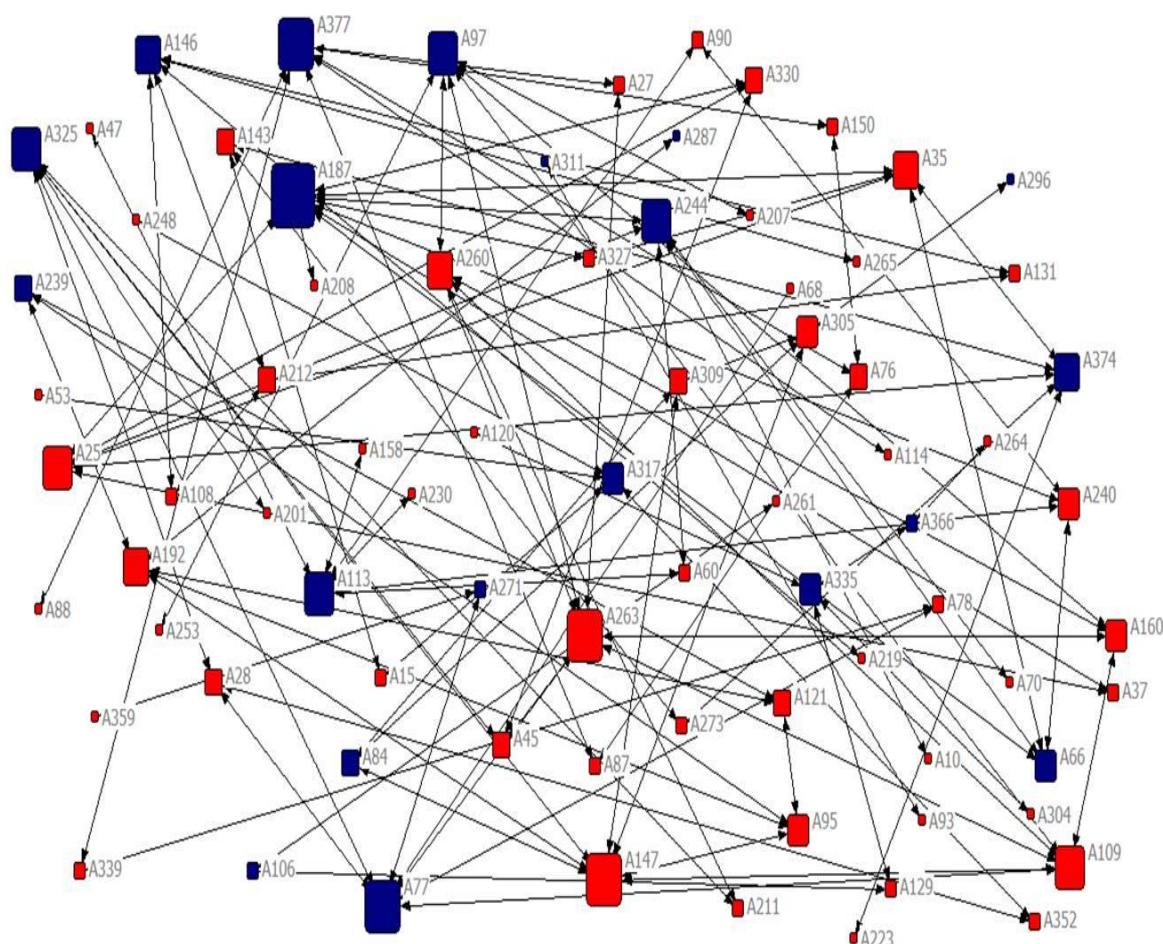
Fonte: Dados da pesquisa (2016)



É importante salientar que o tamanho correspondente dos membros diz respeito ao volume de publicações no período analisado e que foram considerados somente os 16.247 artigos por eles divulgados. O grafo acima exposto apresenta um melhor entendimento quando pormenorizado em função de suas medidas de centralidade. Essas medidas, segundo Lucas (2014, p. 58), são “[...] a melhor forma de análise da ARS para perceber o capital científico dos agentes presentes na rede, por demonstrarem de forma direta, o reconhecimento e o prestígio dos autores [...]”

No presente estudo, por não se ter trabalhado com os indicadores de citação, as análises foram restritas à mensuração do Grau Nodal (*nodal degree*), da Centralidade (*closeness*), da Intermediação (*betweenness*) e do *Eigenvector* (Bonacich). Para uma melhor visualização de como os capitais se articulam e se complementam o emprego da ARS foi bastante esclarecedor. (Ver Gráfico 16).

**Gráfico 16 – Degree da Elite de Pesquisa**





O primeiro indicador diz respeito ao número de laços que incidem no nó (*nodal degree*), ou ainda, o grau de envolvimento do agente na rede. No gráfico anterior, os PQs estão representados pela cor azul e seu tamanho é proporcional ao seu grau nodal. Isso pode significar certa capacidade de articulação do agente na rede, pois quanto mais coautorias (capital social) ele tiver, maior será sua influência na grande rede.

Cumprе ressaltar que os agentes que apresentaram o maior destaque na rede foram: A187 (Carlos Eduardo Laburú), o A377 (Flávia Obino Corrêa Werle) e o A77 (Afrânio Mendes Catani). O A77 está no topo da lista dos detentores de capital científico puro e, tal qual a A377, é PQ1-A. Talvez o mais importante seja analisar o *degree* sob a ótica de articulação de capital social, pois é por meio da análise dessa rede de colaboração, entre os membros da elite produtiva, que o acúmulo desse tipo de capital ficou claro.

O capital social, envolvido no campo e visualizado nas redes, é descrito na teoria relacional como uma “[...] estrutura de posições diferenciadas, definidas, em cada caso, pelo lugar que ocupam [os agentes] na distribuição de um tipo específico de capital.” Assim, com a estrutura definida, por exemplo, pelos critérios de classificação, a reprodução garante “[...] que o capital puxe o capital e com que a estrutura social tenda a perpetuar-se [...]” (BOURDIEU, 2011g, p. 35).

Em sendo assim, a busca pela obtenção de maior capital social é permeada e orquestrada pelo *habitus* comum partilhado pelos membros da elite, em uma espécie de time sem treinador. *Ele* age de forma a conformar as práticas (assunção de cargos) e a sistematizar condutas (colaborações), pois,

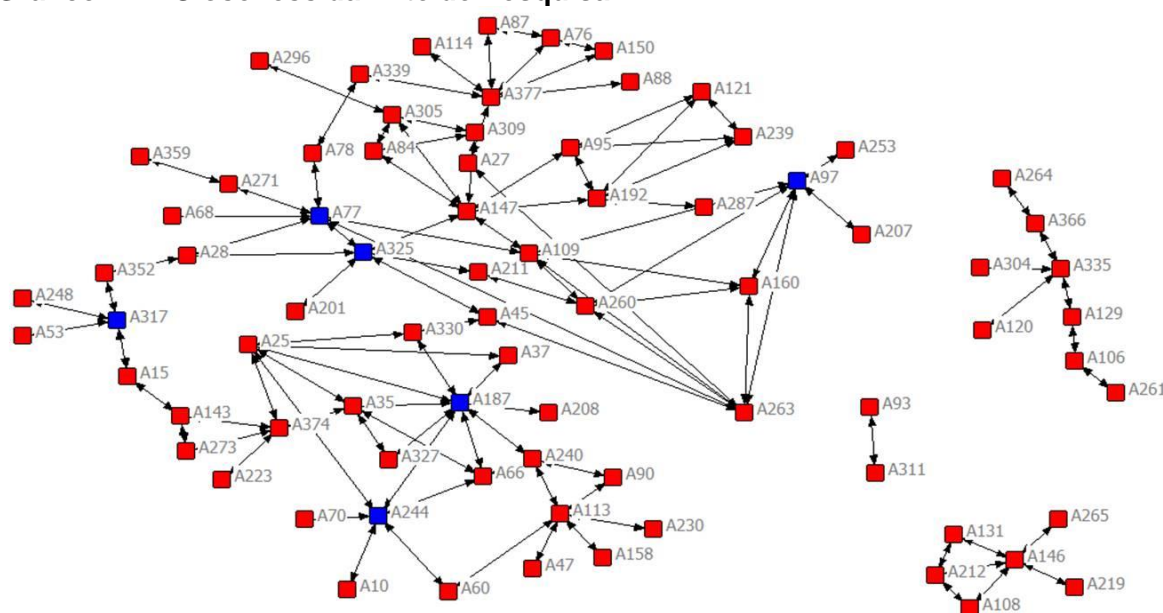
**Cada agente, saiba-o ou não, queira-o ou não, é produtor e reprodutor de sentido objetivo** e, porque as suas ações e as suas obras são o produto de um *modus operandi* do que não é produtor e que não domina conscientemente encerram uma ‘intenção objetiva’, como diz a escolástica, que supera sempre as intenções conscientes. (BOURDIEU, 2002, p. 175).

Enquanto, a maior parte desses agentes desempenhou alguma função nas agências de fomento como CAPES e/ou CNPq, poucos tiveram cargo dentro do MEC, da CNE ou da SEE de seus respectivos estados. Esse dado indica, ao mesmo tempo, um padrão de investimento comum, no que concerne aos cargos ocupados

nas agências de fomento, e diferente no que tange a outras instâncias de poder do campo da Educação.

Em sendo assim, a busca por um *habitus* comum sessa, mediante a constatação de que ele é pré-existente à condição de membro da elite consagrada, por ser condição *sine qua non* para que o indivíduo seja aceito na “[...] **máquina infernal**, [que funciona] como uma engrenagem trágica, exterior e superior aos agentes, [e que define] que cada um dos agentes, para existir, [seja] de certa forma constrangido a participar de um jogo que lhe impõe esforços e sacrifícios imensos.” (BOURDIEU, 2011g, p. 44). Assim, ao mensurar a centralidade de proximidade (*closeness centrality*), que pode ser visualizada no próximo grafo, a intensão foi estimar o quanto um agente está próximo de todos os demais membros do campo.

**Gráfico 17 – Closeness da Elite de Pesquisa**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

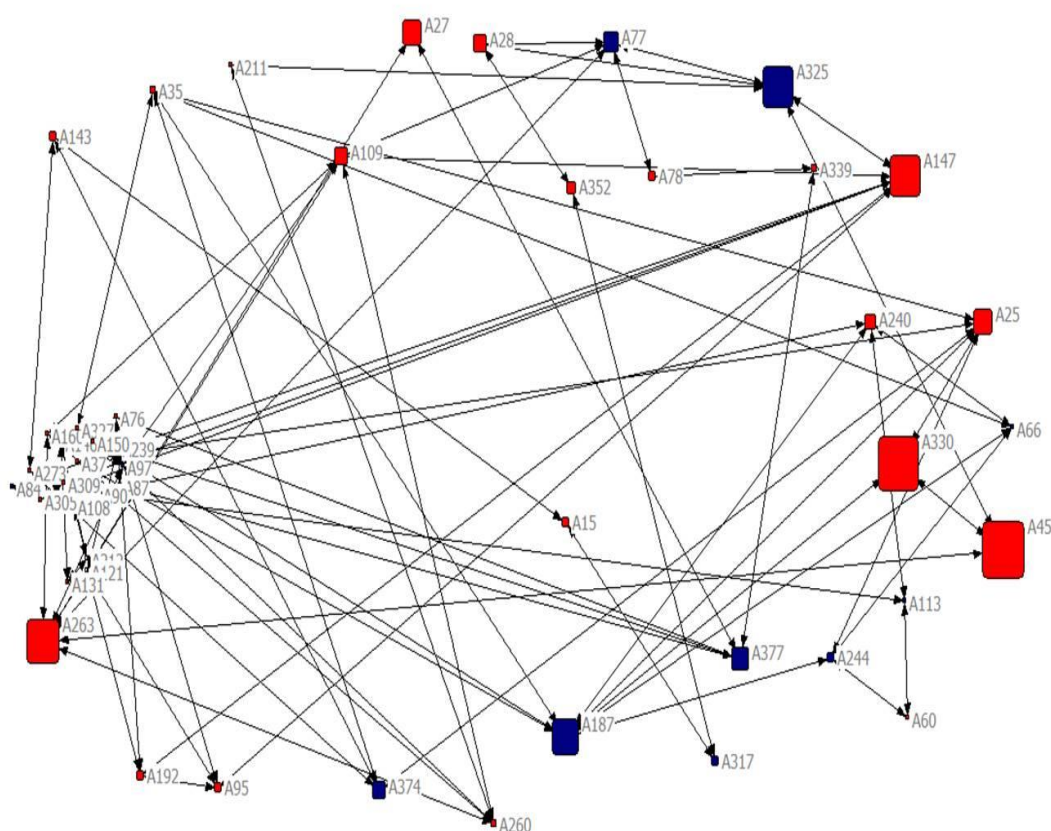
Os membros da elite de pesquisa que apresentaram um maior grau de proximidade foram o A77 (Afrânio Mendes Catani), o A97 (Carlos Roberto Jamil Cury), a A325 (João Dos Reis Silva Júnior), a A317 (Virginia Torres Schall) e o A187 (Carlos Eduardo Laburú) e o A244 (Roberto Nardi). Os demais, em vermelho, são os demais coautores, inclusive, o restante da elite produtiva que ficou de fora dos mais representativos do ponto de vista do grau de proximidade.

Contudo, o que, de fato, significa ter um grau de proximidade elevado? De acordo com Newman (2001) quanto maior for o Closeness de um agente maior será

sua independência e autonomia em relação aos demais membros da rede. Esses indivíduos têm maior acesso à informação circulante e, por conseguinte, são considerados centrais para a disseminação do conhecimento no campo.

É importante salientar que o capital simbólico envolvido, não só as produções, mas a própria informação que circula na rede, é o insumo básico para garantir a luta no campo e, por conseguinte, conferir significado às distinções e às consagrações resultantes de maior ou menor quantidade de capital simbólico. (BOURDIEU, 1998).

**Gráfico 18 – Betweenness da Elite de Pesquisa**



Fonte: dados da pesquisa (2016)

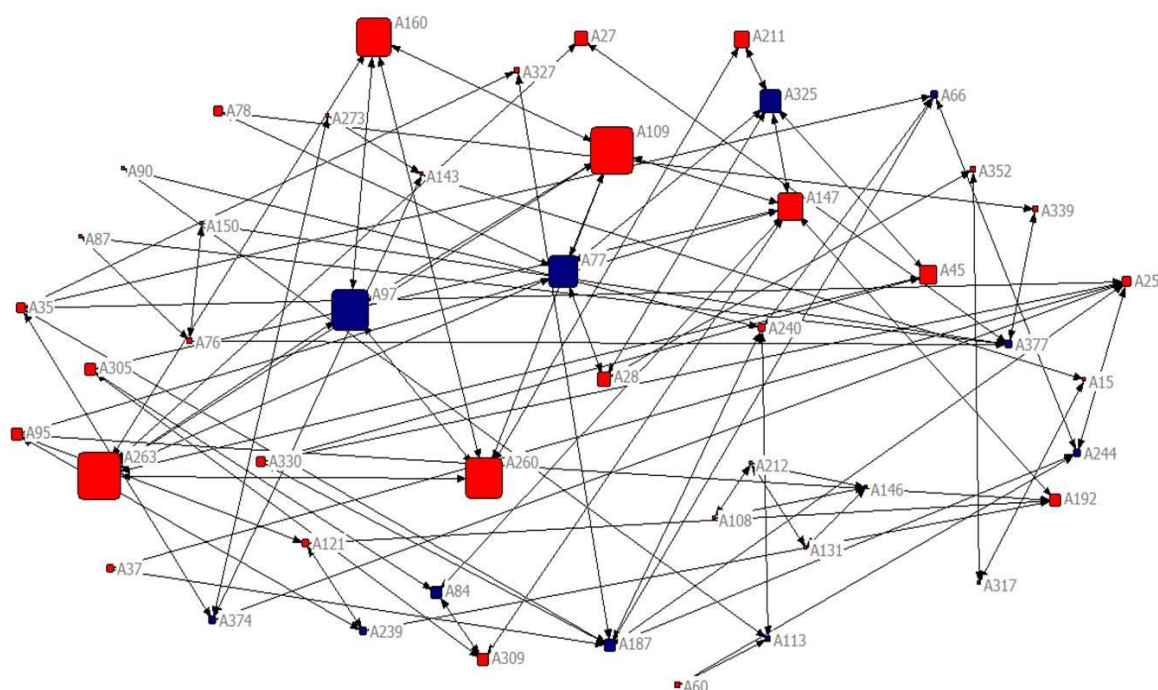
A medida de centralidade de intermediação (*betweenness centrality*) diz respeito aos agentes mais empossados de informação, ou melhor, aqueles que controlam o fluxo dela na rede. (NEWMAN, 2001). No grafo anterior, os membros em azul fazem parte da elite de pesquisa (mais produtiva) e tiveram seu tamanho proporcionalmente ajustados aos seus respectivos graus de intermediação. Novamente, figuram entre os mais representativos o A77 (Afrânio Mendes Catani), o A187 (Carlos Eduardo Laburú), e ainda, a A377 (Flávia Obino Corrêa Werle), o A374 (Alberto Vilani) e o A244 (Roberto Nardi).

Em relação aos dois primeiros agentes, o que se pode observar é que além de serem figuras centrais no campo, tanto do ponto de vista da produção científica, como da representatividade política, eles também apresentam as maiores medidas de *degree* e *closeness*. A A377 também tem grau nodal alto, o que lhe confere uma posição ativa na rede, mas não apresenta grande proximidade, o mesmo ocorrendo com o A374 e o A244. Isso significa que esses três agentes são mais dependentes não só da informação circulante, mas também de outras articulações com os demais membros da rede que os empossados de maior *betweenness*.

Dos cinco agentes, quatro tem por similaridade o fato de pertencerem ao mesmo estrato de bolsa PQ1-A, ficando a exceção o único PQ-SR (A374). Isso, com certeza, reflete na posição por eles ocupada na grande rede, pois figurar entre os mais ativos (*degree*), independentes (*closeness*) e, por fim, controladores do fluxo informacional (*betweenness*) só comprova os postulados da teoria relacional de Pierre Bourdieu: ao serem porta-vozes autorizados do campo, os membros da elite exercem, em certa medida, um papel de censores “[...] detentor estatutário desse poder de **constituição** que pertence ao dizer autorizado, capaz de fazer existir nas consciências e nas coisas as divisões do mundo social [...] é o sujeito de um arbítrio que está mais próximo daquele do juiz que do sábio [...]” (BOURDIEU, 2001a, p. 10, grifo do autor).

A próxima medida de centralidade, o *Eigenvector* (Bonacich), indica o poder de influência de determinado agente sobre a rede; representa o maior, ou menor, prestígio global dos indivíduos, pois leva em consideração não só o “[...] número de ligações diretas que o ator possui, mas também a centralidade dos atores vizinhos [...]” (LUCAS, 2014, p. 59). Assim, considera-se a medida mais representativa de domínio de capital científico temporal, ou seja, grande *eigenvector* reflete grande articulação de poder na rede.

**Gráfico 19 – Eigenvector (Bonacich) da Elite de Pesquisa**



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Os agentes que aparecem em azul, a saber, o A97 (Carlos Roberto Jamil Cury), o A77 (Afrânio Mendes Catani), o A325 (João dos Reis Silva Júnior), o A187 (Carlos Eduardo Laburú) e a A84 (Maria Ciavatta) são os detentores do maior Eigenvector. Como dito anteriormente, isso significa que esses indivíduos possuem grande influência global na rede geral dos 382 PQs.

Não foi surpresa constatar a repetição de agentes nesse último indicador de centralidade analisado, ademais, isso faz todo o sentido, pois se o Eigenvector tem por prerrogativa analisar, relacionalmente, o número de ligações diretas recebidas pelo nó com a centralidade dos atores vizinhos era de se esperar que o A77, o A187, o A97 e o A325 fizessem parte dos agentes mais bem colocados e, destarte, com maior volume de capitais envolvidos na rede, até porque “A força de um agente depende de seus diferentes trunfos, fatores diferenciais de sucesso que podem garantir-lhe uma vantagem em relação aos rivais [adversários cúmplices], ou seja, mais exatamente, depende do volume e estrutura do capital de diferentes espécies que possui.” (BOURDIEU, 2001b, p. 53).

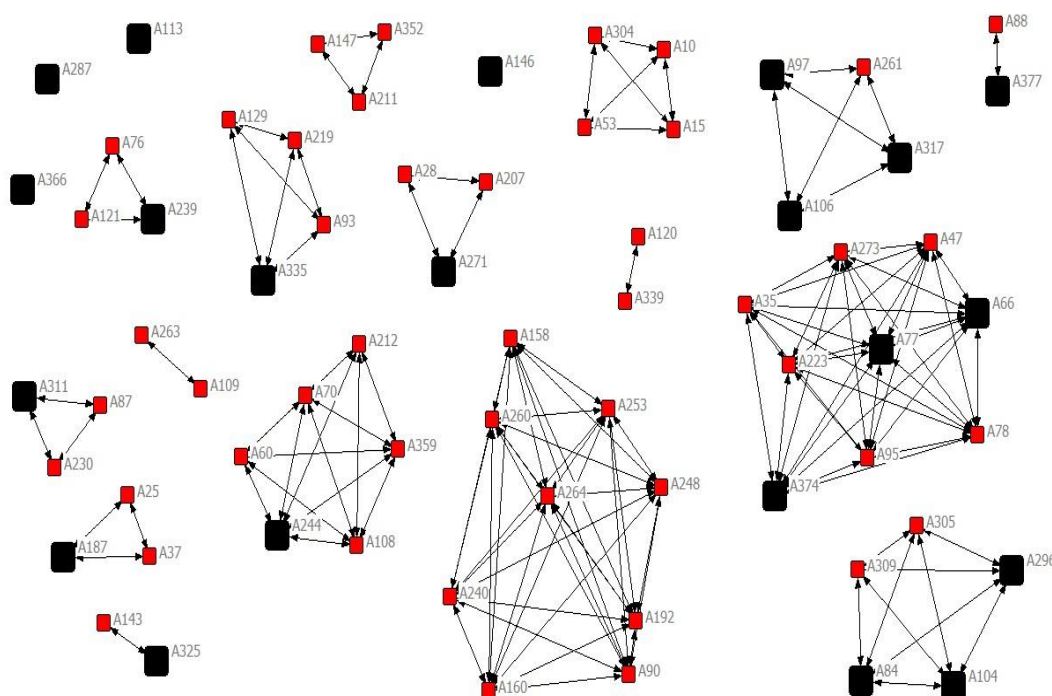
Já a surpresa ficou por conta da primeira aparição da A84 nesse contexto, ela também é PQ1-A. como os outros, e com mais de 35 anos de carreira, esse fato

reforça não só a quantidade de capital científico puro mobilizado, mas também o volume de capital científico temporal em jogo. Ela figurou de maneira mais discreta do que os agentes, anteriormente, citados, mas de qualquer forma é importante salientar que o tempo de carreira influencia a possibilidade de incremento no ganho, na conversão e na reconversão de capital, seja ele social ou científico.

Um dos fatores que contribuem para essas estratégias são as parcerias estabelecidas entre os membros do campo. Quanto maior elas foram maiores será o capital social do agente. O esquema de colaboração científica tem, dentre tantas funções, a de aumentar a oxigenação do campo mediante a entrada de novos coautores, empossados ou não de algum grau de distinção, mas que pela tarefa desenvolvida (escrita em colaboração) surge na rede como nó pendante (aquele que fica no extremo das redes gerais), mas que são os responsáveis pela entrada de novas teorias e aumento da possibilidade de criação de novos colégios invisíveis.

Na presente pesquisa, não foi possível mensurar/identificar esses indivíduos, pois não se trabalhou com os artigos, mas sim, com os autores (PQs). Em contrapartida, a *Egonetwork*, que derivou da grande rede com os 382 PQs, permite a visualização dos *clusters* (pequenas redes dentro da rede) de colaboração. (Ver Gráfico 20).

**Gráfico 20 – Clusters formados pela Elite de Pesquisa**

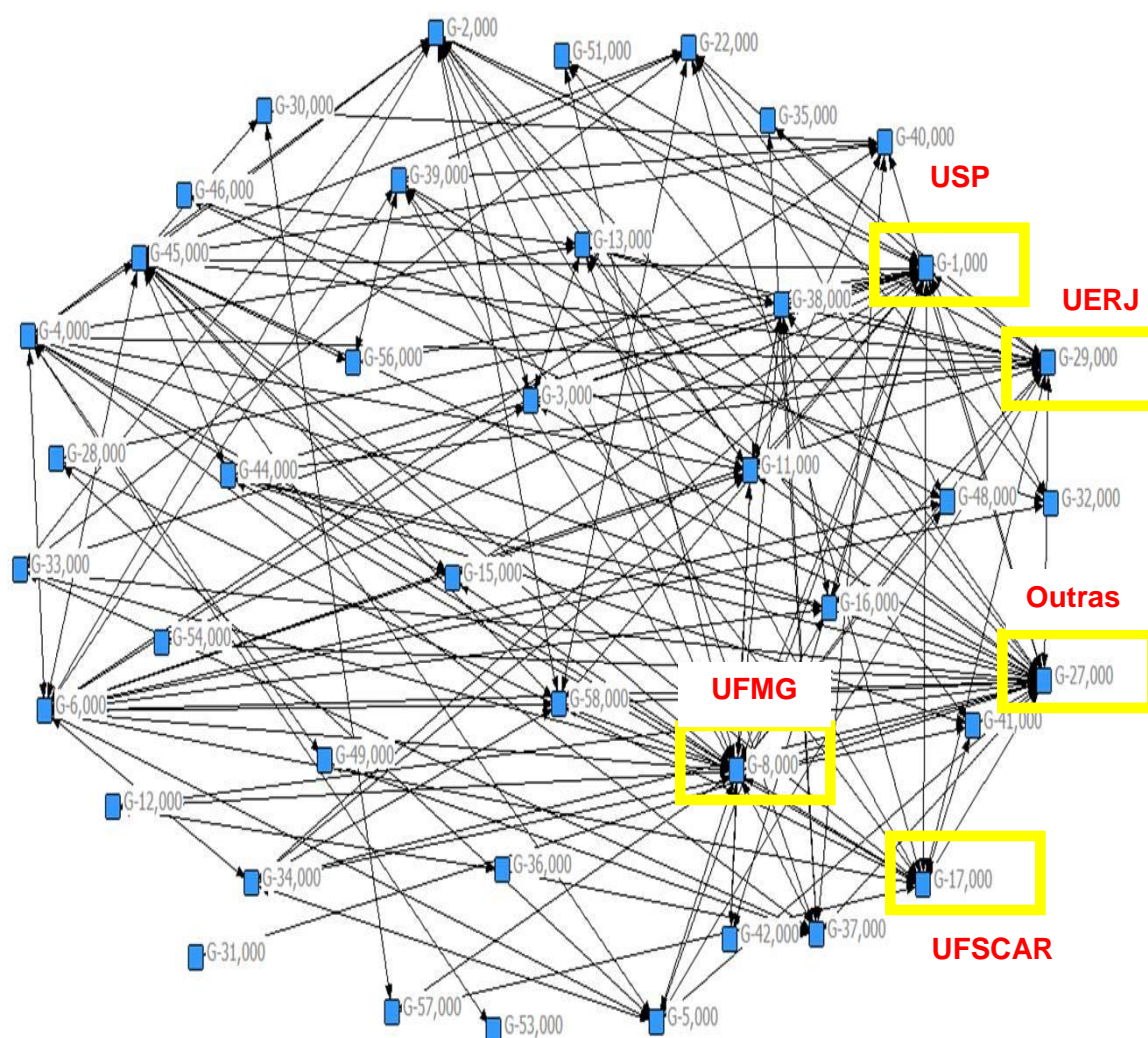


Fonte: Dados da pesquisa (2016)



Optou-se, no gráfico anterior, pela não exclusão dos membros isolados, pois a intenção foi, além de pormenorizar os *clusters*, verificar se todos os agentes da elite de pesquisa estavam interconectados entre eles e/ou com os outros membros. O que se viu foi a formação de seis redes mais densas e com um maior número de participantes sendo que a metade delas apresenta mais de um membro da elite de pesquisa (em preto), isso significa a articulação entre pares, localizados, prioritariamente, na mesma instituição. (ver Gráfico 21).

**Gráfico 21 – Colaboração Interinstitucional entre os PQs**



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Meadows (1999) aponta que há mais motivos pessoais para a não colaboração científica, do que justificativas para não realizá-la por uma desculpa calcada na distância geográfica. É importante frisar, que com o advento das tecnologias (que já não são mais novas no sentido temporal), hoje, mais do que

nunca, as barreiras geográficas praticamente inexistem. Assim, era de se esperar que um grande volume de pesquisas fosse publicado de maneira colaborativa e interinstitucional visando à otimização de recursos. Os nós acima destacados em amarelo representam as IES com maior número de produções e suas respectivas coautorias indicadas pelo volume de laços que nela chegam e saem (ligações recíprocas típicas da colaboração científica).

À primeira vista, o que se consegue visualizar é uma rede pouco densa (os laços são fracos – *weak ties*), mas é importante saber que a produção dos 382 agentes (16.257 artigos) foi aglutinada por IES e que essas relações observadas, através dos laços, representam não só um artigo, mas a existência de colaboração entre elas, pois é

[...] na relação entre os diferentes agentes (concebidos como fontes de campo) que se engendra o campo e as relações de força que o caracterizam (relação de forças específica, propriamente simbólica, dada a natureza da força capaz de se exercer nesse campo, o capital científico, espécie de capital simbólico que age na e pela comunicação). (BOURDIEU, 2001a, p. 52).

A colaboração na Ciência faz parte do pequeno espaço de manobra, no qual, o agente com menor capital científico pode valer-se de seu capital social e buscar parcerias que terminaram por alçá-lo a outros patamares de relações no campo. Somente por meio das análises relacionais é possível compreender os agentes do campo, pois eles são “[...] definidos pelo volume e pela estrutura do capital específico que possuem, que determinam a estrutura do campo que os determina, ou seja, o nível das forças que exercem sobre a produção científica, sobre as práticas dos cientistas.” (BOURDIEU, 2001b, p. 52-53).



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao identificar os 382 bolsistas PQ1, PQ2 e PQ-SR/CNPq, bem como alguns aspectos formativos e representativos dessa elite do campo da Educação no Brasil, esta tese procurou evidenciar como são estabelecidas as relações entre a produção, a comunicação e a distinção científica. Com a análise dos 44.226 itens publicados, nos últimos 25 anos, verificou-se que o veículo preferido para a disseminação da produção científica foram os anais de congresso, mas esse meio apresentou um declínio considerável desde a sugestão de atribuição (equivalência) de Qualis a alguns eventos do campo da Educação no país.

Muitas podem ser as justificativas para tal comportamento informacional, dentre elas, a constituição histórica do próprio campo da Educação, integrante da grande área de Ciências Sociais e Humanidades, que apresenta predileção pela publicação no formato de livro e/ou capítulo de livro. É importante salientar que a diferença entre livros/capítulos de livro e artigos foi de 17,08%, em benefício desse último. No entanto, a partir de 2013, observou-se uma alteração nesse cenário, que pode indicar que a importância (definição do Qualis/Livros) conferida pelas agências de fomento a esse tipo de publicação esteja contribuindo para uma maior equiparidade entre as modalidades.

Ao desvendar quem são esses 382 agentes, compostos por 64,14% de mulheres, a primeira impressão foi considerar esse percentual representativo. No entanto, ao analisar a distribuição do gênero feminino pelos estratos, o que se viu foi a confirmação do processo naturalizado de distinção e dominação que privilegia o ingresso de homens nos mais altos níveis de consagração em detrimento das mulheres. Uma possibilidade interessante seria o estudo das coautorias estabelecidas nessas 44.226 produções, buscando-se evidenciar de que modo os gêneros estão se relacionando no contexto de pesquisa.

Em relação à formação acadêmica, não foi surpresa constatar que a maior parte dos títulos de doutoramento foi em Educação (64,66%), mas é importante salientar que o percentual de 35,34% dos agentes, que alcançaram o mais alto nível hierárquico, são provenientes de outros campos do saber. Esse fato reforça os aspectos interdisciplinares que compõem, historicamente, o campo educacional, pois a interdisciplinaridade é, concomitantemente, constituinte da Educação e ao mesmo tempo constituída por ela enquanto objeto de estudo.

Já no que concerne à dupla hegemonia da região sudeste, tanto na formação, quanto na representação dos bolsistas, cumpre salientar que dentre as dez universidades mais bem colocadas, oito estão situadas na supracitada região. Além disso, a concentração de PQs (50,26%) nessas dez primeiras colocadas reforça a aplicação do efeito Mateus no campo acadêmico. Essa distribuição nada equitativa denuncia e, ao mesmo tempo, ratifica os privilégios que o acúmulo de capital econômico e sua reconversão em outros tipos de capitais, a saber, o científico puro e o temporal conferem aos agentes empossados do campo.

Definitivamente, romper com a hegemonia hierárquica não é uma tarefa fácil. Na verdade, segundo a teoria sociológica de Pierre Bourdieu, aqui utilizada como catalizadora de uma análise mais aprofundada sobre aspectos descritivos e quantitativos que compõem o universo que classifica os pesquisadores PQs, não seria nem a intenção de qualquer campo que almeje manter-se articulado com outros polos de poder, sob pena de esfacelar-se. Para Bourdieu (1998) somente pequenas rupturas (*hysteresis do habitus*) podem trazer alguma modificação de *status quo* sem por em risco as fronteiras que delimitam o campo, pois a hierarquia apresentada, as instâncias consagradas e as elites empossadas, acabam por ser a estrutura do próprio campo e uma modificação profunda poderia ocasionar sua desconstrução.

A ideia principal, ao propor um quadro de distribuição/mobilização dos capitais envolvidos na e pela trajetória acadêmica dos bolsistas PQs, foi estabelecer interrelações entre os aspectos quantitativos e qualitativos que são utilizados para a validação das posições de poder almejadas no campo acadêmico. O que foi possível observar com a aplicação desse instrumento metodológico na elite de pesquisa é que o *habitus* de classe se faz presente nas escolhas, nos investimentos, mas, sobretudo, na incorporação *dóxica* dos critérios de classificação utilizados no campo.

Se a intenção, ao analisar cada um dos 21 membros da elite produtiva, foi, inicialmente, buscar um *habitus* comum entre eles que justificasse suas posições de destaque no campo, o que ocorreu, ao longo do percurso de doutoramento, foi não só a constatação de uma disparidade nos investimentos realizados, mas, sobretudo, um aprofundamento acerca da teoria sociológica de Pierre Bourdieu que constata que o *habitus* de um campo, ou de uma classe, é, invariavelmente, o mesmo entre os agentes empossados. (BOURDIEU, 2011g).

Detentores de um mesmo *habitus* e ratificadores de uma mesma *dóxa*, os agentes empossados reproduzem suas práticas, mesmo sendo, não raro, vítimas algezes de suas *práxis*. Como visto no caso dos “improdutivos da USP”, o debate se dá entre as mesmas instâncias, no que concerne ao capital científico puro institucionalizado (professores doutores), mas não no que diz respeito ao capital científico temporal delegado. Naquela época, e hoje também, são colegas indicados para os comitês que reforçam os grilhões que aprisionam os docentes das IES brasileiras em busca de indicadores alicerçados em um padrão de produção que pouco tem de “nosso”. Se diz pouco pois as condições das universidades brasileiras, sejam relativas à infraestrutura, sejam ao perfil dos estudantes, minimamente se assemelham aos modelos americano e europeu.

A política do *publish or perish* está muito mais arraigada na elite do que talvez ela própria se dê por conta. O que, afinal, significa orientar teses e dissertações relevantes para o campo? Ora, a resposta a esse questionamento é uma nova pergunta: Há algum trabalho de pós-graduação que não o seja? É realmente necessário incutir no imaginário coletivo, mediante a adoção de critérios de classificação bastante subjetivos, que a distância entre os “melhores” e os “nem tanto” está atrelada, exclusivamente, a questões de força de vontade e de capacidade cognitiva, ou seja, na dicotomia do ter ou não ter: tempo, inteligência, organização, enfim, desculpas para não seguir o imposto pelos seus próprios pares?

Ao reforçar práticas produtivistas o campo da Educação perde a oportunidade de ser a vanguarda no debate do que se deseja ter, criar e fomentar nas IES brasileiras. O papel do professor nesse contexto é primordial, um professor consciente de seu papel como pesquisador, mas não aquiescente em produzir artigos em série (artigos, orientandos, congressos) para “de fato” estar contribuindo para o avanço da ciência. Ora, aqui não se está pregando a improdutividade, todavia, acredita-se que um olhar mais cuidadoso deva ser lançado para a academia, para as suas práticas e para seus produtos.

As leituras e interpretações resultantes dos esforços para a defesa da tese levaram à constatação de que teoria sociológica de Pierre Bourdieu lança mais questionamentos sobre as estruturas que conformam os campos, do que respostas acerca do que fazer para transpô-las quando necessário. Longe de comparações levianas, se a presente tese teve por objetivo maior identificar as histórias e trajetórias que foram sendo tecidas pela elite consagrada do campo da Educação,

responder a todos os questionamentos que surgiram ao longo desse percurso descritivo não foi a intenção. O que se pretendeu foi discutir sobre as instâncias que consagram uns e condenam outros ao ostracismo, que priorizam a pesquisa, em detrimento, da extensão. Assim, o foco desse trabalho não foram as respostas, mas as perguntas, pois são elas que podem alterar as estruturas erigidas no campo, são elas, que a despeito do *habitus* e da *dóxa* vigentes podem reordenar e reclassificar os critérios, os pesquisadores e, por fim, a universidade brasileira.

A autocrítica que se propõe diz respeito à vontade propositiva e responsiva de que o campo da Educação se leia, se analise, constantemente, pois é dele que todos os outros campos acadêmicos derivam, não há médicos, sem professores, não há engenheiros, tampouco dentistas entre todas as outras. E com tantas notícias terríveis envolvendo jovens formandos que mais uma pergunta chega para responder, ou seria explicar, a premência da discussão: que tipo de formação está sendo oferecida nas IES? Ao invés de discutir sobre ética, o docente deveria exemplificá-la ao não aceitar (ou propor) que seu nome seja incluído em um artigo pelo simples fato dele ser o orientador, o dono do projeto de pesquisa, o chefe do laboratório. Esse exemplo é real e atual, mas serve para refletir-se acerca do que, de fato, deve ser prioritário no âmbito acadêmico.

Sem demonizações, embora o próprio Bourdieu tenha se valido de uma metáfora “infernai” para descrever o campo acadêmico (2014g), a Educação foi o foco da presente tese, por uma questão de tempo, ou falta dele, mas ousa-se afirmar, que todo e qualquer outro campo que tenha seus critérios de classificação analisados padeceria se não desses mesmos problemas, de outros semelhantes, pois o campo científico empresta a sua estrutura e seus mecanismos de controle como uma espécie de aglutinador, ou como o Grande Irmão de Orwell, desses diferentes campos acadêmicos.

A aplicação da técnica de ARS, à elite de pesquisa composta pelos 21 pesquisadores mais produtivos, demonstrou que alguns agentes articulam-se no campo de maneira global, ou melhor, são detentores de todo tipo de capital, a saber, o científico (puro e temporal) e o social. São eles: Afrânio Mendes Catani, Carlos Carlos Eduardo Laburú, João dos Reis Silva Júnior, Maria Ciavatta e Roberto Jamil Cury. Ainda sobre as redes, a presença de clusters entre a elite de pesquisa e os demais PQs demonstrou um comportamento bastante salutar no campo, pois a prática da coautoria tem, dentre tantas benesses, a possibilidade de oxigenar a

produção do campo, seja com a entrada de novos coautores, seja pela criação de elos interinstitucionais.

No que concerne à metodologia empregada, acredita-se as articulações, geradoras de modos de produção e distribuição das benesses são visualizadas graças às condições de percepção diacrônica. Este tipo de percepção permite a observação dos acontecimentos em sua evolução no tempo, como, por exemplo a percepção do que se expressa quantitativamente, mas que redimensiona, como se pode verificar, as estruturas e os acontecimentos resultantes dessas relações observáveis e observadas no processo de pesquisa.

No que concerne às planilhas, geradas a partir do Excel, elas auxiliaram na padronização dos dados. Quanto à escolha do *software*, a utilização do *software* Vantage Point, para a confecção da matriz geral dos 382 PQs facilitou a sua importação para o programa UCINET (BORGATTI, EVERETT; FREEMAN, 2002) e posterior cálculo das medidas de centralidade e poder. O aplicativo NetDraw, incorporado a esse *software*, foi utilizado para a visualização dos grafos. As escolhas demonstraram estar de acordo com as expectativas e atenderam às necessidades da investigação.

Dentre as limitações do estudo, ressalta-se a de que todos os dados a respeito dos 382 bolsistas PQ/CNPq foram coletados diretamente do currículo Lattes, ou seja, as imprecisões ou omissões feitas, pelos pesquisadores, em seus currículos podem ter repercutido na perda de verossimilhança. Embora, muitos estudos utilizem o Lattes como principal fonte de informação a respeito da classe acadêmica brasileira, sugere-se o emprego da metodologia aqui apresentada em conjunto com a aplicação de outros instrumentos de coleta de dados.

Outra possibilidade é a expansão das análises, por hora apresentadas, no que concerne ao indicador de citação. Ele poderá contribuir enormemente para uma melhor compreensão acerca de como a elite de pesquisa constrói sua frente de pesquisa. Esse conceito, também desenvolvido por Price (1976), informa quem são os autores mais citados em determinada temática, ou campo.

Assim, os estudos, como o aqui esboçado, servem para elucidar as relações entre elementos de uma rígida estrutura imposta na Ciência, assim como a tomada de consciência a respeito de como o campo se edifica, podendo conferir maior autonomia ao agente, em especial, àquele que não possui capital científico

suficiente para pertencer à elite responsável pela reprodução, distinção e manutenção das instâncias de consagração observadas no campo.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

\_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 14. ed. São Paulo, SP: Hucitec, 2010.

BEAVER, D. D.; ROSEN, R. Studies in scientific collaboration: part I: the professional origins of scientific co-authorship. **Scientometrics**, Budapest, v. 1, n. 1, p. 65-84, 1978.

\_\_\_\_\_. Studies in scientific collaboration: part II: scientific co-authorship, research productivity and visibility in the French scientific elite 1799-1830. **Scientometrics**, Budapest, v. 1, n. 2, p. 133-149, 1979.

BEN-DAVID. J. **Centers of Learning: Britain, Germany, the United States**. New York, McGraw Hill, 1977.

BORGATTI, S. P.; EVERETT, M. G.; FREEMAN, L. C. Ucinet for Windows: software for social network analysis. Harward, MA: Analytic Tecnology, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Oerias: Celta, 1998.

\_\_\_\_\_. **Para uma Sociologia da Ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Lições da Aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2001b.

\_\_\_\_\_. **Esboço de uma teoria da prática**: precedido de três estudos da etnologia Cabila. Oerias: Celta, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2011a.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Lisboa: Edições 70, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2011c.

\_\_\_\_\_. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2011d.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011e.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011f.

\_\_\_\_\_. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2011g.

\_\_\_\_\_. **Homo academicus**. Florianópolis: EDUFSC, 2013a.

BOURDIEU, Pierre. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu: textos de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'Água, 2013b.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. rev. Porto Alegre: Zouk, 2013c.

\_\_\_\_\_.; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 7. ed. São Paulo: Vozes, 2014a.

\_\_\_\_\_.; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros: os estudantes e a cultura**. Florianópolis: EDUFSC, 2014b.

\_\_\_\_\_.; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **O ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia**. 8. ed. Vozes: São Paulo, 2015.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BUFREM, Leilah S.; NASCIMENTO, Bruna S. do. A questão do gênero na literatura em Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial, p. 1999-214, 2012.

BURKE, Peter. **Uma História Social do Conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALLON, Michel; COURTIAL, Jean-Pierre; PENAN, Hervé. **Cienciometria e o estudo quantitativo de la actividad científica: de la bibliometria a la vigilancia tecnologica**. Gijón: Trea, 1995.

CAPES. COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. Relatório de área. 2013a. Disponível em: [file:///C:/Users/Bruna/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o\\_doc%20area%20e%20comiss%C3%A3o%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Bruna/Downloads/Educa%C3%A7%C3%A3o_doc%20area%20e%20comiss%C3%A3o%20(1).pdf). Acesso em: 20 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional de Pós-graduação. 2013b. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/PNPG-Relatorio-Final-11-12-2013.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2016.

CASTRO, Gilberto de. **Discurso citado e memória: ensaio bakhtiniano sobre Infância e São Bernardo**. Chapecó: ARGOS, 2014.

CATANI, A. M.; CATANI, D. B.; PEREIRA, G. R. de M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 63-85, maio/jun./jul./ago. 2001.

GL'99 CONFERENCE PROGRAM. Fourth International Conference on Grey Literature: New Frontiers in Grey Literature. GreyNet, Grey Literature Network Service. Washington D.C. USA, 4-5 October 1999.



CNPQ. CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. **Crerios de Julgamento – CA-ED (2012-2014)**. [2014].

Disponvel em: <[http://cnpq.br/web/guest/view/-/journal\\_content/56\\_INSTANCE\\_0oED/10157/50453](http://cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/50453)>. Acesso em: 02 abr. 2014.

COLE, J.; COLE, S. Visibility and the structural bases of awareness. **American Sociological Review**, v. 33, p. 397-412, 1968.

FOLHA DE SÃO PAULO. Pesquisa da USP mostra que ¼ dos docentes nada produz. Primeiro Caderno, São Paulo, 1988. Disponvel em:

<[http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade\\_talhada/?utf8=%E2%9C%93&fsp=on&all\\_words=&phrase=&words=usp&without\\_words=&initial\\_date=21%2F02%2F1988&final\\_date=21%2F02%2F1988&date%5Bday%5D=&date%5Bmonth%5D=&date%5Byear%5D=&group\\_id=0&theme\\_id=0&commit.x=38&commit.y=16&commit=Enviar](http://acervo.folha.uol.com.br/resultados/buscade_talhada/?utf8=%E2%9C%93&fsp=on&all_words=&phrase=&words=usp&without_words=&initial_date=21%2F02%2F1988&final_date=21%2F02%2F1988&date%5Bday%5D=&date%5Bmonth%5D=&date%5Byear%5D=&group_id=0&theme_id=0&commit.x=38&commit.y=16&commit=Enviar)>. Acesso em: 24 jan. 2016.

GLÄNZEL, Wolfgang. **Bibliometrics as a research field**: a course on theory and application of bibliometric indicators. Disponvel em:

<[http://nsdl.niscair.res.in/bitstream/123456789/968/1/Bib\\_Module\\_KUL.pdf](http://nsdl.niscair.res.in/bitstream/123456789/968/1/Bib_Module_KUL.pdf)>. Acesso em: 16 abr. 2015.

GRILLO, Sheila V. C. A noção de campo nas obras de Bourdieu e do Crculo de Bakhtin: suas implicações para a teorização dos gneros do discurso. **Revista da ANPOLL**. São Paulo, v. 19, p. 151-184, 2005.

HANKS, W. F. **Lngua como prtica social**: das relaes entre lngua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

HEY, Ana Paula. **Esboço de uma sociologia do campo acadmico**: a educao superior no Brasil. São Carlos: EDUFSCAR, 2008.

KATZ, J. S.; MARTIN, B. R. What is research collaboration. **Research Policy**, Amsterdam, v. 26, p. 1-18, 1997.

LE COADIC, Yves-François. **A Cincia da Informao**. 2. ed. rev. e atual. Braslia: Briquet de Lemos, 2004.

LETA, Jacqueline. As Mulheres na cincia brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. **Estudos Avanados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 271-284, 2003.

LOURO, Guacira L. Uma leitura da histria da Educao sob a perspectiva do gnero. **Projeto Histria**, São Paulo, v. 11, p. 31-46, 1994.

LUCAS, Elaine Rosângela de Oliveira. **Capital social e capital cientfico na produao cientfica sobre linguagens documentrias e sistemas de organizao do conhecimento no campo da Knowledge Organization (KO) nos idiomas espanhol, francs e portugus**. 2014. 165 f. Tese (Doutorado) - Curso de Cincia da Informao, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponvel

em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-05052015-103231/en.php>>. Acesso em: 10 out. 2015.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de Redes Sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MEADOWS, A. J. **A Comunicação Científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 1999.

MALTRÁS BARBA, Bruno. **Los Indicadores Bibliométricos: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia**. Gijón: Trea, 2003.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso. **A teoria sociológica de Pierre Bourdieu na produção discente dos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil (1965-2004)**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. 2007.

MERTON, Robert K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia: Editora 34, 2013.

MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MONTEIRO, Rosangela; *et al.* Critérios de autoria em trabalhos científicos: um assunto polêmico e delicado. **Revista Brasileira de Cirurgia Cardiovascular**, v. 19, n. 4, p. III-VIII, nov./dec. 2004.

MUELLER, S. O Círculo Vicioso que Prende os Periódicos Nacionais. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, n. zero, dez. 1999. Disponível em: <[http://www.dgz.org.br/dez99/F\\_1\\_art.htm](http://www.dgz.org.br/dez99/F_1_art.htm)>. Acesso em: 17 jan. 2016.

MUELLER, Suzana P. M.; PASSOS, Edilenice J. L. As Questões da Comunicação Científica e a Ciência da Informação. In: MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; PASSOS, Edilenice J. L. (Org.). **Comunicação Científica**. Brasília: UNB, 2000. P. 13-22.

ODDONE, Nanci E. *et al.* Aspectos reputacionais dos sistemas de avaliação da produção científica no campo da Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ENANCIB, 2012. p.1-19.

OLINTO, Gilda; OLIVEIRA, Zuleica L. Cavalcante de. Gênero e trabalho precário no Brasil. **Gênero**, Niterói, v. 5, n. 1, p. 209-223, 2. sem. 2004.

RAGOUET, Pascal. Notoriété professionnelle et organisation scientifique. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, n. 109, Juillet-Décembre., p. 317-341, 2000.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 90, p. 77-105, 2005.

SHINN, Terry; RAGOUET, Pascal. **Controvérsias sobre a ciência**: por uma sociologia transversalista da atividade científica. São Paulo: Ed. 34, 2008.

SOLLA PRICE, Derek J. de. **O Desenvolvimento da Ciência**: análise histórica, filosófica, sociológica e econômica. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976. Tradução de Little science big science.

\_\_\_\_\_.; BEAVER, Donald. Collaboration in an invisible college. **American Psychologist**, Washington, v. 21, p. 1011-1021, 1966.

SMITH, M. The trend toward multiple authorship in Psychology. **American Psychologist**, Washington, v. 13, p. 596-599, 1958.

SOUZA, Betinho. **Análise de conjuntura**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

SCHWARTZMAN, S. Relatório de uma visita ao Brasil. **Ciência Hoje**, São Paulo, v. 7, n. 37, nov., 1987. Disponível em:  
<<http://www.schwartzman.org.br/simon/bendavid.htm>>. Acesso em: 12 out. 2015.

TARGINO, Maria das Graças. Comunicação Científica na Sociedade Tecnológica: periódicos eletrônicos em discussão. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, SP, v. 31, p. 71-98, 1999.

\_\_\_\_\_. Artigos Científicos: a saga da autoria e co-autoria. In: FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto; TARGINO, Maria das Graças (org.). **Preparação de Revistas Científicas**: teoria e prática. São Paulo: Reichmann & Autores, 2005. P. 35-54.

THELWALL, M.; BARJAC, F.; KRETSCHMER, H. Web links and gender in science: an exploratory analysis. **Scientometrics**, Amsterdam, v. 67, n. 3, p. 373-383, jun. 2006.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social network analysis**: methods and applications. Cambridge: Cambridge University, 2007.

WEBER, M. Classe, estamento, partido. In: GERTH, H.; MILLS, W. (Orgs.). **Max Weber**: Ensaios de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974, p. 211-228.

ZIMAN, John Michael. **Conhecimento público**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. (Coleção O Homem e a Ciência, 8).

## REFERÊNCIAS CONSULTADAS

CAFÉ, Anderson Luiz da Paixão. **A produção científica do campo da sociologia brasileira face aos critérios de avaliação do CNPq e da Capes: 2007-2009.** 2013. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/7828>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

COENEN-HUTNER, Jacques. **Sociologia das elites.** Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

\_\_\_\_\_. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, vol.15, nº. 1, p.5-25, 2002.

CORADINI, O. L. O referencial teórico de Bourdieu e as condições para sua aprendizagem e utilização. *Veritas*, Porto Alegre, v. 14, n. 162, p. 207-220, jun. 1996.

CORADINI, O. L. Efeitos da educação formal, categorias ocupacionais e posição social. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 21, n. 2, p. 511-538, maio/ago. 2014.

\_\_\_\_\_. Titulação escolar, mercado e capital social na hierarquização escolar: as relações entre a obtenção do título de doutor em sociologia e o ingresso na carreira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 8, n. 15, p. 39-54, jan./jun., 2011.

\_\_\_\_\_. Estruturas de dominação, integração social e muito mais: os confrontos entre as noções de capital social de Bourdieu e de Coleman. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 69, p. 23-41, 1. sem., 2010.

FARACO, C. A.; CASTRO, G. de. Por uma teoria linguística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). *Educar em Revista*, Curitiba, n. 15, p. 1-9, 1999.

FERES, Glória Georges. **A pós-graduação em ensino de Ciências: uma leitura a partir teoria de Bourdieu.** 2010. 337 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Para A Ciência, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2010. Disponível em: <[http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102050/feres\\_gg\\_dr\\_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/102050/feres_gg_dr_bauru.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 05 mar. 2015.

GRAETZ, Carla Fabiana. **O campo científico, os conflitos e as relações de poder no trabalho de professores de uma universidade pública.** 2013. 132 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <[http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=5999](http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5999)>. Acesso em: 05 mar. 2015.

GRYNSZPAN, M. **Ciência, política e trajetórias sociais.** Rio de Janeiro: FGV, 1999.

HEY, A. P. As Ciências Sociais na Academia Brasileira de Ciências: uma elite minoritária. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 38., 2014, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Anpocs, 2014. p. 1-25. Disponível em: <[http://observatory-elites.org/wp-content/uploads/2014/11/Ana-Paula-Hey\\_As-ciencias-sociais.pdf](http://observatory-elites.org/wp-content/uploads/2014/11/Ana-Paula-Hey_As-ciencias-sociais.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2015.

HEY, A. P. Elites científicas: o caso da Academia Brasileira de Ciências. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 36., 2012, Águas de Lindóia. **Anais...** Águas de Lindóia: Anpocs, 2012. p. 1 - 18. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=8018&Itemid=76](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=8018&Itemid=76)>. Acesso em: 14 nov. 2015.

LAHIRE, B. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação & Sociedade**, Campinas, n. 78, p. 37-55, abr., 2002.

LAZZAROTTI FILHO, Ari. **O modus operandi do campo acadêmico científico da Educação Física no Brasil**. 2011. 95 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95808>>. Acesso em: 05 mar. 2015.

LAZZAROTTI FILHO, A.; SILVA, M.; NASCIMENTO, J. V.; MASCARENHAS, F. Modus operandi da produção científica da educação física: uma análise das revistas e suas veiculações. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 23, n. 1, p. 1-14, 1. trim., 2012.

LIMA JUNIOR, P. ; OSTERMANN, F.; REZENDE, F. Análise dos condicionantes sociais do sucesso acadêmico em cursos de graduação em física à luz da sociologia de Bourdieu. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.15, n. 01, p. 113-129, jan./abr., 2013.

MICELI, S. Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura. **Tempo Social**, São Paulo, p. 63-79, abr., 2003.

MIRANDA, L. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação**: por uma teoria da comunicação praxiológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

MONTAGNER, M.A.; MONTAGNER, M.I.; HOEHNE, E.L. A consagração científica em números: análise do perfil de uma vanguarda pelos currículos Lattes. **Interface: comunicação, saúde e educação**, Botucatu, v. 13, n. 30, p. 181-95, jul./set., 2009.

SILVA, Rosemary Cristina da. **Produção científica em sociologia da educação**: estudo bibliométrico do banco de teses da Capes. 2013. 173 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013. Disponível em: <[http://www.bdtf.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tede\\_busca/arquivo.php?codArquivo=7062](http://www.bdtf.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=7062)>. Acesso em: 05 mar. 2015.

SOUZA, J.; JÚNIOR MARCHI, J. de S. Por uma sociologia da produção científica no campo acadêmico da Educação Física no Brasil. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p.349-360, abr./jun., 2011.

## GLOSSÁRIO

<b>Termo</b>	<b>Conceito</b>
Agente	“[...] indivíduo consciente, racional e incondicionado [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 102).
Bolsistas de Produtividade	Indivíduos que possuem bolsa de produtividade, em função de suas trajetórias acadêmicas, ofertadas pelo CNPq.
Capital Científico	“[...] espécie particular do capital simbólico que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico [...]” (BOURDIEU, 2004, p. 26).
Coautoria	Prática científica de produção de originais em conjunto com um ou mais indivíduos. A coautoria se caracteriza por ser um dos aspectos mensuráveis da colaboração científica.
Colaboração	Reunião entre dois ou mais pesquisadores que buscam trocar dados, ideias, compartilhar recursos (laboratórios, materiais, técnicas, capitais entre outros) ou ainda otimizar seus resultados. De modo geral, essa colaboração resulta na publicação de um artigo (KATZ; MARTIN, 1997).

**Termo****Conceito***Doxa*

“Conjunto de crenças fundamentais que não têm sequer a necessidade de se afirmar sob a forma de um dogma explícito e consciente de si.” (BOURDIEU, 1998, p. 13). Espécie de código de conduta que é exercido, visto e aceito como “natural” por todos os agentes do campo.

*Eidos*

Maneira de pensar naturalizada, de apreender através de estruturas cognitivas as normas, as estratégias e as realidades do campo. “[...] não é outra coisa senão um modo de pensamento específico (um *eidos*) [...]” (BOURDIEU, 1998, p. 85).

Elite Acadêmica

População “[...] cuja **distinção se dá pelo uso de propriedades acumuladas de vários tipos** [...] Essas propriedades diversas são, sobretudo, objetivadas na **detenção de um capital cultural** de espécie particular, ou seja, aquele produzido no espaço acadêmico, **em um dado período de sua história**, na vanguarda de seu desenvolvimento. **Mas, também, pelo capital social** que é pertinente à rede de relações estabelecidas durante a trajetória de formação acadêmica e profissional [...]” (HEY, 2008, p. 40, grifo nosso).



**Termo****Conceito***Ethos*

“[...] princípio de uma construção específica da realidade, fundado numa crença pré-reflexiva no valor indiscutido dos instrumentos de construção e dos objetos assim construídos (um *ethos*).” (BOURDIEU, 1998, p. 85).

*Habitus*

[...] sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcança-los, objetivamente, ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 2011c, p. 87).

*Hysteresis do habitus*

“[...] inércia [...] dos *habitus* que têm uma tendência espontânea (inscrita na biologia) para perpetuar estruturas correspondentes às suas condições de produção.” (BOURDIEU, 1998, p. 142).

Literatura Cinzenta

O que é produzido em todos os níveis do governo, institutos, academias, empresas e indústria, em formato impresso e eletrônico, mas que não é controlado por editores científicos ou comerciais. (GL'99, 1999).

<b>Termo</b>	<b>Conceito</b>
Notoriedade	Parte do capital científico temporal pessoal, <b>capacidade de ser visto pelo outro (<i>visibility</i>) relacionada pela</b> buscado reconhecimento, de postos de poder e dos diferentes tipos de capitais. (SHINN; RAGOUET, 2008).
Popularidade	Parte do capital científico temporal delegado, sinônimo da <b>capacidade de ver o outro (<i>awareness</i>)</b> . Isso porque em se tratando de ocupar cargos (delegados) os membros reconhecem os feitos do outro.

**APÊNDICE A – LISTAGEM DOS BOLSISTAS DE PRODUTIVIDADE (PQ1, PQ2 E PQ-SR/CNPQ) NO BRASIL (2009-2016)**

<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
ABRAHÃO, MARIA HELENA MENNA BARRETO	A1
ABRAMOWICZ, ANETE	A2
ADAM, JOYCE MARY	A3
ADRIÃO, THERESA MARIA DE FREITAS	A4
AGUIAR JÚNIOR, ORLANDO GOMES DE	A5
ALMEIDA, ANA MARIA FONSECA DE	A6
ALMEIDA, JANE SOARES DE	A7
ALMEIDA, LOURDES MARIA WERLE DE	A8
ALMEIDA, MARIA ELIZABETH BIANCONCINI TRINDADE MORATO PINTO DE	A9
ALMEIDA, MARIA JOSE PEREIRA MONTEIRO DE	A10
ALMOULOU, SADDO AG	A11
ALVES, NILDA GUIMARÃES	A12
ALVES-MAZZOTTI, ALDA JUDITH	A13
AMARILHA, MARLY	A14
AMORIM, ANTONIO CARLOS RODRIGUES DE	A15
ANDRIOLA, WAGNER BANDEIRA	A16
AQUINO, JULIO ROBERTO GROPPA	A17
ARAGÃO, ANA MARIA FALCÃO DE	A18
ARAÚJO, IVES SOLANO	A19
ARAUJO, RONALDO MARCOS DE LIMA	A20
ARAÚJO, ULISSES FERREIRA DE	A21
ARAÚJO, VALÉRIA AMORIM ARANTES DE	A22
ARCE, ALESSANDRA	A23
ARROYO, MIGUEL GONZALEZ	A24
ARRUDA, SERGIO DE MELLO	A25
AXT, MARGARETE	A26
AZEVEDO, JANETE MARIA LINS DE	A27
AZEVEDO, MÁRIO LUIZ NEVES DE	A28
BACKES, JOSÉ LICINIO	A29
BAIBICH, TÂNIA MARIA	A30
BAIRRAL, MARCELO ALMEIDA	A31
BALZAN, NEWTON CESAR	A32
BARCELOS, VALDO HERMES DE LIMA	A33
BARRETO, RAQUEL GOULART	A34
BARROS, MARCELO ALVES	A35
BASTOS, MARIA HELENA CAMARA	A36
BATISTA, IRINEIA DE LOURDES	A37

<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
BATISTA, NILDO ALVES	A38
BATISTA, SYLVIA HELENA SOUZA DA SILVA	A39
BENCOSTTA, MARCUS LEVY ALBINO	A40
BIANCHETTI, LUCIDIO	A41
BICCAS, MAURILANE DE SOUZA	A42
BICUDO, MARIA APARECIDA VIGGIANI	A43
BITTAR, MARILENA	A44
BITTAR, MARISA	A45
BITTENCOURT, AGUEDA BERNARDETE	A46
BIZZO, NELIO MARCO VINCENZO	A47
BOLZAN, DORIS PIRES VARGAS	A48
BONAMINO, ALICIA MARIA CATALANO DE	A49
BONIN, IARA TATIANA	A50
BONTEMPI JÚNIOR, BRUNO	A51
BORBA, MARCELO DE CARVALHO	A52
BORUCHOVITCH, EVELY	A53
BOTO, CARLOTA	A54
BRAGA, MARCO ANTONIO BARBOSA	A55
BRITO, MARCIA REGINA F DE	A56
BRZEZINSKI, IRIA	A57
BUENO, BELMIRA AMÉLIA DE BARROS OLIVEIRA	A58
BURIASCO, REGINA LUZIA CORIO DE	A59
CALDEIRA, ANA MARIA DE ANDRADE	A60
CALDERÓN, ADOLFO IGNACIO	A61
CAMPOS, NEVIO DE	A62
CANDAU, VERA MARIA FERRÃO	A63
CANEN, ANA	A64
CARRANO, PAULO CESAR RODRIGUES	A65
CARVALHO, ANNA MARIA PESSOA DE	A66
CARVALHO, CARLOS HENRIQUE DE	A67
CARVALHO, ISABEL CRISTINA DE MOURA	A68
CARVALHO, JANETE MAGALHÃES	A69
CARVALHO, LUIZ MARCELO DE	A70
CARVALHO, MARIA EULINA PESSOA DE	A71
CARVALHO, MARÍLIA PINTO DE	A72
CARVALHO, MARTA MARIA CHAGAS DE	A73
CASTANHO, MARIA EUGÊNIA DE LIMA E MONTES	A74
CASTRO, CESAR AUGUSTO	A75
CASTRO, MARTA LUZ SISSON DE	A76
CATANI, AFRÂNIO MENDES	A77
CATANI, DENICE BARBARA	A78
CATRIB, ANA MARIA FONTENELLE	A79
CAVALCANTE, MARIA JURACI MAIA	A80
CÉSAR, MARIA RITA DE ASSIS	A81

<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
CHAVES, VERA LÚCIA JACOB	A82
CHRISPINO, ALVARO	A83
CIAVATTA, MARIA	A84
COELHO, WILMA DE NAZARÉ BAIA	A85
COMPIANI, MAURÍCIO	A86
CORAZZA, SANDRA MARA	A87
CORSETTI, BERENICE	A88
COSTA, MARCIO DA	A89
COUTINHO, FRANCISCO ÂNGELO	A90
COUTO, EDVALDO SOUZA	A91
CRUZ, DULCE MÁRCIA	A92
CUNHA, LUIZ ANTONIO CONSTANT RODRIGUES DA	A93
CUNHA, MARCUS VINICIUS DA	A94
CUNHA, MARIA ISABEL DA	A95
CUNHA, MARIA TERESA SANTOS	A96
CURY, CARLOS ROBERTO JAMIL	A97
CURY, HELENA NORONHA	A98
CYRINO, MÁRCIA CRISTINA DE COSTA TRINDADE	A99
DAL RI, NEUSA MARIA	A100
DALBOSCO, CLÁUDIO ALMIR	A101
DALLABRIDA, NORBERTO	A102
DAMIANI, MAGDA FLORIANA	A103
DAVIES, NICHOLAS	A104
DAYRELL, JUAREZ TARCISIO	A105
DEL PINO, JOSÉ CLAUDIO	A106
DELGADO, ANA CRISTINA COLL	A107
DELIBERATO, DÉBORA	A108
DOURADO, LUIZ FERNANDES	A109
DUARTE, NEWTON	A110
DUARTE, ROSALIA MARIA	A111
EGGERT, EDLA	A112
EL-HANI, CHARBEL NIÑO	A113
ESQUINSANI, ROSIMAR SERENA SIQUEIRA	A114
EVANGELISTA, OLINDA	A115
FABRIS, ELÍ TEREZINHA HENN	A116
FALCAO, ELIANE BRIGIDA MORAIS	A117
FARIA FILHO, LUCIANO MENDES DE	A118
FARTES, VERA LÚCIA BUENO	A119
FAZENDA, IVANI CATARINA ARANTES	A120
FERNANDES, CLEONI MARIA BARBOZA	A121
FERNANDEZ, CARMEN	A122
FERRACIOLI, LAÉRCIO	A123
FERRAÇO, CARLOS EDUARDO	A124
FERRARO, ALCEU RAVANELLO	A125

<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
FERREIRA JUNIOR, AMARILIO	A126
FERREIRA, LILIANA SOARES	A127
FERREIRA, MARCIA ONDINA VIEIRA	A128
FERREIRA, MARCIA SERRA	A129
FIDALGO, FERNANDO SELMAR ROCHA	A130
FIGUEIREDO, RITA VIEIRA DE	A131
FIORENTINI, DARIO	A132
FISCHER, MARIA CLARA BUENO	A133
FISCHER, ROSA MARIA BUENO	A134
FISCHMANN, ROSELI	A135
FLEURI, REINALDO MATIAS	A136
FLORES, CLÁUDIA REGINA	A137
FONSECA, MARIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA REIS	A138
FONSECA, THAIS NIVIA DE LIMA E	A139
FONTOURA, HELENA AMARAL DA	A140
FRADE, ISABEL CRISTINA ALVES DA SILVA	A141
FRANCO, MARIA AMELIA DO ROSARIO SANTORO	A142
FREITAS, DENISE DE	A143
FREITAS, MARCOS CEZAR DE	A144
FREITAS, MARIA TERESA DE ASSUNÇÃO	A145
FREITAS, SORAIA NAPOLEÃO	A146
FRIGOTTO, GAUDENCIO	A147
GALLO, SILVIO DONIZETTI DE OLIVEIRA	A148
GALVÃO, ANA MARIA DE OLIVEIRA	A149
GARCIA, MARIA MANUELA ALVES	A150
GARCIA, PEDRO BENJAMIM CARVALHO SILVA	A151
GARCIA, TÂNIA MARIA FIGUEIREDO BRAGA	A152
GARNICA, ANTONIO VICENTE MARAFIOTI	A153
GATTI JÚNIOR, DÉCIO	A154
GENTILI, PABLO ANTONIO AMADEO	A155
GLAT, ROSANA	A156
GOMES, ALFREDO MACEDO	A157
GOMES, ANA MARIA RABELO	A158
GOMES, MARIA LAURA MAGALHÃES	A159
GOMES, NILMA LINO	A160
GONCALVES NETO, WENCESLAU	A161
GONÇALVES, IRLÉN ANTÔNIO	A162
GONDRA, JOSÉ GONÇALVES	A163
GONTIJO, CLÁUDIA MARIA MENDES	A164
GOUVEA, MARIA CRISTINA SOARES DE	A165
GOUVEIA, ANDRÉA BARBOSA	A166
GROPPO, LUÍS ANTONIO	A167
GUIMARÃES, SELVA	A168
HADDAD, SERGIO	A169

<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
HAGE, SALOMÃO ANTONIO MUFARREJ	A170
HEALY, SIOBHAN VICTORIA (Lulu)	A171
HERMANN, NADJA MARA AMILIBIA	A172
HIGUCHI, MARIA INÊS GASPARETTO	A173
HUNGER, DAGMAR APARECIDA CYNTHIA FRANÇA	A174
HYPOLITO, ÁLVARO LUIZ MOREIRA	A175
ISAIA, SILVIA MARIA DE AGUIAR	A176
JUSTI, ROSÁRIA DA SILVA	A177
KARNOPP, LODENIR BECKER	A178
KENSKI, VANI MOREIRA	A179
KNIJNIK, GELSA	A180
KOHAN, WALTER OMAR	A181
KRAMER, SONIA	A182
KRAWCZYK, NORA RUT	A183
KREUTZ, LUCIO	A184
KUENZER, ACÁCIA ZENEIDA	A185
KUHLMANN JÚNIOR, MOYSÉS	A186
LABURU, CARLOS EDUARDO	A187
LACERDA, CRISTINA BROGLIA FEITOSA DE	A188
LAJONQUIÈRE, LEANDRO DE	A189
LEHER, ROBERTO	A190
LEITE, CÉSAR DONIZETTI PEREIRA	A191
LEITE, DENISE BALARINE CAVALHEIRO	A192
LELIS, ISABEL ALICE OSWALDO MONTEIRO	A193
LIMA FILHO, DOMINGOS LEITE	A194
LOMBARDI, JOSE CLAUDINEI	A195
LOPES, ALICE RIBEIRO CASIMIRO	A196
LOPES, CELI ESPASANDIN	A197
LOPES, MAURA CORCINI	A198
LOPES, ROSELI ESQUERDO	A199
LOUREIRO, CARLOS FREDERICO BERNARDO	A200
LUCENA, CARLOS ALBERTO	A201
LUCHESE, TERCIANE ÂNGELA	A202
LÜDKE, HERMENGARDA ALVES MENGA	A203
MACEDO, ELIZABETH FERNANDES DE	A204
MACHADO, CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS	A205
MACHADO, LAEDA BEZERRA	A206
MACHADO, MARIA CRISTINA GOMES	A207
MAGINA, SANDRA MARIA PINTO	A208
MAINARDES, JEFFERSON	A209
MAMEDE-NEVES, MARIA APPARECIDA CAMPOS	A210
MANCEBO, DEISE	A211
MANZINI, EDUARDO JOSE	A212
MARANDINO, MARTHA	A213

<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
MARCELLO, FABIANA DE AMORIM	A214
MARCONDES, MARIA EUNICE RIBEIRO	A215
MARQUES, CARLOS ALBERTO	A216
MARTINELLI, SELMA DE CÁSSIA	A217
MARTÍNEZ, SILVIA ALICIA	A218
MARTINS, ISABEL GOMES RODRIGUES	A219
MARTINS, MARCOS FRANCISCO	A220
MARTINS, PURA LÚCIA OLIVER	A221
MARTINS, RAUL ARAGÃO	A222
MATTOS, CRISTIANO RODRIGUES DE	A223
MAUÉS, OLGAÍSES CABRAL	A224
MENDES, ENICEIA GONCALVES	A225
MENDES, IRAN ABREU	A226
MENDONÇA, ANA WALESKA POLLO CAMPOS	A227
MENDONÇA, SAMUEL	A228
MENIN, MARIA SUZANA DE STEFANO	A229
MEYER, DAGMAR ELISABETH ESTERMANN	A230
MIGNOT, ANA CHRYSTINA VENANCIO	A231
MIZUKAMI, MARIA DA GRACA NICOLETTI	A232
MOLON, SUSANA INÊS	A233
MONTEIRO, ANA MARIA FERREIRA DA COSTA	A234
MORAES, ANDREIA GUERRA DE	A235
MORAIS, ARTUR GOMES DE	A236
MORAIS, MARIA ARISNETE CAMARA DE	A237
MORETTI, MÉRICLES THADEU	A238
MOROSINI, MARILIA COSTA	A239
MORTIMER, EDUARDO FLEURY	A240
MOSCHEN, SIMONE ZANON	A241
MUNAKATA, KAZUMI	A242
NACARATO, ADAIR MENDES	A243
NARDI, ROBERTO	A244
NASCIMENTO, ADIR CASARO	A245
NASCIMENTO, ESTER FRAGA VILAS-BÔAS CARVALHO DO	A246
NASCIMENTO, IVANY PINTO	A247
NASCIMENTO, SILVANIA SOUSA DO	A248
NEIRA, MARCOS GARCIA	A249
NERY, ANA CLARA BORTOLETO	A250
NISTA-PICCOLO, VILMA LENÍ	A251
NÓBREGA-THERRIEN, SILVIA MARIA	A252
NOGUEIRA, MARIA ALICE DE LIMA GOMES	A253
NOSELLA, PAOLO	A254
NUNES, LEILA REGINA D'OLIVEIRA DE PAULA	A255
NÚÑEZ, ISAURO BELTRÁN	A256
OLIVEIRA, ANNA AUGUSTA SAMPAIO DE	A257



<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
OLIVEIRA, BERNARDO JEFFERSON DE	A258
OLIVEIRA, CLAUDIA MARIA COSTA ALVES DE	A259
OLIVEIRA, DALILA ANDRADE	A260
OLIVEIRA, EDUARDO CALIL DE	A261
OLIVEIRA, INÊS BARBOSA DE	A262
OLIVEIRA, JOÃO FERREIRA DE	A263
OLIVEIRA, MARCUS AURELIO TABORDA DE	A264
OLIVEIRA, MAURICIO PIETROCOLA PINTO DE	A265
OLIVEIRA, RAMON DE	A266
OLIVEIRA, REGINA TEREZA CESTARI DE	A267
OLIVEIRA, RENATO JOSE DE	A268
OLIVEIRA, RITA DE CÁSSIA DA SILVA	A269
OLIVEIRA, ROMUALDO LUIZ PORTELA DE	A270
OLIVEIRA, TEREZINHA	A271
OSTERMANN, FERNANDA	A272
PACCA, JESUINA LOPES DE ALMEIDA	A273
PAGNI, PEDRO ANGELO	A274
PAIVA, VANILDA PEREIRA	A275
PARAÍSO, MARLUCY ALVES	A276
PARO, VITOR HENRIQUE	A277
PASSEGGI, MARIA DA CONCEIÇÃO FERRER BOTELHO SGADARI	A278
PASSOS, CARMEN LUCIA BRANCAGLION	A279
PAULA, MARIA DE FÁTIMA COSTA DE	A280
PAULINO, MARIA DAS GRAÇAS RODRIGUES	A281
PEREIRA, MARCOS VILLELA	A282
PEREIRA, RITA MARISA RIBES	A283
PERONI, VERA MARIA VIDAL	A284
PESSANHA, EURIZE CALDAS	A285
PETRUCCI-ROSA, MARIA INÊS	A286
PILATTI, LUIZ ALBERTO	A287
PIMENTA, SELMA GARRIDO	A288
PIRES, CÉLIA MARIA CAROLINO	A289
PORTO, PAULO ALVES	A290
PRESTES, EMÍLIA MARIA DA TRINDADE	A291
PRETTO, NELSON DE LUCA	A292
PUCCI, BRUNO	A293
QUEIROZ, SALETE LINHARES	A294
RAMOS, FLÁVIA BROCCETTO	A295
RANGEL, MARY	A296
RATTO, CLEBER GIBBON	A297
REALI, ALINE MARIA DE MEDEIROS RODRIGUES	A298
REGO, TERESA CRISTINA REBOLHO	A299
REZENDE FILHO, LUIZ AUGUSTO COIMBRA DE	A300
RIBEIRO, MARLENE	A301

<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
RIBEIRO, PAULA REGINA COSTA	A302
RIBEIRO, PAULO RENNES MARCAL	A303
ROCHA, HELOÍSA HELENA PIMENTA	A304
RODRIGUES, JOSÉ DOS SANTOS	A305
ROMANOWSKI, JOANA PAULIN	A306
ROSSO, ADEMIR JOSÉ	A307
RUFINI, SUELI ÉDI	A308
RUMMERT, SONIA MARIA	A309
SALLES, LEILA MARIA FERREIRA	A310
SANTAROSA, LUCILA MARIA COSTI	A311
SANTOS, FLAVIA REZENDE VALLE DOS	A312
SANTOS, LUCÍOLA LICÍNIO DE CASTRO PAIXÃO	A313
SANTOS, MARCELO GIORDAN	A314
SATO, MICHELE TOMOKO	A315
SAUL, ANA MARIA	A316
SCHALL, VIRGINIA TORRES	A317
SCHILLING, FLÁVIA INÊS	A318
SCHLEMMER, ELIANE	A319
SCHLINDWEIN, LUCIANE MARIA	A320
SCHMIDT, MARIA AUXILIADORA MOREIRA DOS SANTOS	A321
SELLES, SANDRA LUCIA ESCOVEDO	A322
SEMERARO, GIOVANNI	A323
SHIROMA, ENEIDA OTO	A324
SILVA JÚNIOR, JOÃO DOS REIS	A325
SILVA, CIBELLE CELESTINO	A326
SILVA, FABIANY DE CÁSSIA TAVARES	A327
SILVA, GILBERTO FERREIRA DA	A328
SILVA, LOURDES HELENA DA	A329
SILVA, MONICA RIBEIRO DA	A330
SILVA, VERA LUCIA GASPAR DA	A331
SIMAN, LANA MARA DE CASTRO	A332
SIQUEIRA, VERA HELENA FERRAZ DE	A333
SMOLKA, ANA LUIZA BUSTAMANTE	A334
SOARES, ANTONIO JORGE GONCALVES	A335
SOARES, CARMEN LÚCIA	A336
SOARES, LEÔNCIO JOSÉ GOMES	A337
SOARES, MÁRLON HERBERT FLORA BARBOSA	A338
SOUSA, CLARILZA PRADO DE	A339
SOUSA, GUARACIRA GOUVÊA DE	A340
SOUZA NETO, SAMUEL DE	A341
SOUZA, ELIZEU CLEMENTINO DE	A342
SOUZA, MARCELO GUSTAVO ANDRADE DE	A343
SOUZA, MARIA ANTÔNIA DE	A344
SOUZA, MARIA INES GALVÃO FLORES MARCONDES DE	A345

<b>Bolsista</b>	<b>Legenda</b>
SOUZA, NADIA APARECIDA DE	A346
SOUZA, RENATA JUNQUEIRA DE	A347
SOUZA, ROSA FATIMA DE	A348
SPOSITO, MARILIA PONTES	A349
STEPHANOU, MARIA	A350
STRECK, DANILO ROMEU	A351
STRUCHINER, MIRIAM	A352
TEIXEIRA, INÊS ASSUNÇÃO DE CASTRO	A353
TERRAZZAN, EDUARDO ADOLFO	A354
THERRIEN, JACQUES	A355
TOLEDO, MARIA RITA DE ALMEIDA	A356
TOMAZETTI, ELISETE MEDIANEIRA	A357
TOZONI-REIS, MARÍLIA FREITAS DE CAMPOS	A358
VALDEMARIN, VERA TERESA	A359
VALENTE, JOSE ARMANDO	A360
VALENTE, WAGNER RODRIGUES	A361
VALLE, IONE RIBEIRO	A362
VALLE, LÍLIAN DE ARAGÃO BASTOS DO	A363
VALLE, MARIA TERESA ESTEBAN DO	A364
VASCONCELOS, MARIA CELI CHAVES	A365
VAZ, ALEXANDRE FERNANDEZ	A366
VEIGA, CYNTHIA GREIVE	A367
VEIGA, ILMA PASSOS ALENCASTRO	A368
VENDRAMINI, CÉLIA REGINA	A369
VIANNA, CLÁUDIA PEREIRA	A370
VIDAL, DIANA GONÇALVES	A371
VIEIRA, JARBAS SANTOS	A372
VIEIRA, SOFIA LERCHE	A373
VILLANI, ALBERTO	A374
WARDE, MIRIAN JORGE	A375
WELLER, WIVIAN	A376
WERLE, FLÁVIA OBINO CORRÊA	A377
XAVIER, LIBÂNIA NACIF	A378
ZANCHET, BEATRIZ MARIA BOÉSSIO ATRIB	A379
ZUCCHETTI, DINORA TEREZA	A380
ZUIN, ANTONIO ALVARO SOARES	A381
ZUIN, VÂNIA GOMES	A382

Fonte: adaptado do documento sobre critérios de julgamento dos comitês de assessoramento do CNPq. Disponível em: < [http://www.cnpq.br/web/guest/criterios-de-julgamento.jsessionid=8BC26A6902D44F78B4AD702C17C96804?p\\_p\\_id=122\\_INSTANCE\\_nV4n&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=normal&p\\_p\\_mode=view&p\\_p\\_col\\_id=118\\_INSTANCE\\_FQ8h\\_column-1&p\\_p\\_col\\_count=1&p\\_r\\_p\\_564233524\\_categoryId=47864#](http://www.cnpq.br/web/guest/criterios-de-julgamento.jsessionid=8BC26A6902D44F78B4AD702C17C96804?p_p_id=122_INSTANCE_nV4n&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=118_INSTANCE_FQ8h_column-1&p_p_col_count=1&p_r_p_564233524_categoryId=47864#)>. Acesso em: 02 mar. 2015.

**APÊNDICE B – TABELA GERAL DA DISTRIBUIÇÃO DOS CAPITAIS ENTRE OS 21 MAIS PRODUTIVOS DA ELITE CONSAGRADA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL (1990-2015)**

		CAPITAL CIENTÍFICO PURO							CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL					
		Objetivado			Institucionalizado				Pessoal (notoriedade)		Delegado (popularidade)			
PQs	Estrato	Art.	Livros	Cap. de Livros	Trab. Comp. Publ. em Eventos	Supervisões	Titulação	Pós- Doc	Org. de Eventos	Part. em Eventos	Cargos Ocupados	Prêmios e Títulos	Membro de Corpo Editorial	
A77	PQ1-A	122	155	167	122	59	D	0	37	13	4	2	35	
A377	PQ1-A	123	12	47	63	78	D	1	42	129	6	5	9	
A97	PQ1-A	119	12	67	13	41	D	4	3	210	4	6	14	
A244	PQ1-A	114	33	226	155	51	D	1	84	340	3	1	14	
A239	PQ1-A	89	46	124	105	198	D	1	54	208	12	3	7	
A84	PQ1-A	78	27	71	25	86	D	3	53	210	1	0	7	
A113	PQ1-B	138	9	51	82	115	D	1	32	2	8	3	23	
A317	PQ1-B	113	20	33	38	69	D	0	17	131	5	15	3	
A325	PQ1-B	94	25	69	19	62	D	2	11	199	6	1	9	
A187	PQ1-C	120	3	16	111	61	D	0	3	22	0	0	1	
A106	PQ1-D	174	12	13	159	138	D	1	1	3	2	5	0	
A296	PQ1-D	109	29	36	53	107	D	1	3	78	2	7	4	
A271	PQ1-D	95	31	73	260	134	D	1	33	153	1	0	10	
A287	PQ2	229	25	40	444	68	D	0	17	74	6	9	7	
A366	PQ2	153	15	60	43	144	D	0	24	19	0	0	19	
A146	PQ2	102	12	56	186	155	D	1	27	194	6	3	6	
A335	PQ2	100	8	31	34	81	D	1	5	118	4	0	8	

CAPITAL CIENTÍFICO PURO								CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL					
Objetivado				Institucionalizado				Pessoal (notoriedade)		Delegado (popularidade)			
PQs	Estrato	Art.	Livros	Cap. de Livros	Trab. Comp. Publ. em Eventos	Supervisões	Titulação	Pós-Doc	Org. de Eventos	Part. em Eventos	Cargos Ocupados	Prêmios e Títulos	Membro de Corpo Editorial
A104	PQ2	91	10	27	14	37	D	0	1	46	2	1	4
A66	PQ-SR	104	21	51	101	69	D	0	21	79	3	0	7
A311	PQ-SR	81	12	24	198	62	D	0	61	25	2	12	7
A374	PQ-SR	73	73	9	158	44	D	1	0	0	0	0	1
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>2421</b>	<b>590</b>	<b>1291</b>	<b>2383</b>	<b>1859</b>	<b>-</b>	<b>19</b>	<b>529</b>	<b>2253</b>	<b>77</b>	<b>73</b>	<b>195</b>

Fonte: dados da pesquisa

Legenda: PQs (Bolsistas de Produtividade em Pesquisa CNPq) Art. (Artigos) Cap. de Livros (Capítulos de Livros) Trab. Comp. Pub. em Eventos (Trabalhos Completos Publicados em Eventos) Org. de Eventos (Organização de Eventos) Part. em Eventos (Participação em Eventos)

**APÊNDICE C – TABELA GERAL DA DISTRIBUIÇÃO DE CAPITAL CIENTÍFICO TEMPORAL POLÍTICO ENTRE OS 21 MAIS PRODUTIVOS DA ELITE CONSAGRADA DO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL (1990-2015)**

PQs	Estrato	Presidência CAPES	Membro Comissão CAPES	Membro Comissão CNPq	MEC	CNE	SEE	Coord. Pós- grad.	Direção Unidade	Chefia Depto.	Pró- reitoria	Consultoria Exterior	Prêmios Mérito Científico
A77	PQ1-A	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	2	2
A377	PQ1-A	0	1	1	0	0	0	1	0	1	1	0	5
A97	PQ1-A	1	1	0	0	1	0	1	0	0	0	0	6
A244	PQ1-A	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1
A239	PQ1-A	0	1	1	1	0	0	1	1	0	1	5	3
A84	PQ1-A	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
A113	PQ1-B	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	6	3
A317	PQ1-B	0	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	15
A325	PQ1-B	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	3	1
A187	PQ1-C	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A106	PQ1-D	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	5
A296	PQ1-D	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	7
A271	PQ1-D	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
A287	PQ2	0	1	0	1	0	0	0	1	1	1	1	9
A366	PQ2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
A146	PQ2	0	1	1	1	0	0	1	1	1	0	0	3
A335	PQ2	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0
A104	PQ2	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
A66	PQ-SR	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0
A311	PQ-SR	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	6	12
A374	PQ-SR	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
<b>TOTAL</b>	<b>-</b>	<b>1</b>	<b>15</b>	<b>13</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>10</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>3</b>	<b>24</b>	<b>73</b>

Fonte: adaptado de Hey (2008, p. 83)

Legenda: PQs (Bolsistas de Produtividade em Pesquisa CNPq) MEC (Ministério da Educação) CNE (Conselho Nacional de Educação) SEE (Secretaria Estadual de Educação) Coord. Pós-grad (Coordenador de Pós-graduação) Chefia Depto. (Chefe de Departamento)

**APÊNDICE D - PLANILHA GERAL DA COLETA DE DADOS SOBRE OS BOLSISTAS PQS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL (1990-2015)**

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Acácia Zeneida Kuenzer	PQ-1A	UFPR	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Aposentada	Público	Feevale	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/9099032959087648">http://lattes.cnpq.br/9099032959087648</a>
Afrânio Mendes Catani	PQ-1A	USP	M	Doutorado	Sociologia	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0416966816426212">http://lattes.cnpq.br/0416966816426212</a>
Alceu Ravello Ferraro	PQ-1A	UFRGS	M	Doutorado	Sociologia	Pontifícia Universidad e Gregoriana	Itália	Titular	Aposentado	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2554901969383039">http://lattes.cnpq.br/2554901969383039</a>
Ana Canen Ivenicki	PQ-1A	UFRJ	F	Doutorado	Educação	University of Glasgow	Inglaterra	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7321869768889062">http://lattes.cnpq.br/7321869768889062</a>
Belmira Amélia de Barros Oliveira Bueno	PQ-1A	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8945586242502361">http://lattes.cnpq.br/8945586242502361</a>
Carlos Roberto Jamil Cury	PQ-1A	PUC Minas	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Aposentado	Público	PUC-MG	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2686596980826238">http://lattes.cnpq.br/2686596980826238</a>
Dalila Andrade Oliveira	PQ-1A	UFMG	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1795516271097895">http://lattes.cnpq.br/1795516271097895</a>
Denise Balarine Cavalheiro Leite	PQ-1A	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Aposentada	Público	Não se aplica	Não se aplica	<a href="http://lattes.cnpq.br/0827507109236372">http://lattes.cnpq.br/0827507109236372</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Eduardo Fleury Mortimer	PQ-1A	UFMG	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3488369448766844">http://lattes.cnpq.br/3488369448766844</a>
Flávia Obino Corrêa Werle	PQ-1A	UNISINOS	F	Doutorado	Educação	PUC-RS	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/8006653453139072">http://lattes.cnpq.br/8006653453139072</a>
Gaudencio Frigotto	PQ-1A	UERJ	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Aposentado	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4535332644982596">http://lattes.cnpq.br/4535332644982596</a>
Hermengar da Alves Menga Lüdke	PQ-1A	UCP	F	Doutorado	Sociologia	Université Paris X	França	Professora Emérita	Ativo	Privada	UCP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/4433255561017291">http://lattes.cnpq.br/4433255561017291</a>
Luciano Mendes de Faria Filho	PQ-1A	UFMG	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5231108948366370">http://lattes.cnpq.br/5231108948366370</a>
Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos	PQ-1A	UFMG	F	Doutorado	Educação	University of London	Inglaterra	Titular	Aposentada	Público	Não se aplica	Não se aplica	<a href="http://lattes.cnpq.br/3045743392904757">http://lattes.cnpq.br/3045743392904757</a>
Luiz Antonio Constant Rodrigues da Cunha	PQ-1A	UFRJ	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5810253486833165">http://lattes.cnpq.br/5810253486833165</a>
Maria Aparecida Viggiani Bicudo	PQ-1A	UNESP	F	Doutorado	Ciências	Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Rio Claro	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1432728078910527">http://lattes.cnpq.br/1432728078910527</a>



Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Maria Ciavatta	PQ-1A	UFF	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5368554854684382">http://lattes.cnpq.br/5368554854684382</a>
Maria da Graça Nicoletti Mizukami	PQ-1A	MACKENZIE	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	Universidad e Presbiteriana Mackenzie	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2121396261196481">http://lattes.cnpq.br/2121396261196481</a>
Maria Isabel da Cunha	PQ-1A	UNISINOS	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/0157149133885713">http://lattes.cnpq.br/0157149133885713</a>
Marilia Costa Morosini	PQ-1A	PUC-RS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-RS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/8614883884181446">http://lattes.cnpq.br/8614883884181446</a>
Marilia Pontes Sposito	PQ-1A	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0962456018830015">http://lattes.cnpq.br/0962456018830015</a>
Nelio Marco Vincenzo Bizzo	PQ-1A	USP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5185490823564905">http://lattes.cnpq.br/5185490823564905</a>
Nilda Guimarães Alves	PQ-1A	UERJ	F	Doutorado	Educação	Université Paris V	França	Titular	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4233172979202700">http://lattes.cnpq.br/4233172979202700</a>
Roberto Nardi	PQ-1A	UNESP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4449947783474945">http://lattes.cnpq.br/4449947783474945</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Selma Garrido Pimenta	PQ-1A	USP	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Aposentada	Público	Não se aplica	Não se aplica	<a href="http://lattes.cnpq.br/4782583303619681">http://lattes.cnpq.br/4782583303619681</a>
Vera Maria Ferrão Candau	PQ-1A	PUC-Rio	F	Doutorado	Educação	Universidad Complutens e de Madrid	Espanha	Titular	Aposentada	Privado	Não se aplica	Não se aplica	<a href="http://lattes.cnpq.br/6133365056620299">http://lattes.cnpq.br/6133365056620299</a>
Alda Judith Alves Mazzotti	PQ-1B	UNESA	F	Doutorado	Psicologia Educaciona I	New York University	EUA	Titular	Aposentada	Público	UNESA	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2213084622235480">http://lattes.cnpq.br/2213084622235480</a>
Antonio Alvaro Soares Zuin	PQ-1B	UFSCAR	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5543562307373287">http://lattes.cnpq.br/5543562307373287</a>
Antonio Vicente Marafioti Garnica	PQ-1B	UNESP	M	Doutorado	Educação Matemática	UNESP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5089072868644414">http://lattes.cnpq.br/5089072868644414</a>
Bruno Pucci	PQ-1B	UNIMEP	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5645113600697876">http://lattes.cnpq.br/5645113600697876</a>
Charbel Niño El-Hani	PQ-1B	UFBA	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFBA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8022297490892415">http://lattes.cnpq.br/8022297490892415</a>
Dagmar Elisabeth Estermann Meyer	PQ-1B	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Associado	Aposentada	Público	Não se aplica	Não se aplica	<a href="http://lattes.cnpq.br/5235330228253476">http://lattes.cnpq.br/5235330228253476</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Danilo Romeu Streck	PQ-1B	UNISINOS	M	Doutorado	Educação	The State University of New Jersey	EUA	Titular	Aposentado	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2250864123409266">http://lattes.cnpq.br/2250864123409266</a>
Denice Barbara Catani	PQ-1B	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3792758221330745">http://lattes.cnpq.br/3792758221330745</a>
Elizabeth Fernandes de Macedo	PQ-1B	UERJ	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5123689806783161">http://lattes.cnpq.br/5123689806783161</a>
Evely Boruchovitch	PQ-1B	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	University of Southern California	EUA	Titular	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1980541978397999">http://lattes.cnpq.br/1980541978397999</a>
Ilma Passos Alencastro Veiga	PQ-1B	UNB	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNB	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6327759575768070">http://lattes.cnpq.br/6327759575768070</a>
Isabel Gomes Rodrigues Martins	PQ-1B	UFRJ	F	Doutorado	Educação	University of London	UK	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5160665761520226">http://lattes.cnpq.br/5160665761520226</a>
Jesuina Lopes de Almeida Pacca	PQ-1B	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1559121864705837">http://lattes.cnpq.br/1559121864705837</a>
João dos Reis Silva Junior	PQ-1B	UFSCAR	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7470123176068422">http://lattes.cnpq.br/7470123176068422</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Lilian de Aragão Bastos do Valle	PQ-1B	UERJ	F	Doutorado	Educação	Université Paris V	França	Titular	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2217832994315714">http://lattes.cnpq.br/2217832994315714</a>
Lucidio Bianchetti	PQ-1B	UFSC	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2379217359202523">http://lattes.cnpq.br/2379217359202523</a>
Marcelo de Carvalho Borba	PQ-1B	UNESP	M	Doutorado	Educação Matemática	Cornell University	EUA	Professor	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4055717099002218">http://lattes.cnpq.br/4055717099002218</a>
Maria Alice de Lima Gomes Nogueira	PQ-1B	UFMG	F	Doutorado	Educação	Université Paris V	França	Titular	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9543227391255854">http://lattes.cnpq.br/9543227391255854</a>
Maria Helena Camara Bastos	PQ-1B	PUC-RS	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Professora	Ativo	Privado	PUC-RS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/4190797203813239">http://lattes.cnpq.br/4190797203813239</a>
Maria Helena Menna Barreto Abrahão	PQ-1B	PUC-RS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Professora	Ativo	Privado	PUC-RS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/0244287001731375">http://lattes.cnpq.br/0244287001731375</a>
Maurício Pietrocola Pinto de Oliveira	PQ-1B	USP	M	Doutorado	Epistemologia e História da ciência	Université Paris Diderot	França	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4566027531758636">http://lattes.cnpq.br/4566027531758636</a>
Nelson De Luca Pretto	PQ-1B	UFBA	M	Doutorado	Comunicação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFBA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1504621070252946">http://lattes.cnpq.br/1504621070252946</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Sonia Kramer	PQ-1B	PUC-Rio	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Público	PUC-Rio	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6812712541815164">http://lattes.cnpq.br/6812712541815164</a>
Virginia Torres Schall	PQ-1B	FIOCRUZ	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Titular	Ativo	Público	FIOCRUZ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1247570488977577">http://lattes.cnpq.br/1247570488977577</a>
Vitor Henrique Paro	PQ-1B	USP	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Aposentado	Privado	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7205092610938172">http://lattes.cnpq.br/7205092610938172</a>
Wenceslau Goncalves Neto	PQ-1B	UFU	M	Doutorado	História	USP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNIUBE	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6258906373771462">http://lattes.cnpq.br/6258906373771462</a>
Alice Ribeiro Casimiro Lopes	PQ-1C	UERJ	F	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5262190522408958">http://lattes.cnpq.br/5262190522408958</a>
Anete Abramowicz	PQ-1C	UFSCAR	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2502752385941894">http://lattes.cnpq.br/2502752385941894</a>
Antonio Carlos Rodrigues de Amorim	PQ-1C	UNICAMP	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3988331743668197">http://lattes.cnpq.br/3988331743668197</a>
Carlos Eduardo Laburú	PQ-1C	UEL	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7608531416003323">http://lattes.cnpq.br/7608531416003323</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Cynthia Greive Veiga	PQ-1C	UFMG	F	Doutorado	História	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5700231363310293">http://lattes.cnpq.br/5700231363310293</a>
Décio Gatti Júnior	PQ-1C	UFU	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFU	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0164067095554570">http://lattes.cnpq.br/0164067095554570</a>
Diana Gonçalves Vidal	PQ-1C	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9794987194529294">http://lattes.cnpq.br/9794987194529294</a>
Eduardo Jose Manzini	PQ-1C	UNESP	M	Doutorado	Psicologia Experimental	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9155295594995876">http://lattes.cnpq.br/9155295594995876</a>
Eniceia Gonçalves Mendes	PQ-1C	UFSCAR	F	Doutorado	Psicologia	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3897627554738983">http://lattes.cnpq.br/3897627554738983</a>
Fernanda Ostermann	PQ-1C	UFRGS	F	Doutorado	Física	UFRGS	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7007713327410057">http://lattes.cnpq.br/7007713327410057</a>
Gelsa Knijnik	PQ-1C	UNISINOS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/8744369266395118">http://lattes.cnpq.br/8744369266395118</a>
João Ferreira de Oliveira	PQ-1C	UFG	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9753142663168623">http://lattes.cnpq.br/9753142663168623</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Jose Armando Valente	PQ-1C	UNICAMP	M	Doutorado	Bioengenharia de Educação	Massachusetts Institute of Technology	EUA	Adjunto	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8919503255281132">http://lattes.cnpq.br/8919503255281132</a>
José Gonçalves Gondra	PQ-1C	UERJ	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6103523487830536">http://lattes.cnpq.br/6103523487830536</a>
Marcelo Giordan Santos	PQ-1C	USP	M	Doutorado	Química	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5590467491446473">http://lattes.cnpq.br/5590467491446473</a>
Maria Antônia de Souza	PQ-1C	UTP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UTP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/0541520648901085">http://lattes.cnpq.br/0541520648901085</a>
Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt	PQ-1C	UFPR	F	Doutorado	História	UFPR	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1253046260139699">http://lattes.cnpq.br/1253046260139699</a>
Maria Cristina Soares de Gouvea	PQ-1C	UFMG	F	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8953647096536151">http://lattes.cnpq.br/8953647096536151</a>
Maria Jose Pereira Monteiro de Almeida	PQ-1C	UNICAMP	F	Doutorado	Psicologia	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6593952657486300">http://lattes.cnpq.br/6593952657486300</a>
Marília Pinto de Carvalho	PQ-1C	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1063498116202429">http://lattes.cnpq.br/1063498116202429</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Marisa Bittar	PQ-1C	UFSCAR	F	Doutorado	História	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3059723520472948">http://lattes.cnpq.br/3059723520472948</a>
Marta Maria Chagas de Carvalho	PQ-1C	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Aposentado	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6653898998670682">http://lattes.cnpq.br/6653898998670682</a>
Miguel Gonzalez Arroyo	PQ-1C	UFMG	M	Doutorado	Educação	Stanford University	Inglaterra	Titular	Aposentado	Público	Não se aplica	Não se aplica	<a href="http://lattes.cnpq.br/0892315644984139">http://lattes.cnpq.br/0892315644984139</a>
Miriam Struchiner	PQ-1C	UFRJ	F	Doutorado	Educação	Boston University	EUA	Adjunto	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4637203974207161">http://lattes.cnpq.br/4637203974207161</a>
Nadja Mara Amilibia Hermann	PQ-1C	PUC-RS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Aposentada	Público	PUC-RS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6880413202306939">http://lattes.cnpq.br/6880413202306939</a>
Newton Duarte	PQ-1C	UNESP	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2161593951236436">http://lattes.cnpq.br/2161593951236436</a>
Paula Regina Costa Ribeiro	PQ-1C	FURG	F	Doutorado	Bioquímica	UFRGS	Brasil	Associado	Ativo	Público	FURG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0516745823012125">http://lattes.cnpq.br/0516745823012125</a>
Reinaldo Matias Fleuri	PQ-1C	IF-Catarinense	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Aposentado	Público	IF-Catarinense	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0966229092773143">http://lattes.cnpq.br/0966229092773143</a>



Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Rosa Fatima de Souza	PQ-1C	UNESP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6453276942134992">http://lattes.cnpq.br/6453276942134992</a>
Rosa Maria Bueno Fischer	PQ-1C	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4822360914917682">http://lattes.cnpq.br/4822360914917682</a>
Sandra Mara Corazza	PQ-1C	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5125809962363078">http://lattes.cnpq.br/5125809962363078</a>
Selva Guimarães	PQ-1C	UFU	F	Doutorado	História Social	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFU	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6146634282412140">http://lattes.cnpq.br/6146634282412140</a>
Sergio Haddad	PQ-1C	AE	M	Doutorado	História e Sociologia da Educação	USP	Brasil	Assesor	Ativo	Privado	AE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5766441805995117">http://lattes.cnpq.br/5766441805995117</a>
Silvio Donizetti de Oliveira Gallo	PQ-1C	UNICAMP	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3808560029763904">http://lattes.cnpq.br/3808560029763904</a>
Sofia Lerche Vieira	PQ-1C	UECE	F	Doutorado	Filosofia e História da Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Aposentada	Público	UECE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1290923091490162">http://lattes.cnpq.br/1290923091490162</a>
Walter Omar Kohan	PQ-1C	UERJ	M	Doutorado	Filosofia	Universidad Iberoamericana	México	Titular	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8252328432864159">http://lattes.cnpq.br/8252328432864159</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Alexandre Fernandez Vaz	PQ-1D	UFSC	M	Doutorado	Ciências Humanas e Sociais	Leibniz Universität	Alemanha	Associado	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6212166433015570">http://lattes.cnpq.br/6212166433015570</a>
Álvaro Luiz Moreira Hypolito	PQ-1D	UFPEL	M	Doutorado	Curriculum and Instruction	University of Wisconsin	EUA	Associado	Ativo	Público	UFPE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7674934224612535">http://lattes.cnpq.br/7674934224612535</a>
Amarílio Ferreira Junior	PQ-1D	UFSCAR	M	Doutorado	História Social	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0748545841167046">http://lattes.cnpq.br/0748545841167046</a>
Ana Luiza Bustamante Smolka	PQ-1D	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0714157996169290">http://lattes.cnpq.br/0714157996169290</a>
Ana Maria de Andrade Caldeira	PQ-1D	UNESP	F	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9980971361333147">http://lattes.cnpq.br/9980971361333147</a>
Ana Maria de Oliveira Galvão	PQ-1D	UFMG	F	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6102383021147824">http://lattes.cnpq.br/6102383021147824</a>
Ana Maria Saul	PQ-1D	PUC-SP	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-SP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/1924505851256944">http://lattes.cnpq.br/1924505851256944</a>
Artur Gomes de Moraes	PQ-1D	UFPE	M	Doutorado	Psicologia	Universidad de Barcelona	Espanha	Titular	Ativo	Público	UFPE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8901640283482955">http://lattes.cnpq.br/8901640283482955</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Bernardo Jefferson de Oliveira	PQ-1D	UFMG	M	Doutorado	Filosofia	UFMG	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9381004373309208">http://lattes.cnpq.br/9381004373309208</a>
Carlos Frederico Bernardo Loureiro	PQ-1D	UFRJ	M	Doutorado	Serviço Social	UFRJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5548225546111298">http://lattes.cnpq.br/5548225546111298</a>
Carlos Henrique de Carvalho	PQ-1D	UFU	M	Doutorado	História	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFU	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7463702480768930">http://lattes.cnpq.br/7463702480768930</a>
Carmen Lucia Brancaglion Passos	PQ-1D	UFSCAR	F	Doutorado	Educação Matemática	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2297203444364327">http://lattes.cnpq.br/2297203444364327</a>
Charlton José dos Santos Machado	PQ-1D	UFPB	M	Doutorado	Educação	UFRN	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPB	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2036729143677618">http://lattes.cnpq.br/2036729143677618</a>
Clarilza Prado de SoEUA	PQ-1D	PUC-SP	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-SP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/4090219754109759">http://lattes.cnpq.br/4090219754109759</a>
Dario Fiorentini	PQ-1D	UNICAMP	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9244474518505985">http://lattes.cnpq.br/9244474518505985</a>
Denise de Freitas	PQ-1D	UFSCAR	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3330976062026878">http://lattes.cnpq.br/3330976062026878</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Edla Eggert	PQ-1D	UNISINOS	F	Doutorado	Teologia	Escola Superior de Teologia	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/8360909218928418">http://lattes.cnpq.br/8360909218928418</a>
Eduardo Adolfo Terrazzan	PQ-1D	UFSM	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0416614425134935">http://lattes.cnpq.br/0416614425134935</a>
Eduardo Calil de Oliveira	PQ-1D	UFAL	M	Doutorado	Linguística	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFAL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6822339713125905">http://lattes.cnpq.br/6822339713125905</a>
Elizeu Clementino de Souza	PQ-1D	UNEB	M	Doutorado	Educação	UFBA	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNEB	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3968241717391173">http://lattes.cnpq.br/3968241717391173</a>
Flávia Inês Schilling	PQ-1D	USP	F	Doutorado	Sociologia	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1745291623553100">http://lattes.cnpq.br/1745291623553100</a>
Flavia Rezende Valle dos Santos	PQ-1D	UFRGS	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3286098272358218">http://lattes.cnpq.br/3286098272358218</a>
Giovanni Semeraro	PQ-1D	UFF	M	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6956417347930716">http://lattes.cnpq.br/6956417347930716</a>
Inês Barbosa de Oliveira	PQ-1D	UERJ	F	Doutorado	Educação	Université de Sciences Humaines de Strasbourg	França	Associado	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0323845315267858">http://lattes.cnpq.br/0323845315267858</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Iran Abreu Mendes	PQ-1D	UFRN	M	Doutorado	Educação	UFRN	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFRN	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4490674057492872">http://lattes.cnpq.br/4490674057492872</a>
Iria Brzezinski	PQ-1D	PUC GOIÁS	F	Doutorado	Administração Escolar	USP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-Goiás	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6603959142820263">http://lattes.cnpq.br/6603959142820263</a>
Isabel Cristina de Moura Carvalho	PQ-1D	PUC-RS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	PUC-RS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/7164983612113282">http://lattes.cnpq.br/7164983612113282</a>
Isauro Beltrán Nuñez	PQ-1D	UFRN	M	Doutorado	Ciências Pedagógicas	Universidad e de Havana	Cuba	Titular	Ativo	Público	UFRN	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8921901031367516">http://lattes.cnpq.br/8921901031367516</a>
Ivani Catarina Arantes Fazenda	PQ-1D	PUC-SP	F	Doutorado	Antropologia	USP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-SP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/9538159500171350">http://lattes.cnpq.br/9538159500171350</a>
José Claudio Del Pino	PQ-1D	UNIVATES	M	Doutorado	Engenharia de Biomassa	UFRGS	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UNIVATES	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2152799270731771">http://lattes.cnpq.br/2152799270731771</a>
Leandro de Lajonquière	PQ-1D	USP	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1302777252317171">http://lattes.cnpq.br/1302777252317171</a>
Lucio Kreutz	PQ-1D	UCS	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UCS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/3230171689798103">http://lattes.cnpq.br/3230171689798103</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Luiz Marcelo de Carvalho	PQ-1D	UNESP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0804543782141182">http://lattes.cnpq.br/0804543782141182</a>
Marcos Francisco Martins	PQ-1D	UFSCAR	M	Doutorado	Filosofia e História da Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4515924584428591">http://lattes.cnpq.br/4515924584428591</a>
Marcos Villela Pereira	PQ-1D	PUC-RS	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-RS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2910880978387325">http://lattes.cnpq.br/2910880978387325</a>
Marcus Aurelio Taborda de Oliveira	PQ-1D	UFMG	M	Doutorado	História e Filosofia da Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0588758834590671">http://lattes.cnpq.br/0588758834590671</a>
Marcus Vinicius da Cunha	PQ-1D	USP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5679422102387763">http://lattes.cnpq.br/5679422102387763</a>
Margarete Axt	PQ-1D	UFRGS	F	Doutorado	Linguística	PUC-RS	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1717761715252343">http://lattes.cnpq.br/1717761715252343</a>
Maria Clara Bueno Fischer	PQ-1D	UFRGS	F	Doutorado	Educação	University of Nottingham	EUA	Adjunto	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3835786000876089">http://lattes.cnpq.br/3835786000876089</a>
Maria Cristina Gomes Machado	PQ-1D	UEM	F	Doutorado	Filosofia e História da Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3874168724032825">http://lattes.cnpq.br/3874168724032825</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Maria Elizabeth Bianconcini Trindade Morato Pinto de Almeida	PQ-1D	PUC-SP	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Privado	PUC-SP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/7485134644744641">http://lattes.cnpq.br/7485134644744641</a>
Maria Teresa de Assunção Freitas	PQ-1D	UFJF	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Aposentado	Público	UFJF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6935564431265128">http://lattes.cnpq.br/6935564431265128</a>
Marlucy Alves Paraíso	PQ-1D	UFMG	F	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4839214907972946">http://lattes.cnpq.br/4839214907972946</a>
Marly Amarilha	PQ-1D	UFRN	F	Doutorado	Linguística	University of London	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFRN	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7415412765980423">http://lattes.cnpq.br/7415412765980423</a>
Mary Rangel	PQ-1D	UFF	F	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2173146648220598">http://lattes.cnpq.br/2173146648220598</a>
Mauricio Compiani	PQ-1D	UNICAMP	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0735864243723534">http://lattes.cnpq.br/0735864243723534</a>
Nora Rut Krawczyk	PQ-1D	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9898869810203373">http://lattes.cnpq.br/9898869810203373</a>
Olinda Evangelista	PQ-1D	UFSC	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Aposentado	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0652113284096519">http://lattes.cnpq.br/0652113284096519</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Pablo Antonio Amadeo Gentili	PQ-1D	UERJ	M	Doutorado	Educação	Universidad de Buenos Aires	Argentina	Associado	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7571532793457829">http://lattes.cnpq.br/7571532793457829</a>
Paulo Rennes Marcal Ribeiro	PQ-1D	UNESP	M	Doutorado	Saúde Mental	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7163791603588084">http://lattes.cnpq.br/7163791603588084</a>
Ramon de Oliveira	PQ-1D	UFPE	M	Doutorado	Educação	UFF	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9016348910585182">http://lattes.cnpq.br/9016348910585182</a>
Rita Vieira de Figueiredo	PQ-1D	UFC	F	Doutorado	Psicopedagogia	Universidad e Laval	Canadá	Associado	Ativo	Público	UFC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9936186326375646">http://lattes.cnpq.br/9936186326375646</a>
Romualdo Luiz Portela de Oliveira	PQ-1D	USP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7235020200200379">http://lattes.cnpq.br/7235020200200379</a>
Rosalia Maria Duarte	PQ-1D	PUC-Rio	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Privado	PUC-Rio	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/8252075995504939">http://lattes.cnpq.br/8252075995504939</a>
Rosana Glat	PQ-1D	UERJ	F	Doutorado	Psicologia	FGV	Brasil	Associado	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3913283461109185">http://lattes.cnpq.br/3913283461109185</a>
Rosária da Silva Justi	PQ-1D	UFMG	F	Doutorado	Educação	University of Reading	Inglaterra	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7288300876119109">http://lattes.cnpq.br/7288300876119109</a>



Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Roseli Fischmann	PQ-1D	UMESP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UMESP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/8371851068257049">http://lattes.cnpq.br/8371851068257049</a>
Salete Linhares Queiroz	PQ-1D	USP	F	Doutorado	Química	UNESP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7925870606416937">http://lattes.cnpq.br/7925870606416937</a>
Samuel de Souza Neto	PQ-1D	UNESP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7352600571268275">http://lattes.cnpq.br/7352600571268275</a>
Sandra Lucia Escovedo Selles	PQ-1D	UFF	F	Doutorado	Educação em Ciências	University of East Anglia	Inglaterra	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3684922991380169">http://lattes.cnpq.br/3684922991380169</a>
Sergio de Mello Arruda	PQ-1D	UEL	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3162292964889276">http://lattes.cnpq.br/3162292964889276</a>
Silvania SoEUA do Nascimento	PQ-1D	UFMG	F	Doutorado	Didática	Université Pierre et Marie Curie	França	Titular	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8112771055918724">http://lattes.cnpq.br/8112771055918724</a>
Tânia Maria Figueiredo Braga Garcia	PQ-1D	UFPR	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6161776417311771">http://lattes.cnpq.br/6161776417311771</a>
Terezinha Oliveira	PQ-1D	UEM	F	Doutorado	História	UNESP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7525108577501517">http://lattes.cnpq.br/7525108577501517</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Valdo Hermes de Lima Barcelos	PQ-1D	UFSM	M	Doutorado	Educação	UFSC	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7447760896466057">http://lattes.cnpq.br/7447760896466057</a>
Vera Lúcia Bueno Fartes	PQ-1D	UFBA	F	Doutorado	Educação	UFBA	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFBA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8142224944215066">http://lattes.cnpq.br/8142224944215066</a>
Vera Maria Vidal Peroni	PQ-1D	UFRGS	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9945008202279221">http://lattes.cnpq.br/9945008202279221</a>
Vera Teresa Valdemarin	PQ-1D	UNESP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9701075189282146">http://lattes.cnpq.br/9701075189282146</a>
Wagner Bandeira Andriola	PQ-1D	UFC	M	Doutorado	Educação	Universidad Complutens e de Madrid	Espanha	Associado	Ativo	Público	UFC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0506346607081493">http://lattes.cnpq.br/0506346607081493</a>
Wagner Rodrigues Valente	PQ-1D	UNIFESP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNIFESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0648590779429965">http://lattes.cnpq.br/0648590779429965</a>
Wivian Weller	PQ-1D	UNB	F	Doutorado	Educação	Freie Universitaet Berlin	Alemanha	Associado	Ativo	Público	UNB	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9672130191987782">http://lattes.cnpq.br/9672130191987782</a>
Adair Mendes Nacarato	PQ2	USF	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	USF	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/4651130852101924">http://lattes.cnpq.br/4651130852101924</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Ademir José Rosso	PQ2	UEPG	M	Doutorado	Educação	UFSC	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEPG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7918286769539305">http://lattes.cnpq.br/7918286769539305</a>
Adir Casaro Nascimento	PQ2	UCDB	M	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UCDB	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/1629728652577164">http://lattes.cnpq.br/1629728652577164</a>
Adolfo Ignacio Calderón	PQ2	PUC Campinas	M	Doutorado	Ciências Sociais	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-Campinas	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2181821122340489">http://lattes.cnpq.br/2181821122340489</a>
Agueda Bernardete Bittencourt	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0060199832265588">http://lattes.cnpq.br/0060199832265588</a>
Alessandra Arce Hai	PQ2	UFSCAR	F	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3845288858275245">http://lattes.cnpq.br/3845288858275245</a>
Alfredo Macedo Gomes	PQ2	UFPE	M	Doutorado	Educação	University of Bristol	Inglaterra	Associado	Ativo	Público	UFPE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9556013338525128">http://lattes.cnpq.br/9556013338525128</a>
Alicia Maria Catalano de Bonamino	PQ2	PUC-Rio	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Privado	PUC-Rio	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/8170349662210452">http://lattes.cnpq.br/8170349662210452</a>
Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali	PQ2	UFSCAR	F	Doutorado	Psicologia	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3250195451890332">http://lattes.cnpq.br/3250195451890332</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Alvaro Chrispino	PQ2	CEFET-RJ	M	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Titular	Ativo	Público	CEFET-RJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3442803584924686">http://lattes.cnpq.br/3442803584924686</a>
Ana Chrystina Venancio Mignot	PQ2	UERJ	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1081444223864667">http://lattes.cnpq.br/1081444223864667</a>
Ana Clara Bortoleto Nery	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2576247757923028">http://lattes.cnpq.br/2576247757923028</a>
Ana Cristina Coll Delgado	PQ2	UFPEL	F	Doutorado	Educação	UFF	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2435682042060684">http://lattes.cnpq.br/2435682042060684</a>
Ana Maria Falcão de Aragão	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0078129824340671">http://lattes.cnpq.br/0078129824340671</a>
Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro	PQ2	UFRJ	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6098382779643532">http://lattes.cnpq.br/6098382779643532</a>
Ana Maria Fonseca de Almeida	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2452772438199184">http://lattes.cnpq.br/2452772438199184</a>
Ana Maria Fontenelle Catrib	PQ2	UNIFOR	F	Doutorado	Educação	UFBA	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNIFOR	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/9948525011531885">http://lattes.cnpq.br/9948525011531885</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Ana Maria Rabelo Gomes	PQ2	UFMG	F	Doutorado	Educação	Universidad e de Bolonha	Itália	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9504461153751227">http://lattes.cnpq.br/9504461153751227</a>
Ana Waleska Pollo Campos Mendonça	PQ2	PUC-Rio	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Privado	PUC-Rio	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6792773314323108">http://lattes.cnpq.br/6792773314323108</a>
Andréa Barbosa Gouveia	PQ2	UFPR	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5282311026967237">http://lattes.cnpq.br/5282311026967237</a>
Andreia Guerra de Moraes	PQ2	CEFET-RJ	F	Doutorado	Engenharia de Produção	UFRJ	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	CEFET-RJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4240715075311404">http://lattes.cnpq.br/4240715075311404</a>
Anna Augusta Sampaio de Oliveira	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Ensino na Educação Brasileira	UNESP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0053554769698449">http://lattes.cnpq.br/0053554769698449</a>
Antonio Jorge Goncalves Soares	PQ2	UFRJ	M	Doutorado	Educação Física	Universidad e Gama Filho	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9726601553271394">http://lattes.cnpq.br/9726601553271394</a>
Beatriz Maria Boéssio Atrib Zanchet	PQ2	UFPEL	F	Doutorado	Educação	UNISINOS	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFPEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0843086784953517">http://lattes.cnpq.br/0843086784953517</a>
Berenice Corsetti	PQ2	UNISINOS	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/7405584392319464">http://lattes.cnpq.br/7405584392319464</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Bruno Bontempi Júnior	PQ2	USP	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2774419029949313">http://lattes.cnpq.br/2774419029949313</a>
Carlos Alberto Lucena	PQ2	UFU	M	Doutorado	Filosofia e História da Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFU	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9554910126433226">http://lattes.cnpq.br/9554910126433226</a>
Carlos Alberto Marques	PQ2	UFSC	M	Doutorado	Pesquisa e Ensino de Química	Universita' degli Studi di Venezia	Itália	Associado	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3495241443602221">http://lattes.cnpq.br/3495241443602221</a>
Carlos Eduardo Ferraço	PQ2	UFES	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFES	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4231564319302829">http://lattes.cnpq.br/4231564319302829</a>
Carlota Boto	PQ2	USP	F	Doutorado	História Social	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2170526237232776">http://lattes.cnpq.br/2170526237232776</a>
Carmen Fernandez	PQ2	USP	F	Doutorado	Química	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9265035442880550">http://lattes.cnpq.br/9265035442880550</a>
Carmen Lúcia Soares	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1196961469104964">http://lattes.cnpq.br/1196961469104964</a>
Celi Espasandin Lopes	PQ2	UNICSUL	F	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNICSUL	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/9699186251670702">http://lattes.cnpq.br/9699186251670702</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Célia Maria Carolino Pires	PQ2	UFMS	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Aposentado	Público	UFMS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9434245879107726">http://lattes.cnpq.br/9434245879107726</a>
Célia Regina Vendramini	PQ2	UFSC	F	Doutorado	Educação	UFSCAR	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7441375272877530">http://lattes.cnpq.br/7441375272877530</a>
Cesar Augusto Castro	PQ2	UFMA	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2060977814636465">http://lattes.cnpq.br/2060977814636465</a>
César Donizetti Pereira Leite	PQ2	UNESP	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNIESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6992448529240189">http://lattes.cnpq.br/6992448529240189</a>
Cibelle Celestino Silva	PQ2	USP	F	Doutorado	Física	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8975592323807707">http://lattes.cnpq.br/8975592323807707</a>
Claudia Maria Costa Alves de Oliveira	PQ2	UFF	F	Doutorado	História Social	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8886741010405574">http://lattes.cnpq.br/8886741010405574</a>
Cláudia Maria Mendes Gontijo	PQ2	UFES	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFES	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6585693734181022">http://lattes.cnpq.br/6585693734181022</a>
Cláudia Pereira Vianna	PQ2	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1717411733761791">http://lattes.cnpq.br/1717411733761791</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Cláudia Regina Flores	PQ2	UFSC	F	Doutorado	Educação	UFSC	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8268667218086998">http://lattes.cnpq.br/8268667218086998</a>
Cláudio Almir Dalbosco	PQ2	UPF	M	Doutorado	Filosofia	Universität Kassel	Alemanha	Titular	Ativo	Privado	UPF	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/1671875455751185">http://lattes.cnpq.br/1671875455751185</a>
Cleber Gibbon Ratto	PQ2	UNILASALLE	M	Doutorado	Educação	PUC-RS	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UNILASALLE	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2642156714590604">http://lattes.cnpq.br/2642156714590604</a>
Cleoni Maria Barboza Fernandes	PQ2	PUC-RS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	PUC-RS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/0233489763906464">http://lattes.cnpq.br/0233489763906464</a>
Cristiano Rodrigues de Mattos	PQ2	USP	M	Doutorado	Física	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2358000738423643">http://lattes.cnpq.br/2358000738423643</a>
Cristina Broglia Feitosa de Lacerda	PQ2	UFSCAR	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9468232016416725">http://lattes.cnpq.br/9468232016416725</a>
Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Educação Física	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3688201307883799">http://lattes.cnpq.br/3688201307883799</a>
Débora Deliberato	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Ciências Médicas	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5154063375333536">http://lattes.cnpq.br/5154063375333536</a>



Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Deise Mancebo	PQ2	UERJ	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2927772536168456">http://lattes.cnpq.br/2927772536168456</a>
Dinora Tereza Zucchetti	PQ2	FEEVALE	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Ativo	Privado	FEEVALE	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/5003571199553094">http://lattes.cnpq.br/5003571199553094</a>
Domingos Leite Lima Filho	PQ2	UTFPR	M	Doutorado	Educação	UFSC	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UTFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1113538527015820">http://lattes.cnpq.br/1113538527015820</a>
Doris Pires Vargas Bolzan	PQ2	UFSM	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3167841618840023">http://lattes.cnpq.br/3167841618840023</a>
Dulce Márcia Cruz	PQ2	UFSC	F	Doutorado	Engenharia de Produção	UFSC	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1543348404865052">http://lattes.cnpq.br/1543348404865052</a>
Edvaldo Souza Couto	PQ2	UFBA	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFBA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0777871871325302">http://lattes.cnpq.br/0777871871325302</a>
Elí Terezinha Henn Fabris	PQ2	UNISINOS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2961121430255733">http://lattes.cnpq.br/2961121430255733</a>
Eliane Brigida Moraes Falcao	PQ2	UFRJ	F	Doutorado	Engenharia de Produção	UFRJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0923119211433360">http://lattes.cnpq.br/0923119211433360</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Eliane Schlemmer	PQ2	UNISINOS	F	Doutorado	Informática na Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/5391034042353187">http://lattes.cnpq.br/5391034042353187</a>
Elisete Medianeira Tomazetti	PQ2	UFSM	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3942924352722374">http://lattes.cnpq.br/3942924352722374</a>
Emília Maria da Trindade Prestes	PQ2	UEPB	F	Doutorado	Estudos Latinoamericanos	Universidad Nacional Autónoma de Mexico	México	Associado	Ativo	Público	UEPB	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8104627122146105">http://lattes.cnpq.br/8104627122146105</a>
Eneida Oto Shiroma	PQ2	UFSC	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8001069292975491">http://lattes.cnpq.br/8001069292975491</a>
Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento	PQ2	UNIT	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UNIT	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/5387293048319734">http://lattes.cnpq.br/5387293048319734</a>
Eurize Caldas Pessanha	PQ2	UFMS	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFMS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4699218117251680">http://lattes.cnpq.br/4699218117251680</a>
Fabiana de Amorim Marcello	PQ2	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3635060565287453">http://lattes.cnpq.br/3635060565287453</a>
Fabiany de Cássia Tavares Silva	PQ2	UFMS	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2155039635962400">http://lattes.cnpq.br/2155039635962400</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Fernando Selmar Rocha Fidalgo	PQ2	UFMG	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4999497203716488">http://lattes.cnpq.br/4999497203716488</a>
Flávia Brocchetto Ramos	PQ2	UCS	F	Doutorado	Linguística	PUC-RS	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UCS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/1742135960263892">http://lattes.cnpq.br/1742135960263892</a>
Francisco Ângelo Coutinho	PQ2	UFMG	M	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9327448059179976">http://lattes.cnpq.br/9327448059179976</a>
Gilberto Ferreira da Silva	PQ2	UNILASALLE	M	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Não se aplica	Ativo	Privado	UNILASALLE	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/5057724567363394">http://lattes.cnpq.br/5057724567363394</a>
Guaracira Gouvêa de SoEUA	PQ2	UNIRIO	F	Doutorado	Educação Gestão e Difusão em Biociências	UFRJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNIRIO	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3340915527857579">http://lattes.cnpq.br/3340915527857579</a>
Helena Amaral da Fontoura	PQ2	UERJ	F	Doutorado	Saúde Pública	FIOCRUZ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4270456085309197">http://lattes.cnpq.br/4270456085309197</a>
Helena Noronha Cury	PQ2	UNIFRA	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UNIFRA	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6881971703601803">http://lattes.cnpq.br/6881971703601803</a>
Heloísa Helena Pimenta Rocha	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9990513381571092">http://lattes.cnpq.br/9990513381571092</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Iara Tatiana Bonin	PQ2	ULBRA	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	ULBRA	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/792585617966345">http://lattes.cnpq.br/792585617966345</a>
Inês Assunção de Castro Teixeira	PQ2	UFMG	F	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1047127256639285">http://lattes.cnpq.br/1047127256639285</a>
Ione Ribeiro Valle	PQ2	UFSC	F	Doutorado	Educação	Université Paris V	França	Associado	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4490226468776272">http://lattes.cnpq.br/4490226468776272</a>
Irinéia de Lourdes Batista	PQ2	UEL	F	Doutorado	Filosofia	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2081105081728634">http://lattes.cnpq.br/2081105081728634</a>
Irlen Antônio Gonçalves	PQ2	CEFET/MG	M	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	CEFET-MG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0156197892875545">http://lattes.cnpq.br/0156197892875545</a>
Isabel Alice Oswaldo Monteiro Lelis	PQ2	PUC-Rio	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Privado	PUC-Rio	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6837272300775720">http://lattes.cnpq.br/6837272300775720</a>
Isabel Cristina Alves da Silva Frade	PQ2	UFMG	F	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2572087438468943">http://lattes.cnpq.br/2572087438468943</a>
Ivany Pinto Nascimento	PQ2	UFPA	F	Doutorado	Psicologia da Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6649004854958284">http://lattes.cnpq.br/6649004854958284</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Ives Solano Araujo	PQ2	UFRGS	M	Doutorado	Física	UFRGS	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2203603628928870">http://lattes.cnpq.br/2203603628928870</a>
Jane Soares de Almeida	PQ2	UNISO	F	Doutorado	História e Filosofia da Educação	USP	Brasil	Titular	Aposentado	Privado	UNISO	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/0927807073677027">http://lattes.cnpq.br/0927807073677027</a>
Janete Magalhaes Carvalho	PQ2	UFES	F	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFES	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4780081698750924">http://lattes.cnpq.br/4780081698750924</a>
Janete Maria Lins de Azevedo	PQ2	UFPE	F	Doutorado	Ciências Sociais	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFPE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2766463108709023">http://lattes.cnpq.br/2766463108709023</a>
Jarbas Santos Vieira	PQ2	UFPEL	M	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7490451482911533">http://lattes.cnpq.br/7490451482911533</a>
Jefferson Mainardes	PQ2	UEPG	M	Doutorado	Educação	University of London	Inglaterra	Associado	Ativo	Público	UEPG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1869253922319886">http://lattes.cnpq.br/1869253922319886</a>
Joana Paulin Romanowski	PQ2	PUC/PR	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-PR	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/7752218478865716">http://lattes.cnpq.br/7752218478865716</a>
Jose Claudinei Lombardi	PQ2	UNICAMP	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Livre-docente	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9792876515583843">http://lattes.cnpq.br/9792876515583843</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
José dos Santos Rodrigues	PQ2	UFF	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3949754810250124">http://lattes.cnpq.br/3949754810250124</a>
José Licínio Backes	PQ2	UCDB	M	Doutorado	Educação	UNISINOS	Brasil	Não se aplica	Ativo	Privado	UCDB	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/9226900461088151">http://lattes.cnpq.br/9226900461088151</a>
Joyce Mary Adam	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3567581285174163">http://lattes.cnpq.br/3567581285174163</a>
Juarez Tarcísio Dayrell	PQ2	UFMG	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4665625518465449">http://lattes.cnpq.br/4665625518465449</a>
Julio Roberto Groppa Aquino	PQ2	USP	M	Doutorado	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Brasil	Livre-docente	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1124623998211027">http://lattes.cnpq.br/1124623998211027</a>
Kazumi Munakata	PQ2	PUC-SP	M	Doutorado	História e Filosofia da Educação	PUC-SP	Brasil	Assistente	Ativo	Privado	PUC-SP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/4282293059093523">http://lattes.cnpq.br/4282293059093523</a>
Laeda Bezerra Machado	PQ2	UFPE	F	Doutorado	Educação	UFRN	Brasil	Associada	Ativo	Público	UFPE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6311786387582869">http://lattes.cnpq.br/6311786387582869</a>
Laércio Ferracioli	PQ2	UFES	M	Doutorado	Educação	University of London	Inglaterra	Titular	Ativo	Público	UFES	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7380100778286872">http://lattes.cnpq.br/7380100778286872</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Lana Mara de Castro Siman	PQ2	UEMG	F	Doutorado	Didática	Université Laval	Canadá	Adjunto	Ativo	Público	UEMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8177087400835460">http://lattes.cnpq.br/8177087400835460</a>
Leila Maria Ferreira Salles	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Psicologia da Educação	PUC-SP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7864828747687778">http://lattes.cnpq.br/7864828747687778</a>
Leila Regina d'Oliveira de Paula Nunes	PQ2	UERJ	F	Doutorado	Educação Especial	Vanderbilt University	EUA	Titular	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3088935631734002">http://lattes.cnpq.br/3088935631734002</a>
Leônicio José Gomes Soares	PQ2	UFMG	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6232915641401989">http://lattes.cnpq.br/6232915641401989</a>
Libânia Nacif Xavier	PQ2	UFRJ	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1009093134243267">http://lattes.cnpq.br/1009093134243267</a>
Liliana Soares Ferreira	PQ2	UFSM	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4007512293061299">http://lattes.cnpq.br/4007512293061299</a>
Lodenir Becker Karnopp	PQ2	UFRGS	F	Doutorado	Linguística	PUC-RS	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6776335394919903">http://lattes.cnpq.br/6776335394919903</a>
Lourdes Helena da Silva	PQ2	UFV	F	Doutorado	Psicologia da Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFV	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6010479169705269">http://lattes.cnpq.br/6010479169705269</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Lourdes Maria Werle de Almeida	PQ2	UEL	F	Doutorado	Engenharia de Produção	UFSC	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2660354136462141">http://lattes.cnpq.br/2660354136462141</a>
Luciane Maria Schlindwein	PQ2	UFSC	F	Doutorado	Psicologia da Educação	PUC-SP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5703573799582552">http://lattes.cnpq.br/5703573799582552</a>
Luís Antonio Groppo	PQ2	UNISAL	M	Doutorado	Ciências Sociais	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNIFAL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4667459802757846">http://lattes.cnpq.br/4667459802757846</a>
Luiz Alberto Pilatti	PQ2	UTFPR	M	Doutorado	Educação Física	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UTFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4854832473320818">http://lattes.cnpq.br/4854832473320818</a>
Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho	PQ2	UFRJ	M	Doutorado	Comunicação	UFRJ	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0831017619527813">http://lattes.cnpq.br/0831017619527813</a>
Luiz Fernandes Dourado	PQ2	UFG	M	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Titular	Aposentado	Público	UFG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1883931901388039">http://lattes.cnpq.br/1883931901388039</a>
Magda Floriana Damiani	PQ2	UFPEL	F	Doutorado	Educação	University of London	Inglaterra	Associada	Ativo	Público	UFPEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9565345581329474">http://lattes.cnpq.br/9565345581329474</a>
Marcelo Almeida Bairral	PQ2	UFRRJ	M	Doutorado	Educação Matemática	Universidad e de Barcelona	Espanha	Associada	Ativo	Público	UFRRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0159010164759435">http://lattes.cnpq.br/0159010164759435</a>



Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Marcelo Alves Barros	PQ2	USP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8492073994763872">http://lattes.cnpq.br/8492073994763872</a>
Marcelo Gustavo Andrade de Souza	PQ2	PUC-Rio	M	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	PUC-Rio	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/5920290316481314">http://lattes.cnpq.br/5920290316481314</a>
Márcia Cristina de Costa Trindade Cyrino	PQ2	UEL	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0809818122632169">http://lattes.cnpq.br/0809818122632169</a>
Marcia Ondina Vieira Ferreira	PQ2	UFPEL	F	Doutorado	Sociologia	Universidad e de Salamanca	Espanha	Associado	Aposentado	Público	UFPEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5250139595129075">http://lattes.cnpq.br/5250139595129075</a>
Marcia Regina F de Brito	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Psicologia da Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2938892005410216">http://lattes.cnpq.br/2938892005410216</a>
Marcia Serra Ferreira	PQ2	UFRJ	F	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1158437195086725">http://lattes.cnpq.br/1158437195086725</a>
Marcio da Costa	PQ2	UFRJ	M	Doutorado	Sociologia	IUPERJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7101633434064668">http://lattes.cnpq.br/7101633434064668</a>
Marco Antonio Barbosa Braga	PQ2	CEFET-RJ	M	Doutorado	Engenharia de Produção	UFRJ	Brasil	Titular	Ativo	Público	CEFET-RJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5370405194554703">http://lattes.cnpq.br/5370405194554703</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Marcos Cezar de Freitas	PQ2	UNIFESP	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UNIFESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6855478178963979">http://lattes.cnpq.br/6855478178963979</a>
Marcos Garcia Neira	PQ2	USP	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5159221005050962">http://lattes.cnpq.br/5159221005050962</a>
Marcus Levy Albino Bencostta	PQ2	UFPR	M	Doutorado	História Social	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2831847079827819">http://lattes.cnpq.br/2831847079827819</a>
Maria Amelia do Rosario Santoro Franco	PQ2	UNISANTO S	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNISANTO S	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/3600560690195448">http://lattes.cnpq.br/3600560690195448</a>
Maria Aparecida Campos Mamede Neves	PQ2	PUC-Rio	F	Doutorado	Psicologia	PUC-Rio	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-Rio	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/9030591579827203">http://lattes.cnpq.br/9030591579827203</a>
Maria Arisnete Camara de Moraes	PQ2	UFRN	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFRN	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4223328278394193">http://lattes.cnpq.br/4223328278394193</a>
Maria Celi Chaves Vasconcelos	PQ2	UCP	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9511377122315447">http://lattes.cnpq.br/9511377122315447</a>
Maria da Conceição Ferreira Reis Fonseca	PQ2	UFMG	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2605895454297792">http://lattes.cnpq.br/2605895454297792</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi	PQ2	UFRN	F	Doutorado	Linguística	Université Paul Valéry Montpellier	França	Titular	Ativo	Público	UFRN	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5015707256397317">http://lattes.cnpq.br/5015707256397317</a>
Maria das Graças Rodrigues Paulino	PQ2	UFMG	F	Doutorado	Letras	UFRJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3828410339995400">http://lattes.cnpq.br/3828410339995400</a>
Maria de Fátima Costa de Paula	PQ2	UFF	F	Doutorado	Sociologia	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6778750204085360">http://lattes.cnpq.br/6778750204085360</a>
Maria Eugênia de Lima e Montes Castanho	PQ2	UESB	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Aposentado	Privado	UESB	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3883562938853685">http://lattes.cnpq.br/3883562938853685</a>
Maria Eulina Pessoa de Carvalho	PQ2	UEPB	F	Doutorado	Currículo, Ensino e Política Educacional	Michigan State University	EUA	Titular	Ativo	Público	UEPB	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4066341343633963">http://lattes.cnpq.br/4066341343633963</a>
Maria Eunice Ribeiro Marcondes	PQ2	USP	F	Doutorado	Química	USP	Brasil			Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7534709993029005">http://lattes.cnpq.br/7534709993029005</a>
Maria Ines Galvão Flores Marcondes de Souza	PQ2	PUC-Rio	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Privado	PUC-Rio	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/9002784880708799">http://lattes.cnpq.br/9002784880708799</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Maria Inês Gasparetto Higuchi	PQ2	INPA	F	Doutorado	Antropologia Social	Brunel University	Inglaterra	Titular	Ativo	Público	INPA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8607852207828061">http://lattes.cnpq.br/8607852207828061</a>
Maria Inês Petrucci-Rosa	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8209374964160908">http://lattes.cnpq.br/8209374964160908</a>
Maria Juraci Maia Cavalcante	PQ2	UFC	F	Doutorado	Ciências Econômicas	Universität Oldenburg	Alemanha	Titular	Ativo	Público	UFC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7540004096220481">http://lattes.cnpq.br/7540004096220481</a>
Maria Laura Magalhães Gomes	PQ2	UFMG	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5671580360415081">http://lattes.cnpq.br/5671580360415081</a>
Maria Manuela Alves Garcia	PQ2	UFPEL	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0141183727711568">http://lattes.cnpq.br/0141183727711568</a>
Maria Rita de Almeida Toledo	PQ2	UNIFESP	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNIFESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0174591208393017">http://lattes.cnpq.br/0174591208393017</a>
Maria Rita de Assis César	PQ2	UFPR	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8083956814758899">http://lattes.cnpq.br/8083956814758899</a>
Maria Stephanou	PQ2	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Associada	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3762091453068901">http://lattes.cnpq.br/3762091453068901</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Maria Suzana de Stefano Menin	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8157283633787279">http://lattes.cnpq.br/8157283633787279</a>
Maria Teresa Esteban do Valle	PQ2	UFF	F	Doutorado	Filosofia e Ciências da Educação	Universidad e de Santiago de Compostela	Espanha	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9777735988809472">http://lattes.cnpq.br/9777735988809472</a>
Maria Teresa Santos Cunha	PQ2	UDESC	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Aposentado	Público	UDESC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1895532605964830">http://lattes.cnpq.br/1895532605964830</a>
Marilena Bittar	PQ2	UFMS	F	Doutorado	Didática	Universite de Grenoble I	França	Associada	Ativo	Público	UFMS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0836684545511633">http://lattes.cnpq.br/0836684545511633</a>
Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6169518533653784">http://lattes.cnpq.br/6169518533653784</a>
Mário Luiz Neves de Azevedo	PQ2	UEM	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0385443872804624">http://lattes.cnpq.br/0385443872804624</a>
Marlene Ribeiro	PQ2	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7053041452604447">http://lattes.cnpq.br/7053041452604447</a>
Márlon Herbert Flora Barbosa Soares	PQ2	UFG	M	Doutorado	Ciências	UFSCAR	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9698540158266610">http://lattes.cnpq.br/9698540158266610</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Marta Luz Sisson de Castro	PQ2	PUC-RS	F	Doutorado	Desenvolvimento e Adaptação de Sistemas	Boston University	EUA	Titular	Ativo	Privado	PUC-RS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/9005028961952945">http://lattes.cnpq.br/9005028961952945</a>
Martha Marandino	PQ2	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6348933324505069">http://lattes.cnpq.br/6348933324505069</a>
Maura Corcini Lopes	PQ2	UNISINOS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Ativo	Privado	UNISINOS	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/3876751682370290">http://lattes.cnpq.br/3876751682370290</a>
Maurilane de Souza Biccass	PQ2	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5279986135285334">http://lattes.cnpq.br/5279986135285334</a>
Mérciles Thadeu Moretti	PQ2	UFSC	F	Doutorado	Educação Matemática	Universidad e Louis Pasteur	França	Associado	Ativo	Público	UFSC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0554663868893915">http://lattes.cnpq.br/0554663868893915</a>
Michele Tomoko Sato	PQ2	UFMT	F	Doutorado	Ciências	UFSCAR	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMT	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9264997837722900">http://lattes.cnpq.br/9264997837722900</a>
Monica Ribeiro da Silva	PQ2	UFPR	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1079110450785932">http://lattes.cnpq.br/1079110450785932</a>
Moysés Kuhlmann Júnior	PQ2	USF	M	Doutorado	História Social	USP	Brasil	Associado	Aposentado	Privado	FCC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5395628476390038">http://lattes.cnpq.br/5395628476390038</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Nadia Aparecida de Souza	PQ2	UEL	F	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Associado	Aposentado	Público	FAAT	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/30512500177818063">http://lattes.cnpq.br/30512500177818063</a>
NeEUA Maria Dal Ri	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0079401220807071">http://lattes.cnpq.br/0079401220807071</a>
Nevio de Campos	PQ2	UEPG	M	Doutorado	Educação	UFPR	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UEPG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1413368977042742">http://lattes.cnpq.br/1413368977042742</a>
Nicholas Davies	PQ2	UFF	M	Doutorado	Sociologia	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5720781952713638">http://lattes.cnpq.br/5720781952713638</a>
Nildo Alves Batista	PQ2	UNIFESP	M	Doutorado	Medicina	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNIFESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9347541615414055">http://lattes.cnpq.br/9347541615414055</a>
Nilma Lino Gomes	PQ2	UFMG	F	Doutorado	Antropologia Social	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7444449891704854">http://lattes.cnpq.br/7444449891704854</a>
Norberto Dallabrida	PQ2	UDESC	M	Doutorado	História Social	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UDESC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7488521314793134">http://lattes.cnpq.br/7488521314793134</a>
Olgaíses Cabral Maués	PQ2	UFPA	F	Doutorado	Educação	Université des Sciences et Technologies de Lille III	França	Associado	Ativo	Público	UFPA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0118802077232494">http://lattes.cnpq.br/0118802077232494</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Orlando Gomes de Aguiar Júnior	PQ2	UFMG	M	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4970185830248841">http://lattes.cnpq.br/4970185830248841</a>
Paulo Alves Porto	PQ2	USP	M	Doutorado	Comunicação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8220231346210091">http://lattes.cnpq.br/8220231346210091</a>
Paulo Cesar Rodrigues Carrano	PQ2	UFF	M	Doutorado	Educação	UFF	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9106017105325057">http://lattes.cnpq.br/9106017105325057</a>
Pedro Angelo Pagni	PQ2	UNESP	M	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4107347396869362">http://lattes.cnpq.br/4107347396869362</a>
Pedro Benjamim Carvalho Silva Garcia	PQ2	UCP	M	Doutorado	Antropologia Social	UFRJ	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UCP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/4416879902769040">http://lattes.cnpq.br/4416879902769040</a>
Pura Lúcia Oliver Martins	PQ2	PUC-PR	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-PR	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/4606246142841972">http://lattes.cnpq.br/4606246142841972</a>
Raquel Goulart Barreto	PQ2	UERJ	F	Doutorado	Educação	UFRJ	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3219630432761209">http://lattes.cnpq.br/3219630432761209</a>
Raul Aragão Martins	PQ2	UNESP	M	Doutorado	Psicologia	FGV	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8498347239701559">http://lattes.cnpq.br/8498347239701559</a>



Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Regina Luzia Corio de Buriasco	PQ2	UEL	F	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3250673949753067">http://lattes.cnpq.br/3250673949753067</a>
Regina Tereza Cestari de Oliveira	PQ2	UCDB	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Privado	UCDB	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6569293985017211">http://lattes.cnpq.br/6569293985017211</a>
Renata Junqueira de Souza	PQ2	UNESP	F	Doutorado	Letras	UNESP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/977820001677953">http://lattes.cnpq.br/977820001677953</a>
Renato Jose de Oliveira	PQ2	UFRJ	M	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2476531795082160">http://lattes.cnpq.br/2476531795082160</a>
Rita de Cássia da Silva Oliveira	PQ2	UEPG	F	Doutorado	Filosofia e Ciências da Educação	Universidad e de Santiago de Compostela	Espanha	Associado	Ativo	Público	UEPG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0396336269506743">http://lattes.cnpq.br/0396336269506743</a>
Rita Marisa Ribes Pereira	PQ2	UERJ	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UERJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6665667611048925">http://lattes.cnpq.br/6665667611048925</a>
Roberto Leher	PQ2	UFRJ	M	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6873414697016839">http://lattes.cnpq.br/6873414697016839</a>
Ronaldo Marcos de Lima Araujo	PQ2	UFPA	M	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7901626430586502">http://lattes.cnpq.br/7901626430586502</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Roseli Esquerdo Lopes	PQ2	UFSCAR	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1507752191797249">http://lattes.cnpq.br/1507752191797249</a>
Rosimar Serena Siqueira Esquinsani	PQ2	UPF	F	Doutorado	Educação	UNISINOS	Brasil	Titular	Ativo	Público	UPF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9661213429808142">http://lattes.cnpq.br/9661213429808142</a>
Saddo Ag Almouloud	PQ2	PUC-SP	M	Doutorado	Matemática e Aplicações	Université de Rennes I	França	Adjunto	Ativo	Privado	PUC-SP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9168215683139657">http://lattes.cnpq.br/9168215683139657</a>
Salomao Antonio Mufarrej Hage	PQ2	UFPA	M	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1723722364556016">http://lattes.cnpq.br/1723722364556016</a>
Samuel Mendonça	PQ2	PUC Campinas	M	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Titular	Ativo	Privado	PUC-Campinas	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6369572439782922">http://lattes.cnpq.br/6369572439782922</a>
Sandra Maria Pinto Magina	PQ2	UESC	F	Doutorado	Educação Matemática	University of London	Inglaterra	Adjunto	Ativo	Público	UESC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8948168068305523">http://lattes.cnpq.br/8948168068305523</a>
Selma de Cássia Martinelli	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3682551458066210">http://lattes.cnpq.br/3682551458066210</a>
Silvia Alicia Martinez	PQ2	UENF	F	Doutorado	Educação	PUC-RJ	Brasil	Associado	Ativo	Público	UENF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5294209683122265">http://lattes.cnpq.br/5294209683122265</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Silvia Maria de Aguiar Isaia	PQ2	UFSM	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Aposentado	Público	UFSM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0954246692473735">http://lattes.cnpq.br/0954246692473735</a>
Silvia Maria Nóbrega-Therrien	PQ2	UECE	F	Doutorado	Sociologia em Educação	Universidad e de Salamanca	Espanha	Adjunto	Ativo	Público	UECE	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8260706446079117">http://lattes.cnpq.br/8260706446079117</a>
Simone Zanon Moschen	PQ2	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9706796553756326">http://lattes.cnpq.br/9706796553756326</a>
Siobhan Victoria Healy	PQ2	UNIBAN	F	Doutorado	Educação Matemática	University of London	Inglaterra	Titular	Ativo	Privado	UNIBAN	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/8731431789517806">http://lattes.cnpq.br/8731431789517806</a>
Sonia Maria Rummert	PQ2	UFF	F	Doutorado	Educação	PUC-Rio	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFF	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/9928452814893376">http://lattes.cnpq.br/9928452814893376</a>
Soraia Napoleão Freitas	PQ2	UFSM	F	Doutorado	Educação	UFSM	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFSM	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8605918251808106">http://lattes.cnpq.br/8605918251808106</a>
Sueli Édi Rufini	PQ2	UEL	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UEL	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6644979998092116">http://lattes.cnpq.br/6644979998092116</a>
Susana Inês Molon	PQ2	FURG	F	Doutorado	Psicologia	PUC-SP	Brasil	Associado	Ativo	Público	FURG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/6846179348922001">http://lattes.cnpq.br/6846179348922001</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Sylvia Helena Souza da Silva Batista	PQ2	UNIFESP	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNIFESP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7402359906381953">http://lattes.cnpq.br/7402359906381953</a>
Tânia Maria Baibich	PQ2	UFPR	F	Doutorado	Psicologia Social	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3080419876026842">http://lattes.cnpq.br/3080419876026842</a>
Terciane Ângela Luchese	PQ2	UCS	F	Doutorado	Educação	UNISINOS	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UCS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7640634913198342">http://lattes.cnpq.br/7640634913198342</a>
Teresa Cristina Rebolho Rego	PQ2	USP	F	Doutorado	Psicologia da Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4016108540375653">http://lattes.cnpq.br/4016108540375653</a>
Thais Nivia de Lima e Fonseca	PQ2	UFMG	F	Doutorado	História Social	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFMG	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8412524167340382">http://lattes.cnpq.br/8412524167340382</a>
Theresa Maria de Freitas Adrião	PQ2	UNICAMP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UNICAMP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3976705366604804">http://lattes.cnpq.br/3976705366604804</a>
Ulisses Ferreira de Araújo	PQ2	USP	M	Doutorado	Psicologia Escolar	USP	Brasil	Titular	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5882324619201254">http://lattes.cnpq.br/5882324619201254</a>
Valéria Amorim Arantes de Araújo	PQ2	USP	F	Doutorado	Psicologia	Universidad e Autônoma de Barcelona	Espanha	Adjunto	Ativo	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/4829571618312243">http://lattes.cnpq.br/4829571618312243</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Vani Moreira Kenski	PQ2	USP	F	Doutorado	Educação	UNICAMP	Brasil	Adjunto	Aposentado	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3113321723239176">http://lattes.cnpq.br/3113321723239176</a>
Vânia Gomes Zuin	PQ2	UFSCAR	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Ativo	Público	UFSCAR	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/5265150425993880">http://lattes.cnpq.br/5265150425993880</a>
Vera Helena Ferraz de Siqueira	PQ2	UFRJ	F	Doutorado	Educação	Columbia University	EUA	Associado	Ativo	Público	UFRJ	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/7653715154435879">http://lattes.cnpq.br/7653715154435879</a>
Vera Lucia Gaspar da Silva	PQ2	UDESC	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Associado	Ativo	Público	UDESC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8881750759405221">http://lattes.cnpq.br/8881750759405221</a>
Vera Lúcia Jacob Chaves	PQ2	UFPA	F	Doutorado	Educação	UFMG	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/3533444052532463">http://lattes.cnpq.br/3533444052532463</a>
Vilma Lení Nista-Piccolo	PQ2	UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU	F	Doutorado	Psicologia Educacional	UNICAMP	Brasil	Titular	Aposentado	Privado	UNISO	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/7144740286058457">http://lattes.cnpq.br/7144740286058457</a>
Wilma de Nazaré Baia Coelho	PQ2	UFPA	F	Doutorado	Educação	UFRN	Brasil	Associado	Ativo	Público	UFPA	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1035616337472088">http://lattes.cnpq.br/1035616337472088</a>
Alberto Villani	PQ-SR	USP	M	Doutorado	Física	UNESP	Brasil	Sênior	Aposentado	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0392048760444762">http://lattes.cnpq.br/0392048760444762</a>

Nome	Nível	Instituição	Gênero	Titulação	Área	Instituição da Titulação	País da Titulação	Função Desempenhada	Situação Institucional	Categoria Administrativa da Instituição	Vínculo Institucional Atual	Âmbito do Nível Institucional	URL Lattes
Anna Maria Pessoa de Carvalho	PQ-SR	USP	F	Doutorado	Educação	USP	Brasil	Adjunto	Aposentado	Público	USP	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/1444811939745903">http://lattes.cnpq.br/1444811939745903</a>
Jacques Therrien	PQ-SR	UFC	M	Doutorado	Educação	Cornell University	EUA	Titular	Aposentado	Público	UFC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/8325025086811885">http://lattes.cnpq.br/8325025086811885</a>
Lucila Maria Costi Santarosa	PQ-SR	UFRGS	F	Doutorado	Educação	UFRGS	Brasil	Titular	Aposentado	Público	UFRGS	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/0796125660056539">http://lattes.cnpq.br/0796125660056539</a>
Mirian Jorge Warde	PQ-SR	UNIFESP	F	Doutorado	Educação	PUC-SP	Brasil	Titular	Aposentado	Privado	PUC-SP	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/2154986656715564">http://lattes.cnpq.br/2154986656715564</a>
Newton Cesar Balzan	PQ-SR	PUC Campinas	M	Doutorado	Educação	UNESP	Brasil	Adjunto	Aposentado	Público	PUC-Campinas	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/6995142158435943">http://lattes.cnpq.br/6995142158435943</a>
Paolo Nosella	PQ-SR	UNINOVE	M	Doutorado	Filosofia	PUC-SP	Brasil	Titular	Aposentado	Público	UNINOVE	Privado	<a href="http://lattes.cnpq.br/7159165045266256">http://lattes.cnpq.br/7159165045266256</a>
Vanilda Pereira Paiva	PQ-SR	IEC	F	Doutorado	Educação	Universität Frankfurt	Alemanha	Adjunto	Aposentado	Público	IEC	Público	<a href="http://lattes.cnpq.br/2175362065247859">http://lattes.cnpq.br/2175362065247859</a>